

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Noêmia Duque d'Adesky

**Primavera Literária Afro-brasileira
Do apagamento à reinvenção, a produção escrita de
mulheres negras e sua inserção no mercado editorial**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Literatura Brasileira pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade, do Departamento de Letras da PUC-Rio.

Orientadora: Professora Doutora Ana Paula Veiga Kiffer

Rio de Janeiro,
Abril de 2021

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Noêmia Duque d'Adesky

**Primavera Literária Afro-brasileira
Do apagamento à reinvenção, a produção
escrita de mulheres negras e sua inserção
no mercado editorial**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade, do Departamento de Letras da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

Prof. Ana Paula Veiga Kiffer

Orientadora

Departamento de Letras – PUC-Rio

Prof. Fernanda Rodrigues de Miranda

Departamento de Letras – UFPA

Prof. Glenda Cristina Valim de Melo

UNI – Rio

Rio de Janeiro, 23 de abril de 2021

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, do trabalho é proibida sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Noêmia Duque d'Adesky

Graduada em Letras, Português-Inglês pela UFRJ, prestou assessoria de comunicação para ongs cariocas (2004-2008). Trabalhou como relatora na III Conferencia Bienal da ASWAD - *Association for the Study of the Worldwide African Diasporas* (2005). Foi colaboradora da Revista MTV Brasil (2005-2007). Atuou como assistente de pesquisa do projeto *Memórias Periféricas* da Universidade Laval, Quebec - Canadá (2008-2009). É poeta, cantora, compositora, cronista e dramaturga. Sua peça *teatral Sem Violência, 100%Paz* foi encenada em 2003, com apoio do Banco Mundial e da Prince Klaus Fund. Criadora do site *MPBZONA* em 2006 - www.mpbzona.com. Lançou o livro de poemas *ProsaPoesia* em 2017.

Ficha Catalográfica

d'Adesky, Noêmia Duque

Primavera literária afro-brasileira: do apagamento à reinvenção, a produção escrita de mulheres negras e sua inserção no mercado editorial / Noêmia Duque d'Adesky; orientadora: Ana Paula Veiga Kiffer. – 2021.

226 f.: il. color.; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2021.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Literatura brasileira. 3. Literatura afro-brasileira feminina. 4. Literatura afro-diaspórica. 5. Literatura negra feminina. 6. Estudos decoloniais de gênero. I. Kiffer, Ana Paula Veiga. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD: 004

À minha família do Orun e do Aiye, à Orisa.

Agradecimentos

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.”

À minha orientadora Professora Ana Kiffer pela “coragem”, estímulo e parceria para a realização deste trabalho.

Ao CNPq e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

Aos professores do Departamento de Letras, Júlio Diniz, Eneida Leal Cunha, Frederico Coelho, Marília Rothier, Karl Erik Schollhammer Alexandre Montauray e todos e todas que fizeram parte desse percurso.

Aos funcionários do departamento, em especial Rodrigo Santana Pinheiro e Francisca Ferreira de Oliveira - Chiquinha, cujas prestezas foram de grande auxílio durante o (per) curso.

À professora Aza Njeri que participou do Seminário de Qualificação do meu projeto e dos meus colegas Nelson Pinho e Ricardo Agnelo.

Aos meus colegas da PUC-Rio pelas trocas durante o processo.

Às professoras participantes da comissão examinadora, Fernanda Rodrigues de Miranda e Glenda Cristina Valim de Melo.

Agradeço a todas, todos os profissionais que atuam na área literária e que aceitaram fazer parte desse trabalho sobre “nós”, por nós e para nós, dando entrevistas e dicas preciosíssimas.

À minha família sanguínea e estendida, amigos e amigas, pelo conforto que me deram em saber que há um ninho para (re)pousar e me preencher com carinho e calor humano, principalmente nos momentos desafiadores.

Ao babálorisá e professor Sidnei Barreto Nogueira por me trazer conforto ancestral, redimensionando o aprendizado ao longo da caminhada.

Ori mi, modupe, Asé! Laroye, Esu, mojubá, modupé, Asé! Epahey Oyá! Kao Kabiecile! Mojubá! Modupé, Ase!

Resumo

d'Adesky, Noêmia Duque; Kiffer, Ana Veiga; **Primavera Literária Afro-brasileira: Do apagamento à reinvenção, a produção escrita de mulheres negras e sua inserção no mercado editorial.** Rio de Janeiro, 2021. 1p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O presente estudo tem como objeto de investigação a produção escrita contemporânea de mulheres negras e sua inserção no mercado editorial brasileiro. Partindo do pressuposto de que, desde o século XIX, com o surgimento da primeira romancista brasileira Maria Firmina dos Reis, e da poeta Auta de Souza, e ao longo século XX, com o surgimento de novas autoras, cujas obras lançadas sofreram processos de apagamento, descontinuidade e errante intermitência, deixando enorme lacuna sobre suas produções, o meio literário brasileiro continua seletivo e excludente. Estudos acadêmicos e análises empíricas apontam questões de desigualdades socioeconômica, raça, gênero e sexualidade como entraves para a visibilidade das obras de mulheres afrodescendentes, logo a investigação dos processos que inviabilizam o reconhecimento desse grupo deve partir de uma perspectiva crítica, interseccional e decolonial, em consonância com a ressignificação de elementos culturais afro-brasileiros presentes em grande parte dessas obras. O século XXI configura-se como um momento de afirmação para a produção feminina afrodescendente, vivemos o despertar de uma memória ancestral coletiva, uma Primavera Literária Afro-brasileira de forte tons femininos. O estudo irá analisar algumas obras em prosa e verso lançadas nas duas últimas décadas, observado os processos, progressos e desafios ocorridos neste período, bem como a relação entre o surgimento de novas autoras afrodescendentes e a emergência de significativo número de editoras independentes, que tem levado a um “aquecimento” do meio editorial, bem como a uma autocrítica sobre a incipiente presença de autoras afrodescendentes em catálogos de grandes editoras.

Palavras Chaves

Literatura Brasileira; Literatura Afro-brasileira Feminina; Literatura Afro-diaspórica; Literatura Negra Feminina; Estudos Decoloniais de Gênero.

Abstract

d'Adesky, Noêmia Duque; Kiffer, Ana Veiga (Advisor); **Afro-Brazilian Literary Spring: From erasure to reinvention, the written production of black women and their insertion in the editorial market.** Rio de Janeiro, 2021. p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

The present study has as its object of investigation the contemporary written production of black women and their insertion in the Brazilian publishing market. Based on the assumption that, since the 19th century, with the emergence of first Brazilian novelist Firmina dos Reis, and the poet Auta de Souza, and throughout the 20th century, with new authors' emergence, whose published works have undergone erasure processes, discontinuity and errant intermittence, leaving huge gaps in their productions, the Brazilian literary space remains selective and excluding. Academic studies and empirical analyzes point out issues of socioeconomic inequalities, race, gender and sexuality as obstacles to the visibility of Afro-descendant women's works, therefore, the analysis of the processes that make the recognition of this group unfeasible, must start from a critical, intersectional and decolonial perspective, in line with the reframing of Afro-Brazilian cultural elements present in most of these works. The 21st century is configured as a moment of affirmation for Afro-descendant female production, we live an awakening of a collective ancestral memory, an Afro-Brazilian Literary Spring with strong feminine tones. The study will analyze some works in prose and verse released in the last two decades, observing the processes, progress and challenges that occurred in this period, as well as the relationship between the appearance of new Afro-descendant authors and the emergence of significant number of independent publishers, which has led to a "warming" of the editorial environment, as well as a self-criticism about the incipient presence of Afro-descendant authors in catalogs of major publishers.

Key words

Brazilian Literature; Afro-Brazilian Women's Literature; Afro Diasporic Literature; Black Female Literature; Decolonial Gender Studies.

Sumário

1. Introdução	13
2. Educação e diversidade	24
2.1 Desafios do processo de ensino - aprendizagem	24
2.2 O cânone - representações e estereótipos	39
2.3 Quando vida e arte se imitam e fundamentam-se na barbárie	43
2.4 Representação da mulher e criança negra na literatura brasileira canônica revela a presença de um realismo brutalizante	45
2.5 Caçadas de Pedrinho e o flagrante abuso contra a pessoa Humana	51
2.6 O livro <i>Peppa</i> e o debate sobre representações racistas	55
2.7 Hierarquias do feminino no romance <i>O Quinze</i> de Raquel de Queiroz	59
2.8 Clarice Lispector e a subversão das normas sociais no conto <i>Praça Mauá</i>	64
3. Apagamentos, silenciamentos, amnésia seletiva desumanizações	71
3.1 A renascença da literatura afro-brasileira	71
3.2 Intelectuais negras contemporâneas lançando luzes interseccionais sobre existências invisibilizadas por desigualdades de classe, raça e gênero	92
3.3 Novos caminhos para a produção escrita e a crítica literária	98
3.4 Crítica literária, diversidade linguística e de vozes, ABL	102

apartada dos leitores	
3.5. Oralitura - “arquivando” as escrituras afro diaspóricas	108
3.6. Obras da literatura contemporânea brasileira - Análise Autoras: Conceição Evaristo - <i>Ponciá Vicêncio</i> , Eliana Alves Cruz - <i>Água de barreira</i> , Cidinha da Silva - <i>Um Exu em Nova York</i>	112
3.7. Devir poético feminino afro-brasileiro - Análise de poemas Poetas: Geni Guimarães, Mirian Alves, Livia Natália, Jarid Arraes, Elizandra Souza, Mel Duarte e Lourenço Alves.	140
3.8. Multiplicidades de vozes, múltiplas escrituras: autoras, editoras, divulgadoras, diversidade temática e desafios	166
4. Conclusão	198
5. Referências bibliográficas	210
6. Anexos	224

Siglas

1. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
2. Pisa - Programa Internacional de Avaliação de Estudantes
3. OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
4. INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
5. Unicamp - Universidade Estadual de Campinas
6. UnB - Universidade de Brasília
7. Flupp - Festa Literária das Periferias (RJ)
8. Flisgo - Festival Literário de São Gonçalo (RJ)
9. Fli - BH Festival Literário Internacional de Belo Horizonte
10. Flipelô - Festa Literária Internacional do Pelourinho
11. Flica- Festa Literária Internacional de Cachoeira
12. Flissamba - Festa Literária do Samba
13. Fliporto - Festa Literária Internacional de Pernambuco
14. Flisu - Festa Literária do Subúrbio (SSA-BA)
15. UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul
16. Inaf - Indicador de Alfabetismo Funcional
17. Edusp - Editora da Universidade de São Paulo
18. ABL - Academia Brasileira de Letras
19. CIDAN - Centro de Informação e Documentação do Artista Negro
20. UFBA - Universidade Federal da Bahia
21. UNEB - Universidade do Estado da Bahia
22. FGV/Ebape - Fundação Getúlio Vargas/Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas
23. IPL - Instituto Pró-Livro
24. CPL - Câmara Periférica do Livro
25. PROAC - Programa de Ação Cultural de São Paulo
26. UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro
27. UFF - Universidade Federal Fluminense
28. ABCP - Associação Brasileira de Ciência Política

Lista de figuras

Figura 1- Sankofa, símbolo adinkra, pássaro mítico	16
Figura 2-Casal afrodescendente no período pós abolição	18
Figura 3 - Virginia Bicudo, Carolina de Jesus, Ruth Guimarães	19
Figura 4 - Lélia Gonzalez, Angela Davis, Sueli Carneiro, Grada Kilomba, Kimberlé Crenshaw, Djamila Ribeiro	20
Figura 5 - Amanda Gorman	21
Figura 6 - Capa do livro <i>Beata a menina das águas</i>	22
Figura 7 - Ilustração do livro <i>Peppa</i> de Silvana Rando	55
Figura 8 - Ilustração do livro <i>Peppa</i> de Silvana Rando	56
Figura 9 - Marilene Felinto, Conceição Evaristo, Aline França, Maria Firmina dos Reis (retrato falado), Auta de Souza, Virginia Bicudo, Carolina Maria de Jesus, Ruth Guimarães, capa de livro de Anajá Caetano, capa de livro de Ruth Guimarães	74
Figura 10 - Foto Françoise Ega	78
Figura 11- Capa do livro de Françoise Ega	80
Figura 12 - Capa Cadernos Negros Contos Nº 36	85
Figura 13 - Cópia da carta escrita e enviada por Esperança	87
Figura 14 - Capa Cadernos Negros Poesia Nº 41	137
Figura 15 - Capas publicações do Selo Mjiba	159
Figura 16 - As coisas simples da vida	200
Figura 17 - O divertido glossário da Jana	200
Figura 18 - Sinto o que sinto	201
Figura 19 - O Pênalti	201
Figura 20 - Enquanto o almoço não fica pronto	201
Figura 21 - Amoras	201
Figura 22 - Ashanti nossa pretinha	202
Figura 23 - Beata a menina das águas	202

A apropriação da escrita por pessoas inseridas nos chamados ‘grupos minoritários’ pode ser entendida como parte da luta desses grupos, pelo direito de se representarem, ou melhor, se auto representarem. Nesse sentido, os textos de autoria de mulheres negras, enquanto discursos afirmativos de gênero e raça, se constituem como uma produção que surge, ameaçando um poder instituído por uma escrita de autoria masculina e branca. Não só a representação criada pelo homem branco é contestada pela autoria de mulheres negras, mas também aquela de escritoras brancas que ressoa um imaginário masculino na composição de personagens negras. Sob esse aspecto, a autoria feminina negra se constitui como um lugar de batalha simbólica, travada contra uma autoria/autoridade secular que, desde a formação da Literatura Brasileira até a contemporaneidade, estereotipiza as personagens negras. A literatura é também uma prática política, justa e necessária, para a reivindicação de pessoas e de grupos subalternizados pelo direito de ler e escrever, para grafar sua própria história, como conclamam estes versos de Elaine Marcelina: ‘Seja seu próprio verso/Seja sua prosa/Seja seu conto/Seja sua crônica/Enfim, narre sua história’.

Conceição Evaristo *in Mulheres Incríveis*

Introdução

Primavera Literária Afro-Brasileira, “grito de pretura que há em nós”

“Dobrai o joelho para a mulher, A mulher nos pôs no mundo. Assim somos seres humanos. A mulher é a inteligência da terra. Dobrai o joelho para a mulher”.

Canto de Obatalá

Mukuiu, kolofé, motumbá, às/aos mais velhas/os e às/aos mais novas/os. Mojubá aos Inkices, Vodunsis e Orisas. Gostaria de iniciar este texto, pontuando a imensa alegria que foi desenvolver este estudo, pois esta dissertação é antes de tudo um mergulho na situação dos povos afrodescendentes, expressas em suas oralituras, o que nos dá uma dimensão da riqueza cultural que surge a partir da experiência da viagem transatlântica, a despeito das condições em que esta se deu, e que nos desafia a pensar uma afrodiasporalidade para além da dor estigmatizante que insiste em perdurar. As culturas negras pulsam sob a cadencia dos toques dos tambores, arriscam novos caminhos, apontam devires. Culturas reinventadas, renascidas, ressignificadas. A defesa deste trabalho pulsou junto com o objeto de estudo. As reações e contribuições da banca examinadora, nas figuras da minha orientadora Ana Kiffer, e das professoras doutoras Fernanda Miranda e Glenda Melo, foram importantíssimas para a confirmação de que o caminho trilhado pode ser compartilhado com entusiasmo e reconhecimento da necessidade de falarmos sobre silêncios. Mais precisamente de preenchermos o silêncio com debates relevantes e construtivos.

O pensamento de Audre Lord, nos conclama a pensar o silêncio não como um aliado, mas como algo a ser rompido. É preciso sair do estado de silenciamento como forma de autoproteção, pois a aceitação do nosso silenciamento significa reforçar uma cultura opressora, que nos adocece exatamente por nos tirar aquilo que seria a confirmação da nossa existência enquanto sujeitos humanamente constituídos, a nossa voz, fundamento da nossa subjetividade. Como afirmou Lélia

Gonzalez, ao recuperar o nosso direito à fala, nos resgatamos da “lata de lixo da história”. Conceição Evaristo coroa esse grito de libertação, entoado por diversas pensadoras negras, com esse belo aforismo “a nossa fala estilhaça a máscara do silêncio”.

Portanto, gostaria de começar a preencher esses espaços vazios discorrendo sobre o título desse estudo. Por que **Primavera Literária Afro-Brasileira?** Primeiramente, gostaria de dizer que este projeto de mestrado foi elaborado há mais de uma década, na reta final da minha graduação e licenciatura, entre 2004 e 2005 respectivamente. Naquele momento, a ausência das produções literárias afrodescendentes no âmbito acadêmico era facilmente perceptível. A ausência era perceptível já no ensino fundamental e médio, quem tinha filho em uma dessas fases escolares, podia observar a total ausência de textos sobre afrodescendentes ou escritos por estes. Quando elaborei o projeto, que na época denominei de *A produção escrita das mulheres negras e sua inserção no mercado editorial*, a questão da importância do “lugar de fala” não estava em debate. Ainda que tivéssemos algumas produções de autores afrodescendentes em prosa e verso, aptas a serem adotadas pelo sistema de ensino, era possível constatar que a presença do negro se resumia a uma narrativa estigmatizadora, de fato vitimizadora, e não raro desumanizadora. Foi ainda durante a graduação e a licenciatura em Letras e Inglês na UFRJ, que já no final do curso tomei contato com a obra de Carolina Maria de Jesus, através de um artigo de jornal.

Descobrir a obra de Carolina Maria de Jesus foi um encontro com a história do Brasil que havia sido sistematicamente encoberta. Desvelá-la, foi um acontecimento que sucedeu com tamanha força, que se tornou impossível ignorá-lo, a partir de então. A descoberta da existência da escritora Carolina de Jesus veio a somar-se com outro momento de grande impacto, que foi quando Toni Morrison ganhou o Prêmio Nobel de Literatura em 1993. Guardadas as devidas proporções, também Toni Morrison sofreu manifestações de depreciação de sua obra por parte de alguns especialistas em literatura brasileiros, que insistiram em classificar o Prêmio recebido como uma espécie de concessão paternalista, típica do pensamento patriarcal, e não pelos méritos próprios da escritora afro-americana. Acompanhei incrédula as tentativas de negação de seu lugar de escritora, com argumentos que tem sido atualizado no presente, mantenho o toque de desumanização, para se referir também às escritoras brasileiras. O fato é que a obra de Toni Morrison era

negra demais para virar referência, sendo inclusive validada pelo Prêmio Nobel. O Brasil assustava-se com o momento histórico e vislumbrava, ou temia, algo parecido na *América Ladina*, mas o fato é que o processo entre nós já estava em andamento há um bom tempo, contudo, essas obras foram silenciadas.

Turbilhões de sentimentos me assaltaram ao ler sobre a história narrada por Carolina de Jesus em seu diário, e me levaram a visitar os sebos do centro da cidade do Rio de Janeiro, em busca de um exemplar do seu livro *Quarto de Despejo, diário de uma favelada*. Naquele momento, esses sentimentos ainda não haviam sido nomeados, vieram como uma enxurrada, precisamente um tsunami que chegara revolvendo tudo que parecia estar sedimentado. Hoje, posso afirmar que encontrei a perfeita tradução para aqueles sentimentos: Epifania. Aquele foi um momento epifânico, quando comecei a considerar a possibilidade de fazer uma pós graduação para estudar o percurso acidentado pelo qual as autoras negras eram obrigadas a trilhar, diferentemente de seus pares de outras etnias. Ainda que não estivesse totalmente claro, ou perfeitamente escurecido, como seria trilhar o caminho da academia. O fato de até aquele momento não ter lido uma obra de uma autora negra na faculdade, nenhum livro da laureada Toni Morrison ou da mundialmente conhecida autora de *A cor púrpura*, Alice Walker ter sido adotado em um curso de Letras e Inglês, não impediu que esse projeto espreitasse os meus pensamentos, ainda que apenas como pálidas sombras, que não ousavam mostrar-se firmemente, gritar ao mundo.

Mas, foi, certamente, a partir daquele momento, que comecei a refletir de forma mais assertiva sobre o sentimento de ausência e falta que sentia e não sabia exatamente como abordar ou nomear, e que hoje consigo prontamente elencar algumas definições: apagamento, silenciamento, desumanização. Essa tríade resume o turbilhão de sentimentos que tantas vezes senti durante a minha passagem pela graduação, a solidão social e comunitária que senti em diversos momentos e que me levaram a conjecturar inclusive uma mudança para outra área do conhecimento. Entretanto, minha conexão com a área literária foi resgatada na reta final do curso, através do exercício da escrita, ao retomar a escrita de poemas, que há muito havia interrompido, e começar a escrever outros gêneros literários, como peças teatrais e crônicas, um novo mundo se revelou, e passei a entender a força política da palavra. A descoberta da função social da escrita foi uma grande revelação e ao mesmo tempo o entendimento da minha escolha pela área de Letras.

A palavra estava presente desde sempre, era preciso apenas compreender o seu fundamento teórico e prático.

Hoje, enquanto escrevo este texto de introdução desta dissertação, a imagem do pássaro Sankofa se desenha nitidamente, diante da cosmopercepção¹ que busquei trazer neste estudo: é o passado que se redimensiona no presente para gestar o futuro. Esta dissertação traz recortes de trajetórias literárias e de vidas de mulheres negras, nas quais enxergo o reflexo dos meus, dos que me cercaram desde o meu nascimento, e que, portanto, alimenta e reforça nossas condições ontológicas enquanto coletividade, redimensionando a nossa forma de estar no mundo. Por outro lado, através das experiências literárias das autoras mapeadas, brancas, negras, interracialis, podemos tanto nos reconhecer enquanto coletividade em toda a sua diversidade, como também nos sentirmos apartados por idéias e atitudes resultantes de um sentimento de desidentificação de um grupo em relação a outrem. Através de uma perspectiva contra hegemônica, baseada em um método dialógico, busquei trazer vozes que se somam, e se confrontam, possibilitando-nos momentos de reflexão sobre o fazer literário e os seus desdobramentos políticos, sociais e educacionais.



1.Sankofa, símbolo adinkra, pássaro mítico que voa para frente, tendo a cabeça voltada para trás e carregando no seu bico um ovo, o futuro. Fonte: Dicionário de Símbolos ²

Tomando como ponto inicial a questão educacional, pela sua centralidade no processo histórico e social, assim como a sua importância nas trocas de saberes e conhecimentos, revisito o período que precedeu a assinatura da Lei Aurea, que se configurou como uma mera formalidade no âmbito legal, sem efeitos objetivos no

¹ Conceito desenvolvido pela socióloga nigeriana Oyèrónké Oyèwùmí na sua obra *A invenção das mulheres*.

² Disponível em: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/sankofa-significado-desse-simbolo-africano/>

plano social. Documentos históricos mostram que uma década antes da assinatura da Lei Áurea, em 1878, foi criado um decreto de lei, em que apenas jovens do sexo masculino, acima de 14 anos, vacinados, e sem “padecerem de moléstias” poderiam se matricular em cursos noturnos, nos termos da lei, essa prescrição e sua chancela ficavam a cargo de delegados de polícia, que auxiliava os professores na tarefa de autorizar ou não a matrícula de um aluno. Observamos, então, que a educação era antes de tudo uma questão policial. O decreto mira especificamente naqueles que conseguiram vacinar-se, fato raro entre os escravizados e ex-escravizados. Consequentemente, sem escolarização, a população afrodescendente masculina - e feminina – não poderia exercer certas profissões que não aquelas ligadas ao trabalho agropecuário ou ao serviço doméstico, função comumente legada às mulheres negras.

Art. 5º Nos cursos nocturnos poderão matricular-se, em qualquer tempo, todas as pessoas do sexo masculino, livres ou libertos, maiores de 14 annos. As matrículas serão feitas pelos Professores dos cursos em vista de guias passadas pelos respectivos Delegados, os quaes farão nellas as declarações da naturalidade, filiação, idade, profissão e residencia dos matriculandos.

Art. 6º Não serão admittidos á matricula pessoas que não tiverem sido vaccinadas e que padecerem molestias contagiosas.

Decreto Federal de 1878, vigente até o início do século XX, que proibia o acesso de pessoas escravizadas ao ensino noturno. Fonte: Iconografia da História

Paralelamente à exclusão dos afrodescendentes do ensino formal, o então primeiro presidente da recém criada república brasileira, Deodoro da Fonseca, criou em 28 de junho de 1890, o Decreto Federal Nº 528, que incentivava a vinda de imigrantes europeus ao país. A política de incentivo à imigração europeia criou um contingente de mão de obra excedente, formado pelos afrodescendentes, que continuaram a viver à margem do processo político, social, educacional e econômico, sobrevivendo através do subemprego e morando em condições precárias. Todos esses fatos nos remetem às análises de Franz Fanon em *Peles negras, máscaras brancas*, em que ele descreve o homem negro como um ser sem saída, encurralado socialmente. Homens e mulheres negras vivendo em uma sociedade patriarcal onde os papéis de gêneros estavam previamente determinados, cabendo ao homem o papel de provedor e à mulher a função de cuidar da prole e da casa, esse papel de provedor, contudo, não era acessado pelo homem negro. Desta forma, no período pós abolição, as mulheres negras continuaram a trabalhar pelo

seu sustento e da sua família, sempre desempenhando funções consideradas degradantes ou de pouco valor social para as mulheres brancas.

O País passara a incentivar, desde 1870, a entrada de trabalhadores imigrantes – principalmente europeus – para as lavouras do Sudeste. É um período em que convivem, lado a lado, escravos e assalariados. Os números da entrada de estrangeiros são eloquentes. Segundo o IBGE, entre 1871 e 1880, chegam ao Brasil 219 mil imigrantes. Na década seguinte, o número salta para 525 mil. E, no último decênio do século XIX, após a Abolição, o total soma 1,13 milhão.” (Site do IPEA, 2011)

O Decreto Federal nº 528, de 28 de junho de 1890, assinado pelo presidente da República incentivava e facilitava a vinda de imigrantes brancos em detrimento da mão de obra negra abundante no país. O artigo primeiro deixava livre a entrada de europeus no território nacional, enquanto limitava à autorização do Congresso Nacional, formado à época só por brancos, a autorização da vinda de africanos, asiáticos e indígenas. A polícia dos portos ficou responsável por prender indivíduos negros que aportassem por //aqui e os capitães dos navios receberiam multas bem salgadas. (Iconografia da História, 2020)

O incentivo à imigração europeia levou a uma fartura de mão de obra no Brasil, no caso feminino, algumas funções consideradas fundamentais e estratégicas como a de babá, pelo contato íntimo das trabalhadoras com as crianças de família abastadas e a questão sanitária que começava a preocupar a sociedade da época, era uma função preferencialmente reservada às imigrantes portuguesas e italianas. Às mulheres negras sobrava a lavagem de ganho, como bem explicita Eliana Alves Cruz em seu romance *Água de barrela* e o trabalho doméstico em geral como nos apresenta Conceição Evaristo em seu livro *Ponciá Vicêncio*. Paralelamente, políticas de repressão aos excluídos também foram criadas, como o **Decreto de Lei Nº3.688 de 1941**, que ficou conhecida como “**Lei da Vadiagem**”

Artigo 59 do Decreto Lei nº 3.688 de 03 de Outubro de 1941

LCP - Decreto Lei nº 3.688 de 03 de Outubro de 1941

Art. 59. Entregar-se alguém habitualmente à ociosidade, sendo válido para o trabalho, sem ter renda que lhe assegure meios bastantes de subsistência, ou prover à própria subsistência mediante ocupação ilícita:

Art. 59. Entregar-se alguém habitualmente à ociosidade, sendo válido para o trabalho, sem ter renda que lhe assegure meios bastantes de subsistência, ou prover à própria subsistência mediante ocupação ilícita:

Pena - prisão simples, de quinze dias a três meses.

Pena - prisão simples, de quinze dias a três meses.

Parágrafo único. A aquisição superveniente de renda, que assegure ao condenado meios bastantes de subsistência, extingue a pena.

Parágrafo único. A aquisição superveniente de renda, que assegure ao condenado meios bastantes de subsistência, extingue a pena.

Fonte Iconografia da História



2. Casal afrodescendente no período pós abolição

Fonte: Iconografia da História

No período pós abolição ser mulher negra ou de baixa renda significava não ter acesso à educação formal, logo a divisão social do trabalho reservou à essas mulheres um lugar de extrema invisibilidade, como nos mostra a historiadora Preta Rara no seu livro *Eu, empregada doméstica*, analisado no corpus desta dissertação, que traz relatos de empregadas domésticas de várias matizes, com predominância daquelas pretas e pardas. Os relatos mostram mulheres trabalhadoras expostas a vários tipos de vulnerabilidades e violências reais e simbólicas. E é nesse contexto que surge o livro de Carolina Maria de Jesus, em 1960, *Quarto de despejo* é um documento de incomensurável importância histórica, um arquivo para a posteridade, que ganha ares revolucionários à medida que tiramos sua autora da invisibilidade, quando a afastamos dos monturos de epítetos estigmatizantes e reducionistas e limpamos todas as camadas desumanizadoras deixadas à sua volta e sobre si.

Logo, o trabalho aqui empreendido remete ao garimpo, nesse processo, temos a grande felicidade de descobrir que a obra de Carolina de Jesus viajou para além mar e encontrou ouvidos atentos como o da martiniquenha Françoise Ega, encontro transatlântico que a fez despertar para a escrita e iniciar o seu próprio diário intitulado *Cartas a uma negra*, cuja destinatária era ninguém menos que a própria Carlina de Jesus. O encontro de Françoise Ega com Carolina de Jesus é expressão panafricanista, decolonialista, uma semente de esperança plantada *exuísticamente* através da comunicabilidade da linguagem escrita. Como afirmo durante este

estudo, há muito trabalho “arqueológico” a ser feito para trazer à tona tudo que tem estado encoberto, há os trabalhos de Maria Firmina dos Reis, Auta de Souza, Virginia Bicudo³, Ruth Guimarães, Anajá Caetano, Aline França e muitas outras autoras que estiveram ausentes das bibliotecas, salas escolares, cotidianos das famílias brasileiras, resenhas literárias e que agora podemos, finalmente, ter acesso.



3

As idéias de pensadoras como Lélia Gonzalez continuam vivas e nos inspirando a trabalhar para sedimentar novos caminhos de ressignificação da existência afrodescendente no Brasil. A partir de uma leitura interseccional podemos finalmente entender que a luta por direitos é múltipla e diversa, porque as opressões são compostas de múltiplas e amalgamadas camadas. Relendo as idéias panafricanistas difundidas pelos pensadores Edward Burghardt Du Bois e Marcus Musiah Garvey, a partir de uma perspectiva interseccional e decolonial, o trabalho de ressignificação e retomada das rédeas das nossas histórias, seguem com auxílio do trabalho de intelectuais da diáspora africana das diversas regiões das *Américas*, como Angela Davis, Kimberlé Crenshaw, Sueli Carneiro, Grada Kilomba, Djamila Ribeiro⁴, entre outras.



4

³ Imagens: Virginia Bicudo (Fundo Virginia L. Bicudo, CDM – Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo); Carolina de Jesus (Acervo UH/Folhapress); Ruth Guimarães (<http://institutoruthguimaraes.org.br/site/>)

⁴ Imagens: Lélia Gonzalez (César Loureiro); Angela Davis (Getty images); Sueli Carneiro (capa do livro *Escritos de uma vida*); Grada Kilomba (Moses Leo); Kimberlé Crenshaw (TED Speaker); Djamila Ribeiro (Lucas Lima/OUL)

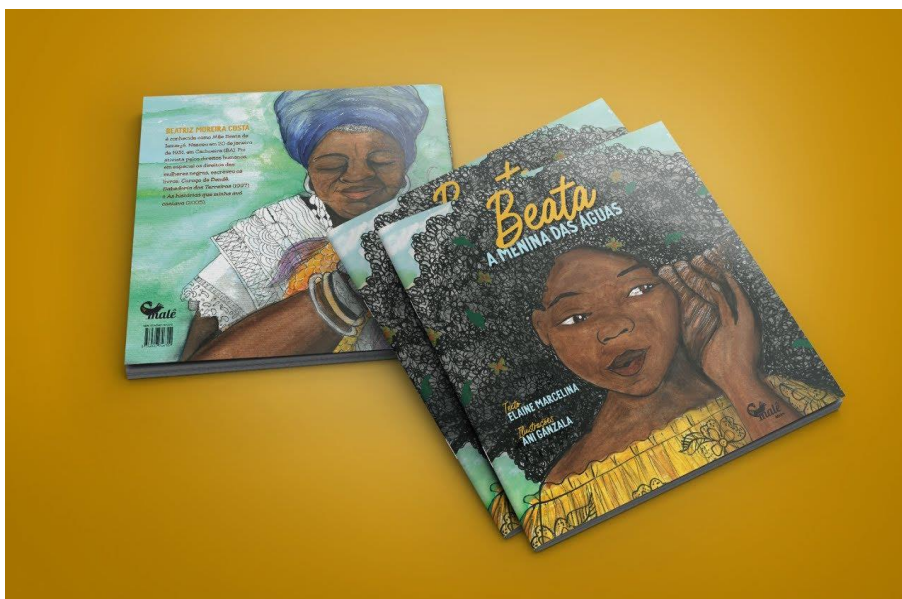


Somente desta forma poderemos mudar as estatísticas, que por ora são extremamente desiguais, como mostram o resultado da pesquisa do Grupo de Estudo em Literatura da UNB e os mapeamentos de autores afrodescendentes feitos pelo Portal LiterAfro da UFMG. Dando continuidade ao processo de ruptura do silenciamento que começa a se delinear no horizonte, a partir da expressão literária de mulheres e homens afrodescendentes, para que tenhamos textos e pretextos para existirmos plenamente enquanto pessoas e sociedade, saudando a diversidade de pensamento através de criações literárias inspiradoras, como as produzidas e lançadas pelo coletivo Mjiba da periferia de São Paulo, nos conduzindo para além de roteiros traçados visando nos encarcerar em lugares insalubres. Que a poesia libertadora seja nossa companheira de caminhada. Nesse campo, temos o movimento da *Slam Poetry*, criado pelo norte americano Marc Kelly Smith, que tornou-se sinônimo de contra hegemonia, devir literário, histórico, social, revolução comportamental, que chegou ao Brasil pelas mãos de Roberta Estrela D'Alva, criadora do *ZAP: Zona Autônoma da Palavra*, na periferia de São Paulo, em 2008, e que atualmente tem a afro-americana Amanda Gorman como expoente em nível internacional, ao recitar o poema de sua autoria *The Hill We Climb* na posse do presidente dos EUA Joe Biden e da vice Kamala Harris, em 20 de janeiro de 2021.



5. Amanda Gorman declama na posse de Joe Biden e Kamala Harris (Getty Images/Forbes)

O *Slam* é uma batalha de poesia em que todos saem vencedores, essa forma de arte é a marca de um novo tempo que se anuncia, e neste momento pandêmico, em que as incertezas quanto ao bem estar coletivo aprofundam-se exponencialmente, necessitamos mais do que nunca da cura através da arte. Que através da plenitude da criação literária toda a magia preta africana transborde nos inundando de amor, calma e fraternidade. Que as produções infantis que despontam no horizonte, que bebem na fonte da sabedoria ancestral feminina, como o recém lançado livro da autora Elaine Marcelina inspirada na existência da sábia yalorisá Mãe Beata de Yemanjá.



6. Capa do livro *Beata a menina das águas*

Destarte, desde Maria Firmina dos Reis e Auta de Souza, passando por Carolina Maria de Jesus, e seguindo com todas as autoras veteranas e das gerações posteriores, cada uma que de acordo com a sua época, lugar e condições materiais, plantaram sementes que ora começam a desabrochar aqui, ali, acolá, tirando o véu de invisibilidade das produções afrodescendentes, nesse caso específico, das mulheres escritoras afrodescendentes, o que remete a uma **Primavera Literária Afro-Brasileira**. A sua frutificação requer de nós, enquanto sociedade pluriétnica e pluricultural, que reguemos e cuidemos desses primeiros resultados, que não deixemos que essa floração extinga em si mesma, pois o sinal de progresso das mulheres em geral, e mulheres negras em particular, assim como a sua ausência, será a bússola que indicará os rumos do futuro que almejamos enquanto coletividade.

2

Educação e diversidade

2.1

Desafios do processo de ensino - aprendizagem

“Se quisermos saber o final, prestemos atenção no (re) começo”

Provérbio Africano

Os livros didáticos e paradidáticos adotados pelas escolas brasileiras, sejam elas públicas ou privadas, mostram que as produções literárias selecionadas ainda refletem a nossa pluralidade étnica de forma insuficiente. Essa ausência de diversidade pode ser uma possível explicação para a falta de interesse pela leitura, e consequentemente uma falha no processo de letramento, tão comum aos estudantes advindos das classes financeiramente descapitalizadas, composta em sua larga maioria por afrodescendentes, em estados onde a presença de pessoas pretas e pardas, segundo classificação do IBGE, é expressiva. O Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa) 2018, a mais conceituada pesquisa sobre educação no mundo, em estudo comparativo com outros 78 países que participaram da avaliação, apontou que o Brasil tem baixa proficiência em leitura, matemática e ciências, situação que se encontra estagnada desde 2009:

O Pisa 2018 revela que os estudantes brasileiros estão dois anos e meio abaixo dos países da OCDE em relação ao nível de escolarização de proficiência em leitura. Esse resultado representa um grande obstáculo, dificultando ou até mesmo impedindo que estudantes avancem nos estudos, tenham melhores oportunidades no mercado de trabalho e participem plenamente da sociedade. (Site do INEP, 2019)

A resposta para essa problemática, que leva à evasão escolar e consequentemente à falha do processo educacional, pode estar ligada à uma representação estigmatizada e estereotipada, onde os afrodescendentes, assim como as populações originárias (povos indígenas) são historicamente retratados com um viés de passividade e subalternização. Representações desumanizadoras aliadas à ausência de produções de autores afrodescendentes, principalmente do

sexo feminino, nesses espaços de formação intelectual - mesmo após a promulgação das leis 10.639/2003, que institui o ensino de História da África e Cultura Africana e Afro-brasileira e 11.645/08 que institui o ensino da História e Cultura dos Povos Originários (Indígenas) em escolas públicas e privadas dentro do território brasileiro - constituem-se verdadeiros entraves no processo cognitivo e de letramento dos alunos com perfil racial não hegemônico e *status* socioeconômico de baixo poder aquisitivo. A doutoranda em Teoria e História Literária pela Unicamp, Mariana Santos de Assis, em artigo presente na coletânea *Desumanização na Literatura*, lançada pela editora paulistana Me Parió Revolução, em 2015, afirma:

A escola deveria ser o espaço privilegiado para a conexão dos indivíduos com o gênero humano, sensibilizando os estudantes para outras funções humanas, além do trabalho alienante. No entanto, os interesses dominantes prevalecem também nos currículos e organização do trabalho pedagógico, tornando-o alienado e limitando-se unicamente à língua, ciência e cultura dominantes (...) A divisão de classes da sociedade capitalista se reflete de maneira nociva no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que há livros, jornais e revistas específicos para cada classe social. (Assis, 2015, 136 -138)

Portanto, trabalhar a diversidade no interior das instituições escolares é uma demanda que vem sendo negociada há décadas entre educadores, sociedade civil e movimentos sociais, permanecendo um tema da maior urgência e importância. Pois se de fato “Narciso acha feio o que não é espelho”⁵, a forma como as populações afro-brasileiras, em especial as mulheres negras, são representadas imagetivamente na literatura brasileira, tende a reforçar estereótipos raciais e de gênero, levando a um apagão representativo. Logo, a emergência de novas vozes para compor o concerto polifônico da democracia, se faz necessária para preencher essa enorme lacuna, não apenas no que diz respeito à questão da etnia, mas também de gênero e suas formas de representação. Na coletânea *Literatura Afro-Brasileira* organizada por Florentina Silva e Souza e Maria Nazareth Lima (2006), em seu texto *Literatura Negra, Literatura Afro-Brasileira, como responder à polêmica?* Maria Nazareth Fonseca discorre sobre a existência de uma literatura negra, afro-brasileira, afro-diaspórica entre outras denominações afirmando que:

A expressão “literatura negra”, presente em antologias literárias publicadas em vários países, está ligada a discussões no interior de movimentos que surgiram nos Estados Unidos e no Caribe, espalharam-se por outros espaços e incentivaram

⁵ Referência à canção *Sampa* de Caetano Veloso.

um tipo de literatura que assumia as questões relativas à identidade e às culturas dos povos africanos e afrodescendentes. Através do reconhecimento e revalorização da herança cultural africana e da cultura popular, a escrita literária é assumida e utilizada para expressar um novo modo de se conceber o mundo (Fonseca, 2006,

Desde o século XIX, atores sociais afrodescendentes vêm desenvolvendo tecnologias de resistências ao pensamento hegemônico e trilhando diferentes caminhos nos limites das encruzilhadas do saber. A existência do editor vanguardista Francisco de Paula Brito foi um dos atalhos para a posteridade da inventividade dos povos afrodescendentes no Brasil. Assim como a existência de autoras e autores à frente de seu tempo como Maria Firmina dos Reis, Auta de Souza, Luiz Gama, Lima Barreto, Cruz e Souza, Solano Trindade e Ruth Guimarães. Iniciativas criadas no século XX para dar visibilidade aos trabalhos de escritoras e escritores negros, como os *Cadernos Negros / Quilombhoje*, 1978, foram fundamentais para a existência e permanência de diversas autoras a exemplo de Geni Guimarães, Conceição Evaristo, Miriam Alves, Lia Vieira, Esmeralda, Ribeiro, Eliana Alves Cruz, entre outras.

Entretanto, essa constatação também demonstra que apesar dos esforços esporádicos e independentes de alguns autores e grupos de autores afrodescendentes, nessas últimas quatro décadas, a enorme dificuldade dessas produções ultrapassarem a barreira imposta ao que soa contra hegemônico se torna evidente. Escrever ficção com possibilidade de significativo alcance de público, crítica e mídia, continua sendo uma forma de arte restrita a um pequeno grupo, em geral formado por homens brancos, como podemos constatar nas listas de *best sellers*, bienais, clubes de leitura, feiras, críticas jornalísticas e balanços editoriais:

Por que grande parte dos escritores negros ou afrodescendentes não é conhecida dos leitores e os seus textos não fazem parte da rotina escolar? Neste sentido, é importante ressaltar que o poder de escolha está nas mãos de grupos sociais privilegiados e/ou especialistas — os críticos. São eles que acabam por decidir que autores devem ser lidos e que textos devem fazer parte dos programas escolares de literatura (Fonseca, 2006, 13)

Feiras e festivais literários surgidos nas últimas duas décadas, entre as quais se destaca a *Festa Literária Internacional de Paraty – Flip*, em 2003, que desencadeou uma reação em cadeia, dando início a um movimento de democratização da literatura que hoje conta com um número significativo de iniciativas do gênero, de vários portes e perfis, a exemplo da Flupp, Flisgo, Fli-

BH, Flipelô, Flica, Flissamba, Fliporto, Flisu entre outras tantas, bem como editoras e selos de pequeno e médio portes, que tem emergidos ao longo das últimas quatro décadas em várias regiões do país, ganhando fôlego no início do século XXI - *Selo Negro (Grupo Editorial Summus)*, *QuilombHoje*, *Pallas*, *Nandyala*, *Malê*, *Mazza*, *Oralituras*, *Figura de Linguagem*, *Kissimbi*, *Me Parió*, *Revolução*, *Mjiba*, *Cogito*, *Segundo Selo*, *Padê*, *Dandara*, *Oriki*, *Ereginga*, entre outras, que trouxeram um ar de renovação e vitalidade à cena poética e à literatura em geral. São acontecimentos que vem ganhando corpo ao longo das décadas, cujos esforços possibilitam vislumbrar um devir literário afro-brasileiro, caracterizada por uma perspectiva decolonial, logo contra hegemônica, que também “suleia”⁶, outras estéticas literárias, como a literatura LGBTQI+, feminina, indígena ente outras.

Há uma revolução em curso, uma dinâmica mudança de paradigma nas formas de criar, distribuir e vivenciar literatura, bem como na formação de novos leitores. Parte de um movimento conceituado como “periférico”, portanto ainda longe do radar das grandes editoras, da grande mídia e conseqüentemente do público que poderia atingir, ainda que as novas tecnologias tenham democratizado o acesso à informação, de forma rápida, possibilitando o surgimento e a divulgação de novos autores, que antes teriam suas produções silenciadas ou restritas a um número bem mais reduzido de leitores, as formas de produção, lançamento e divulgação da literatura produzida no nosso país, principalmente quando há verba pública envolvida, continua hierarquizada.

Desta forma, o presente estudo parte de um cenário de fragmentação, silenciamento, apagamento, e posteriormente, do ressurgimento e continuidade, ainda que à base de muita resistência, do trabalho escrito de autoras negras veteranas, em compasso com a emergência de uma nova geração de escritoras, editoras e divulgadoras literárias negras, que assistimos no início deste século XXI, para analisar as condições materiais de existência e permanência das produções literárias das mulheres negras brasileiras na contemporaneidade, os contextos em que emergem essas novas vozes na literatura, suas limitações, dificuldades, mas também criatividade, empreendedorismo e sobretudo resistência, que ajudam a compor um novo cenário, surgido a partir de conceitos

⁶D’Olive Campos, Marcio. *A arte de sulear-se*. 2017. Disponível em: <https://sulear.com.br/beta3/wp-content/uploads/2017/03/CAMPOS-M-D-A-Arte-de-Sulear-1-1991A.pdf>

como diversidade, independência e representatividade negra feminina, que conferem às expoentes dessa nova forma de fazer literatura um caráter inovador, e quiçá revolucionário, por trazer para o centro do debate, questões que há duas décadas estavam restritas a um espaço “periférico”:

Evidenciam-se, na sua trajetória no discurso literário nacional, dois posicionamentos: a condição negra como objeto, numa visão distanciada, e o negro como sujeito, numa atitude compromissada. Tem-se, desse modo, literatura sobre o negro, de um lado, e literatura do negro, de outro (Proença Filho, 2004, 161)

A arte da escrita tem sido desde o início do século XIX, quando, oficialmente, teve início uma tentativa de construção de uma literatura que traduzisse o caráter nacional brasileiro, constituída e afirmada como sendo uma tarefa exclusivamente masculina. Lentamente, algumas poucas e raras escritoras foram surgindo, porém, as últimas pesquisas na área acadêmica e no mercado editorial sobre a vida literária brasileira, apontam que, de fato, a existência de mulheres escritoras, em especial de escritoras negras, sendo publicadas e lidas no decorrer do século XIX, tanto em prosa quanto em poesia, era considerada inexistente até há pouco tempo, quando as obras de Maria Firmina dos Reis e Auta de Sousa foram redescobertas. Posteriormente as obras de Ruth Guimarães, Anajá Caetano, Aline França entre outras escritoras foram sendo recuperadas e trazidas à luz, após anos de apagamento e silenciamento. Fernanda Miranda em sua tese de doutorado *Silêncios PrEscritos – Estudo de Romances de Autoras Negras Brasileiras* defendida na USP em 2019, lançada no formato livro pela editora Malê em 2019, analisa um *corpus* composto por oito romances de autoras negras, em um período que vai de 1859 a 2006:

Rastrear o *corpus*, lançando-me à leitura dos romances mapeados escritos por autoras negras no Brasil, permitiu o contato com livros que restam completamente apagados da cena literária nacional, trazendo-os para um espaço de comunicabilidade (...) A existência visível do corpo de romance que apresento, em si, já suscita questões a serem debatidas, primordialmente porque o romance é um gênero pouco presente nas abordagens teóricas da escrita de autoria negra, e muito mais ausente nas análises que recolhem seu objetos na “literatura brasileira”. Ambas as formulações – a *literatura negra* e a *literatura brasileira* – são passíveis de problematização a partir deste corpo de romances aqui destacado. (Miranda, 2019, 16).

Ao problematizar a forma da escrita de grande parte das autoras negras que conseguem publicar, Fernanda destaca o fato de que o romance é a forma privilegiada de expressão literária, que requer uma disposição e entrega do autor

para ser realizado, ao passo que a poesia, o conto e a crônica, demandam menos tempo e se encaixam perfeitamente no caráter de urgência comunicativa dos criadores com perfis socioeconômicos desprivilegiados. “Na literatura de autoria negra o poema é majoritário, o romance é marginal” (Miranda, 2019). Dessa forma a questão de classe econômica atravessa a atividade do escritor. Devido às questões de ordem material, os lugares na cadeia produtiva parecem caminhar para uma manutenção do perfil do escritor no Brasil. No prefácio da tese *Silêncios PrEscritos*, a professora e pesquisadora Florentina da Silva Souza, analisa essa importante questão levantada por Miranda, que é o cerne desta dissertação:

A autora busca apresentar algumas possibilidades para o fato de os romances nem sempre terem sido privilegiados por escritoras/es negras/os no país. Algumas hipóteses são levantadas: A dificuldade de publicar? O fato de o processo de criação demandar muito tempo? Obstáculos encontrados pelas/os autoras/es para lidar com as convenções do gênero literário? A incerteza quanto à disposição dos receptores para ler? O fato de o romance ter se instituído tradicionalmente como gênero literário dedicado a expor as tramas da vida social da chamada burguesia, não cabendo, assim, no enredo, protagonismo nem autoria negra? (Miranda, 2019, 5)

Todas estas questões levantadas pela pesquisadora Florentina Souza em compasso com a tese de Fernanda Miranda são fundamentais, e servem como ponto de reflexão para qualquer trabalho crítico sobre autoria negra, nesse caso específico, autoria feminina negra. Entretanto, apesar das considerações sobre os diferentes gêneros literários e suas particularidades, e a percepção de que o romance é, sem dúvida, um gênero que se mantém em um patamar “privilegiado”, esta dissertação irá debruçar-se sobre obras em prosa e verso, por entender que a poesia é uma forma de expressão de grande impacto comunicativo, força criativa e importância social, assim como o conto e a crônica, desde que mostrem inegável valor literário. Serão analisadas neste trabalho duas obras do gênero romance, *Ponciá Vicêncio* de Conceição Evaristo e *Água de Barrela* de Eliana Alves Cruz, contos do livro *Um Exu em Nova York* de Cidinha da Silva, relatos autobiográficos dos livros *Eu, empregada doméstica* de Preta Rara e *Mulheres Incríveis* de Elaine Marcelina, bem como poemas de Maria Firmina dos Reis, Geni Guimarães, Mirian Alves, Livia Natália, Jarid Arraes, Elizandra Souza, Mel Duarte e Lourence Alves.

Contudo, as críticas e indagações trazidas pelos estudos das professoras e teóricas Fernanda Miranda e Florentina Souza, assim como as reflexões sobre

privilégios e hierarquias concernentes ao fazer literário e os seus distintos gêneros, são por demais pertinentes. Minimizar ou ignorar as questões econômica, de gênero e étnica, bem como os efeitos do racismo na vida dos sujeitos afrodescendentes, seria uma falha epistemológica. Sabemos que escritoras em geral expressam-se de formas múltiplas e diversas, há quase sempre a romancista que se expressa também através da poesia, contos e crônicas, como é o emblemático caso de Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, entre outras romancistas, porém, a questão de classe, raça e gênero se impõe de tal forma na vidas das autoras negras, que a exemplo de Aline França⁷ que lançou dois romances entre 1978 e 1981, *Negão Dony* e *A Mulher de Aleduma*, respectivamente, além de ter peças teatrais encenadas, o seu percurso como escritora foi interrompido logo após o lançamento de *A Mulher de Aleduma*, seu livro de maior repercussão.

O romance *A Mulher de Aleduma* participou da Feira do Livro de Bruxelas, e segundo o Portal LiterAfro ganhou resenha de diversas publicações estrangeiras respeitáveis da Nigéria, Bélgica, Alemanha, Estados Unidos, Itália, Holanda e Brasil. Também a revista nigeriana *Ophelia*, publicada em língua inglesa e de circulação internacional, colocou o trabalho de Aline França entre os precursores da literatura contemporânea do gênero de ficção surrealista. Contudo, a obra não recebeu atenção nem apoio para fazer novas edições no Brasil. Desde os anos oitenta que a obra de Aline França circula apenas entre um seleto grupo de leitores que adquiriram um exemplar há quatro décadas e que hoje guardam como uma verdadeira relíquia⁸. Portanto, o trabalho desenvolvido por Miranda, ao analisar as obras dessas oito autoras e o contexto social e político em que estão inseridas, é de grande importância para jogar luzes sobre a produção literária de mulheres negras, uma forma de tirar o véu da invisibilidade dessas criadoras:

No Brasil, o sistema de hierarquização racial estruturado desde os primórdios da nossa história tem instituído profundas fronteiras à circulação das vozes na ordem do discurso, do pensamento social. Dado que a obra literária é um produto da cultura – tanto política e esteticamente, quanto social e historicamente fundamentada – é necessário estar informado das disputas que compõem o espaço em que a escrita circula (Miranda, 2019, 17)

⁷ Portal LiterAfro

⁸ Levantamento

No decorrer do século XX até os dias atuais, apesar de gradativamente algumas escritoras de fenótipos e etnias diversas terem surgido, o número continua desproporcional ao de escritores homens atuantes no mercado literário. Segundo pesquisa realizada pelo Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea da Universidade de Brasília, coordenado pela professora e pesquisadora Regina Dalcastagné, cujo trabalho foi iniciado em 2003 e concluído em 2018, onde foram analisados um total de 692 romances escritos por 383 autores, divididos em três períodos - 1965 a 1979; 1990 a 2004; 2005 a 2014 - e constatou que mais de 70% foram escritos por homens e 90% por pessoas brancas. O perfil do escritor brasileiro tem sido por mais de quatro décadas, “homem, branco, heterossexual, morador da região sul e sudeste e advindo das classes média e alta” (Revista Cult, 2018).

O estudo mostra ainda o baixo percentual de homens e mulheres negras atuando na posição de escritores (2%) e personagens (6%). Protagonistas mulheres e negras aparecem em seis ocasiões, sendo duas como narradoras, enquanto mulheres brancas ocuparam essas posições 136 e 44 vezes. A grande maioria dos autores estão domiciliados no sul e sudeste: Rio de Janeiro (33%), São Paulo (27%), e Rio Grande do Sul (9%). As grandes editoras como Companhia das Letras, Editora Record e a Editora Rocco, pela ordem foi apontada pelos entrevistados da pesquisa, em caráter de anonimato, como as editoras de maior prestígio editorial no próprio meio em que atua, entre editoras, mídia, crítica e autores.

No artigo *A personagem do romance contemporâneo brasileiro*, da pesquisadora Regina Dalcastagné,⁹ ela afirma que “a cor é relevante também no que se refere à elite intelectual e ao estrato socioeconômico” pois mostra que 46,9% das personagens brancas, pertencem à elite intelectual, mestiços 19,7% e negros, 17,3%. Sendo que os brancos compõem mais de 90% de todas as personagens integrantes da elite intelectual, nos romances do corpus estudado. Brancos, portanto, tem perfil socioeconômico privilegiado em relação aos mestiços e sobretudo os negros. Brancos ficam entre as classes mais altas, de média para cima, mestiços classe média, e negros são em geral retratados como pobres. O estudo desenvolvido pela UnB traz uma riqueza de dados que

⁹ DALCASTAGNÉ, Regina. *A personagem do romance contemporâneo brasileiro*, UnB, 2005.

confirma as desigualdades e suas formas de representações, reforçando estereótipos sobre a população negra e branca, a primeira de forma negativa, enquanto a segunda de forma a supervalorizá-la em um estereótipo positivo:

Estudiosa do romance brasileiro, doutora em Teoria Literária pela UNICAMP e autora de *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado* (2012), entre outros títulos, Dalcastagnè atribui esse desequilíbrio ao próprio campo literário, que produz um ciclo vicioso de publicações homogêneas, escritas do ponto de vista de uma classe média autorreferente e “entediante”. “Quando as grandes editoras publicam livros que tratam sempre dos mesmos temas e trazem um perfil de autor muito parecido, estão dizendo ao leitor o que é considerado literatura e quem pode ser chamado de escritor no Brasil (Revista Cult, 2018)

A pesquisa *O romance brasileiro contemporâneo conforme os prêmios literários (2010-2014)* da professora e pesquisadora Regina Zilberman¹⁰, da UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mostra o perfil dos autores finalistas e ganhadores dos principais prêmios literários brasileiros, a exemplo do Jabuti, Portugal Telecom de Literatura e São Paulo de Literatura. Foram 62 escritores finalistas, sendo 16 mulheres e apenas dois autores negros. O perfil dos selecionados é de habitantes do eixo Rio-São Paulo, classe média, e nascidos entre os anos 1960 e 1980. Os resultados da pesquisa que considerou o período de tempo que vai de 2010 a 2014, complementa os resultados da supracitada pesquisa do Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea da UnB, coordenado pela professora Regina Dalcastgné.

Analisando o número de escritoras e escritores canônicos, em sua larga maioria brancos e homens, observamos que o número de mulheres negras, que começaram a escrever e lançar obras de ficção no país, a partir da segunda metade do século XIX em diante, continua sendo muito pouco expressivo, se levarmos em consideração o conceito de literatura cunhado pelo crítico literário Antônio Candido, que articula o processo de criação, editoração e difusão literária com a tríade autor-obra-público, tendo a mediação da crítica especializada como primeiro passo fundamental para estabelecer o que ele considera um “sistema literário”. Sistema esse que cria uma “tradição” sustentada por um público leitor fiel e constante. Essa ideia de continuidade, de um processo em que a obra de um autor, confere-lhe um certo reconhecimento, um selo de qualidade e legitimação, criando uma “tradição”, é um ponto do qual

¹⁰ ZILBERMAN, Regina. *O romance brasileiro contemporâneo conforme os prêmios literários (2010-2014)* Disponível em [2316-4018-elbc-50-00424.pdf](https://doi.org/10.24036/elbc-50-00424) (scielo.br)

podemos partir para falar de criação literária, mercado, público, autor, crítica especializada, obra e a sua conseqüente canonização. E a relação do cânone com outras instancias - ética, política, econômica, social, étnica e de gênero:

Quando a atividade dos escritores de um dado período se integra em tal sistema, ocorre outro elemento decisivo: a formação da continuidade literária – espécie de transmissão da tocha entre corredores, que assegura no tempo o movimento conjunto, definindo os lineamentos de um todo. É uma tradição, no sentido completo do termo, isto é, transmissão de algo entre os homens, e o conjunto de elementos transmitidos, formando padrões que se impõem ao pensamento ou ao comportamento, e aos quais somos obrigados a nos referir, para aceitar ou rejeitar. Sem esta tradição não há literatura, como fenômeno de civilização. (Candido, 2000, 24)

Partindo do pressuposto de que a literatura negra ou afro-brasileira emerge de um contexto de extrema desigualdade de oportunidades, logo sendo preciso levar em consideração os diferentes processos de “formação” literária brasileiros, pelas suas idiossincrasias, posto que a literatura afro-brasileira surge a partir do que a pesquisadora Leda Maria Martins conceituou de “oralitura”, uma expressão de vivências experimentadas e testemunhadas pelos afrodescendentes, cujos efeitos atravessam os seus corpos de maneira particular, não privilegiando unicamente o sentido da visão, mas todos os outros sentidos através dos quais as várias formas de expressão do conhecimento podem manifestar-se, a escultura, a dança, a música, a gravura, a “oralitura” está para o corpo e suas inúmeras possibilidades, onde o corpo se constitui como um arquivo vivo, de onde o conhecimento emana, constituindo-se como “um lugar da memória” (Martins, 2003).

A palavra falada é desta forma a expressão primeira do pensamento, muito antes deste se transformar em ‘arquivo’, através da palavra escrita. As experiências de vida de pessoas negras transformadas em matéria prima do fazer literário, é o que a escritora Conceição Evaristo cunhou de “escrevivências”, que também pode ser entendido como “escritas de si”, e “auto ficção” segundo definiu a própria autora durante palestra proferida na Aula Inaugural da PUC - Rio em 15 de setembro de 2020¹¹. São “escrevivências” que se situam entre o que Maurice Halbwachs em seu livro *A memória coletiva* classificou como “memória individual ou autobiográfica” e “memória histórica ou coletiva”¹²,

¹¹ Aula Inaugural disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ygdWl0o8lps> PUC Rio, 15-09-2020.

¹² HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Vértice, 1990, 53

essas duas instancias quando observadas em relação às produções afrodescendentes, devem receber formas diferenciadas de abordagem epistemológica - em contraposição à “memória coletiva” reivindicada pela escrita canônica - por estarem localizadas em lugares históricos diferentes daqueles aos quais pertencem os sujeitos narradores e personagens da escrita de ficção hegemônica, representantes de grupos escolhidos-privilegiados:

Outra pesquisa do Portal LiterAfro, sediado na Universidade Federal de Minas Gerais, confirma a falta de espaço em grandes editoras para autores negros, 90 autores vivos mapeados publicam por editoras de menor porte ou pelo sistema de auto publicação (...) Tendência reforçada por Fernanda Miranda, doutora em Letras pela Universidade de São Paulo, que também associa “o aumento de autores negros publicando, com o surgimento das editoras de pequeno e médio portes” (O Globo, Caderno Celina, 2019).

Considerando as diferenças que configuram os processos de construção de uma memória literária de grupos distintos, o presente estudo parte da importância, necessidade e urgência de se lançar luzes sobre o processo de fomento e apoio ao trabalho emergente de escritoras negras a partir de uma abordagem interseccional, levando em consideração pressupostos de gênero, raça, classe, sexualidade. Essa abordagem interseccional é de suma importância, posto que estudos contemporâneos - *Gonzalez, 1984; Carneiro, 2002; Bento, 2002; Kilomba, 2019; Davis, 2016; Hooks 2019; Hill Collins, 2019; Akotirene, 2020* - apontam para o fato de que as “análises universalistas” das desigualdades têm sido ineficazes para dar conta das especificidades dos problemas geradores de fenômenos que impedem as mulheres negras, mesmo com alto grau de escolaridade, a alcançarem o nível de visibilidade de homens negros, mulheres brancas e homens brancos:

A *interseccionalidade* visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais. Segundo Kimberlé Crenshaw, a interseccionalidade permite-nos enxergar a colisão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitárias, além do fracasso do feminismo em contemplar mulheres negras, já que reproduz o racismo. Igualmente, o movimento negro falha pelo caráter machista, oferece ferramentas metodológicas reservadas às experiências apenas do homem negro (Akotirene, 2020, 19)

A ideia de um feminismo universalista mostrou-se incapaz de diminuir essas desigualdades, devido ao fato de que a questão étnica aparece como um marcador de lugar social que diferencia e delimita as condições e possibilidades

de acesso a bens e oportunidades de ascensão profissional e consequentemente de *status* social. Herança de um passado colonial e patriarcal a descapitalização financeira das mulheres negras constitui um entrave para a sua emancipação e realização, enquanto sujeitas autônomas. Grada Kilomba em *Memórias da Plantação* afirma:

Mulheres negras são afetadas por múltiplas formas de opressão - racismo, sexismo e/ou LGBTQIAfobia - e que a discussão anterior sobre racismo e feminismo revelou a quase completa ausência de mulheres negras em considerações de ambos os campos, esses fatores independentes já fazem com que o estudo de mulheres negras seja um empreendimento da maior importância (Cobogó, 2019, 108-109)

A pouca representatividade das mulheres negras nestes espaços é um flagrante das desigualdades de poder econômico, político e social, que atinge as mulheres brasileiras em geral e as mulheres negras em particular. Pois sem ter acesso a bens culturais e econômicos, torna-se difícil para a população afrodescendente de baixa renda criar o hábito de leitura crítica e reflexiva no âmbito social, e principalmente, no âmbito familiar, ambiente onde a educação infantil começa a ser delineada, persistindo, assim, enorme lacuna no que diz respeito à difusão de informação no cotidiano dessas famílias brasileiras, onde a falta do hábito de ler conteúdos relevantes, que incluam e reflitam a existência e agência desses grupos, configura-se como entrave ao desenvolvimento do processo cognitivo e de letramento. A Pesquisa Inaf Brasil 2018 concluiu que não houve grandes avanços nos últimos anos nos níveis de alfabetização no país, mostrando que os “Analfabetos Funcionais”, aqueles que não tem nenhuma alfabetização ou a tem de forma rudimentar equivaliam, em 2018, a cerca de 3 em cada 10 brasileiros¹³:

São pessoas que têm muita dificuldade para fazer uso da leitura, da escrita e das operações matemáticas em situações da vida cotidiana, como reconhecer informações em um cartaz ou folheto ou ainda fazer operações aritméticas simples com valores de grandeza superior às centenas (Inaf, 2018, 8)

A pesquisa mostra também que do total dos participantes que responderam ao questionário, 44% se declararam pardos, 31% brancos, 19% pretos e 4% amarelos ou indígenas. Para o Inaf, esse resultado reflete o

¹³Inaf - Indicador de Alfabetismo Funcional. *Resultados Preliminares*. Instituto Paulo Montenegro; IBOPE Inteligência; ONG Ação Educativa; 2018. Disponível em: <https://ipm.org.br/relatorios>

“aumento na crescente tendência de ampliação da autoclassificação como pardos ou pretos, indicadas em outros estudos”, isso porque o número de autodeclarados brancos caiu em 2018 de 40% para 31%, enquanto os que se autodeclararam pardos aumentou para 44%, sendo confirmados como a maioria da população e o percentual dos que se autodeclararam pretos ficou em 19%. Entretanto, a pesquisa aponta, mais uma vez, a grande desigualdade entre os grupos étnico-raciais, a população negra (pretos e pardos) continua com os níveis de escolaridade mais baixos do que a branca: os que se classificam como brancos apenas 3% não têm nenhuma escolarização e 1 em cada 4 (25%) atinge ou supera o nível Superior, entre os autodeclarados pretos, a proporção de não escolarizados é de 8% e os com nível Superior é de 12%, e entre os analfabetos funcionais 23% são declarados brancos, 35% pretos e 30% pardos.

As novas tecnologias cristalizam essa educação ineficiente e nos municia com exemplos de como a má qualidade do ensino-aprendizagem que ignora e exclui os saberes, vivências e criações advindas de outras fontes que não a ocidental, pode formar cidadãos sem visão crítica acerca da realidade política, social, econômica, étnica e genérica em que vivem, constituindo uma classe de “analfabetos funcionais”, impossibilitados assim de exercer uma cidadania plena, e desta forma, contribuir efetivamente para o fortalecimento do convívio social próprio da democracia, como demonstrou os resultados do Inaf e do Pisa¹⁴:

Podemos dizer que o processo de exclusão das ditas minorias dos espaços privilegiados de construção de conhecimento se dá a partir da construção de uma língua padrão (...) nesse sentido, a superioridade linguística e cultural dos grupos de poder é tão natural quanto sua própria posição de poder na sociedade. Há uma aceitação do fato de que existe uma cultura superior, pautada em saberes legitimados por grupos capacitados para tal, ou seja, aqueles que dominam a língua padrão escrita e falada (Assis, 2015, 137, 138)

O surgimento de escritoras negras, assim como escritoras indígenas e LGBTQI+ são as vozes “vagalumes” de que nos fala o filósofo Didi-Huberman, vozes faltantes no concerto polifônico da democracia, sem as quais as democracias correm o risco de serem substituídas por sociedades autoritárias.

¹⁴ Programa Internacional de Avaliação de Estudantes-Pisa, 2019.

Vozes cujas demandas tem sido sistematicamente negligenciadas e historicamente silenciadas e apagadas, que ora abrem passagem para participar do debate nacional:

A hegemonia deseja corpos (femininos, pretos, indígenas, e LGBTQ+) marginalizados, oprimidos, reagrupados e organizados de acordo com uma normatização branca, europeia e cristã, de maneira que eles não se pensem a partir de outra origem e de outro modo de entendimento de si. O próprio reconhecimento de uma origem diferente da europeia é, por si só, uma transgressão. Uma violação ao poder branco hegemônico. Também por isso evita-se sempre a palavra “racismo”, pois sua aceitação implica diretamente a aceitação de uma origem diferente da branca e a não aceitação desta origem não comum. (Nogueira, 2020,121)

Logo, o lugar de sujeita da escrita, reivindicado por diversas escritoras brasileiras afrodescendentes é de fundamental importância para o equilíbrio social e democrático, que permite a ressignificação de conceitos distorcidos pela história oficial, hierarquizada e hierarquizante, amplamente enraizados no imaginário social. Sendo a literatura um espaço de experimentação, construção de subjetividades, onde valores culturais podem ser ressignificados, a literatura de autoria feminina negra alicerça a reconstrução de uma “memória coletiva”, a partir de uma noção plural de nação, através de um afeto próprio da criação artística, que intermedia na “costura do tecido social”¹⁵, ajudando a tecer novos devires humanos:

Para regimes totalitários e para o biopoder, a encruzilhada preta é um péssimo lugar porque é nela que estão as origens, as diversidades, a força e o poder das trocas como lugar de (re) criações. Nesse sentido, a quem interessa o poder pelo poder é quase impossível conceber o retorno a sistemas de crenças tradicionais, a manutenção de memórias ancestrais, o poder da cabaça-útero-feminino e todas as trocas que o mercado de Exu possibilita (Nogueira, 2020, 120)

Destarte, o Brasil para tornar-se uma sociedade plural e igualitária, precisa desconstruir e reestruturar, gradativamente, a imagem construída ao longo de séculos sobre o seu povo, e em especial sobre as “minorias políticas” - negros, mulheres, indígenas, LGBTQI+. E a literatura é um instrumento que pode ser utilizado para ressignificar um quadro pintado à revelia desses grupos, em condições de extremo conflito social, desde uma sociedade colonial-patriarcal-escravista. A inclusão e aumento de autoras e autores negros, indígenas e LGBTQI+, entre outros grupos, no mercado literário, têm sido defendidos por

¹⁵ Referência à exposição *A costura da memória*, da artista plástica Rosana Paulino, que ficou em cartaz no Museu de Arte do Rio de 13-04-2019 a 29-09-2019.

décadas por intelectuais negros e intelectuais de diversas etnias, como um fator que confere diversidade e equidade ao fazer literário:

Não podemos negar que a literatura nacional canonizada foi até hoje majoritariamente escrita pelas mãos das elites brasileiras, em sua maioria homens, e, no caso do Nordeste, alguns deles oriundos de família de senhores do engenho. Isso não exclui o valor dessas obras tampouco seu caráter de denúncia e engajamento típicos do realismo social dos anos 1930. Mas não podemos hoje negligenciar que outras vozes reivindicam serem incluídas, reivindicam suas histórias a serem contadas por suas próprias mãos e que tudo isso nos obriga, de forma salutar, a rever a história da literatura já canonizada não em seu valor, mas nos dispositivos do sistema de poder que a possibilita e legitima, muitas vezes em detrimento e ou apagamento de outras escritas realizadas sobre outros modos – incluídos os da oralidade – ou ainda por se fazerem. (Kiffer, 2019, 35)

É preciso, portanto, ampliar o debate, lançando luzes sobre as especificidades dos diversos grupos de mulheres que compõem a sociedade brasileira, a fim de garantir uma representatividade que reflita o seu conjunto. A macro categoria “mulher” não se constitui como um bloco monolítico, assim como no âmbito da categoria “mulher negra” também há diversidade, portanto, é preciso *escurecer* que, o que está sendo pleiteado é o respeito à humanidade de pessoas negras, o direito a falar em nome próprio sem serem julgadas radicalmente ou terem a vida ceifada como ocorreu com Marielle Franco e tantos outros personagens históricos. Ao “racializar” grupos de seres humanos, isto é, atribuir características à raça como forma de estereotipar, a sociedade brasileira legitima atos de exclusão e violência contra esses grupos.

Paradoxalmente, o grupo hegemônico que racializa é o mesmo que chama de “identitários” aqueles que se reconhecem, politicamente, como parte de um grupo que não tem o mesmo nível de respeito e representatividade que estes dentro da sociedade brasileira, porque o objetivo final do projeto hegemônico é aquele de nos encerrar em um lugar de não existência. Para “existir” é preciso travar uma árdua luta por reconhecimento, porquanto o reconhecimento não é algo dado, mas conquistado com muito trabalho:

Indo em frente com as *minas*
na Frente Transnacional do *Hip Hop*
Mapeando problemas, enfrentando querelas
da vida quem dera, sem nada a temer
Afirmando a força da rima, plantando sementes,
sem nas mãos, só poesia na mente
Em memória de todos, todas que quedaram pela evolução
dos Direitos Humanos respondam: Presente!
Allons enfants de la Patrie, face au monde, enfrente!
Tout le monde! Em frente! Rente que nem brioche quente!

Mostre que a mulher sabe fazer *rap-revolution* decente!
 Vamos em frente com a Frente! Ainda que com a mão atrás,
 outra na frente! Segurem o microfone! Apoderem-se!
 Que agora somos nós, tú, eles! *Tout le monde*, todo mundo e a gente!

2. 2

O cânone - representações e estereótipos

Desde aquele tempo - do Estado Novo - sentíamos a necessidade de procurar um socialismo democrático que atendesse ao '*specificum brasilienses*'. Mas não conseguíamos - eu pelo menos não consegui - ver com clareza o que este era, e eu, por exemplo, só muito mais tarde percebi que o problema do negro está no cerne de qualquer política socialmente avançada no nosso país. Seria o caso de completar o verso de Mário de Andrade, no *Improviso do mal da América* 'Grito imperioso de brancura em mim...', por outro, a ser considerado como fundamental para o brasileiro '*socially minded*': 'Grito imperioso de pretura em mim!'.¹⁶

Antônio Candido, sociólogo e crítico literário

Estudos acadêmicos e análises empíricas mostram que a sociedade brasileira até hoje não assimilou, adequadamente, a existência das mulheres afrodescendentes, seu papel fundamental e sua rica contribuição à nação brasileira. No decorrer da História, elas sempre foram retratadas na literatura canônica, como seres sem vontade própria, sem iniciativa, submissas e dependentes. Podemos encontrar muitos exemplos que denunciam o papel imposto, de forma incisiva, às mulheres afrodescendentes de várias matizes e variações fenotípicas. Desde os primeiros romances onde os afrodescendentes eram tão somente personagens secundários, meros figurantes que compunha a paisagem, não tendo o direito à palavra, eram falados, descritos, conceituados à sua revelia, sendo constituídos como seres desprovidos de capacidade cognitiva.

Do romance *A Moreninha*, que de acordo com o crítico literário Antônio Candido, em seu anteriormente citado estudo crítico *Formação da Literatura Brasileira* foi o marco inaugural da "literatura nacional", à Escrava Isaura, passando por todos os romances lançados entre os séculos XIX e XX, onde a presença do negro é encontrada, os sujeitos afrodescendentes são, repetidamente, alvos de toda sorte de desumanização e destruição da sua subjetividade. O

¹⁶ ESCOREL, Eduardo. *Dentro da minha pele – "grito imperioso de pretura em mim!"*
 Eduardo Escorel, Revista Piauí, 2021.

professor e pesquisador Adilson Moreira, doutor em Direito Constitucional Comparado pela Universidade de Harvard, ao estudar a presença do negro em situações cotidianas no Brasil no seu livro *Racismo Recreativo*¹⁷, explicita o *modus operandi* do racismo, que alarga as suas fronteiras de forma difusa, camuflada sob a estética do riso. Como destrincha Franz Fanon em *Pele Negra, Máscaras Brancas* (2008) o “eu negro” quando incorporado às narrativas era para ser aniquilado, destruído, vexado, zombado:

O humor não é mero produto de ideias que surge espontaneamente nas cabeças das pessoas. As piadas são produtos culturais, são manifestações de sentidos culturais que existem em dada sociedade (...) Uma análise histórica das produções humorísticas em nossa sociedade demonstra que elas sempre reproduziram ideias derogatórias sobre minorias raciais, as mesmas que eram utilizadas para conferir-lhes tratamento desfavorável em outras situações (...) Mais do que simples mensagens que fazem as pessoas rirem, o humor assume a forma de um mecanismo responsável por medidas que legitimam arranjos sociais existentes. Os estereótipos derogatórios sobre minorias raciais expressam então entendimentos sobre os lugares que os diversos grupos sociais devem ocupar, as supostas características dessas pessoas, os limites da participação delas na estrutura política, a valoração cultural que eles podem almejar e ainda as oportunidades materiais às quais podem ter acesso (...) Produções humorísticas precisam ser compreendidas como uma forma de política cultural porque são utilizadas para justificar diversas hierarquias sociais. (Moreira, 2020, 94, 95)

O *racismo recreativo*, como nos mostra Moreira, ao “transgredir” normas sociais preestabelecidas, como o “respeito à cidadania” e à “dignidade humana”, ultrapassando os limites de forma inaceitável, tem sido eficaz em nos manter passivos diante de certas violências, devido ao caráter ambíguo, que o viés “humorístico” pode comportar. Tal qual o *blackface* norte americano, a figura do negro na literatura brasileira canônica tem sido evocada com a dupla função de assegurar o gozo do riso sádico das elites e atualizar o “lugar do negro” na sociedade brasileira, inculcando formas de inferiorização no imaginário social.

Um exemplo de como o humor enviesado contra “minorias políticas” tem espaço em nossa sociedade é o caso de uma página chamada *frase engraçada.com.br* que vem com o aviso “frases para você rolar de rir” na qual se pode ler “cabelo ruim é igual bandido, ou tá preso ou tá armado”, entre outras frases misóginas, machistas e que tais. Logo, ao usar a “liberdade artística” para disseminar suas ideias tendenciosas, os escritores ora trocavam o chicote pela pena, mas os seus efeitos não foram menos dolorosos, apenas mais sutis, porém

¹⁷ Coleção Feminismos Plurais, Selo Sueli Carneiro, Editora Jandaíra, 2020

extremamente eficazes e duradouros. Sueli Carneiro no seu artigo *Enegrecer o Feminismo: A situação da Mulher Negra na América Latina a Partir de uma Perspectiva de Gênero* (2003) analisa o impacto e permanência desse imaginário racial na atualidade:

O que poderia ser considerado histórias ou lembranças do período colonial permanecem vivas no imaginário social e adquirem novas roupagens e funções em uma ordem social supostamente democrática que mantém intactas as relações de gênero, segundo a cor e a raça instituídas no período da escravidão. As mulheres negras tiveram uma experiência histórica diferenciada que o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem reconhecido, assim como não tem dado conta da diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida teve e ainda tem na identidade feminina das mulheres negras. Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estamos falando? (Carneiro, 2003, 50)

A prova de que a pena-chibata, metaforicamente, cumpriu o seu papel de construir um imaginário com desdobramentos no mundo real é que estamos em pleno século XXI e os afro descendentes ainda precisam provar e comprovar a sua humanidade. Do início do ano 2020 ao início de 2021, momento histórico em que escrevo essa dissertação, o Brasil e o mundo enfrentam uma pandemia de proporções ainda desconhecidas, e em meio ao pânico e privações de grande parcela da população brasileira, pessoas que por falta de recursos excedentes para manterem-se a salvo, em quarentena com as suas famílias, são forçadas a trabalhar, enfrentando transportes aglomerados, expondo-se à contaminação, pondo suas vidas em risco. Se para a população de baixa renda em geral a pandemia gerou uma situação limite, para as mulheres trabalhadoras, em sua grande maioria negras e mães solteiras, logo arrimo de família, os últimos acontecimentos tornaram-se uma questão de vida e/ou morte.

Parte significativa da população descapitalizada financeiramente, não recebeu auxílio emergencial, em meio a várias denúncias de fraudes, em que pessoas o teriam recebido ilegalmente. Segundo levantamento da Controladoria-Geral da União 680 mil servidores públicos receberam o auxílio emergencial indevidamente, dando um prejuízo em torno de R\$4 bilhões ao erário, mas o rombo pode ter sido cinco vezes maior, de acordo com o Tribunal de Contas da União, em torno de 8 milhões de brasileiros teriam fraudado as regras para o seu recebimento (Agencia Brasil, Economia, 2020). A síndrome do escolhido-privilegiado brasileira é uma herança colonial, um puxadinho que

nunca cessa de brotar. E o caso do menino Miguel¹⁸ é fruto dessa herança escravocrata, retrato da situação de inúmeras mães que precisam arriscar-se para sustentar os seus rebentos. É nessa interseção entre ficção e realidade que reside o que Lélia Gonzalez categorizou como “neurose cultural brasileira”:

O lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo. Para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nesse sentido, veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular (Gonzalez, 1984, 224)

São nefastos os resultados de certas construções ficcionais que reforçam um lugar de submissão e sub-humanidade acerca dos seres afro diaspóricos. Essa distorção está presente em romances como *O Mulato* e *O Cortiço* onde a narrativa assume ares cientificistas, em que o narrador situa as personagens negras e mestiças em um “não-lugar”¹⁹, lugares materialmente e metaforicamente inabitáveis, devido à precariedade estrutural, psíquica, social, econômica e política, onde não há a possibilidade de criação de laços sociais saudáveis, de interação humana digna, na ficção de Aluísio Azevedo suas vozes são murmúrios, lamentos, cacofonias, construídas apenas para comprovar as suas supostas incapacidades civilizatórias.

O conceito de “não lugar” foi criado por Marc Augé²⁰, em contraposição à ideia de “lugar antropológico”, local em que as trocas sociais e a construção da memória individual e coletiva são efetivadas, e se relaciona diretamente com um território onde essas trocas ocorrem, ao passo que os *não lugares* são lugares transitórios, que por essa razão não possibilitam a criação de laços afetivos e duradouros, como aeroportos, estações de metrô, grandes cadeias de hotéis, *shopping centers* entre outros espaços fugazes de convivência, que não tem a característica do que poderia ser conceituado como um lar. Por outro lado, podem ser também lugares inadequados para se habitar, partilhar vivências, onde os sujeitos tendem a ficar anônimos, terem sua existência anulada pelas contingências materiais, tais como campos de refugiados, favelas.

¹⁸ Miguel Otavio Santana, filho de Mirtes de Souza, morreu ao cair do nono andar do prédio onde sua mãe trabalhava como doméstica, em Recife, 2020, durante a pandemia. Ele ficou na casa de Sari Corte Real, enquanto Mirtes passeava com os cachorros da empregadora. Após buscar a criança algumas vezes, Sari apertou o botão do elevador que o levou ao nono andar de onde caiu.

²⁰ AUGÉ, Marc, 1994, 71-105

Em *O Mulato* vemos o caso da ex-escravizada Domingas, mãe do personagem principal Raimundo, que enlouquece após ser afastada do filho, fruto de uma relação “não autorizada” que teve com o seu ex-proprietário, José da Silva, e ser torturada, vilipendiada, pela sinhá Quitéria esposa “legítima” do pai da criança. Loucura e morte parecem ser os únicos desfechos possíveis para os autores que retrataram mulheres negras nos referidos romances, aprisionando os corpos negros em um lugar de dor e sofrimento que tem sido atualizado ao longo de mais de um século. *O Cortiço* traz a figura de Bertoleza, outra mulher negra exposta à degradação humana. Explorada sexualmente e posta em sacrifício pelo português João Romão que além de explorar a sua força de trabalho, rouba suas economias e aplica-lhe o golpe da falsa carta de alforria para assim poder dispor de seu corpo em todos os sentidos, sem ônus algum. Bertoleza também chegou ao limite da sua sanidade mental, porém não se entregou, martirizou-se, praticando a autoimolação, espécie de *harakiri*. A despeito da violência e desumanidade que a história revela, a personagem, de forma tortuosa acaba por terminar o romance deixando uma mensagem de dignidade, própria dos heróis e heroínas de tragédias: entre voltar ao cativeiro e a morte ela escolhe a segunda opção como forma de redenção.

2.3

Quando vida e arte imitam-se e fundamentam-se na barbárie

A descoberta da história real de Madalena Gordiano, uma mulher negra mantida em situação análoga à escravidão por 38 anos, por uma família da elite mineira, os Milagres Rigueira, mostra como a ficção e a vida real estão imbricadas de tal forma, que a composição estética literária se entrelaça com a realidade, se retroalimentando, reforçando e legitimando uma prática histórica: a exploração de mão de obra feminina negra nas casas de famílias brasileiras no período pós abolição. A questão se cristalizou com as declarações do homem responsável pelo drama humanitário de Madalena Gordiano, o professor universitário Dalton Milagres Rigueira afirmou que “não (a) incentivou a estudar porque não achava que isso a beneficiaria” (El País, 2021). A política de proibir instrução aos escravizados, assim como aos libertos, era uma forma de perpetuar a dominação sobre os corpos negros:

Marcadas pelo estigma da escravidão, a elas permanecem destinados os trabalhos sem qualificação, trabalhos que dispensam inclusive a educação e a instrução, sobre elas pesa, além das diferenças de gênero, também as de raça. O que observamos é que com papéis sociais “naturalmente” definidos como adequados, os nexos explicativos da condição da mulher negra remetem, primeiramente à sua condição de escrava. Sobre elas recaem tanto as representações em relação ao uso de seu corpo enquanto objeto sexual como aquelas que o vêm adequado ao trabalho doméstico (Silva, 2009, 71)

Mantida em situação análoga à escravidão desde os oito anos de idade, por Maria das Graças Milagres Rigueira e seu filho Dalton Milagres Rigueira, impedida de estudar, trabalhando sem remuneração e habitando um quarto sem ventilação, consta ainda que Madalena foi levada pelos seus exploradores, a contrair matrimônio em cartório, com um membro da família Milagres Rigueira, um senhor de 78 anos, ex-combatente na Segunda Guerra Mundial. De acordo com matérias jornalísticas que cobriram as investigações sobre o caso, Madalena foi levada a contrair matrimônio aos vinte anos, ficando viúva tempos depois, tornando-se assim beneficiária de uma pensão de alto padrão, que era recebida pelo seu algoz, Dalton Milagres Rigueira, professor de medicina veterinária em uma instituição de ensino superior em Patos de Minas Gerais, onde ele reside com a família. O dinheiro da pensão herdada por Madalena foi usado para pagar a faculdade de medicina de uma das filhas de Dalton Rigueira:

A historiadora Claudielle Pavão considera que este ‘é um caso extremo de racismo estrutural que expõe de forma muito didática o que é a branquitude brasileira, forjada em um sistema escravagista’. Ela acrescenta que ‘muita gente dirá que acolher uma menina para fazer as tarefas domésticas em troca de comida e cama é muito melhor do que deixá-la na rua. É um pacto social que está tão normalizado que as pessoas não o consideram ofensivo’ (El País, 2021)

No dia 13 de fevereiro de 2021 a Revista Época, em matéria do jornalista Guilherme Amado, noticiou o escabroso caso de uma senhora negra de 63 anos mantida em situação análoga à escravidão, desde 1983, por uma professora da UFRJ. A senhora escravizada, cujo nome foi omitido pela reportagem, tinha na sua biografia o trabalho não remunerado de cuidar de seis cachorros, cinco crianças e dois idosos. O Ministério Público do Trabalho do Rio de Janeiro afirma que além de manter a idosa em condições sub-humanas, morando em um quatinho no quintal, sem energia elétrica, próximo ao canil de cachorros, sem alimentação adequada e sem remuneração, a professora-abusadora se apropriou do auxílio emergencial que a idosa teria direito durante a pandemia. Segundo matéria do Site Uol:

A trabalhadora ainda era obrigada a catar latas de alumínio nas ruas, com o objetivo de vendê-las e reverter o dinheiro obtido à ré (...) A idosa informou que não tinha livre acesso a alimentos e água potável e que a empregadora jogou fora seus pertences, nos quais havia anotações particulares, nas quais constavam contatos de seus parentes (Site Uol, 2021)

O fato de extrema gravidade torna-se mais problemático quando, segundo noticiou o *Jornal Opção* no dia 28 de fevereiro de 2021, a *Revista Época*, que deu o furo jornalístico, após outros veículos silenciarem sobre o fato, resolveu omitir o nome da ré, nomeando ficticiamente apenas a vítima de “Ana”. Configurando uma atitude que vai contra o papel da imprensa, principalmente após o STF não reconhecer o “direito ao esquecimento”, julgado improcedente por ampla maioria, 9 votos a 1, no dia 11 de fevereiro de 2021. Portanto, qualquer tentativa de barrar o direito da imprensa de noticiar fatos de interesse público é um atentado contra a liberdade de imprensa e ao livre acesso da população à informação. Dessa forma, tudo indica que a referida revista se impôs uma autocensura, nomeando apenas a vítima de “Ana”. O *Jornal Opção*, em contrapartida crítica, denominou, também ficticiamente, a ré de “Jezebel”.

Ao nomear, mesmo que ficticiamente, apenas a vítima de “Ana”, citando a ré através de categorias genéricas e abstratas como “patroa”, “professora universitária”, a *Revista Época* acaba por proteger a identidade da ré, pertencente a uma elite intelectual e econômica. O Ministério Público do Trabalho pediu à Justiça que a professora pague R\$ 1,3 milhão à vítima, a título de indenização por danos morais e coletivos, além de pensão e pagamento de salários retroativos. O caso “Ana” é mais um caso que, por ora, vem somar-se ao caso Madalena Gordiano, é o recorte de um Brasil despótico e distópico, que insiste em não humanizar-se e luta para continuar desumanizando.

2.4

Representação da mulher e criança negra na literatura brasileira canônica revela a presença de um realismo brutalizante

Há um paralelo entre Bertoleza / Madalena / “Ana” que demonstra uma linha evolutiva entre a escravidão e a posterior manutenção de privilégios brancos através da exploração da mão de obra de mulheres e crianças negras e o tratamento dispensados a estas na sociedade brasileira. Em ambos os casos reais relatados nos

parágrafos acima, há uma convivência e uma percepção de que essas mulheres não são humanas, portanto, estão passíveis de toda sorte de abusos, torturas, penalidades. A relação de posse dos corpos das meninas e mulheres negras tem sido representada na ficção sob vários pontos de vistas, Machado de Assis no conto *O caso da vara* mostra o funcionamento da sociedade brasileira e suas hierarquias entre os gêneros, onde o patriarca ocupava o topo e as mulheres dividiam o que sobrava para comandar, que era o trabalho considerado “exclusivamente feminino”. No conto *O caso da vara*, Sinhá Rita, uma mulher de destaque na sociedade, distinção que era usada para se manter numa posição de liderança sobre as demais mulheres, descreve uma cena em que a personagem se volta contra Lucrécia, uma menina negra de onze anos de idade, mostrando como nem mesmo as crianças negras eram poupadas da exploração de seu trabalho e do tratamento desumano:

Dentro de pouco, ambos eles riam, ela contava-lhes anedotas, e pedia-lhes outras, que ele referia com singular graça. Uma destas, esturdia, obrigada a trejeitos, fez rir a uma das crias de sinhá Rita, que esquecera o trabalho, para mirar e escutar o moço. Sinhá Rita pegou de uma vara que estava ao pé da marquesa e ameaçou-a:

- Lucrécia, olha a vara!

A pequena abaixou a cabeça, aparando o golpe, mas o golpe não veio. Era uma advertência; se à noitinha a tarefa não estivesse pronta, Lucrécia receberia o castigo do costume. Damião olhou para a pequena; era uma negrinha, magricela, um frangalho de nada, com uma cicatriz na testa e uma queimadura na mão esquerda. Contava onze anos. Damião reparou que tossia, mas para dentro, surdamente, a fim de não interromper a conversação. Teve pena da negrinha, e resolveu apadrinha-la, se não acabasse a tarefa (Machado de Assis, 2017, 13)

Machado de Assis finaliza o conto mostrando o funcionamento da estrutura social-racial-patriarcal e seus desdobramentos, onde cada grupo tentava salvar a si próprio, através de um pacto social calcado principalmente na cor da pele, mesmo que para isso uma criança negra fosse sacrificada. Ao cair da noite, Lucrécia, como previsto, não havia dado conta da tarefa dos bordados e o texto sugere que a menina foi castigada com a vara pela Sinhá Rita, sem que o seu “benfeitor”, não apenas nada fizesse, como ainda teve que entregar a vara em mãos da Sinhá Rita para que ela consumasse o vil ato. O pacto social prevaleceu ante qualquer tentativa de interferência nos (maus) costumes da época, pois Damião dependia de um favor da Sinhá Rita para livrá-lo do seminário junto ao seu severo pai. Calculou um desfecho parecido para si, caso interferisse nos negócios e desmandos da senhora, e resolveu calar-se. Ao entregar a vara que havia caído no chão, a pedido da mulher, ele deixou claro que não iria arriscar a sua pele para tentar mudar a terrível situação em que a criança era mantida.

No conto *Pai contra Mãe*, presente na Antologia *Machado de Assis Afrodescendente*, organizada pelo professor e pesquisador Eduardo de Assis Duarte (Pallas, 2007) o autor retoma o assunto com o personagem Candido Neves “o caçador de escravos fugidos” que pela cifra de cem contos de réis sacrifica a vida do bebê em gestação da escravizada Arminda para salvar o seu próprio filho da “roda dos enjeitados”. *Pai contra Mãe* é uma obra prima em forma de conto, de forma bastante direta Machado de Assis mostra como o negro era asfixiado socialmente, não lhe restando saída. O conto de Machado mostra como as análises de outro afrodescendente brilhante, o psiquiatra e filósofo Franz Fanon, cujos estudos clínicos sobre os processos de desumanização dos sujeitos negros engendrados no bojo da colonização tinham precisão cirúrgica. “O negro não é um homem (...) O negro é um homem negro; isto quer dizer que, devido a uma série de aberrações afetivas, ele se estabeleceu no seio de um universo de onde será preciso tirá-lo” (Fanon, 2008, 26):

Nessa torpe desumanização
 Uma mulher ignora
 Uma criança se perde
 Uma mãe se apavora

Miguel despencou!
 Miguel despencou!
 Miguel despencou!
 Chora, chora, chora²¹

Monteiro Lobato também trata do tema da exploração, maus tratos e desumanização de crianças negras em seu conto *Negrinha* (1927), onde parece ensaiar uma crítica ao saudosismo dos desmandos escravocratas da personagem D. Inácia no período pós abolição. Contudo, tanto o final trágico do conto quanto sua vasta obra infantil, não sustentam a tese de uma crítica à sociedade vigente. De forma rude e com requinte de crueldade, ele não deixa dúvidas sobre sua visão do papel das raças, enquanto construção sociológica, e sua hierarquização na sociedade brasileira, a sua personagem Tia Anastácia “negra de colo quente, que conta histórias para ninar”, como reforça a canção de autoria de Dorival Caymmi, além de, e principalmente, cozinhar “divinamente”, é ao mesmo tempo tratada com escárnio e desumanidade ao ser comparada a uma “macaca de carvão”, em um

²¹ Duque, Noêmia. *Pé na porta das desigualdades*. 2020, 87-89.

flagrante abuso contra a pessoa humana, uma espécie de *bullying racista* praticado pelo personagem Pedrinho para contextualizar o “fenômeno”.

A performatividade da hierarquia e dominação racial continuou na segunda metade do século XX quando a obra de Lobato virou série televisiva. Apesar de Tia Anastácia ser uma quituteira de “mão cheia”, herdeira de um conhecimento culinário típico das mulheres negras “ganhadeiras” que vendiam seus quitutes para se manterem, manterem sua família e também ajudar a comprar a própria alforria e de seus pares no período da escravocracia, na série adaptada para a televisão da obra de Lobato *O Sítio do Picapau Amarelo*, Tia Anastácia foi destituída de sua história, seu protagonismo foi apagado, tornou-se uma prestadora de serviço nos moldes da exploração capitalista pós abolição, que invisibilizou os sujeitos negros livres e sua produção. Seguindo a lógica de um esvaziamento semântico, Dona Benta levava o crédito pelas receitas de Tia Anastácia. Todo *marketing* era feito com a marca Dona Benta. O livro *Receitas Dona Benta*²² foi lançado por uma editora nacional, enquanto Tia Anastácia, a verdadeira protagonista da culinária do *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, foi reduzida a uma mera mão de obra sem assinatura. Esses artifícios que articulam questões de gênero, raça, classe e os acomodam dentro da lógica capitalista, é uma política de continuidade da opressão que opera há cinco séculos contra a população afrodescendente.

No decorrer do século XX as formas de representações do negro, nesse caso particular das mulheres negras, ganharam novos contornos, mulheres negras trabalhadoras exploradas deram vezes às cafuzas “arrasa-quarteirão”, caso da obra de Jorge Amado, que com seu olhar conciliador e sua infinita condescendência com a ideologia da “democracia racial brasileira” retrata-exalta a “mulata” e a “cafuzas”, categorias coloniais criadas para descrever mulheres de fenótipos afrodescendentes e afro-indígenas que nas obras em questão são descritas como não afeitas ao casamento, mas aos prazeres mundanos, seres hiper sexualizados, semideusas do sexo, sempre prontas para a fornicção, como sugere *Gabriela Cravo e Canela* e *Teresa Batista Cansada de Guerra*, que não à toa tem como destino, em algum momento de suas vidas, um bordel. O bordel como espaço para mulheres não ajustáveis à moral social vigente torna-se um espaço de confinamento, uma espécie

²² Ler mais em: <https://saborclub.uol.com.br/noticias/livro-de-dona-benta-faz-80-anos-com-receitas-do-sitio-do-picapau-amarelo-1297.html>

de “não-lugar”, perante a sociedade patriarcal da época histórica em que se situam as obras:

A primeira coisa que a gente percebe, nesse papo de racismo é que todo mundo acha que é natural. Que negro tem mais é que viver na miséria. Por que? Ora, porque ele tem umas qualidades que não estão com nada: irresponsabilidade, incapacidade intelectual, criancice, etc. e tal. Daí, é natural que seja perseguido pela polícia, pois não gosta de trabalho. Se não trabalha, é malandro e se é malandro é ladrão. Logo, tem que ser preso, naturalmente. Menor negro só pode ser pivete ou trombadinha (Gonzales, 1979b), pois filho de peixe, peixinho é. Mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta. Basta a gente ler jornal, ouvir rádio e ver televisão. Eles não querem nada. Portanto têm mais é que ser favelados. (Gonzalez, 1984, p 225-226)

Os exemplos positivos também demonstram a dificuldade de aceitação desse segmento da população, de forma que em um esforço conciliatório o poeta Manuel Bandeira ao retratar a personagem “Irene”, em poema homónimo, justifica as suas qualidades com a sua entrada e aceitação no céu: *Irene preta/ Irene boa / Imagine Irene entrando no céu/ Dá licença meu branco? /Entra Irene/ Aqui você não precisa pedir licença*. A passagem nos leva a supor que a solução para o racismo e a discriminação racial, naquele momento, só poderia vir de forças supra-humanas, transcendentais a esse mundo, atenuando a situação trágica, com uma visão de mundo católica, onde o sofrimento imposto aos desfavorecidos será recompensado após uma vida de privação e sofrimento neste mundo. “O negro, vítima do estigma que pesa sobre o grupo étnico, não é cidadão, ou o é, mas de ‘segunda classe’.” (Santiago, 2006, 124).

Logo, o exercício de um “olhar opositor” perante a literatura brasileira canónica torna-se fundamental para evitar reincidências e reiterações de estereótipos. Neste contexto, *O Cortiço*, *Caçadas de Pedrinho*, *Livro Peppa* são flagrantes exemplos de construções racistas desumanizadoras na literatura brasileira ao longo do tempo. A construção de personagens socialmente marginalizados na literatura brasileira tem sido objeto de diversos estudos nas últimas décadas, seja pela tentativa de desconstrução do viés ideológico determinista decorrente de teorias eugenistas²³ que tentavam provar a inferioridade dos povos ditos “primitivos”, que marcou o universo literário da segunda metade do século XIX e início do século XX, seja para análise, reflexão e desconstrução na contemporaneidade, dos diversos personagens estereotipados que não condizem com a estrutura própria de uma sociedade multiétnica e multicultural. O romance *O*

²³Ver artigo sobre o tema do Portal Geledés: <https://www.geledes.org.br/o-que-foi-o-movimento-de-eugenia-no-brasil-tao-absurdo-que-e-dificil-acreditar/>

Cortiço de Aluísio de Azevedo, um panfleto pseudo científico lançado em 1890, tornou-se um marco ao construir uma galeria de tipos marginalizados, ao mesmo tempo em que traz uma reflexão sobre uma particularidade do pensamento brasileiro em relação às classes populares que parece não ter se alterado ao longo do tempo.

N´O *Cortiço* encontramos uma gama de personagens retratados sem filtros, artifício do movimento realista-naturalista a serviço de teses eugenistas traduzidas para o plano artístico-cultural, com o intuito de provar a superioridade de uma raça e a inferioridade de outras, contexto em que o Brasil seria visto como um excelente laboratório, por ser considerado um país de degenerados, frutos de uma mistura de raças, mistura essa que estaria na base da nossa incapacidade civilizatória enquanto povo. Vimos a mulher negra tragicamente representada na figura de Bertoleza, uma escravizada, ludibriada, explorada em sua força de trabalho e sexualmente, levada à auto imolação pelo comerciante português João Romão, “era a primeira a erguer-se e a última a deitar-se”.

As situações de desigualdades e opressões ali descritas se perpetuaram ao longo do último século e início do século atual. A exploração sexual e de mão de obra feminina negra que sofre Bertoleza, a desumanização da figura da “mulata” materializada em Rita Baiana e a violência contra os homossexuais da qual é alvo Albino é um recorte brutal de desigualdades social, racial, de gênero e orientação sexual. *O Quinze, 1930*, de Raquel de Queiróz, e a mais nova polêmica canônica, *Caçadas de Pedrinho, 1933*, de Monteiro Lobato, também são “arquivos” de uma era, que se hoje parece caminhar para uma proposta de mudança, do ponto de vista da construção de personagens, serve como objeto de estudo e análise de um contexto social, onde o preconceito, a discriminação, a inferiorização do outro era naturalizado, ganhando o estatuto de normalidade comum à sua época.

No Brasil contemporâneo essas questões continuam em pauta, o passado trágico que moldou a sociedade brasileira ainda nos assombra, convivemos com ideias distorcidas, enraizadas, difíceis de contornar. Se o realismo-naturalismo baseado em teorias racistas e deterministas se tornou obsoleto literariamente, seus efeitos ainda podem ser sentidos no tempo atual. Contudo, não sem contestação. Essa é a grande diferença da literatura que se fazia ao longo do século XIX e início do século XX, e a literatura que surgiu posteriormente em contraponto aos discursos hierarquizados e discriminatórios, onde gradativamente a presença de personagens

tipicamente brasileiros passaram a ter um tratamento mais humanizado, caso de *Vidas Secas*, 1938, de Graciano Ramos e *Grandes Sertões: Veredas*, 1956, de Guimarães Rosa. Entretanto, há uma questão que a literatura brasileira, nesses 132 anos pós-abolição, ainda tateia com parcimônia, que é a presença do negro na literatura brasileira, particularmente, a presença das mulheres negras, seja como protagonistas seja como autoras.

2.5

Caçadas de Pedrinho e o flagrante abuso contra a pessoa humana

Caçadas de Pedrinho, livro do escritor Monteiro Lobato lançado em 1933, é um recorte do Brasil pós abolição e a sua peleja sobre como lidar com uma população que não era vista como parte da nação, relegada à própria sorte. Nos deparamos com momentos como a fala do personagem título “Tia Nastácia, esquecida dos seus numerosos reumatismos, trepou que nem uma macaca de carvão pelo mastro de São Pedro acima, com tal agilidade que parecia nunca ter feito outra coisa na vida senão trepar em mastros” (Lobato, 1933, 23). Segundo Lélia Gonzalez em seu artigo *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira* (1984), a mãe preta deu lugar à babá e à cozinheira, mas isso não trouxe o respeito e a dignidade da qual eram beneficiárias outras profissionais como as babás portuguesas e trabalhadoras italianas, que foram incentivadas a virem trabalhar no Brasil no período pós abolição. No texto *A mulher negra na sociedade brasileira* presente na coletânea de artigos intitulada *Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa...* (2018), Lélia escreveu:

Foi em função de sua atuação como mucama, que a mulher negra deu origem à figura da “Mãe Preta”, ou seja, aquela que efetivamente, ao menos em termos de primeira infância (fundamental na formação da estrutura psíquica de quem quer que seja), cuidou e educou os filhos de seus senhores, contando-lhes histórias de quibungo²⁴, a “mula sem cabeça”, e outras figuras do imaginário popular (O Zumbi por exemplo). Vale notar que tanto a “Mãe Preta” quanto o “Pai João” tem sido explorado pela ideologia oficial como exemplos de integração e harmonia raciais, supostamente existentes no Brasil. Representariam o negro acomodado, que passivamente aceitou a escravidão e a ela correspondeu segundo a maneira cristã, oferecendo a outra face ao inimigo. Entretanto, não aceitamos tais estereótipos como reflexos “fieis” de uma realidade vivida com tanta dor e humilhação. Não podemos deixar de levar em consideração que existem variações quanto as formas de resistência. Ao nosso ver a “Mãe Preta” e o “Pai João” com suas estórias criaram uma espécie de “romance familiar” que teve uma importância fundamental na formação de valores e crenças

²⁴ Nota da autora: Espécie de lobisomem com um buraco nas costas e que come crianças malcriadas ou desobedientes. Originário do folclore africano.

do povo, do nosso “*volksgeist*”²⁵. Conscientemente ou não, passaram para o brasileiro “branco” as categorias das culturas africanas de que eram representantes. (Gonzalez, 2018, 39-40)²⁶

Logo, a fala do personagem Pedrinho choca por contradizer as normas de educação e à subversão de valores em uma sociedade patriarcal. Na primeira metade do século XX não era suposto uma criança se dirigir a uma mulher adulta de idade avançada com tal licenciosidade. A menos que essa mulher fosse uma serviçal negra. O imaginário nacional pautava o racismo e o naturalizava nas relações sociais, uma forma de perpetuar a hierarquia social e racial. Portanto, a fala de Pedrinho está de acordo com o “pacto narcísico da branquidade” de que nos fala Maria Aparecida Bento (Bento, 2002, 106), somente essa perspectiva pode explicar a naturalidade com que, durante décadas, essa obra foi aceita, inclusive nos ambientes escolares, sem nenhuma crítica, sem contestação alguma por parte de docentes, discentes e seus responsáveis.

A fala do personagem Pedrinho é estrutural e estruturante. É um lembrete de que era preciso delimitar o espaço de convivência. Tia Anastácia não era uma igual, mas integrante de um grupo onde o não-lugar lhe era reservado, e essa separação era performatizada sem pudor ou receio de reprimenda, ainda que por uma criança a quem era ensinado ter bons modos com os adultos. Mas a mãe preta moderna para o personagem Pedrinho não era gente, era apenas “uma macaca de carvão”.

O livro *Caçadas de Pedrinho* foi considerado racista pelo Conselho Nacional de Educação em 2010, mas o parecer técnico do MEC recomendou que o livro permanecesse no Programa Nacional Biblioteca da Escola com a seguinte advertência: “A obra ‘Caçadas de Pedrinho’ só deve ser utilizada no contexto da educação escolar quando o professor tiver a compreensão dos processos históricos que geram o racismo no Brasil”. O debate acalorado segue desde que as passagens do livro consideradas racistas vieram à tona, com parte dos leitores defendendo a sua retirada das escolas e outra argumentando que privar o leitor de ter contato com a obra não é saudável para uma sociedade democrática, outros defendem que o livro seja veiculado com uma nota de rodapé contextualizando e chamando atenção para as declarações racistas.

²⁵ *Volksgeist* = espírito nacional, valores partilhados por uma comunidade, um povo.

²⁶ Gonzalez, Lélia. *Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa...*, 2018.

Enquanto o embate na arena das idéias já dura uma década, a bisneta do escritor, Cleo Monteiro Lobato, resolveu lançar uma nova edição em que as passagens consideradas racistas foram suprimidas e outras adaptadas, em algumas das quais a personagem Tia Anastácia passa a ser chamada pelo próprio nome, ao invés do uso de epítetos de conotações racistas e estereotipadas como "negra de estimação", "beijuda", "macaca de carvão", "a preta", "a negra" entre outros termos que reduziam a humanidade da personagem, pois em nenhum momento o autor se refere a Dona Benta através de expressões como "a branca", "a boa branca", exceto em uma passagem em que Lobato se refere à ela como "a gorda senhora", no restante é sempre pelo seu nome próprio.

Cleo Monteiro Lobato é formada em História pela USP e afirma que o objetivo era apresentar as obras de seu bisavô para o público norte americano, mas durante a tradução percebeu que os termos presentes nos livros eram inadequados e problemáticos para um país como os Estados Unidos, como solução resolveu criar uma versão adaptada para os públicos de ambos os países:

Hoje em dia, se você é uma pessoa negra e vai ler o livro para seu filho, você se engasga. Ao traduzir para o inglês me vi defrontada aos problemas culturais do Brasil, aí entendi o que é preconceito e racismo estrutural, foi fundamental para a minha compreensão, sendo branca, do que é o racismo (CNN Brasil, 2020)

Eu acho que há passagens problemáticas para quem lê os livros hoje em dia. A gente queria uma versão atualizada, cujo teor fosse compatível com os valores sociais contemporâneos, mas que mantivesse o estilo do Lobato (...) Eu queria que essa versão provocasse essa discussão que provocou, que não é sobre o Lobato, mas sobre o racismo estrutural no Brasil. Essa é a intenção (Folha Uol, Ilustrada, 2020)

Há no meio acadêmico quem não aceite essas adaptações em obras canônicas, o professor do Departamento de Ciências Sociais da Unicamp, Mário Augusto Medeiros da Silva, é um dos que acham que a versão original deveria ser mantida e acrescentados textos explicativos à obra. Apesar de afirmar que compreende o trabalho de adaptação como uma saída possível que Cleo Monteiro Lobato encontrou para adequar a obra aos novos tempos, ele usa termos como "censura" e "apagamento" para se referir à adaptação feita pela bisneta do escritor:

Eu entendo a decisão tomada pela família, mas a minha posição seria de que vale a pena fazer, no máximo, alterações ortográficas, em relação à língua, e manter a obra em si tal qual ela está (...) Que o leitor seja beneficiado com uma nota prévia, um prefácio, um texto analítico para que faça suas próprias ponderações (...) Eu não defendo censurar e também não concordo com o apagamento de sua obra - e mesmo essa limpeza dessa nova versão pode ser lida como apagamento, o que precisa ser debatido. Uma atitude antirracista talvez mais adequada seria inserir um estudo

crítico a respeito da obra e, então, deixar para o leitor tomar suas posições (Folha Uol, Ilustrada, 2020)

Entretanto, Lucilene Reginaldo, professora do Departamento de História da Unicamp, entende que algumas passagens dos livros do escritor são inadequadas e prejudiciais ao processo de aquisição de conhecimento bem como de letramento racial, e descobriu isso quando fez o exercício de ler as histórias para o seu filho de 6 anos:

Confesso que foi uma experiência inusitada para uma mãe historiadora (...) O que mais me incomodava era que Tia Nastácia era adjetivada como negra, preta, o tempo todo. Só ela tinha cor, apenas nela a cor se colava como uma marca indelével, mesmo que fosse “a boa negra” (...) As expressões bradejavam contra tudo que nossa família buscava ensinar a um menino negro de seis anos (Lucilene Reginaldo, Folha Uol, ilustríssima, 2019)

Crianças não possuem senso crítico desenvolvido tampouco preparo psicológico para lidar com os impactos de conteúdo dessa natureza, então como proteger as crianças em geral, principalmente as crianças negras, de conteúdos racistas? Estamos diante do velho dilema, como manter privilégios sem prejudicar os desprivilegiados? O direito à enunciação deve ser a base de uma sociedade democrática, mas a enunciação pressupõe diálogo, não monólogo. Ao tentar encerrar o assunto evocando a “liberdade de expressão” como panaceia para o livre direito de desumanizar, perde-se uma oportunidade de entender a amplitude do racismo na sociedade e o impacto que ele tem sobre a saúde mental e a existência social de pessoas afrodescendentes. Apesar de partirem de diferentes contextos analíticos, ou seja, “lugares de falas”, Lucilene Reginaldo defende uma alternativa que dialoga com a do professor Mário Augusto Medeiros da Silva:

A questão não é censurar Lobato, não se trata de forma alguma de banir seus escritos por racismo. Uma boa solução é recorrer às edições críticas, que não é prática desconhecida entre os editores. Isso aconteceu com “Tintim no Congo”, a popular revista em quadrinhos produzida no bojo do colonialismo belga, portanto, plasmada pela explicitação/o de estereótipos e preconceitos contra os africanos. Após vários debates públicos em países da Europa, esta obra tem sido publicada criticamente (Folha Uol, ilustríssima, 2019)

Sabemos que muitas obras acompanham o modo de pensar de sua época e poucos são os autores que ousaram quebrar uma “tradição”, onde os papéis de gênero e raciais estavam muito bem estabelecidos. E nesse contexto podemos observar o caráter inovador de autoras como Maria Firmina dos Reis, Auta de Sousa, Anajá Caetano, Carolina Maria de Jesus entre outras. São autoras que

escreveram suas obras em um momento histórico em que a recepção poderia lhes ser desfavorável, pelo simples fato de serem mulheres e negras, mas como verdadeiras “mártires” cumpriram a sua função artística e social, “arquivando” suas impressões sobre uma época, rompendo com a passividade e o conformismo, dando vazão ao sentido pelo qual o trabalho do escritor passou a ser entendido na modernidade, uma espécie de curador que traz à luz temas que fazem parte de uma “memória coletiva”, desenhando futuros a partir de suas impressões sobre o passado e o presente.

Monteiro Lobato foi um dos entusiastas de idéias eugenistas, comuns à sua época, deixando claro, e por escrito, suas idéias racistas e supremacistas, temas de missivas trocadas com o psicanalista Renato Kehl, diretor associado da Sociedade Eugênica de São Paulo e pessoas do seu círculo de convivência, onde ele utiliza termos como “**pretalhada inextinguível**”, ofende a imprensa, e defende a criação de uma organização supremacista-terrorista nos moldes da norte americana *Ku Klux Klan*. O caso Lobato não é apenas uma questão de afirmação da literatura como uma arte a serviço das elites sociais e econômicas, mas de uma entusiástica tomada de posição a favor de teorias que visavam o apagamento total do negro da vida nacional. Sua obra tem valor estético incontestável, apenas seu racismo é indefensável.

2.6

O livro *Peppa* e o debate sobre representações racistas

O livro *Peppa*²⁷ da escritora Silvana Rando foi um caso raro no Brasil em que uma autora se dispôs a debater e ouvir argumentos contestadores, de um grupo que se sentiu atingido na sua dignidade com uma história infantil, algo que deve ser muito bem avaliado pelas escolas e conselhos pedagógicos, posto que, crianças ainda não tem um conceito estético e ético amadurecido, cabendo aos pais e professores acompanhar esse processo com acurácia. O livro *Peppa* versava sobre uma menina que tinha cabelos crespos abundantes e muito potentes, ao ponto de a mãe utilizar os cabelos da filha para arrastar objetos pesados e cortar os fios para

²⁷ Ver artigo do site Nova Escola sobre o assunto: <https://novaescola.org.br/conteudo/7132/a-polemica-do-livro-peppa-e-as-discussoes-sobre-racismo-na-escola>

usar como vedamento de pacote de biscoito, comparando-o ao aço por ser forte, logo podendo ser usado até para...ariar panela!

Os coleguinhas também contribuem para minar a autoestima da criança ao fazer “cabo de guerra” com seus cabelos, dessa forma, para a menina ter cabelos crespos é sinônimo de abusos, *bullying*, ninguém respeita a sua individualidade e o fato de seu cabelo ser “diferente do padrão eurocêntrico”. Certo dia, a criança vê um anúncio de salão de beleza com uma foto de uma mulher branca prometendo deixar os seus fios lisos e desembaraços. Seguindo o exemplo dos cabelos da moça do cartaz, a menina resolve então alisar as madeixas, porém, percebe em seguida que o cabelo alisado se torna uma prisão, pois não pode fazer as coisas simples da vida que gosta, como nadar, correr na chuva, entre outras brincadeiras infantis. Por fim, a menina resolve mergulhar numa piscina contrariando as recomendações e o cabelo volta a ser crespo.



Scanned by CamScanner

7-Illustração do livro Peppa de Silvana Rando



8 - Ilustração do livro *Peppa* de Silvana Rando

A autora já havia vendido 37.000 exemplares do livro, mas em novembro de 2017, de acordo com Rando, ela e a editora Brinque-Book, em decisão conjunta, resolveram tirar os livros de circulação. O livro havia sido lançado em 2009, mas ficou no centro de debates sobre identidade e representação em 2016, quando a empresária e *youtuber* Ana Paula Xongani, ao tomar contato com a obra na escola da sua filha, gravou um vídeo onde analisava ponto a ponto as questões abordadas no livro sobre cabelos crespos:

Para Ana Paula e muitas outras pessoas que entraram no debate, a obra traz uma visão negativa dos cabelos crespos e não contribui para a autoestima das crianças negras... Ana Paula, que gravou três vídeos sobre o tema, conheceu o livro quando foi conhecer a escola da sua filha, atualmente com três anos (O Globo, 2017).

O debate viralizou e levou a defesas e contestações acaloradas nas redes sociais sobre o tema. A autora, porém, entendeu que o livro deixava espaços para análises distorcidas e conotações racistas e aceitou os argumentos que apontavam para o constrangimento de crianças negras nas escolas em que o livro fosse adotado. A autora entendeu que era preciso ouvir e respeitar a opinião da comunidade negra, fato raro no Brasil. Apesar de afirmar que a inspiração para a personagem surgiu de uma amiga de infância oriental, que tinha cabelos muito grossos, o que Silvana Rando fez foi dar uma aula de letramento racial para os seus seguidores ao aceitar que o “lugar de fala” importa e que pessoas advindas de grupos privilegiados precisam, por vezes, se disporem a ocupar o “lugar de escuta”:

A gente vive em um país racista, não dá para ignorar este tipo de manifestação, nem tachar de “mimimi... Não quero que o meu livro seja lido de duas maneiras

diferentes e nem seja ofensivo para ninguém... Fiquei envergonhada da forma como algumas pessoas partiram em defesa do meu livro, atacando quem o criticava. É assustador quando o racismo se revela de forma tão evidente. (O Globo, 2017)

Podemos constatar que um enunciado que parte de um “lugar de fala diferente”, muitas vezes não atenta para o fato de que as ilustrações (ver imagens na página anterior) reforçam um pensamento bastante arraigado no imaginário brasileiro, que é a ideia de que o cabelo crespo é feio, inconveniente, “selvagem”, e por isso precisa ser domesticado à qualquer custo, seja à base de química, chapinha, ou qualquer meio artificial disponível, em nome de um padrão estético irreal e incompatível com a realidade da população brasileira. A própria autora não se deu conta de que as ilustrações não só reforçavam como tinham o poder de traduzir essa ideia de forma imediata. Ao ler essa matéria e acompanhar o desenrolar do debate, lembrei de uma situação que presenciei há muitos anos, quando era uma adolescente e morava em Salvador. Era a semana que antecedia o carnaval, momento em que as *batucadas*, que eram pequenos grupos que se deslocavam pela cidade tocando instrumentos de percussão e fazendo uma certa algazarra, parou no ponto de ônibus onde estavam algumas pessoas. A *batucada* parou e um senhor de uns 45, 50 anos, um pouco alcoolizado, pediu silêncio para cantar uma música, anunciando “essa é para as negras” e atacou “negra do cabelo no casco agarrado / que só cai no ombro quando está *espichado* / negra da pele escura, seu *beijo de mula* / ninguém quer beijar”

Todos que estavam no ponto de ônibus riram, exceto eu. Fiquei triste e constrangida observando aquele homem que não tinha a pele preta, mas sim, hoje ele poderia facilmente compreender que também era não-branco, pois seu fenótipo estava muito longe de um europeu. Contudo, a sua atitude de negação da própria identidade racial, notadamente miscigenada, muito comum no nordeste do Brasil, ficou bastante *escurecida*. Foi um momento triste e vexatório para uma adolescente testemunhar e, ao mesmo tempo, uma tomada de consciência de como o racismo é uma ideologia tóxica, violenta e virulenta, razão pela qual não podemos aceitar que essas idéias sigam sendo disseminadas sem serem contestadas. Desde muito cedo tive a consciência de que Salvador é uma das cidades mais racistas do Brasil, por mais chocante que seja essa constatação em um estado em que 85% da população se autodeclara preta de parda (negra). Fatos como o testemunhado nos dá a dimensão de como o

racismo desqualifica os sujeitos e os transforma em bodes expiatórios passíveis de toda sorte de violências, simbólicas e reais, levando um grupo a reproduzir, internamente, a lógica do colorismo, que nada mais é do que uma micro hierarquização dentro de uma hierarquia macro, contribuindo assim com a manutenção da opressão. Ana Paula Xongani complementou:

São movimentos que partem de lugares de fala diferentes, mas que com questões em comum. Muitas vezes é mais fácil para uma feminista branca entender a questão racial a partir da sua condição de mulher. É preciso haver uma intersecção destes pontos de vista para identificarmos o machismo, a opressão contra as mulheres, os negros, os LGBTs. No caso do livro, a autora conseguiu perceber, por meio de um debate qualificado, com múltiplas falas, as questões apontadas pelo movimento negro (O Globo, 2017)

Silvana Rando aproveitou o episódio para amadurecer a sua consciência sobre responsabilidade social e assim ajudar o seu público a se conscientizar de que é preciso romper com esse círculo de violência simbólica, que se configura como uma mancha e um entrave ao nosso progresso espiritual e cultural enquanto povo. A autora finalizou o debate com a seguinte reflexão “será que eu escreveria o livro dessa forma se eu fosse negra? Se tivesse outra experiência, será que a questão dos cabelos teria outro sentido para mim? Não dá para saber. Por isso quis ouvir o que as pessoas tinham a dizer sobre isso.” (O Globo, 2017)

2.7

Hierarquias do feminino no romance *O Quinze* de Raquel de Queiroz

O Quinze é o primeiro e mais (re) conhecido romance de Raquel de Queiroz, lançado em 1930, em momento de grande ebulição social, nomeadamente a primeira onda feminista que entre outras coisas reivindicava o direito das mulheres à educação plena e de qualidade, ao voto e à propriedade. Portanto, a escritora Raquel de Queiroz ao utilizar a sua prosa para abordar questões femininas - e feministas - acaba por tocar em pontos sensíveis da convivência entre grupos étnicos diferentes e toda a estrutura subjacente de poder que permeia essa relação. *O Quinze* expõe o resultado do que podemos considerar uma tênue ameaça sentida pela protagonista Conceição, uma jovem branca, nordestina, em plena descoberta do feminismo que começava a ganhar

força no país, através do movimento sufragista, ao ser retirada da sua zona de conforto.

Nesse contexto, vemos a personagem Zefa, filha do vaqueiro Zé Bernardo, ter a sua dignidade humana reduzida a pó, bombardeada com adjetivos como “uma cabra, uma cunhã à toa, de cabelo pixaim e dentes podres” (Queiroz, 1984, 43), entre outros epítetos depreciativos, pela simples desconfiança de que ela teria conquistado a atenção do vaqueiro Vicente, objeto de desejo de Conceição. Tal demarcação de território põe luz sobre o tratamento reservado às mulheres afrodescendentes no contexto social brasileiro da época, e que continua a ser atualizado na contemporaneidade, a partir de criações imagéticas racistas e estereotipadas. N’*O Quinze*, a personagem principal tenta desesperadamente empurrar a personagem rival para um não-lugar, uma sarjeta existencial.

O conflito, que se travado entre duas mulheres brancas teria como pano de fundo a questão de classe, torna-se uma querela que envolve também raça, aprofundando o abismo entre as duas. Esses excertos são exemplos emblemáticos-problemáticos por se constituírem no bojo de obras cânones da Literatura Brasileira, adotadas no contexto educacional sem uma leitura crítica, e com total negligência quanto ao seu potencial disseminador de estereótipos desumanizantes de grupos historicamente marginalizados. A escola nesse contexto configura-se como um reproduzidor de desigualdades no que tange à representação.²⁸ *O Quinze*, romance que prima pelas suas qualidades intrinsecamente literárias, onde há uma construção narrativa que tematiza as mazelas do país, como a questão do sertanejo - fome, violência e todas as desigualdades sociais que se perpetuaram na nova ordem Republicana – o seu sucesso de público e sua conseqüente canonização pela crítica especializada atesta que o romance estava de acordo com as normas estabelecidas ou convencionadas socialmente, vigentes no momento em que foi lançado

Considerado um romance regionalista, dentro do movimento modernista, a obra da escritora foi reconhecida e laureada, como fruto de um novo momento nacional em que as mulheres passavam a disputar espaço no meio literário. Uma mudança social ainda embrionária, porém, bastante significativa. Raquel de Queiroz inclusive foi a primeira escritora a ser eleita para uma cadeira na

²⁸ BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução*. 3.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

Academia Brasileira de Letras, em 1977. Tornar-se “imortal” foi a prova de sua total “canonização”. Trazendo, além das questões relativas à seca que assolou o Nordeste do Brasil no período, temas tabus sobre o papel da mulher e as “liberdades masculinas”, *O Quinze* propôs-se a mexer no espinheiro que se constituía a questão de gênero, em uma época em que as mulheres lutavam para ter direito ao voto. Entretanto, é preciso salientar uma realidade de reprodução das desigualdades no âmbito das lutas feministas, em uma época em que as mulheres negras não tinham voz e a questão da interseccionalidade ainda não estava em pauta, durante a primeira onda feminista no início do século XX.

No Reino Unido, a primeira lei que concedeu o direito ao voto às mulheres, em 1918, foi delimitada por questões etária e de poder aquisitivo - idade limite de 30 anos e posse de bens imóveis - e nos EUA, onde a falta de instrução e a consequente impossibilidade de ser inserido na vida pública, impedia a participação política dos negros, o movimento sufragista americano foi inicialmente marcado por um *apartheid* social e racial,²⁹ contudo os homens afro-americanos acabaram conquistado o direito ao voto com apoio dos homens brancos, fato motivado menos por questões de solidariedade e mais pelo potencial eleitoral que os homens negros representavam, por essa razão as mulheres brancas foram preteridas³⁰ No Brasil, onde as representantes do movimento sufragista também faziam parte da elite política e econômica, a questão de classe e consequentemente étnica também pautou a questão da representatividade política.

O livro de Raquel de Queiroz é de grande importância por trazer esses conflitos, através de uma perspectiva de gênero, que até então só era abordada para alimentar a superioridade masculina e desviar o foco dos reais problemas das mulheres, a negação da sua existência enquanto sujeitas desejantes e autônomas. É preciso atentar para o contexto sócio-político da época em que *O Quinze* foi escrito, e é a própria autora quem nos apresenta esse contexto nas páginas iniciais do livro quando o perfil da personagem Conceição nos é revelado:

Conceição tinha vinte e dois anos e não falava em casar... dizia alegremente que nascera solteirona (...) Conceição talvez tivesse umas ideias; escrevia um

²⁹ Hooks, bell. *Ain't i a Woman? (Não sou eu uma mulher?)*, 2019, 06.

³⁰ DAVIS, Angela. *Racismo no Movimento Sufragista Feminino* in *Mulheres, raça, classe*. Cap. 4.; 2016.

livro sobre pedagogia, rabiscara dois sonetos, e às vezes lhe acontecia citar o Nordau ou o Renan da biblioteca do avô. **Chegara até a se arriscar em leituras socialistas, e justamente dessas leituras é que lhe saíam as piores das tais ideias, estranhas e absurdas à avó.** Acostumada a viver isolada, criar para seu uso ideias e preconceitos próprios, às vezes largos, às vezes ousados, e que pecavam principalmente pela excessiva marca de casa. (Queiroz, 2012, 13, grifo meu)

Ficamos sabendo, então, que Conceição já dava seus passos rumo a uma mudança comportamental, em contraposição à geração da sua avó e de sua mãe. Outrossim, essas mudanças ainda embrionárias estavam condicionadas por questões de classe. Conceição, contudo, tem a sua independência questionada no conflito que se estabelece com mulheres de classe social e racial que difere da sua. A primeira prova de fogo para as tais *ideias* que a personagem enquanto parte da elite local começava a burilar, acontece quando se dá conta do sentimento que nutre pelo vaqueiro Vicente. Ao encontrar, por acaso, uma agregada da fazenda do vaqueiro a “mulata de cabeça encardido” Chiquinha Boa, Conceição fica sabendo das peripécias do homem por quem nutre uma paixão platônica. É a própria Chiquinha Boa quem carrega nos detalhes, para lá de sórdidos e muito desconcertantes, na visão de Conceição, e motivo de despeito de sua parte, sobre o galanteamento livre de amarras de Vicente:

Conceição - Imagino como a vida do pobre não é triste!

Chiquinha Boa- “Que nada! Seu Vicente é pessoa muito divertida(...) Dizador de prosa como ele só (...) até aquela filha do Zé Bernardo, só porque sempre ele passa lá e diz alguma palavrinha a ela, anda toda ancha, se fazendo de boa...

Conceição – E ele tem alguma coisa com ela?

A **mulata** encolheu os ombros:

Chiquinha Boa – O povo ignora muito...Se tiver, pior para ela...Que **moço branco não é pra bico de cabra que nem nós...**

A conversa principiou a incomodar Conceição (36, grifo meu)

A partir da narrativa da agregada que evidencia todo o recalque e ressentimento que sente em relação à jovem Zefa, reforçando o racismo e o sexismo, a história ganha novos contornos, quando, tomada pela paixão, e demonstrando um insuspeito romantismo tardio, Conceição e seu projeto feminista dá espaço a uma atitude reacionária e expressão carregada de estereótipos raciais:

Ainda sob a impressão da conversa com a Chiquinha Boa, a moça pensava em Vicente. E novamente sofreu o sentimento de desilusão e despeito que a magoara quando a mulher falava. Sim Senhor! **Vivia de prorear com as caboclas e até falavam muito dele com a Zefa do Zé Bernardo!** E ela, que o supunha indiferente e distante, e imaginava que, aos olhos dele, todo o resto das mulheres deste mundo se esbatia numa massa confusa e indesejada...Que julgara ter sido

ela quem lhe acordara o interesse arisco e desdenhoso do coração!...” **Uma cabra, uma cunhã à toa, de cabelo pixaim e dente podre!**” (42, 43, grifo meu)

Ao dividir seu dilema e dissabor sentimental com a avó, Dona Inácia, Conceição tem um choque de realidade, nesse momento a “existência” da “outra”, de cuja humanidade ela desdenha, vem à tona, mostrando a complexidade da situação e também a delimitação dos espaços nas relações sociais e raciais mostrando como em regiões periféricas do Brasil, a lógica hierárquica era reproduzida fielmente aos modos das metrópoles, mesmo que esse local periférico fosse o *desertão* do Brasil:

Conceição – A Chiquinha me contou também uma coisa engraçada...Engraçada não...tola...De que estão falando muito do Vicente com a Josefa do Zé Bernardo...

Dona Inácia – Eu já tinha ouvido dizer...Tolice de rapaz

Conceição – Tolice, não senhora! Então Mãe Nácia acha uma tolice **um moço branco** andar **se sujando com negras?** (38, grifo meu)

Dona Inácia, ao responder, contribui com a reiteração do poder masculino e da ideologia da democracia racial, que dava suporte intelectual ao “colorismo”³¹ brasileiro, além de deixar claro os papéis previamente estabelecidos na sociedade da época entre a “mulher de casa” e a “mulher da rua”:

Dona Inácia – Mas minha filha, isso acontece com todos...Homem branco, no sertão – sempre saem essas histórias...**Além disso não é uma negra, é uma caboclinha clara** (...)A vida é assim mesmo...Desde que o mundo é mundo...Eu até acho os homens de hoje melhores.

Conceição – Pois eu não! Morro e não me acostumo! É lá direito! Olhe! Mãe Nácia, eu podia gostar de uma pessoa como gostasse, mas sabendo duma história assim, não tinha santo que desse jeito! (38, grifo meu)

O Quinze traz um recorte sobre relações interraciais na primeira metade do século XX, que serve como reflexão sobre as mudanças sociais que tem ocorrido na sociedade brasileira. Esses exemplos de representação do negro, particularmente das mulheres negras, na literatura brasileira, mostra uma naturalização dos papéis atribuídos aos sujeitos negros. Todas as obras até aqui analisadas, foram amplamente aceitas e festejadas efusivamente no momento de seus lançamentos, por um público leitor, composto em sua extensa maioria por pessoas brancas.

³¹ Sobre o tema há o recém lançado livro *Colorismo* de Alessandra Devulsky, Selo Sueli Carneiro/Jandaíra, 2021.

Dessarte, podemos concluir que há um discurso recorrente pautado por questões de gênero e raça onde a visão predominante é aquela associada ao poder dominante. Não havia, na época, nenhum constrangimento ou crítica indignada por parte dos leitores comuns. O território era propenso apenas ao discurso hegemônico, “ringue” onde as “minorias políticas” são descritas e caracterizadas à sua revelia. É uma literatura sobre o “outro”, projetos de aniquilação da subjetividade alheia, numa relação que não implica alteridade, apenas desumanização e subjugação, por isso a necessidade, e urgência, de um “olhar opositor”³²:

Existem espaços de agência para pessoas negras, onde podemos ao mesmo tempo interrogar o olhar do Outro e também olhar de volta, um para o outro, dando nome ao que vemos. O “olhar” tem sido e permanece, globalmente, um lugar de resistência para o povo negro colonizado. Subordinados nas relações de poder aprendem pela experiência que existe um olhar crítico, aquele que “olha” para registrar, aquele que é opositor. Na luta pela resistência, o poder do dominado de afirmar uma agência para reivindicar e cultivar “consciência” politiza as relações de “olhar” – a pessoa aprende a olhar de certo modo como forma de resistência. (hooks, 2019, 217)

2.8

Clarice Lispector e a subversão das normas sociais no conto *Praça Mauá*

A literatura feita no Brasil a partir da segunda metade do século XX, passou a ser menos eivada por preconceitos e estereótipos raciais e sociais, portanto, é com certa perplexidade que em plenos anos setenta, época de grande efervescência cultural e política no Brasil e no mundo, que nos deparamos com o livro de contos *A Via Crucis do Corpo*, da renomada escritora brasileira Clarice Lispector, reconhecida internacionalmente como uma das maiores prosadoras brasileiras de sua época, quiçá da língua portuguesa. Tomando como objeto de análise um conto do referido livro intitulado *Praça Mauá*, a primeira conclusão a que se pode chegar em se tratando da obra de Clarice é a de que estamos diante de mais uma obra prima de sua lavra. Clarice nos brinda com um conto digno de letras garrafais. A começar pela forma como apresenta a protagonista do conto:

³² hooks, bell. *Olhares Negros*, 2019, p. 217.

O cabaré na Praça Mauá se chamava “Erótica”. E o nome de guerra de Luísa era Carla...Dançarina no “Erótica”, era casada com Joaquim que se matava de trabalhar como carpinteiro. E Carla “trabalhava” de dois modos: dançando e enganando o marido (...) **Carla era linda**. Tinha dentes miúdos e cintura fininha. **Era toda frágil**. Quase não tinha seio, mas tinha **quadris bem torneados**. Levava uma hora para se maquilar: depois **parecia uma boneca de louça**. Tinha trinta anos, mas parecia menos (...) **No samba que era boa**. Mas um blues bem romântico também a atiçava. Era chamada para beber com os clientes (...) Eles a acariciavam, passavam a mão pelos seus mínimos seios. E **ela de biquíni cintilante. Linda**. (Lispector, 1998, 60-61, grifo meu):

Após esse rico, generoso, enaltecedor e curioso perfil de Luísa-Carla, a autora nos brinda com o suprassumo da transgressão, naquele momento histórico das lutas pelos direitos civis nos grandes centros urbanos do mundo - EUA, Paris - em plenos anos setenta, cujos ecos chegavam em nossas terras pelos meios de comunicação de massa, ao traçar o perfil de Celsinho *um homem que não era homem*:

Celsinho, um travesti de sucesso, ouvia tudo e aconselhava (...) **Era filho de família nobre**. Abandonara tudo para seguir a sua vocação. Não dançava. Mas usava batom e cílios postiços. Os marinheiros da Praça Mauá adoravam-no. **Ele se fazia de rogado**. Só **cedia em última instância**. E **recebia em dólares**. Investia o dinheiro trocado no **câmbio negro** no Banco Halles. Tinha medo de envelhecer e de ficar ao desamparo. E mesmo porque travesti velho era uma tristeza. Para ter foça tomava diariamente dois envelopes de proteína em pó. **Tinha quadris largos, e de tanto tomar hormônio, adquirira um fac-símile de seios**. O nome de guerra de Celsinho era Moleirão (61, 62)

A partir daí, ficamos sabendo mais detalhes da vida de cada personagem, a autora constrói o seu conto a partir do deslocamento de papéis e estereótipos estabelecidos socialmente, assim Luísa-Carla tem em comum com Celsinho características como “*quase não tinha seio*” ao passo que Celsinho “*adquirira um fac-símile de seios*”. Lispector utiliza elementos que criam um incrível e inédito “efeito de estranhamento”, Celsinho é apresentado como “*uma verdadeira mãe, tinha adotado uma meninazinha de quatro anos, dormia pouco para cuidar da menina*” enquanto Luísa, “*não tem filhos, apenas um gato siamês, que mal tinha tempo de cuidar do bicho: ora estava dormindo, ora dançando*”. Essa inversão de papéis entre os personagens demonstra a grande audácia da escrita de Clarice, é um conto onde a ordem social é subvertida, os personagens representam as convenções sociais com toque farsesco. Contudo, algo nesse conto nos intriga. Ao apresentar a rotina pessoal do travesti Celsinho, ficamos sabendo que *À menina não faltava nada: tinha tudo do bom e do melhor. E uma babá portuguesa* (62, grifo meu)

Subsequentemente ficamos sabendo que Joaquim Fioriti, *que de flor não tinha nada, era gordo e baixo, descendente de italianos*. O desmonte da força patriarcal, pela ridicularização de sua figura “gorda” e “baixa”, fica evidente no perfil traçado do marido de Luísa-Carla. O marido é reduzido aos seus “defeitos” e “feiura”, por estar fora do padrão de beleza idealizado “alto”, “magro” e suposta má índole “de flor não tinha nada”. Sem dúvida a sequência de perfis, até então, segue uma coerência farsesca, eminentemente literária, pelo deslocamento da figura patriarcal e destituição de seus poderes. Mas para nossa surpresa, o conto suspende sua subversão da ordem estabelecida e nos leva, bruscamente, de volta à dura e triste realidade brasileira. Ao apresentar a rotina do casal o conto chega ao ápice de seu momento “realista” quando descobrimos alguns pormenores sobre a empregada de Luísa/Carla e Joaquim:

A empregada de Joaquim e Luísa era uma **negra espevitada** que **roubava o quanto podia** (...) sabia de tudo mas mantinha o bico calado. Era encarregada de limpar as joias de Carla com Brasso e Silvo. Quando Joaquim estava dormindo e Carla trabalhando, **essa empregada por nome Silvinha**, usava as joias da patroa. E **tinha uma cor preta meio cinzenta** (62-63, grifo meu)

Obviamente não se pode censurar uma estratégia da autora ao descrever malfeitos da empregada. No universo em que o conto se insere fica claro que a intenção é ultrapassar limites pré-estabelecidos socialmente, desnudando uma vida fora dos manuais de boas maneiras. Porém, dois fatores chamam atenção na construção do perfil da empregada Silvinha, um discurso que remete a um conflito de classes e à reencenação de clichês raciais subalternizantes *era encarregada de limpar as joias de Carla com Brasso e Silvo. Quando Joaquim estava dormindo e Carla trabalhando, essa empregada por nome Silvinha, usava as joias da patroa* (63, grifo meu)³³

O fato de que Carla-Luísa *tinha roupas que não acabavam mais. Comprava blue-jeans. E colares. Uma multidão de colares. E pulseiras e anéis*, se contrapõe ao perfil da empregada Silvinha, ao trazer informações como *era uma negra espevitada que roubava o quanto podia*. E todo o culto rendido a Carla-Luísa não foi suficiente para livrar Silvinha do comentário final *essa empregada, usava as joias da patroa. E tinha uma cor preta meio cinzenta*. Bem, não é necessário dizer, que chega a ser no mínimo inusitado uma passagem como essa

³³ Note-se que em *A paixão segundo GH*, Clarice retrata a ex empregada Janair também de forma ambígua, em uma atitude que transita entre o clichê a negação e a desumanização.

em um conto de uma escritora da magnitude de Clarice Lispector. Muitos estudiosos de sua obra defendem o não compromisso com explicações sociológicas, marxistas ou que tais. “É literatura e ponto”.

Argumenta-se que a autora não segue tendências, nem manuais, que sua obra conclama à reflexão através do experimentalismo criativo sobre situações adversas, ultrapassando limites, desconcertantes para o leitor médio. E é nesse contexto que a empregada construída no conto nos faz refletir. Refletir sobre a criação de personagens pouco vistos na literatura brasileira. A obra de Clarice tem a pecha de não ser uma literatura fácil, nada interessada em facilitar a interação com o leitor, ao contrário, sua voz literária é audaciosa, não havendo, como é próprio das boas obras de ficção, a mínima possibilidade de capturar as suas motivações. A obra de arte literária tem a prerrogativa de ser tão desconcertante quanto a vida, onde nada aponta para uma determinação em recriar ou capturar situações cotidianas de forma fiel.

Entretanto, nesse conto, a construção da personagem Silvinha deixa um rastro intrigante no ar, pela precisão descritiva que não diz a que veio. Lembra do tema amplamente discutido por Roland Barthes em um texto de 1968 intitulado *O efeito de realidade*, onde ele discorre sobre a inutilidade da descrição para o enriquecimento da narrativa. Em *O efeito de realidade* Barthes toma como exemplo um conto de Gustave Flaubert intitulado *Um coração simples*, do qual ele destaca a passagem da descrição da sala da personagem: *um velho piano sustentava, sob um barômetro, um monte piramidal de caixas e caixotes*. Jacques Rancière, que analisa o texto de Roland Barthes em seu artigo *O efeito de realidade e a política da ficção*, pontua que “obviamente esse barômetro não tem utilidade alguma e o monte piramidal não nos deixa ver nada determinado”. Pois tal qual “o barômetro e o monte piramidal de caixas e caixotes”, a personagem Silvinha surge acompanhada de epítetos grosseiros e desumanizantes, carregados à tinta crua. A grande diferença para o ato descritivo do conto de Flaubert é a natureza do elemento descrito.

A descrição detalhada do barômetro, “que ninguém sabe ao certo para o que serve”, e de “um amontoado de caixas e caixotes” que “poluem” o espaço narrativo, apelam para o gosto duvidoso, denota falta de senso estético, como se com esse ato o autor encobrisse a personagem pelo amontoado de objetos descritos, que poderia ser suprimido do texto sem prejuízo estético e cognitivo.

Esse exagero estilístico presente na obra de Flaubert, e outros autores realistas, se contrapõe à descrição da empregada Silvinha, criando um efeito contrário, como se sua presença e a descrição que a coloca em uma posição de marginalidade, má índole e criminalidade, servisse para confirmar clichês sociais e raciais. Em nome da “liberdade de expressão”, o conto resolve dinamitar os escrúpulos, o que em arte é algo difícil de delimitar, pois a obra de arte precisa de espaço para brotar. O estilo de Clarice tem por característica um pensamento recortado, sucinto, interrompido por vezes, como “o próprio estilo do conto que se caracteriza pelo que é deixado de fora e não pelo que é dito”³⁴.

Outrossim, o caráter descritivo, que no conto *Praça Mauá* ganha certa profundidade em vários momentos, fugindo à característica usual do formato do conto, nos deixa a possibilidade de supor que a autora fez uma escolha ao hierarquizar as vozes, e nessa economia evidenciou-se o papel social de desprestígio comumente reservado à mulher negra. Nesta obra, a mediação da autora-narradora nada fez para tirar Silvinha do seu limbo simbólico. Luísa é uma transgressora, Celsinho é um transgressor, Silvinha é uma marginal. O que diferencia todos esses transgressores? A construção de um perfil onde Silvinha surge como “*uma negra espevitada*”, “*que rouba o quanto pode*”, e “*tem uma cor preta meio cinzenta*”. Isso nos leva a refletir que o conceito de “lugar de fala” é de suma importância, pois nem os cânones nos livraram dos estigmas racistas. Nesse sentido, os pressupostos de Maria Aparecida Bento desenvolvidos na sua tese de doutoramento *Pactos Narcísicos do Racismo* são *escurecedores*:

Podemos levantar a hipótese de que, nas relações raciais hierarquizadas, o que ocorre é o oposto e, de certa forma, similar ao que ocorre no amor narcísico. O amor narcísico está relacionado com a **identificação**, tanto quanto o ódio narcísico com a **desidentificação**. O objeto do nosso amor narcísico é “nosso semelhante”, depositário do nosso lado bom. A escolha narcísica de objeto se faz a partir de modelo de si mesmo, ou melhor de seu ego ideal: ama-se o que se é, ou o que se foi, mas ama-se, principalmente, o que se gostaria de ser, a pessoa vista como ideal do ego nos processos de indiferenciação. Por outro lado, o alvo do nosso ódio narcísico é o outro, o “diferente”, depositário do que consideramos o nosso lado ruim” (Bento, 2002, 44, grifo meu)

A “desidentificação” da autora com a personagem Silvinha fica evidente, assim como com Fioriti, mas com a personagem Silvinha o fosso aparenta ser

³⁴ Levantamento, anotações de aulas.

mais profundo. Quando se evoca o conceito de “lugar de fala” não significa condicionar a criação literária a uma lógica essencialista, mas levar em consideração a capacidade de um criador em praticar a alteridade, “experimentando” o “lugar de fala” de seu personagem. Trata-se de reconhecer que a linguagem é o local estruturante onde o poder social e político é construído e legitimado, por outro lado, é também o *locus* onde discursos políticos hegemônicos podem não apenas serem legitimados, mas também subvertidos ou confrontados. Djamila Ribeiro em seu livro *Lugar de fala* (Sueli Carneiro; Jandaíra, 2020) chama a atenção para a questão do pertencimento de grupo, argumentando que o conceito de “lugar de fala” está ligado a uma construção social, onde cada lugar é pré-estabelecido por questões políticas, sociais e históricas. Dessarte, o indivíduo não é visto na sua individualidade e sim a partir da sua identidade de grupo, ainda que ele atinja uma posição social de destaque a sua imagem sempre estará ligada à realidade histórica de um grupo social determinado:

No Brasil, comumente ouvimos esse tipo de crítica em relação ao conceito (lugar de fala), porque os críticos partem de indivíduos e não das múltiplas condições que resultam nas desigualdades e hierarquias que localizam grupos subalternizados. As experiências desses grupos localizados socialmente de forma hierarquizada e não humanizada faz com que as produções intelectuais, saberes e vozes sejam tratadas de modo igualmente subalternizado, além das condições sociais os manterem num lugar silenciado, estruturalmente (Ribeiro, 2020, 63)

A (re)leitura crítica de algumas obras canônicas é de suma importância, pois evidencia um recorte da literatura brasileira onde esse lugar de subalternidade se explicita. No conto *Praça Mauá* ele se manifesta no contraponto entre o perfil da “**babá portuguesa**” e da “**empregada negra, espevitada**”. Se cristaliza quando sobre a babá só temos uma informação, que pressupõe todo o resto: “**é portuguesa**”. Essa economia descritiva reforça uma diferença que dispensa explicações numa sociedade onde a raça é um marcador de lugar social, pontuado na descrição “**empregada negra**”, acompanhado do epíteto “**espevitada**”, que com todo nosso respeito e boa vontade com a obra de Clarice, não há como contornar a conotação pejorativa. São questões que durante anos foram deixadas de lado em nome de uma “conciliação nacional”, tão cara aos gilbertos-freyrianos. Através da visada crítica sobre essas

construções, que ora emerge com força total, torna-se humanamente e politicamente impossível varrê-las para debaixo do tapete.

Ainda que esse fato não apague a qualidade e caráter singular da obra de Clarice Lispector, a releitura do conto *Praça Mauá* se configura como uma perfeita oportunidade para relermos, à luz da transparência que caracteriza os estudos críticos contemporâneos de literatura, uma obra que, além de seu valor literário tornou-se símbolo de uma grande conquista feminina, que é o espaço da criação. O conto *Praça Mauá* foi tomado como exemplo exatamente por trazer toda uma complexidade do fazer artístico, onde podemos perceber uma hierarquização de papéis sociais, em um contexto histórico-temporal em que o conceito de interseccionalidade e decolonialidade desenvolvido por pensadoras como Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Djamila Ribeiro, Carla Akotirene, Maria Aparecida Bento, Angela Davis, bell hooks, Kimberlé Crenshaw, Audre Lord e Patrícia Hill Collins ente outras, ainda não havia sido incorporado pelo conjunto de trabalhos teóricos produzidos nas últimas décadas.

3. Apagamentos, silenciamentos, amnésia seletiva, desumanizações

3.1

A renascença da literatura afro brasileira

Nada ofusca o valor da arte, ninguém mais nobre do que o artista

Manuel Querino, educador, crítico e pesquisador baiano

Maria Firmina dos Reis, primeira romancista brasileira e da *América Latina*, lançou a obra abolicionista *Úrsula* em 1859, seguida por Auta de Souza, jovem poeta de 24 anos, que lançou o livro *Horto* em 1900, com prefácio de Olavo Bilac. As autoras estrearam no mundo das letras, em um período em que as mulheres não eram sujeitas autônomas, sem dúvida um feito histórico que desafia o pensamento patriarcal-colonial brasileiro da época acerca da humanidade de pessoas afrodescendentes e o papel que lhe era legado nesse período e no período pós-abolição. Ambas foram elementos desestabilizadores das certezas assentadas através da performatividade da superioridade racial branca versus incapacidade intelectual negra. Suas obras surgem após o lançamento do romance *A Moreninha*, em 1844, de Joaquim Manuel de Macedo, considerada pelo crítico literário Antônio Candido como o marco inaugural da literatura brasileira enquanto sistema.

Logo, para além do fato de ambas terem vivido longe dos grandes centros urbanos e das academias literárias da época, situadas no Sudeste, no caso de Auta de Souza destacando a sua morte prematura aos 24 anos, é preciso atentar para as questões de desigualdades de gênero, classe e etnia, que atravessaram as suas existências, que se evidencia quando observamos o reconhecimento póstumo da obra de Castro Alves, que lançou em vida também um único livro, *Espumas Flutuantes* em 1870. Fato é, que, tanto Auta de Sousa quanto Firmina dos Reis foram sumariamente excluídas das listas de obras romântico-simbolistas do cânone literário brasileiro. E, analisando as condições históricas para que uma mulher escritora prosperasse no período causa espanto o pioneirismo dessas autoras “passar em branco”, ficando de fora dos manuais literários por mais de um século. E o processo de apagamento, desautorização, silenciamento e cancelamento de escritoras negras no

Brasil se renova a partir da primeira metade do século XX. Mesmo após o surgimento de escritoras como Raquel de Queiroz, Lygia Fagundes Teles, Cecília Meireles e Clarice Lispector, as obras pioneiras das escritoras afrodescendentes continuaram sendo ignoradas pelas antologias, livros didáticos e outros meios de divulgação literários. Devido a essa lacuna, muito leitores, entre os quais os leitores afrodescendentes, foram privados de ter contato com essas obras.

A poesia *avant la lettre* de Maria Firmina dos Reis

Muito antes do termo lgbtqi+ existir, Maria Firmina dos Reis registrou em poema um momento muito sugestivo do que poderia ser uma paixão lésbica e interracial, no poema inframencionado *A uma amiga*, presente no livro *Cantos à beira-mar*. O poema foi divulgado na revista on line *Firminas*, na seção *Firminas Queer*. Segundo Fernanda Miranda, uma das pesquisadoras responsáveis pela publicação, ao cruzar os dados sobre a vida da escritora maranhense, chegou-se à conclusão de que a biografia de Maria Firmina dos Reis, deixava espaços em aberto, quando o assunto era vida pessoal e amorosa. Considerando a cultura vigente e o papel social reservado às mulheres no século XIX, é possível que a escritora fosse um daqueles casos de personalidade devotada à profissão e à vida social. Entretanto, como também ocorria com certas personalidades brasileiras, cuja vida pessoal poderia conter alguma informação considerada tabu, evitava-se falar a respeito, centrando sempre na vida profissional do biografado. Apesar de não termos elementos concretos sobre o tema, o poema fala por si, e sugere mesmo um sentimento de dissabor amoroso de uma amante que parece ser preterida. Nesse poema o eu lírico encarna a pessoa amante, apaixonada e enciumada, em um espiral que vai do desespero à resignação. É uma pérola descoberta pelas pesquisadoras da *Revista Firminas* que nos mostra a força e beleza da obra da autora.

A uma amiga

Eu a vi – gentil mimosa,
Os lábios da cor da rosa,
A voz um hino de amor!
Eu a vi, lânguida e bela:
E ele a rever-se nela:
Ele colibri – ela flor.

Tinha a face reclinada
Sobre a débil mão nevada:

Era a flor à beira-rio.
 A voz meiga, a voz fluente,
 Era um arrulo cadente,
 Era um vago murmúrio.

No langor dos olhos dela
 Havia expressão tão bela,
 Tão maga, tão sedutora,
 Que eu mesmo julguei-a anjo,
 Eloá, fada, ou arcanjo,
 Ou nuvem nuncia d'aurora.

Eu vi – o seio lhe arfava:
 E ela... ela cismava,
 Cismava no que lhe ouvia;
 Não sei que frase era aquela:
 Só ele falava a ela,
 Só ela a frase entendia.

Eu tive tantos ciúmes!...
 Teria dos próprios numes,
 Se lhe falassem de amor.
 Porque, querê-la – só eu.
 Mas ela! – a outra ela deu
 meigo riso encantador...
 Ela esqueceu-se de mim
 Por ele... por ele, enfim.

Maria Firmina dos Reis³⁵
 (*A Uma Amiga* in *Cantos à beira-mar*, Reis, 2020)

O simbolismo romântico de Auta de Souza

A obra de Auta de Souza não pôde desenvolver-se para além de seu primeiro e único livro *Horto*, lançado em 1900 com prefácio de Olavo Bilac, devido à sua morte prematura aos 24 anos. Sua poesia espelha a tendência canônica das obras poéticas de sua época, onde a fé, a castidade, a resignação com o destino era uma constante nas obras dos autores do período romântico e simbolista, em que, de acordo com as convenções historiográficas, sua obra pode ser situada. Apesar de sua poesia estar muito ligada a uma estética que é também comum na poesia gótica, da qual Edgar Allan Poe é um expoente, onde o sonho, a morte, o sobrenatural, a fé religiosa, são temas centrais e recorrentes, Auta consegue transliterar uma ideia de “criação enquanto salvação”, onde a obra artística, em especial a arte literária, é o alicerce do “eu lírico”, colocado em pé de igualdade com a prática religiosa:

³⁵ REIS, Maria Firmina dos. *A uma amiga* in *Cantos à beira mar*. Firminas *Queer*, Revista Firminas online, 2020.

Bohemias

Quando me vires chorar,
Que sou infeliz não creias;
Eu choro porque no Mar
Nem sempre cantam sereias.

Choro porque, no Infinito,
As estrelas luminosas
Choram o orvalho bendito,
Que faz desabrochar as rosas (...)

Do lábio o consolo santo
É o riso que vem cantando...
O riso do olhar é o pranto:
Meus olhos riem chorando.

Teus olhos cheios de ardores
Aninham rosas nas faces...
Que seria dessas flores,
Responde, se não chorasses?
(in “Horto”, Auta de Souza, 1900)

Há momentos da poesia de Auta em que a cantante escapa do ambiente hermético e sombrio, quando o eu lírico se porta de forma pandega, revelando um humor intrigante. Uma declaração de amor fraterno, que quando lida na atualidade deixa um rastro enigmático, como só a poesia é capaz de sugerir, um momento em que o olhar da poeta prescruta o corpo de outra mulher como uma *voyer*, em um movimento de liberdade que hoje poderia ser considerado como “sororidade”, mais precisamente “dororidade”, como cunhou Vilma Piedade, “a dor que se transforma em potência”³⁶, nesse caso criativa

Versos ligeiros

Eu acho tão feiticeira
A Noemita da esquina,
Com o seu recato de freira,
Muito morena e franzina;

Que fico toda encantada
Quando na Igreja a contemplo,
Pois cuido ver uma fada
Ajoelhada no Templo.

Doce nuvem cor de rosa
Parece que a Deus se eleva.
D’aquela boca mimosa,
D’aquele olhar cor de treva.

³⁶ Piedade, Vilma. *Dororidade*. São Paulo: Editora Nós, 2017.

É sua prece que voa,
 Indefinida e tão mansa,
 Como um hino que ressoa,
 Como uma voz de criança

A trança de seu cabelo,
 (Como ela é negra, Jesus!)
 Semelha um lindo novelo
 Tão preto que já reluz.

Tem a boquinha vermelha
 Como uma rosa entreabrindo...
 É um favo de mel de abelha
 Aquela boca sorrindo!

Minh'alma nunca se cansa
 De vê-la assim, tão divina,
 Sempre formosa e criança
 Com seu perfil de menina.

Às vezes, eu olho-a tanto,
 Com tanta veneração,
 Que fico muda de espanto,
 Depois da contemplação.

É verdade que não faz
 Mal nenhum fitá-la assim...
 Meu Deus! se eu fosse rapaz
 O que diriam de mim?!
 (Auta de Souza, [Macaíba, 1897], in "Horto", 1900.



9 - Marilene Felinto, Conceição Evaristo, Aline França, Maria F. dos Reis (retrato falado), Auta de Souza, Virginia Bicudo, Carolina Maria de Jesus, Ruth Guimarães, capa de livro de Anajá Caetano, capa de livro de Ruth Guimarães.

Pérolas Negras ocultadas - Virginia Bicudo, Anajá Caetano, Carolina de Jesus, Ruth Guimarães

A descoberta do trabalho intelectual de Virginia Bicudo, pioneira nos estudos sobre psicanálise e pesquisa de pós graduação sobre questão racial no Brasil, em 1945, é mais um dado que ajuda a retirar o véu da invisibilidade que paira sobre a produção intelectual das mulheres negras. Há outros exemplos igualmente emblemáticos, Ruth Guimarães, autora dos romances *Água Funda* de 1946 e *Filhos do Medo* de 1950, Carolina Maria de Jesus que lançou *Quarto de Despejo* em 1960, traduzido para 16 idiomas e lançado em 40 países e Anajá Caetano, redescoberta recentemente, que lançou em 1966 o livro *Negra Efigênia, paixão do senhor branco*. São descobertas que configuram o que Grada Kilomba descreve nos capítulos *Segregação e Contágio Racial* e *Performando Negritude* do seu livro *Memórias da Plantação*³⁷, como uma espécie de síndrome da negra única, que ocupa esporadicamente e a contragosto dos ocupantes costumeiros, espaços dominados, majoritariamente, por pessoas brancas:

Ao descrever a cidade onde cresceu, Kathleen fala de uma divisão, uma delimitação geográfica que separa as pessoas *negras* das *brancas*. Visualmente, sua cidade pode ser compreendida em termos raciais, e “raça” pode ser usada como uma orientação geográfica ou até mesmo como um marco territorial. Aqui cada grupo tem ‘seu próprio lugar’ (...) Áreas *negras* segregadas representam lugares com os quais pessoas *brancas* não se importam, ou não ousam ir, e dos quais mantém uma distância corpórea específica. (...) Tal geografia evidencia uma assimetria de poder na qual a *branquitude* define sua própria área e a *negritude* é confinada a uma determinada área definida pela *branquitude* (...) A guetificação foi criada para promover o controle político e a exploração econômica de pessoas *negras*. Então, o que acontece quando *negras* e *negros* atravessam essa membrana e entram nos espaços *brancos*? (Kilomba, 2019, 167, 168, 169)

Desta forma, o livro de Anajá Caetano, sem mais considerações, submergiu no silêncio. Ao passo que durante um bom período o livro “Quarto de Despejo” de Carolina Maria de Jesus foi usado de diferentes formas para exemplificar a tese de um possível interdito entre a vocação para a escrita e um pertencimento genérico e étnico que fugisse à regra. E a regra, senhoras e senhores, tem sido bastante *clara*. Urge *empretecê-la* um tanto. A chegada da obra de Carolina de Jesus ao cenário da escrita brasileira tem sido alvo das mais diversas análises e categorizações. Marginalizada pela crítica literária, desprezada pela academia, a obra era vista por alguns “especialistas”, na melhor das hipóteses, como algo “exótico”, tentativa de

³⁷ KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação*. Rio de Janeiro: Ed. Cobogó, 2019.

mimetizar “pessoas de alta cultura”, associada à falta de erudição e falta de refinamento intelectual.

O tempo mostrou, porém, que a obra de Carolina de Jesus é literatura, para quem entende literatura como expressão de formas diversas de viver e criar, que não apenas aquelas legitimadas pelas elites em determinados períodos históricos. Carolina escrevia do ponto de vista de uma mulher da classe trabalhadora, que não teve o privilégio de estudar por muito tempo e elaborar a sua escrita dentro de um padrão linguístico específico, mas que com o seu autodidatismo e sua capacidade de transfigurar a realidade, característica que Walter Benjamin denominou de “o dom da arte de narrar”, tornou-se uma potência artística que ultrapassou todas as barreiras impostas à sua existência.

Carolina Maria de Jesus escrevia suas histórias em *pretuguês*. Pretuguês enquanto fundamento filosófico (Gonzalez, 1984, 238). Sua obra é o testemunho de que contingências materiais não são capazes de destruir a capacidade cognitiva humana. Ao tomar posse de seu “lugar de fala”, plantou uma semente mágica, fonte de inspiração para inúmeras “Carolinas”, em condições análogas. Ainda que não legitimada pelo sistema cultural hegemônico, sua obra revolucionária segue provocando reflexões e entendimentos sobre o direito ao fazer literário. No seu livro *Quarto de Despejo, diário de uma favelada*, Carolina vaticinou “Não tenho força física, mas as minhas palavras ferem mais do que espada” (Jesus, 1960, 48). Sua obra passou a ser objeto de estudo das mais diversas pesquisas acadêmicas, e tem sido descoberta pelas novas gerações de leitores, principalmente, leitores afrodescendentes.

Meu sonho é escrever / Cartas a uma negra - o encontro entre Carolina de Jesus e Françoise Ega

Carolina Maria de Jesus cuja obra em formato de diário, *Quarto de Despejo*, tornou-se *bestseller* no Brasil e no exterior, traduzido para mais de 40 países, teve parte de seus manuscritos organizados pela professora e pesquisadora Rafaella Fernandes e lançados em livro intitulado *Meu sonho é escrever*, em 2018, em que Carolina afirma:

Este é o segundo livro de provérbio que escrevo. O primeiro foi um opúsculo semi-estropiado, mas as pouquíssimas pessoas que leram o livro de provérbios, enaltecera a obra (...) Depois de um lapso de perplexidade com a literatura, em que hesitei em abandonar ou prosseguir, decidi continuar escrevendo (...) se o mundo fosse dirigido pelas mulheres será que ele nos proporcionaria mais felicidade? (...) Se as mulheres governassem não fariam um governo abstrato. O nosso governo seria concreto porque o mundo governado pelos homens está decepcionando (...) se os pretos disserem que não gostam da humanidade, é com conhecimento de causa. (Jesus, 2018, 13- 18)

Carolina era uma *pensadora* nata, uma filósofa que, impedida de fazer “trocas positivas” com seus/suas pares, por puro preconceito de classe, étnico e gênero, foi agora reconhecida como tal por parte da academia, ao receber em 25 de fevereiro de 2021 o título de *Doutora Honoris Causa* concedido pela UFRJ. No ensaio inframencionado, a autora mostra toda a sua lucidez frente às divisões sociais e os privilégios mantidos por uma elite minoritária, trata-se do texto *O Sócrates africano*, cuja intertextualidade acessa *O Narrador* de Walter Benjamin:

No ano de 1937, o meu avô adoeceu. Queixava-se de dor nos rins, mas naquela época a medicina estava no embrião. Os que adoeciam não tinham possibilidades de prolongar suas existências. Os filhos se reuniram, procurando auxiliá-lo no fim de sua estadia aqui na terra (...) tinha momentos em que ele ficava quieto, e nós pensávamos: ele morreu! E nós, as netas, que éramos dez, invadíamos o quarto, gritando:

- Não morre vovô. Não morre, vovô.

Se ele estava dormindo, despertava, e nos dizia:

- Meus filhos, já faz nove anos que estou devendo um rolo de arame para o senhor José Rezende. Devo-lhe trinta mil réis. Vocês pagam-no para mim. O homem deve ser honesto. (JESUS, p. 60-61)

Em outra passagem, ela contextualiza o título do seu ensaio-reminiscências, explicando a razão pela qual ela nomeou o avô com o epíteto de “Sócrates africano”, e explicita a percepção de que o conhecimento é construído e mediado pelo acesso à educação e sedimentado à medida em que os sujeitos interagem socialmente:

Eu era menina, queria brincar com os meus primos, que eu não conhecia porque eram da roça. E queria ficar perto do vovô, para ouvi-lo falar. Os homens ricos iam visitá-lo e ficavam horas ouvindo-o. E saíam dizendo:

- Foi uma pena não educar este homem. Se ele soubesse ler, ele seria o homem. Que preto inteligente. Se este homem soubesse ler poderia ser nosso Sócrates africano.

O Rui Barbosa pôs uma lei no Senado pedindo para **incluir os negros na escola** porque vai ser difícil ter uma classe culta e outra inculta, vai gerar confusões, choques ideológicos. O analfabeto vai ser apenas um. Não acertará as observações se for admitido como empregado. A sua cooperação e participação é mínima. Agora, se ele for alfabetizado, a sua cooperação será máxima (Jesus, 2018, 61, grifo meu)

A obra de Carolina de Jesus atravessou mares e oceanos e foi encontrar novas Carolinas alhures. Françoise Ega, uma antilhana que trabalhava como doméstica em casas de família na França, ao ler um artigo sobre o livro *Quarto de Despejo* na revista *Paris Match* teve uma identificação imediata e passou a escrever as suas próprias cartas, endereçadas à autora brasileira, que foram reunidas e lançadas, após sua morte em 1976, em livro intitulado *Cartas a uma negra: narrativa antilhana*, em 1978. A *negra* do título seria Carolina de Jesus, uma escuta diferenciada para as histórias e queixas dos idênticos problemas vividos por Françoise Ega na França.



10 -Françoise Ega³⁸

Nascida na Martinica em 1920, a história de vida de Françoise Ega encontrava ecos na narrativa da autora de *Quarto de Despejo*, e a partir de uma epifânica tomada de consciência sobre o papel reservado às mulheres negras caribenhas descendentes de escravizadas das antigas colônias francesas, Ega passou a ver-se por outra perspectiva, entendendo o significado político e social da escrita de Carolina, assim como a sua própria incursão pelo registro escrito do seu cotidiano. Françoise Ega tornou-se escritora e uma importante ativista defensora dos direitos

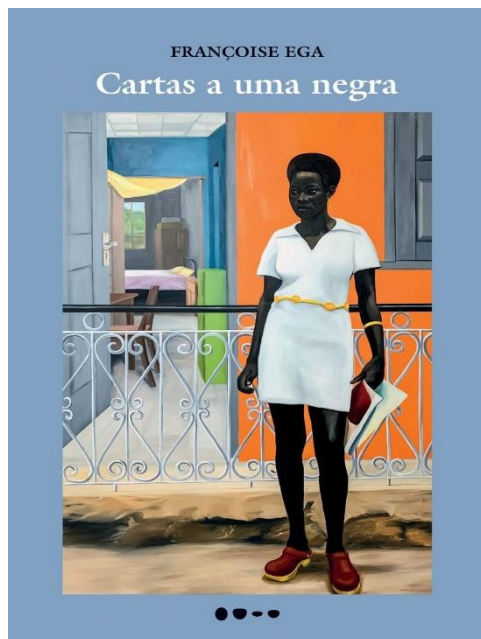
³⁸ Fonte: Wikipedia

civis dos trabalhadores que migraram do Caribe para a França. Morreu em 1976, deixando registrada sua história de luta para sobreviver em uma sociedade que queria mantê-la subalternizada, tendo lançado em vida a obra *Le temps des madras: récit de la Martinique*, 1966. Seus livros *Cartas a uma negra: narrativa antilhana*, 1978, e *L'alizé ne soufflait plus* (Antan Robè, 2000) foram lançados postumamente:

Maio de 1962: Eu descobri você, Carolina, no ônibus. Levo vinte e cinco minutos para ir até meu emprego. Penso que não tem a menor serventia ficar se perdendo em devaneios no trajeto para o trabalho. Toda semana me dou o luxo de comprar a revista Paris Match; atualmente, ela fala muito dos negros. Foi assim que conheci a sublime sra. Houphouët com seu vestido de gala. Eu não iria lhe dedicar as minhas palavras, ela não teria compreendido. Mas você, Carolina, que procura tábuas para o seu barraco, você, com suas crianças aos berros, está mais perto de mim. Volto para casa esgotada. Acendo a luz, as crianças estudam, do jeito como se faz hoje em dia. Elas não têm muitos deveres de casa, seria cansativo demais, mas me contam o enredo, detalhe por detalhe, da última história em quadrinhos que foi lida na escola. Carolina, você nunca vai me ler; eu jamais terei o tempo de ler você, vivo correndo, como todas as donas de casa atoladas de serviço, leio livros condensados, tudo muda rápido demais ao meu redor. Para escrever alguma coisa, preciso esconder meu lápis, senão as crianças somem com ele e com meus cadernos. Há noites em que os encontro bem fininhos. Já o meu marido me acha ridícula por perder tempo escrevendo bobagens; por isso, esconde cuidadosamente a sua caneta. Como você conseguia segurar um lápis com a criança à sua volta? Para os meus filhos, sumir com um lápis é normal, sempre tem o da mãe ao alcance. Somente uma coisa os faz parar: quando digo que temos em casa apenas o dinheiro do pão, eles evitam, por um breve período, perder seus materiais. É sempre a mesma coisa, não importa o que estejam fazendo. Só me resta esperar para ver quem aparecerá primeiro com os sapatos furados depois de jogar futebol. Meu marido diz: “O importante é o pão de cada dia, o resto a gente dá um jeito.” Acho, Carolina, que você conhece essas palavras. Na favela, você nunca foi capaz de pensar em nada além do pão de cada dia. Penso que é isso que me aproxima de você, Carolina Maria de Jesus. Eu também me chamo Marie, como você, e Marcelle, como Pagnol. Moro muito perto do povoado dele, nunca o li, mas o escutei no rádio com paixão. Também me chamo Françoise e, por fim, Vittalline, como ninguém mais. Não canso de me perguntar onde meus pais encontraram um nome desses (Ega, 2021)

O livro de Françoise Ega, *Cartas a uma negra*, reunião de um conjunto de cartas escritas de 1962 a 1964, foi lançado no Brasil no dia 03 de março de 2021, pela Editora Todavia, traduzido por Vinicius Carneiro e Mathilde Moaty (Site Todavia Livros, 2021)³⁹

³⁹ EGA, Françoise. *Cartas a uma negra*, Editora Todavia, SP, 2021. Fonte: <https://todavialivros.com.br/livros/cartas-a-uma-negra>

11 – Capa do livro de Françoise Ega⁴⁰

Os desdobramentos da obra de Carolina de Jesus perante aqueles que se sentem igualmente oprimidos tem sido positivamente devastador, impossível passar em branco. Entretanto, à exceção de Carolina, as obras de Ruth Guimarães, Anajá Caetano, e todas as demais escritoras surgidas até o final do século XX, ficaram invisíveis por décadas, ausentes dos espaços literários. Carolina, ainda que sua produção literária fosse vista como algo exótico, fora dos padrões aceitáveis pelo cânone, conseguiu romper uma barreira de invisibilidade e com isso trouxe à tona um problema que não é excepcional, mas estrutural.

Conceição Evaristo, ao falar de seu processo criativo em uma entrevista ao NEXO Jornal, afirmou “a minha escrita é contaminada pela minha condição de mulher negra” (2017). O que sugere que uma literatura criada por uma mulher negra, onde as questões existenciais não raramente perpassam a sua criação, pode ser uma variante importantíssima para o entendimento de vivências outras, que não aquelas cujas referências foram estabelecidas pelos cânones, como ela afirma são *escrevivências*, vivências que ao serem recriadas artisticamente, transformadas e informadas via linguagem escrita, abandonam a invisibilidade a que essas experiências de vida e arte foram destinadas. Para Evaristo “O imaginário brasileiro, pelo racismo, não concebe reconhecer que as mulheres negras são intelectuais” (Evaristo, *O Globo, Segundo Caderno*, 2017).

⁴⁰ Fonte: Todavia Livros, 2021

O campo semântico da *literatura negra* é muito vasto e rico, e por mais que nos debruçemos sobre tão necessário e instigante objeto de investigação, seria impossível dar conta do assunto, portanto, para finalizar essa passagem do levantamento sobre os apagamentos e a criação literária afrodescendente ao longo do século XX, situando a produção das mulheres negras e sua inserção no mercado literário/editorial, abordo a existência de Stella do Patrocínio, que personifica um caso de criação oral transliterado-arquivado pela filósofa Viviane Mosé no livro *Reinos dos Bichos e animais é o meu nome*.

Reino dos Bichos e animais - Stella do Patrocínio

Eu sou Stella do Patrocínio/ Bem patrocinada/ Estou sentada numa cadeira/ Pegada
numa mesa negra preta e crioula/ Eu sou uma negra preta e crioula

Stella do Patrocínio

A existência de Stella do Patrocínio é um testemunho de como os sujeitos e sujeitas “fora do padrão” eram brutalizados/as no século XX. A questão da saúde mental como mostra Foucault em *Microfísica do Poder* (1996) era uma forma de disciplinar os corpos considerados “excedentes”, “fora do padrão”, pelo Estado. Aqueles que não correspondiam a uma demanda social por produção, adequação e/ou adesão às normas e pensamentos eleitos e autorizados, cuja presença e força de trabalho não teria utilidade prática em uma sociedade capitalista/punitivista/classista/racista:

A prática do internamento no começo do século XIX, coincidiu com o momento em que a loucura é percebida menos com relação ao erro do que com relação à conduta regular e normal. Momento em que aparece não mais como julgamento perturbado, mas como desordem na maneira de agir, de querer, de sentir paixões, de tomar decisões e de ser livre (Foucault, 2005, 69)

Desta forma, o poder constituído cria uma política de encarceramento para controlar corpos indesejáveis, impondo-lhes um atestado de loucura, de criminalidade, ou de moralmente desajustados. O caso da poetisa Stella do Patrocínio é um exemplo de como o Estado decidia quem tinha direito a um atestado de sanidade mental e quem deveria receber o “carimbo” de louco. Uma mistura de “biopolítica” (Foucault, 1999) e “necropolítica” (Mbembe, 2018) disfarçada de política de saúde mental:

Eu estava com saúde / Adoeci / Eu não ia adoecer sozinha não / Mas eu estava
com saúde / Estava com muita saúde / Me adoeceram / Me internaram no
hospital / E me deixaram internada / E agora eu vivo no hospital como doente
(Patrocínio, 2009, 43)

Stella do Patrocínio ficou “encarcerada” desde 1962, passando quatro anos no Centro Pedro II, sendo transferida posteriormente para a Colônia Juliano Moreira, onde morreu em 1992. Segundo as artistas plásticas Nelly Gutmacher, Carla Guagliardi e a psicóloga que acompanhava a poeta, Denise Correia, que organizou a exposição *Ares subterrâneos* no Paço Imperial do Rio de Janeiro, onde os “falatórios” de Stella foram datilografados e mostrados ao

público, ela sempre teria negado essa condição de “louca” que lhe fora impingida. Contudo, seu direito a falar em nome próprio foi ignorado, seus direitos fundamentais violados, tendo sido internada por três décadas em um manicômio, à sua revelia, de onde só foi liberada quando morreu:

Gradualmente, as artistas plásticas do ateliê perceberam que a fala de Stella diferia-se naquele ambiente. Consciente de suas palavras, ela produzia um falatório marcado por reflexões existenciais. Com o tecido cotidiano, sua condição de mulher, negra, pobre e internada em um manicômio, Stella compunha um obscuro ser humano (...) Espantada diante de sua sofisticação linguística, Gagliardi começou a gravar as falas de Stella. Fazendo perguntas sobre sua vida e sua condição, registrou sua voz, no formato de entrevista (...) “Ela não era uma pessoa sorridente, que achava graça nas coisas. Ela tinha uma gravidade muito intensa, e isso era como entrar em contato ao vivo com Nietzsche, com Artaud (Revista Cult 2017)

A filósofa Viviane Mosé tomou conhecimento da poesia-falatório de Stella, arquivada em áudios, e mergulhou nos registros de onde saiu o livro *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, organizado por ela e publicado pela Azougue Editorial em 2001, em parceria com o Museu Bispo do Rosário:

Suas falas, com a exposição no Paço Imperial, chegaram à filósofa e psicóloga Viviane Mosé, que percebeu ali certa densidade e decidiu, com as gravações, editar um livro de poesia. Sem precisar corrigir erros linguísticos, e tentando colocar na forma escrita do poema todos os desdobramentos e nuances da oralidade, Mosé organizou o livro *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, publicado em 2001 pela Azougue Editorial em parceria com o Museu Bispo do Rosário (...) Finalista do Prêmio Jabuti, o livro foi reeditado em 2009 e atualmente está esgotado, mas com planejamento para futura reedição no segundo semestre deste ano. O discurso de Stela, recluso por trinta anos em instituições psiquiátricas, ultrapassou os limites do livro. Foi para o teatro em 2003 com o espetáculo musical *Entrevista com Stela do Patrocínio*, de Lincoln Antônio e Ney Mesquita. E para o cinema em 2008 com o filme *Stela do Patrocínio: a mulher que falava coisas*, de Márcio de Andrade (Revista Cult, 2017)

Stella do Patrocínio dizia que suas poesias eram “falatórios”, numa consciência total de que através da palavra podia expressar toda a complexidade da sua condição, inclusive diante da realidade que lhe foi imposta. Entretanto, a sua palavra não foi respeitada pela ordem estabelecida, a hierarquia clara entre a oralidade e a escrita se impôs à sua aguda inteligência e invisibilizou a sua existência. Franz Fanon, em *Peles Negras, Máscaras Brancas*, afirma “a ideia de que o negro gosta de resolver seus problemas pela *palabre* é rapidamente associada a esta outra proposição: o negro não passa de uma criança. Aqui os psicanalistas estão em seu ambiente e o termo *oralidade* é logo convocado (41):

É dito: pelo chão você não pode ficar
Porque lugar da cabeça é na cabeça

Lugar de corpo é no corpo
Pelos paredes você também não pode
Pelos camas também você não vai poder ficar
Pelo espaço vazio você também não vai poder ficar
Porque lugar da cabeça é na cabeça
Lugar de corpo é no corpo (Patrocínio, 2009, p. 44)

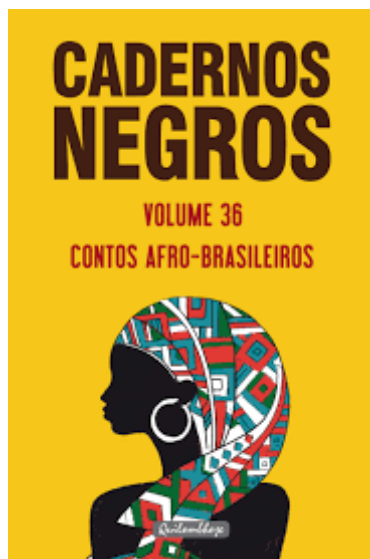
A realidade é esta folha
Este banco, esta árvore
Esta terra
É este prédio de dois andares
Estas roupas estendidas na muralha
(Patrocínio, 2009, 104)

Ruth Guimarães, escritora, tradutora, professora e pioneira nos estudos das tradições culturais brasileiras

Ruth Guimarães cujo centenário de nascimento foi comemorado em 2020, durante um discurso na Bienal Nestlé de Literatura, em 1983, afirmou: “Mulher, negra, pobre e caipira – eis as minhas credenciais”. Nesta passagem, a questão que sobressai, de forma contundente, é a fala da autora “mulher, negra, pobre e caipira – eis as minhas credenciais” (*Revista Cult online, 2020*). Ao usar estes quatro epítetos para definir a si mesma, Ruth Guimarães nos convida a enxergar possibilidades que apontam para um lugar de potência criativa, e não de vitimismo ou coitadismo como alguns podem precipitada e desavisadamente supor, reiterando questões que Lélia Gonzalez problematizava nos anos 1980, no seu arcabouço teórico a respeito do “Racismo e sexismo na cultura brasileira” (Gonzalez, 1984) e que hoje conhecemos pelo nome de *interseccionalidade*, termo cunhado pela jurista negra norte americana *Kimberlé Crenshaw*, em 1989. Questões também analisadas por *Angela Davis* no seu livro *Mulheres, Raça e Classe de 1981*. E pela filósofa Sueli Carneiro na sua coletânea de artigos *Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil de 1999 a 2000*. São mulheres afro-descendentes em diferentes épocas e regiões das *Américas*, como conceituou Lélia Gonzales no seu artigo *A categoria político-cultural de amefricanidade de 1988*, que no decorrer do século XX e início do século XXI abordaram em suas obras, de ficção e não ficção, questões que se referem à existência das mulheres negras afro-diaspóricas. Ruth Guimarães, que partiu aos 93 anos em 2014, nos deixou como legado mais de cinquenta títulos entre ficção e não ficção, e por operação de um sistema problemático, que mais uma vez sofreu de “amnesia seletiva”, não foi incluída nos manuais de literatura visíveis.

Muito antes de Guimarães Rosa escrever sobre o tema, o segundo livro da autora, *Filhos do Medo*, havia desenvolvido uma “ampla pesquisa sobre o diabo e todas as manifestações demoníacas no imaginário do homem vale-paraibano”, valendo-lhe um verbete na *Enciclopédie Française de la Pléiade*, sendo Ruth Guimarães a única escritora latino-americana a receber esta distinção (*Revista Cult, 2020*). Nesse ínterim, as obras de Guimarães Rosa, que era um leitor e admirador do trabalho pioneiro de Ruth Guimarães, foram bem recebidas e laureadas. Enquanto o primeiro romance da autora, *Água funda*, levou 50 anos para ser reeditado. O nome de Ruth Guimarães, assim como das suas acima

mencionadas colegas de ofício, foi esquecido, apagado dos livros didáticos, mas, com ajuda da tecnologia no início deste século XXI, pouco a pouco esse apagamento tem sido revertido. Atualmente, pesquisadoras e pesquisadores estão desenvolvendo um verdadeiro trabalho “arqueológico” sobre as obras dessas autoras, mostrando as suas valiosas contribuições e a despeito do roteiro traçado pelo racismo estrutural para as suas existências, enquanto criadoras e pensadoras, suas obras sobreviveram e se afirmam como um legado precioso.



12 - Capa Cadernos Negros Nº 36

É, portanto, pela grande importância do trabalho de resgate das obras de intelectuais negras “esquecidas” pelas diversas correntes literárias e registros historiográficos, que pedimos passagem: Laroye! Para todas as escritoras que surgiram posteriormente, a exemplo de Aline França, que lançou os livros *Negão Dony* em 1978 e *A mulher de Aleduma* em 1981, com boa repercussão no exterior. Marilene Felinto, que lançou *Mulheres de Tijucoapapo* em 1982, ganhador do prêmio Jabuti. Conceição Evaristo e Miriam Alves, que iniciaram os seus percursos literários nos Cadernos Negros-Quilombhoje também na década de 1980, e seguem na vanguarda do movimento de resgate e continuidade da literatura afro-brasileira. Há bastante trabalho a ser feito para reverter o “epistemicídio” ao qual as intelectuais negras tem sido submetidas, como afirmou Conceição Evaristo “escrever e publicar é um ato político”, e “a gente combinamos de não morrer” (NEXO Jornal, 2017), nem literalmente, tampouco metaforicamente, pois como lembrou o jurista Sílvio de Almeida “as mulheres negras tem desenvolvido, por séculos, as mais diversas tecnologias de sobrevivências” (programa Roda Viva, 2020). Entretanto, é preciso

ênfatizar que, apesar do surgimento de escritoras negras, que merecidamente estão conseguindo consolidar o seu trabalho, ter o reconhecimento do público leitor e da crítica especializada, ainda temos muito a construir, o trabalho está em pleno nascedouro.

Esperança Garcia, advogando em causa própria

Faz-se necessário render homenagem a duas mulheres que abriram caminhos em épocas remotas, de difícil acesso ao mundo das letras e dos direitos civis, nas áreas das ciências sociais e jurídicas. A primeira é Esperança Garcia, mulher, negra, vivendo no período da escravocracia e considerada a primeira advogada do Brasil, que em 1770 após uma série de abusos cometidos contra ela e sua família, escreveu uma carta de próprio punho ao governador do Piauí, Gonçalo Botelho. Abaixo uma cópia da carta descoberta pelo historiador Luiz Mott em 1979, no Arquivo Público daquele estado:

“Eu sou uma escrava de Vossa Senhoria da administração do Capitão Antônio Vieira do Couto, casada. Desde que o capitão lá foi administrar que me tirou da fazenda algodões, onde vivia com o meu marido, para ser cozinheira da sua casa, ainda nela passo muito mal. A primeira é que há grandes trovoadas de pancadas em um filho meu sendo uma criança que lhe fez extrair sangue pela boca, em mim não posso explicar que sou um colchão de pancadas, tanto que caí uma vez do sobrado abaixo peiada; por misericórdia de Deus escapei. A segunda estou eu e mais minhas parceiras por confessar há três anos. E uma criança minha e duas mais por batizar. Peço a Vossa Senhoria pelo amor de Deus ponha aos olhos em mim ordenando digo mandar ao procurador que mande para a fazenda de onde me tirou para eu viver com meu marido e batizar minha filha. Transcrição da carta em português atual (tradução livre)⁴¹

⁴¹ Disponível em: <https://esperancagarcia.org/a-carta/>

arquivos da agora Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo [FESPSP] (...) Antes de comentar a obra, é necessário pensar, no entanto, as razões para tanto tempo em espera, bem como por que gerações de pesquisadores e ativistas das relações sociais radicalizadas desconhecaram e/ou não citaram a pesquisa de Bicudo. Por que Virgínia Leone Bicudo não foi lida? Por que, para várias gerações de cientistas sociais, historiadores, intelectuais negros e militantes da questão racial ela é uma *ilustre desconhecida*? Por que somente 65 anos depois que autora defendeu seu mestrado, ele é publicado? Ou 63 anos depois de seu artigo (Bicudo, 1947) na revista *Sociologia*? Por que a autora não quis/não pôde publicá-lo antes? Ou seus pares contemporâneos não o fizeram? Por que passados sete anos de sua morte (2003) e no ano de seu centenário de nascimento, somente a Sociedade Brasileira de Psicanálise e a Fundação Escola de Sociologia Política, em 2010, lhe rendem homenagens? Por que, quase concomitantemente à fatura de sua dissertação, a autora migrou de área, da análise social para a Psicologia Social e Psicanálise? (SciELO, 2011)

Há muito que ser descoberto sobre essa fascinante personagem, cuja vida e obra continuam envoltas em mistérios e suscitando muitas perguntas que clamam por respostas. A dissertação de Virginia Bicudo, bem como seus artigos e estudos posteriores aguardam pelos pesquisadores-arqueólogos.

3.2

Intelectuais negras contemporâneas lançando luzes interseccionais sobre existências invisibilizadas por desigualdades de classe, raça e gênero

Elaine Marcelina e suas *Mulheres Incríveis*

Elas na roda / A roda é delas / São as donas da bola / A voz é delas
 Mulher preta/ Sou eu / Mulher preta / Aquela que me pariu / Mulher preta / Aquela que saiu
 de minhas entranhas / Mulher preta / Aquela que me criou / Mulher preta / Que resistiu à
 viagem transatlântica

Elaine Marcelina

Elaine Marcelina, graduada e mestre em História, professora e escritora carioca, lançou em 2008 o livro *Mulheres Incríveis*, onde ela compila depoimentos e histórias reais de mulheres famosas e anônimas, a exemplo de Mãe Beata de Iemanjá, Dona Thereza de Paraty, Zezé Motta, junto com poemas e reminiscências pessoais. Lançou em 2011 o livro em prosa e verso *Emoções reveladas* e em 2015 *Mulheres Incríveis: Mãe Regina de Bangbosé – uma vida dedicada ao sagrado* (ensaios) e também o livro infantil *As coisas simples da vida* em 2016.

Os livros escolhidos para análise foram *Mulheres Incríveis* e *As coisas simples da vida*, ambos lançados pela editora Nandyala, em 2016, devido ao fato de ambos tratarem de questões ligadas ao universo e cotidianos de mulheres negras, assim como os outros livros do *corpus*. O primeiro traz uma infinidade de experiências de várias mulheres, reminiscências e poemas da autora, registrando questões importantes das mulheres negras habitantes do Rio de Janeiro. Os depoimentos são ricos em histórias e traçam um perfil da vida no Rio de Janeiro, a partir do ponto de vista de mulheres negras, de profissões, níveis de escolaridade, experiências familiares e classes socioeconômicas diversas. A começar pelo prefácio de Conceição Evaristo, fonte da epígrafe que abre esta dissertação, o livro é uma declaração de amor às mulheres negras e uma homenagem a todas aquelas que a partir de seu cotidiano contribuí para a autoestima coletiva:

Hoje pela manhã, acordei cedinho e fiz café. Lembrei da minha mãe...Mamãe faz café pra mim todos os dias, menos nos fins de semana. Aos sábados e domingos ela descansa e sempre acorda um pouco mais tarde. De repente, quando coloquei o café na xícara, percebi como o café dela é mais cheiroso, mais gostoso... (*As coisas simples da vida*, Marcelina, 2016a)⁴³

Esse momento afetivo entre mãe e filha no livro infantil é uma forma lúdica de tratar questões como a maternidade, exercida de forma independente por boa parte de mulheres negras e mostrar a poesia do cotidiano, presentes nas coisas simples, porém temperada com a riqueza afetiva que as mães são capazes de oferecer. Por outro lado, *Mulheres Incríveis* traz a realidade da vida adulta, com relatos de toda sorte, de onde também é possível extrair poesia:

Este livro é uma forma que encontrei para apresentar a História das mulheres por outro viés, não o que conhecemos, ou melhor, o que a mídia tenta nos inculcar, nos descer goela abaixo (*Mulheres Incríveis*, Elaine Marcelina, 2016 b)

Nasci no Rio de Janeiro, em Paraty, mas eu pensava que era Paty do Alferes. Vim de lá com 5 anos, com meu pai e meus irmãos. Minha mãe ficou para cuidar da outra irmã, que ia ganhar neném. Cheguei de Maria fumaça na Leopoldina. Quando descí do trem, levei um susto com o apito do trem. Fiquei doente meses e minha irmã Idalina me levava numa portuguesa chamada Conceição. Ela me rezava e me enrolava nas folhas de bananeira...meu corpo encheu de bolhas d'água. Naquele tempo, diziam que era ventre virado, por causa do susto. Mandaram carta para minha mãe. Quando minha mãe chegou, eu estava quase boa e minha irmã já tinha ganhado um menino (depoimento de Dona Thereza, 2016b, 23)⁴⁴

Nesse depoimento podemos conhecer um pouco sobre o cotidiano de uma família negra trabalhadora, assim como aspectos da religiosidade e relações sociais, já no depoimento da atriz e cantora Zezé Motta, podemos constatar que a ascensão social e econômica de pessoas negras, pode coloca-las numa posição de exceção, mas jamais de privilegiadas, quando se trata do racismo e da discriminação racial:

Em 1975, eu estava me formando em artes dramáticas. No final do ano, fiz um teste e passei para Roda Viva, com uma produção do Teatro Oficina (José Celso Martinez Correa), e essa peça fortaleceu meu interesse pela política, confirmou que realmente era contra o sistema vigente. O período da ditadura me fortaleceu, pois passei no teste e a peça foi proibida, foi perseguida. Nós, atores, fomos espancados e expulsos de Porto Alegre por um grupo chamado CCC - Comando de Caça aos Comunistas (...) Com o tempo, percebi, também, que o artista negro tinha muita dificuldade para conquistar o seu espaço. Muito difícil ser artista no Brasil. Para o negro, era mais difícil ainda e, para a mulher negra, nem se fala (...) Surgiu a ideia de criar O CIDAN - Centro de Informação e Documentação do Artista Negro. Comecei a movimentar o CIDAN, a encontrar os atores com foto, endereço, telefone (...) E as palavras, na voz fininha da Lélia (Gonzalez), ecoavam em meus ouvidos: “Arregace as mangas e faça alguma coisa”. Dessas pessoas, duas pessoas foram muito importantes nesse processo: uma foi Geraldo Casé, que me disse: “Olha, se você me apresenta um elenco numeroso de negros, eu tenho um projeto para contar a história da Tia

⁴³ *As coisas simples da vida* / Elaine Marcelina; ilustração de Gleiciane Dias. BELO horizonte: Nandyala, 2016.

⁴⁴ MARCELINA, Elaine. *Mulheres Incríveis*. 3ª edição. / Elaine Marcelina – Belo Horizonte: Nandyala, 2016.

Anastácia. Não via aquela família do Sítio do Pica-pau Amarelo, mas contar a história da Tia Anastácia, desenvolver uma história da Tia Anastácia, da família da Tia Anastácia, de onde ela veio, como ela foi parar ali, retirar ela de ficar à reboque da história”. Essa ideia do Casé me animou muito e o Maurício Sherman também foi muito importante neste processo, porque me disse: “Zezé, você sabe que eu gosto de fazer grandes musicais, eu acho que um musical só com negros dá o maior pé, porque os negros, geralmente, dançam e cantam muito bem”. A partir destes dois recados, veio de novo que a gente é que tem que se organizar ao invés de ficar reclamando. (depoimento de Zezé Motta in *Mulheres Incríveis* 32, 34, 35, 36)

Esse depoimento da atriz e cantora Zezé Motta é um recorte não apenas político e social mas também racial e de gênero, retrato de um momento político da história do país e também do audiovisual brasileiro. Finalmente, temos o depoimento de Mãe Beata de Yemanjá, cuja trajetória é bastante conhecida, Mãe Beata foi um exemplo de yalorixá que uniu a sua vivência religiosa ao ativismo político, especialmente em apoio às questões raciais, de gênero e LGBTQI+:

Existem coisas de que tenho muito orgulho: de ser negra, ser mãe de quatro filhos e ter milhões de filhos pelos quais eu sinto a mesma dor, sinto o meu peito aleita para amamentá-los. Sou amante, sou mãe, sou advogada, sou médica, sou conselheira, sou psicóloga. Eu sou tudo na vida. Outros orgulhos especiais que me dão muita garra: de ser nordestina, de não ter sucumbido, de a vaidade não ter corroído a minha identidade, e a minha humildade não ter feito de Beatriz Moreira Costa, Mãe Beata de Iemanjá, tirar o pé do chão (...) Eu sou semianalfabeta. Eu mesma me alfabetizei, eu mesma fiz todas as universidades do mundo, de todas as ONGs, eu mesma fiz com o meu caminho (...) Uma vez me perguntaram se eu devia algo à Nação Brasileira. Eu, à Nação Brasileira? É ela que me deve. Essa foi minha resposta. Quem perguntou, concluiu: Deve sim, Mãe Beata, a senhora recebeu um título de comendadora e a senhora tem o direito de assinar como tal. “ Eu olhei assim pra ele e perguntei: “Euposso te chamar de meu filho? O maior título que eu tenho é ser negra, não tem Comendador que abafe. Se eu botar Comendadora Beatriz Moreira Costa, ninguém sabe, mas se eu botar lá Mãe Beata de Iemanjá, até no inferno vão saber”(…) No mês passado, o Marlon foi para um Congresso não sei onde, num Estado desse aí e lá o Caboclo de um homem,disse que o Caboclo dançou, dançou, dançou, tirou conta do pescoço e jogou no pescoço de marlon. Ele disse que ficou tão contente, porque estava com aquela conta, mas, logo depois, ele disse assim: “Não é sua, não. É daquela mulher, nossa mãe, nossa amiga que luta pra gente, Mãe Beata de Iemanjá”(…) Me pergunte quem é, que eu não sei, estou esperando Marlon. Ele logo tirou a conta, entregou na CRIOULA (ONG, RJ). Já me devolveram a conta e eu não sei quem é esse Caboclo, não sei em que Estado foi e a conta está aí. Será que a Comendadora Beatriz Moreira Costa, o Caboclo ia reconhecer? A minha identidade é Mãe Beata de Iemanjá. (depoimento de Mãe Beata de Iemanjá in *Mulheres Incríveis*, 2016b, 44, 46, 47)

A passagem em que a autora rende homenagem à sua “avó de criação e do coração”, é o registro de como a solidariedade feminina negra tem sido fundamental para a sobrevivência da comunidade, em meio a tanta desigualdade a “família estendida” se fortalece pelo afeto:

Sempre quis escrever sobre as mulheres que me ajudaram a ser o que sou hoje. Entretanto, falar da miha avó Natalina é, de fato, muito difícil, primeiro porque ela já se foi e, depois, por tudo que envolve a História dessa mulher que me criou, educou, e aconselhou. Acredito que ela nos protege até os dias de hoje (...) Tudo começou quando eu tinha um pouco mais de 3 anos e minha mãe foi morar na casa da Dona Natalina com o filho dela, o Luiz Carlos, com quem minha mãe teve dois filhos. Quando se esperou dele, era muito jovem e Dona Natalina disse à minha mãe que, mesmo não sendo neta dela, me criaria assim como seus outros dois netos, para que minha mãe pudesse trabalhar. A família que conheci foi esta, formada pela minha avó Natalina, o Luiz, a quem chamo de pai, a Carmem (tia), a Sheila (tia) e o Neio (tio) (...) Minha avó nunca me tratou de modo diferenciado. Foi a pessoa que me criou até meus 10 anos, quando fui morar com minha mãe, contra a vontade dela, pois ela achava que minha mãe não sabia cuidar da gente. A avó Natalina era analfabeta, nasceu no espírito santo, veio de lá ainda menina. Foi morar no morro de São Carlos com seus primos e, desde cedo, teve que trabalhar, era o que ela contava para a gente. Quando era criança, foi trabalhar em uma casa onde a patroa não a deixava brincar com as bonecas. Desde então, ela tomou raiva de bonecas. Sempre foi doméstica, casou cedo, teve quatro filhos e nove netos. Ficou doente e não pode mais trabalhar. Sempre contava histórias para a gente Histórias de lobisomen, a gente morria de medo. Ela não deixava a gente brincar com nada que não fosse nosso (...) Lembro-me sempre dela fazendo o jogo do bicho. Ela adorava jogar no bicho, mas nem sempre ganhava. Passamos algumas dificuldades, mas serviu par que nos tornássemos pessoas dignas. (depoimento de Elaine Marcelina in *Mulheres Incríveis*, 144, 145)

Preta Rara – *Eu, empregada doméstica, falando singularmente na primeira pessoa*

Não vou mais lavar os pratos
 Depois de ler percebi
 a estética dos pratos,
 a estética dos traços,
 a ética, a estática
 Não vou mais lavar as coisas
 e encobrir a verdadeira sujeira
 Li a assinatura da minha lei áurea
 escrita em negro maiúsculo,
 em letras tamanho 18, espaço duplo.
 Aboli.
 Não lavo mais os pratos⁴⁵

Cristiane Sobral

A rapper, historiadora, modelo e influenciadora digital, Joyce Fernandes, mais conhecida como Preta Rara, apelido que ganhou de sua mãe “por gostar de coisas ‘diferentes’ das outras meninas: jogar futebol, escalar muros, escrever rimas” (Revista Cult UOL, 2017), desde cedo constatou o “incomodo” de sua fala, e após se dar conta, como afirmou Audre Lorde de que o silêncio não a ajudava a escapar da violência real e simbólica nem da invisibilidade existencial (Lorde, 2019), resolveu romper com uma história comum a mulheres de situação socioeconômica e fenótipo parecidos: preta, gorda, filha de trabalhadoras domésticas.

Joyce Fernandes/Preta Rara criou o grupo de rap *Tarja Preta* enquanto trabalhava como empregada doméstica em São Paulo, experiência que a fez tomar consciência de uma desigualdade histórica, que se perpetuava na sua família, geração pós geração. Após despertar para a dura realidade vivida por muitas mulheres negras, ingressou no curso de História, e como forma de aprofundar seu estudo sobre a situação de mulheres em condições análogas às que passaram as mulheres de sua família, criou, em 2016, uma página no Facebook, em que incentivava outras a contar suas experiências. O resultado foi mais de 160 mil seguidores e um livro, *Eu empregada doméstica: a senzala moderna é o quartinho da empregada*, lançado pelo selo Letramento, onde ela reúne relatos de diversas mulheres que trabalharam ou ainda trabalham como empregadas domésticas, a começar pela sua mãe e avó:

⁴⁵ SOBRAL, Cristiane. *Não vou mais lavar os pratos* in BrasilAfro Autorrevelado, Nandyala, 2010.

Eu comecei a trabalhar aos 14 anos. Todas as minhas patroas foram boas pra mim, não teve muita ruindade não. Só aquelas coisas, né? De poder comer quando todos já comeram. Já teve vez que eu passava o dia todo trabalhando, e ela só me dava dois salgadinhos. Eu trabalhei num apartamento que era no oitavo andar, e ela exigia que eu limpava muito bem as janelas. Então eu ficava pendurada com a cintura pra fora da janela. Uma amiga dela viu aquilo e achou um absurdo. Ela chamou a atenção da minha patroa. Eu tinha 17 anos quando isso aconteceu. Ela era boa, não era ruim não. As patroas me davam muitas coisas pra mim, todas elas gostavam muito dos meus filhos e mandavam presentes pra eles. Eram brinquedos usados, mas davam. Trabalhei dos 14 até os 44 anos como empregada doméstica. E não lembro de nenhum abuso forte não. Eu só parei de trabalhar porque eu tive que cuidar da minha mãe doente. Mas eu e meu marido trabalhamos muito para construir essa casa que moramos até hoje, e para criar bem nossos quatro filhos, que hoje nos deram 12 netos e 4 bisnetos. Tudo bem criados pela graça e honra de Deus (Noêmia Caetano Fernandes, avó de Preta Rara, in *Eu empregada doméstica*, 2019)

A escolha desses depoimentos tem dupla função, mostrar parte da história que motivou a organizadora do livro a lança-lo e o fato desses depoimentos trazerem vestígios de um problema que só agora está vindo à tona e sendo divulgando na mídia, que são as condições de trabalho das profissionais domesticas, e as violências cometidas também por mulheres empregadoras. Há algo em comum nas narrativas, que mostram um *modus operandi* no processo de exploração, em que as vítimas acabam por naturalizar uma violência, quando esta tem uma forma mais sutil, enquanto que a consciência é despertada mais rapidamente quando há violência física ou ameaças constantes à integridade física por parte dos algozes, mesmo que nunca consumadas, como foi o caso da mãe de Preta Rara:

Trabalhei em diversas casas, minha primeira casa eu tinha apenas sete anos de idade. Eu morava com a minha vó Helena, pois minha mãe tinha problemas com alcoolismo e sempre nos abandonava (...) uma vez uma mulher passou na rua dos meus avós procurando alguma criança pra brincar com os filhos dela, bateu lá em casa perguntando se minha vó não queria ganhar uns trocados, se ela deixava eu ir brincar com os filhos dela pra ela poder trabalhar em casa em paz. Minha vó disse que eu era muito novinha pra trabalhar como doméstica, mas a moça afirmou que não era esse o trabalho, que era só pra eu brincar com os filhos para ela poder fazer as tarefas sossegadas. Minha vó perguntou se ela morava em Uberaba (MG), e a moça afirmou que sim, e que em troca ela pagaria meus estudos, alimentação e roupas. Minha vó confiou na mulher que nunca tinha visto na vida e ali começou meu tormento. Eu não sabia cozinhar, a única coisa que fazia na casa da minha vó era arrumar a cama e varrer o quintal. Assim a mulher começou me explicar e **falou que se eu errasse ela me batia muito**. O fogão dela era elétrico e se tivesse descalça tomava muito choque. Ela fazia eu cozinhar descalça de propósito mesmo, e falava que o choque era pra eu ficar mais esperta (...) naquele dia meus patrões tinham ido viajar e me deixaram trancada no quintal da casinha que eu dormia. Acordei e tinha sangue nas minhas pernas, logo comecei a gritar pedindo ajuda. Um vizinho subiu no muro e me viu e começou a me chamar de neguinha ladrona, perguntando o que eu estava fazendo lá. Eu disse que morava naquela casa. Ele me desmentiu, dizendo que já tinha ido várias vezes naquela casa e nunca tinha me visto. Foi quando expliquei que quando chegava visita me trancavam no quatinho e **dizia pra não gritar se não iria**

me bater muito. Esse moço chamou o bombeiro e fui resgatada. Me levaram até a casa da minha vó, que já estava em prantos sem saber do meu paradeiro (depoimento de Maria Helena da Silva, mãe de Preta Rara, in *Eu, empregada doméstica*, 2019, grifo meu)

O livro tem uma série de outros relatos, que vão de tratamento desumano, ludibrio, como esse que relata Maria Helena da Silva, até casos de violências sexuais contra as trabalhadoras, inclusive com muitos desdobramentos difíceis e traumáticos. Essa ideia de dar visibilidade às histórias de mulheres trabalhadoras, na sua maioria pretas e pardas, é também um trabalho de letramento político-racial, por dar voz aquelas que foram sistematicamente silenciadas. Alessandra Devulsky, advogada e doutora em Direito Econômico e Financeiro pela USP, evidencia no seu livro *Colorismo* (2021) que a exploração de mão de obra feminina negra no Brasil se dá de acordo com a gradação da pele:

A interseccionalidade das opressões fica clara ao apontar que a mulher negra continua sendo aquela que mais sofre as consequências dos estigmas raciais. Ainda pior, se observamos com rigor quais são os cargos ocupados pelas mulheres negras na base dessa sociedade inegavelmente piramidal, haverá ainda outros recortes a serem feitos decorrentes do *colorismo* e, portanto, da repartição dos trabalhos mais precarizados para aquelas que são consideradas mais escuras. Finalmente, as taxas de desocupação, portanto, de desemprego, também testemunham que ser negra dificulta o acesso mesmo àquilo que chamamos ainda de trabalho informal, ou seja, trabalho precarizado (Devulsky, 2021, 113, 114; grifo meu)

3.3

Novos caminhos para a produção escrita e a crítica literária

A pesquisadora Fernanda Miranda, na sua tese de doutorado *Silêncios Prescritos* (USP, 2019), analisou um *corpus* formado por obras de oito escritoras negras: *Ursula* - Maria Firmina do Reis; *Água Funda* - Ruth Guimarães; *Negra Efigênia Paixão do Senhor Branco* - Anajá Caetano; *Pedaços de fome* - Carolina Maria de Jesus; *Mulheres de Aleduma* - Aline França; *Ponciá Vicêncio* - Conceição Evaristo e *Mulheres de Tijuapapo* - Marilene Felinto onde ela esquadrinha a trajetória de uma literatura brasileira contra hegemônica produzida por mulheres negras, investigando as razões que levaram as obras de algumas dessas autoras a serem esquecidas, silenciadas, apagadas da historiografia literária brasileira por décadas, exemplo de *Ursula* que devido ao fato de ser a primeira obra escrita por uma mulher no Brasil, que pelo seu caráter pioneiro ao tratar em seu romance de

questões abolicionistas, criando personagens negros que falam em nome próprio, o que por si já seria motivo de várias efemérides, afirma “ a questão não é inquirir a literatura brasileira perguntando se a mulher negra pode falar, o ponto é: *ela fala*. Sua fala está publicada desde o século XIX pelo menos. A partir desse pressuposto discurso que vem de longe, é que partimos” (Miranda, 2019, 46)

Fernanda cita Abdias do Nascimento que classificou esses fenômenos de apagamentos de *mentecídio* e Sueli Carneiro que cunhou o termo *epistemicídio* para descrever os processos pelos quais as obras dessas autoras não tem o mesmo tratamento respeitoso de seus pares, na medida em que suas obras apresentam todas as qualidades inerentes ao fazer literário. As pesquisadoras Florentina Souza e Maria Nazareth Lima analisam a cena literária do país em seu estudo *Literatura Afro-brasileira*, lançado em 2006, resultado de uma parceria entre o Centro de Estudos Afro-Orientais (UFBA) e a Fundação Palmares no processo de tentativa de implantação da lei 10.639/2003, mostrando o pioneirismo de autores e autoras brasileiras, que no pós abolição tiveram um papel fundamental para sedimentar uma estrada que vem sido percorrida desde os séculos XIX e XX, como Luiz Gama, Solano Trindade, Paulo Colina, João de Camargo, Geni Guimarães entre tantos outros autores e autoras.

Logo, algumas indagações são reiteradamente inevitáveis: porque os manuais de literatura e os livros didáticos ignoram essas produções? Quem tem medo da literatura afro-brasileira? O que essas vozes dissidentes trazem de tão inquietantes que é preciso silenciá-las, ignorá-las, deixá-las apartadas da literatura brasileira enquanto projeto que se quer “nacional”? Por décadas escutamos a alegação de que o brasileiro não é afeito à leitura, porém o livro de Carolina Maria de Jesus desfaz qualquer premissa do tipo, foi *best seller* em uma época em que a população letrada brasileira estava abaixo da média satisfatória para um país em desenvolvimento e por outro lado, a obra de Carolina dialogava com uma parcela da população que estava representada em sua obra. Mas a “inteligência” brasileira, a elite que dita as regras de quem pode ser considerado escritor/escritora, assim decidiu que a obra *Quarto de Despejo* não podia ser considerada “literatura”.

Alguns intelectuais argumentam que por sua condição de pouca alfabetização Carolina não condiziria com o perfil do escritor juramentado pelo imaginário social - erudito, bem nascido, na sua maioria homens e brancos. Entretanto, autoras como Ruth Guimarães que tinha formação acadêmica, era formada em Letras pela USP,

tendo traduzido clássicos do latim e do grego, assim como a obra best seller *O Asno de ouro*, deixando mais de cinquenta obras escritas - contos, crônicas, romance - também sofreu o mesmo apagamento de sua colega de ofício. Auta de Sousa, poetisa que lançou o livro *Horto* em 1900, com prefácio de Olavo Bilac, também não figura entre os poetas românticos, tampouco simbolistas. O fato de ter vivido apenas até os 24 anos não é argumento válido para o seu “esquecimento”, posto que Castro Alves também teve uma vida breve e, no entanto, sua obra permanece sendo incensada e reverenciada até os dias atuais.

Autores e editores têm criado mecanismos ao longo do tempo para dar visibilidades às produções afrodescendentes, a exemplo do editor Paula Brito que ainda no século XIX iniciou um trabalho fundamental, pondo a primeira pedra para a pavimentação do caminho que nos levou ao que hoje se consolida como *literatura afro-brasileira*. Fernanda Miranda, em sua tese de doutorado *Silêncios PrEscritos* (2019), traz uma significativa bibliografia sobre o tema *literatura brasileira*, elencando os seguintes estudos: Roger Bastide *A poesia afro-brasileira* de (1943); os trabalhos dos brasilianistas Raymond Sayers *O negro na literatura brasileira* (1958) e Gregory Rabassa *O negro na ficção brasileira* (1965); Zilá Bernd *Introdução à literatura negra* (1988); Luíza Lobo *Críticas sem juízo* (1993); Domício Proença Filho *A trajetória do negro na literatura brasileira* (2004); Eduardo Assis Duarte *Literatura afro-brasileira, um conceito em construção* (2007); Cuti *Literatura negro-brasileira* (2010).

Na coletânea de textos críticos *Literatura Afro-Brasileira* (2006), Maria Nazareth Soares Fonseca lista as antologias literárias que se tornaram uma forma de *aquilombamento* para os autores negros ignorados pelas editoras nacionais, fator que ajudou a sedimentar o que hoje conhecemos como “literatura afro-brasileira” ou “literatura negra”, que entre outras figuram *Axé: antologia contemporânea de literatura negra brasileira* (org. Paulo Colina, 1982); *A Razão da Chama - antologia de poetas negros brasileiros* (org. Osvaldo de Camargo, 1987); *Poesia negra brasileira* (org. Zilá Bernd, 1992); *Quilombo de palavras: a literatura dos afrodescendentes* (org. Jonatas Conceição e Lindinalva Barbosa 2002) (Fonseca, 2006):

Conforme se discutiu até agora, a denominação “literatura negra”, ao procurar se integrar às lutas pela conscientização da população negra, busca dar sentido a processos de formação da identidade de grupos excluídos do modelo social pensado por nossa sociedade. Nesse percurso, se fortalece a reversão das imagens negativas

que o termo “negro” assumiu ao longo da história. Já a expressão “literatura afro-brasileira” procura assumir as ligações entre o ato criativo que o termo “literatura” indica e a relação dessa criação com a África, seja aquela que nos legou a imensidão de escravos trazida para as Américas, seja a África venerada como berço da civilização. Por outro lado, a expressão “literatura afrodescendente” parece se orientar num duplo movimento: insiste na constituição de uma visão vinculada às matrizes culturais africanas e, ao mesmo tempo, procura traduzir as mutações inevitáveis que essas heranças sofreram na diáspora (Fonseca, 2006, 24)

Esse “duplo movimento” é o que constitui a diferença da literatura brasileira para outras literaturas criadas por afrodescendentes ao redor do mundo, principalmente nas Américas. Apesar das similaridades entre os processos de desterritorialização dos sujeitos oriundos da África, as trocas efetuadas nas diferentes regiões das Américas são perceptíveis em cada região e países onde os vestígios africanos se fazem presentes, com todas as suas complexidades, diferenças, bem como os pontos em comum. Outro fator de similitude é a busca por uma ressignificação dos elementos culturais afro-diaspóricos em uma sociedade multiétnica e multicultural como o Brasil. São *Costuras da memória*, como nos informa a exposição da artista plástica Rosana Paulino (Museu do Rio, 2019). Nesse sentido, a obra de Carolina Maria de Jesus são fragmentos de uma vida, *costuras da memória* que remetem tanto ao processo de migração forçada e a reconstrução da vida em terra estranha quanto a condição do afrodescendente na contemporaneidade, que habita favelas, vivem na informalidade, não tem acesso à educação, saúde, saneamento, uma existência digna de um ser humano:

O poeta negro Aimé Césaire disse que “as duas maneiras de perder-se são: por segregação, sendo enquadrado na particularidade, ou por diluição no universal”. A utopia que hoje perseguimos consiste em buscar um atalho entre uma negritude redutora da dimensão humana e a universalidade ocidental hegemônica que anula a diversidade. Ser negro sem ser somente negro, ser mulher sem ser somente mulher, ser mulher negra sem ser somente mulher negra. Alcançar a igualdade de direitos é converter-se em um ser humano pleno e cheio de possibilidades e oportunidades para além de sua condição de raça e de gênero. Esse é o sentido final dessa luta (Carneiro, Geledés, 2011)

3.4

Crítica literária, diversidade linguística e de vozes, ABL apartada dos leitores

Precisamos saber da raiz negra de onde viemos. A história negra está por fazer, a literatura negra está por fazer, a poesia negra está por fazer

Ruth Guimarães

Conceição Evaristo, em 2018, foi candidata à uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, fundada pelo escritor Machado de Assis em 1897. A ABL além de um reduto da elite, sempre foi um “clube da bolinha”, onde “meninas não entram” até o ano de 1977, quando a escritora Raquel de Queiroz foi eleita, tornando-se a primeira mulher a frequentar os seus suntuosos salões. No site da ABL podemos ler que se trata de uma “instituição cultural” criada com o objetivo de “cultivar a língua portuguesa” e a “literatura nacional”.

Composta por quarenta membros efetivos e perpétuos, vinte sócios correspondentes estrangeiros, a ABL contabiliza ao longo de 123 anos de existência a presença de 213 membros, sendo apenas dois afrodescendentes, Machado de Assis e Domício Proença Filho. As mulheres passaram a fazer parte da Academia oitenta anos após sua criação, neste grupo seletíssimo constam Raquel de Queiroz (1977), Dinah Silveira de Queiroz (1981), Lygia Fagundes Telles (1985), Nélida Piñon (1989), Zélia Gattai (2001), Ana Maria Machado (2003), Cleonice Berardinelli (2009), Rosiska Darcy de Oliveira (2013).

Os cinquenta e três mandatos para a presidência da instituição tiveram, até hoje, apenas duas mulheres eleitas para o cargo, Nélida Piñon em 1996, e Ana Maria Machado em 2012, e dois afrodescendentes, Machados de Assis em 1897 e Domício Proença Filho em 2016. A lista de sócios correspondentes contabiliza um total de 155 escritores, oriundos de países como Portugal, Itália, Bélgica, EUA, Alemanha, Noruega, França, Espanha, Polónia, Japão, Inglaterra, Áustria, Rússia, Suécia, México, Argentina, Chile, Peru, Uruguai e Brasil, porém, constam apenas dois escritores de países do continente africano, de onde se origina parte significativa da população brasileira - Leopold Sédar Senghor, Senegal, 1966; Mia Couto, Moçambique, 1998. O maior número de sócios

correspondentes da lista é de Portugal, sessenta no total. Mulheres somente foram admitidas em 1989, com a chegada da portuguesa Agustina Bessa-Luís, seguida da italiana Luciana Stegagno Picchio em 2002 e da americana Darlene J. Sadlier em 2019.

A ABL é um exemplo de como a elite brasileira exclui setores da população, a tabela hierárquica desenhada por esse levantamento de dados sobre a instituição confirma a exclusão, assim como o caráter de exceção em que as mulheres e os afrodescendentes foram incluídos. Portanto, a eleição de mais um homem, branco, cis, para a cadeira de número sete, para a qual também concorreu a escritora Conceição Evaristo, foi a confirmação da regra. A regra é patriarcal e supostamente eurocêntrica, distanciada da cultura dos outros grupos que compõem a sociedade brasileira, entre estes afrodescendentes e indígenas:

Cacá (Diegues) vai substituir o cineasta Nelson Pereira dos Santos e derrotou outros dez candidatos, entre eles Conceição Evaristo, a escritora negra que decidiu desafiar a instituição. Aos 71 anos, a mineira optou por uma espécie de antecandidatura e causou incômodo ao dispensar a bajulação habitual para ganhar votos dos imortais que frequentam o “clube de amigos” (The Intercept, 2018.)

O fato de Conceição Evaristo tornar-se uma escritora reconhecida em alguns espaços literários, em especial fora do Brasil, demonstra que há sim uma necessidade de outras vozes serem ouvidas, principalmente quando essas vozes têm algo a dizer e propõem-se a contribuir com a construção da memória cultural de um país. Entretanto, a reação de grande parte da “inteligência” que povoa a ABL à candidatura de Evaristo, mostrou que ainda há um determinado seguimento de escritores, críticos e público leitor, que questiona o fato de uma mulher negra se candidatar a uma cadeira naquela instituição.

A ABL enquanto entidade que por razões políticas e econômicas ainda mantém certa autoridade legitimadora do fazer literário, mostrou-se irredutível quanto à reivindicação de um grupo de leitores favoráveis ao ingresso de uma autora mulher e negra naquele espaço historicamente privilegiado. As análises sobre o conceito de “lugar de fala” têm levado a interpretações equivocadas, como se fosse uma obrigatoriedade um escritor ficar circunscrito ao seu grupo de origem, comumente retratando-o em suas obras. Não se trata de essencialismo portanto. A bem da verdade, o cânone trabalha comumente com um universo autorreferenciado, sem passar por tais julgamentos, sempre inscrito em uma categoria dita “universal”, ao

passo que os sujeitos afrodescendentes ao se autorreferenciarem em suas obras são taxados de “identitários” (Cuti, 2010).

Os acontecimentos em torno da candidatura de Evaristo, evidenciam sintomas de uma sociedade desigual, hierarquizada, onde determinados grupos não são supostos falar em nome próprio, são os “infantes” de que nos fala Lélia Gonzalez em *Racismo e sexismo na cultura brasileira* (1984). Portanto, ao serem constantemente descritos, categorizados, conceituados por outrem, ao serem desautorizados a falar em nome próprio, os afrodescendentes deixam de ocupar um lugar de sujeito e de exercer a sua plena humanidade. Este debate está bastante “aquecido” nos tempos atuais, pelo fato de obras escritas por grupos historicamente discriminados estarem em pauta, configurando uma possibilidade de mudança de perspectiva sobre a literatura brasileira contemporânea. Referente a esta questão tomemos como objeto de reflexão e análise, os pressupostos teóricos engendrados por Djamila Ribeiro no seu livro *Lugar de fala*:

No Brasil, comumente ouvimos esse tipo de crítica em relação ao conceito, porque os críticos partem de indivíduos e não das múltiplas condições que resultam nas desigualdades e hierarquias que localizam grupos subalternizados. As experiências desses grupos localizados socialmente, de forma hierarquizada e não humanizada, faz com que as produções intelectuais, saberes e vozes sejam tratadas de modo igualmente subalternizado, além das condições sociais os manterem num lugar silenciado estruturalmente (Ribeiro, 2020, 63)

Podemos acrescentar, quantos críticos literários há no meio editorial com olhares abrangentes e “descolonizados”, voltados para universos outros que não o do cânone, que acolha a diversidade das histórias contadas sem o viés da desqualificação política e cultural desses outros universos retratados? Este é um outro desafio que precisamos enfrentar em relação às produções que despontam no horizonte. Produções que querem ser lidas e entendidas como parte da construção da memória nacional brasileira e quiçá da história universal:

Isso, de forma alguma, significa que esses grupos não criam ferramentas para enfrentar esses silêncios institucionais, ao contrário, existem várias formas de organização políticas, culturais e intelectuais. A questão é que essas condições sociais dificultam a visibilidade e a legitimidade dessas produções. Uma simples pergunta que nos ajuda a refletir é: quantas autoras e autores negros o leitor e a leitora, que cursaram a faculdade, leram ou tiveram acesso durante o período da graduação? Quantas professoras ou professores negros tiveram? Quantos jornalistas negros, de ambos os sexos, existem nas principais redações do país ou até mesmo nas mídias ditas alternativas? (...) O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. (Ribeiro, 2020, 63-64)

A obra de Conceição Evaristo constitui-se uma exceção no panorama da ficção literária brasileira. Um certo tipo de romance criado por autoras negras, com temática de gênero, raça, desigualdades sociais, tem gerado debates acalorados entre críticos e estudiosos da literatura contemporânea. A exemplo da obra de Carolina Maria de Jesus, as produções voltadas para as questões existenciais das classes desfavorecidas têm sido recebidas com ressalvas, quando não totalmente desqualificadas pela crítica especializada. Carolina de Jesus foi homenageada pela Academia Carioca de Letras em 2017, durante a solenidade o professor Ivan Cavalcanti Proença afirmou para a plateia “o livro *Quarto de despejo* não é literatura. Ouvi de muitos intelectuais paulistas: ‘Se essa mulher escreve, qualquer um pode escrever’” (O Globo, Segundo Caderno, 2017). Sua fala causou profundo constrangimento, gerando reações de escritores e intelectuais e reabrindo um debate que continua em pauta.⁴⁶ Outro caso emblemático foi o do escritor e historiador norte americano Benjamin Moser, autor de uma biografia de Clarice Lispector lançada em 2011. Há no livro uma passagem em que ele escreveu sobre Carolina de Jesus comparando as duas escritoras:

Numa foto, ela aparece em pé, ao lado de Carolina Maria de Jesus, negra que escreveu um angustiante livro de memórias da pobreza brasileira, *Quarto de despejo*, uma das revelações literárias de 1960. Ao lado da proverbialmente linda Clarice, com a roupa sob medida e os grandes óculos escuros que a faziam parecer uma estrela de cinema, Carolina parece tensa e fora do lugar, como se alguém tivesse arrastado a empregada doméstica de Clarice para dentro do quadro”, escreve o biógrafo na página 25. (Portal Geledés, 2017)

Uma sociedade para ser realmente plural deve colocar-se no “lugar de escuta” dessas vozes dissonantes. Isso implica que as obras dos novos escritores e escritoras recebam uma crítica com base na sua validade artística, entendendo o lugar de onde partem essas vozes. Antes de tudo, é preciso escutar e analisar as novas vozes que se levantam e pedem a palavra, onde antes não havia espaço para a diversidade criativa, apenas o mais profundo e constrangedor silêncio. A obra de Conceição Evaristo tem alcançado lugares que mostra que há um público interessado em ler o que uma mulher negra, culta, inteligente, brilhante e com uma cosmopercepção⁴⁷

⁴⁶Sobre a homenagem a Carolina de Jesus e a polemica fala do professor Ivan Proença ler em: <https://blogs.oglobo.globo.com/gente-boa/post/racha-entre-intelectuais-sobre-obra-de-carolina-de-jesus-clima-cada-vez-mais-tenso.html>

⁴⁷ OYÈWÚMÍ, Oyèrónké. *The invention of women: making an African sense of western gender discourses*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997, p. 1-30. Tradução para uso didático de Wanderson Flor do Nascimento.

crítica do mundo bastante afiada tem a dizer. As traduções para as línguas inglesa, alemã, francesa assim como os lançamentos em países africanos de língua portuguesa é uma merecida forma de reconhecimento, certamente o maior que uma/um escritora/escritor possa almejar.

Por fim, é fundamental refletir sobre a questão de termos uma Academia Brasileira de Letras, cujos membros fazem parte de uma elite intelectual para a qual a questão de classe - e raça - parece ser vista como algo a ser mantido como pressuposto hierárquico. Portanto, se faz pertinente uma reflexão sobre a ideia da criação de uma Academia Afro-brasileira e Indígena de Letras, ou mesmo Academias próprias fundadas por e para cada um desses grupos, onde afrodescendentes de várias matizes e Indígenas pudessem criar e manter a sua própria “tradição literária”. Essa possibilidade afigura-se bastante palpável, se pensarmos nos tramites e rituais a que um autor é submetido para entrar na ABL.

A começar pela questão linguística, a língua portuguesa que falamos no Brasil com muitas transformações a partir do contato com as línguas indígenas e africanas, mas que deve sempre fazer reverência às convenções ortográficas gestadas em Portugal. Além do que, no Brasil falar inglês, francês, espanhol, alemão e até português de Portugal é sinônimo de cultura elevada, ao passo que falar qualquer língua africana e indígena ainda é sinônimo de estranhamento. Durante o processo de redemocratização, o Brasil deu uma guinada rumo à globalização, junto veio a ideia de que na “nova ordem mundial” a “língua franca” o inglês, seria o passaporte para a prosperidade. Logo surgiram cursos de inglês em cada esquina dos grandes centros urbanos, competindo em número com igrejas e templos. A mensagem era que todos e todas que quisessem fazer parte do mundo “civilizado” deveria saber inglês. O francês passou de língua da diplomacia e da elite para língua coadjuvante, mas ainda assim sinônimo de bom gosto e alta cultura.

Sem dúvida, é importante aprender inglês e outras línguas estrangeiras, o inglês hoje funciona como a língua das trocas comerciais e também sociais, já que é uma língua sintética e por questões políticas e históricas se expandiu pelo mundo. Entretanto, há no Brasil um total desinteresse em relação às línguas dos povos originários e dos afrodescendentes, à exceção da Bahia que tem vários cursos de yorubá espalhados pela cidade de Salvador, as línguas africanas das diversas nações

que aqui aportaram como o yoruba falado em cultos de várias nações principalmente nagô e ketu, o ewe-fon língua falada nos cultos jejes, o quimbundo e quicongo língua falada no candomblé de Angola e mina-nagô língua mista falada no Tambor de Mina⁴⁸, tradição cultuada no Maranhão, Piauí, Pará e Amazônia, línguas que continuam vivas, porém faladas apenas nos terreiros, onde sobreviveram por obra dos afrodescendentes como forma de manutenção da memória cultural e religiosa ancestral africana:

Segundo profecia iorubá, a diáspora negra deve buscar caminhos discursivos com atenção aos acordos estabelecidos com antepassados. Aqui, ao consultar quem me é devido, Exu, divindade africana da comunicação, senhor da encruzilhada e, portanto, da interseccionalidade, que responde como a voz sabedora de quanto tempo a língua escravizada esteve amordaçada politicamente, impedida de tocar seu idioma, beber da própria fonte epistêmica cruzada de mente-espírito (Akotirene, 2020, 20).

O português brasileiro foi formado a partir da fusão de línguas indígenas, africanas e portuguesa, esta última uma língua também resultante de várias fusões por questões históricas. O Brasil já teve oficialmente uma “língua geral” onde essa fusão era assumida como um processo natural do encontro de culturas. Portanto, não seria utópico nem irreal, termos cursos de línguas africanas como o yoruba e o quimbundo, e de línguas indígenas, em escolas públicas, posto que há inúmeras línguas estrangeiras nos currículos escolares de escolas e universidades públicas. Seria uma ótima oportunidade para pôr em prática a lei 10.639/03 e lei 11.645/08. Os povos originários e afrodescendentes terem suas línguas ensinadas nas escolas não deveria ser motivo de debate, posto que é um direito. Ter algumas das diversas línguas dos povos originários e afrodescendentes ensinadas nas escolas diminuiria as distâncias entre os habitantes da nação e é o primeiro passo para a descolonização do pensamento.

Pensar uma política de ensino-aprendizagem decolonial passa necessariamente pela questão da língua, como já afirmava Lélia Gonzalez nos anos 1980, ao trazer o conceito de *pretuguês* para explicar o porquê de termos uma diversidade de falares de um mesmo idioma estabelecido como nacional, mas que rejeita a idéia de que a língua falada no Brasil poderia ser considerada uma língua com características próprias, uma espécie de idioma *crioulo*, que não seria um português castiço, nem africano ou indígena mas uma mistura de todas essas línguas

⁴⁸ Sobre o tema recomendo ler o artigo da professora Margarida Petter, *Línguas africanas no Brasil, 2005*. Mais informações em Referências.

surgida a partir de uma *fricção*. Como diz a canção de Aldir Blanc e Maurício Tapajós “o *Brazil* não conhece o Brasil”, já passou da hora e conhecê-lo e honrá-lo.

3.5

Orality - “arquivando” as escrituras afro diaspóricas

Quem me pariu foi o ventre de um navio
 Quem me ouviu foi o vento no vazio
 Do ventre escuro de um porão
 Vou baixar no seu terreiro
 Épa raio, machado e trovão
 Épa justiça de guerreiro
 Vou aprender a ler
 Pra ensinar meus camaradas

Roberto Mendes

A invenção da prensa em 1455 foi a grande responsável pela mudança de hábitos culturais na Europa. Até a idade média o meio consagrado para transmissão de conhecimento e cultura era a língua oral, as histórias e *estórias* advindas da cultura popular eram, dessa forma, passadas de geração a geração. Segundo artigo do professor pesquisador, doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG, RS - Claudio Omar Iahnke Nunes *Leitura na idade média: a ruptura com a oralidade* (2007), em que ele discorre sobre a existência de uma hegemonia da prática social da leitura em voz alta em países europeus, geralmente endereçada a uma audiência, devido ao fato de que grande parcela da população não era letrada, somando-se a isso o fato de que os livros, feitos artesanalmente, eram artigos de luxo reservados à uma elite aristocrática:

No contexto do esgotamento do mundo medieval, a invenção da tipografia, em 1455, é um evento emblemático, de clivagem entre dois tempos. A fabricação de livros em série gera duas consequências praticamente imediatas: acaba com a restrição representada pela pequena quantidade de livros disponíveis para as atividades de ensino, cultivo do espírito, divulgação de conhecimentos e fruição, e demanda a formação de um mercado consumidor. O que até então era um círculo vicioso, transforma-se no intervalo inferior a meia centúria num poderoso círculo virtuoso. Examinado esse fato no contexto de esgotamento do modo de produção medieval e de seu sistema político, seu impacto é ampliado exponencialmente, afetando outros processos históricos. Por exemplo, o Renascimento deve à tipografia a rápida impressão dos clássicos greco-latinos e retribuiu-lhe com lucros que a transformaram num negócio mercantil. O ciclo de descobertas ultramarinas, a expansão urbana, a Reforma Protestante e tantos outros eventos ou processos que marcaram a passagem

da Idade Média para os tempos modernos estão estreitamente vinculados à invenção da tipografia. O impacto da tipografia afetou, como não poderia ser diferente, a prática social da leitura. Finalmente, a leitura em voz alta começaria a perder sua hegemonia para a leitura silenciosa. (Nunes, 2007, 160-161)

Portanto, não é preciso fazer um grande esforço mental para contrapor as tentativas de negação da capacidade de domínio da técnica da escrita pelos afrodescendentes da diáspora e seus ancestrais africanos. Suficiente lembrar que os hieróglifos egípcios (África do Norte) juntamente com a escrita cuneiforme mesopotâmica (Oriente Médio), estão na base da criação do alfabeto fenício por volta de 2.000 a. C. Alfabeto este que foi incorporado pelos gregos e subsequentemente pelos romanos dando sequência a uma série de outros alfabetos ao redor do mundo:

Na Mesopotâmia, no Vale do Nilo, no Crescente Fértil e na Bacia do Mediterrâneo, as sociedades antigas inventaram sistemas de escrita em resposta à complexificação das atividades econômicas, do processo político e dos cultos religiosos, o que tornou progressivamente obsoleto o processo anterior de transmissão do conhecimento pela tradição oral. ...todas aquelas sociedades atribuíram a guarda da nova técnica a um grupo restrito de iniciados, em geral, religiosos. Isso se explica pelo caráter mágico ou divino atribuído à escrita e ao fato de que as manifestações religiosas se confundiam com o poder político – ou estavam a serviço dele... (NUNES, 2007)

O alfabeto que chegou aos povos das Américas quatro milênios depois, com alguns ajustes e adições via ocidente, e teve como fonte de inspiração os hieróglifos dos egípcios e a escrita cuneiforme dos mesopotâmicos, mostra que a história da cultura não é linear nem ocorre simultaneamente nas várias regiões de aglomerados humanos. Os *haussá*⁴⁹ trazidos para o Brasil como escravizados, na Nigéria eram alfabetizados em árabe em pleno século XVI, enquanto na Europa e no Brasil a grande maioria da população não tinha acesso à educação:

Foi duro para uma sociedade onde a etnia dominante, os brancos, continuava predominantemente analfabeta, aceitar que escravos africanos possuíam meios sofisticados de comunicação. Eles teriam de estar na pré-escrita. Mas, pelo contrário, esses papéis revelam, inclusive, que havia entre eles pessoas bem instruídas no idioma do Alcorão, pessoas que deixaram a marca de sua caligrafia perfeita e gramática limpa. Africanos que, escravos na Bahia, com certeza tinham sido membros pelo menos de uma *intelligentsia* africana, quando não de classes comerciantes abastadas – posições sociais que lhes permitiram dedicar boa parte de suas vidas ao trabalho intelectual. (Reis, 1986, 128)

⁴⁹ REIS, João José. *Rebelião Escrava no Brasil*. 1ª edição, Editora Brasiliense, São Paulo, 1986

Portanto, a escravocracia transatlântica foi um elemento de ruptura de vivências cultural, educacional e social que a diáspora africana vem tentando ressignificar passo a passo. Resignificar enquanto devir. Como afirma Glissant:

Para nós, para nós sem exceção, por muito que mantenhamos a distância, o abismo é também projeção e perspectiva do desconhecido. Para além do abismo, apostamos no desconhecido. Tomamos partido por esse jogo do mundo, pelas Índias renovadas em direção às quais gritamos, por essa Relação de tempestades e de calmarias profundas onde possamos honrar as nossas barcas (Glissant, 2011, 3)

Podemos, portanto, “honrar as nossas barcas” através dos saberes ancestrais, religiosidade, música, dança, escultura, artesanato, culinária e toda sorte de empreendimentos cultivados ao longo de milênios. A última forma a ser incorporada à prática comunicativa comunitária afrodiáspórica, produto da modernidade e suas formas de interações, que privilegiam a linguagem escrita em detrimento da linguagem oral, tem sido a transposição de elementos, vestígios, traços de uma vasta cultura ancestral que atravessa vivências, experiências e fazeres na contemporaneidade para a linguagem escrita. Apesar de no mundo pós moderno a escrita ser considerada a linguagem predominante às outras formas de comunicação, o domínio da técnica da escrita por pessoas afrodescendentes não é fruto de nossa era. No início do século XIX Paula Brito tornou-se um competente editor e Luiz Gama utilizava a língua imposta pelo colonizador para cutucar o sistema injusto a que pessoas negras, escravas e libertas, estavam submetidas:

O papel social de escrever textos numa tableta de argila, numa folha de papiro, numa estela ou num rolo de papiro, era do escriba. Essa divisão social do trabalho, milenar, arraigou-se no imaginário social e, mais, legitimou-se como prática social, estendendo-se pelos séculos que se sucederam à derrocada das civilizações antigas, alcançando a Idade Média. Pode-se especular que a civilização grega tenha experimentado uma tênue transformação nessa prática. Por que tênue? Dentre outras razões, porque seus filósofos, matemáticos, poetas, dramaturgos e outros sábios, que também eram cidadãos, podiam contar com os préstimos de discípulos anônimos e – não esqueçamos! – de escravos, não raro hábeis em alguma arte. Por que não a da escrita? Ademais, a atividade intelectual nas academias gregas aponta precisamente para esse traço distintivo: um mestre, luminar, rodeado de discípulos sequiosos pelos prazeres do *diálogo*. Talvez o caso mais exemplar seja o de Sócrates, cujos escritos chegaram a nós por terem sido compilados precisamente por seus discípulos (Nunes, 2007, 157)

Portanto, se não há interdito, se não se pode falar em uma primazia sobre o direito e legitimidade do uso da pena por outros grupos humanos, que não aqueles advindos da Europa, que colonizaram o Brasil, estamos falando da adesão ou mais precisamente da adoção de uma técnica, a escrita, como forma de expressão. Isso implica uma atitude positiva dos seres afrodescendentes em relação a uma constante

tentativa de *mentecídio* e *epistemídio* que como nos informa Abdias do Nascimento e Sueli Carneiro, são tentativas de desumanização e aniquilação do eu, pela negativa de reconhecimento das construções produzidas pelo intelecto dos afrodescendentes. Desta forma, grandes manejadores da pena como Maria Firmina dos Reis, Auta de Souza, Luiz Gama, Solano Trindade, Machado de Assis, que deixaram suas impressões na vida literária brasileira, são provas mais que acabadas de que escrever não é uma atividade para “escolhidos”, e sim o domínio de uma técnica aliada ao talento, vocação, desenvolvimento intelectual e educacional. Esses dados, que por razões históricas são insistentemente confundidos com “iluminação”, “meritocracia”, nada mais é do que os ecos da cultura do escolhido-privilégio:

Pelos seus conteúdos, o pensamento produzido no corpo de romances (de autoras negras) nos atualiza também sobre o contemporâneo, ao apontar de forma variada a concepção de que no Brasil há uma lógica de poder que sustenta as tradições com mais força do que promove rupturas. Mas, se uma das ferramentas mais importantes da manutenção do *status quo* é o esquecimento seletivo de determinadas fendas, a sua enunciação na narrativa rompe o silêncio, propõe linhas de fuga, constrói a ruptura. (Miranda, 2019, 327)

3.6

Obras da literatura contemporânea brasileira - Análise

Ponciá Vicêncio e o Dom da Criação

Raça, Gênero e Territorialidade na Ficção Contemporânea Brasileira

Lei áurea,
que estais nos livros,
santificando diversos nomes,
deixai a nós,
o nosso reino
pois não faremos a tua vontade,
aqui na terra nem lá no céu.

O pão nosso
De cada dia fazemos hoje.
Para convosco não temos dívidas,
nem para com ninguém,
que nos tenha ofendido.
Livrar-nos-emos do vosso mal.
Amém.

Oração da rebeldia, Geni Guimarães,

O livro “Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo retrata a história de uma família negra, remanescente de trabalhadores de uma fazenda de uma cidade fictícia, mas que pode ser facilmente entendida como uma alegoria da História do Brasil pós-colonial. No romance de pouco mais de cem páginas nos deparamos com a história da família de ex escravizados, que após a assinatura da Lei Áurea continua a trabalhar nas antigas fazendas, agora como trabalhadores assalariados, mantendo consigo as suas memórias e costumes ancestrais na sua luta por sobrevivência e dignidade. O romance nos apresenta um recorte racial, e de gênero, focado na figura da personagem principal Ponciá Vicêncio, e sua mãe Maria Vicêncio, que remetem ao matriarcado. É um romance de tintas fortes, na medida em que ao situar no tempo/espaço/pós abolição/fazenda agrícola, a situação das famílias negras remanescentes de trabalhadores de fazendas brasileiras, mostra como os seus descendentes herdaram uma situação análoga à escravidão, onde o poderio econômico dos antigos senhores de escravos teima em perpetuar-se no tempo:

Desde pequena, ouvia dizer também que as terras que o primeiro Coronel Vicêncio tinha dado para os negros como presente de libertação eram muito mais, e que pouco a pouco elas estavam sendo tomadas novamente pelos descendentes dele. Alguns negros, quando o Coronel lhes doou as terras, pediram-lhe que escrevesse o presente no papel e assinasse. Isto foi feito para uns. Estes exibiram aqueles papéis por algum tempo, até que um dia o próprio doador se ofereceu para guardar a

assinatura-doação. Ele dizia que, na casa dos negros, o papel poderia rasgar, sumir, não sei o quê... Os negros entregaram, alguns desconfiados, outros não. O Coronel guardou os papéis e nunca mais a doação assinada voltou às mãos dos negros. Enquanto isso, as terras voltavam às mãos dos brancos. Brancos que se fizeram donos desde os passados tempos (61, 62)

“Ponciá Vivêncio” constitui-se um romance que pode ser situado entre memória ficcional e histórica, onde todo o universo recriado tem como referencial a vida da classe subalterna, que não apenas compõe a classe trabalhadora, mas também uma população com história particular na História do Brasil, que são os descendentes dos povos trazidos da África para trabalhar em um país desconhecido, criando assim uma diáspora afrodescendente cuja história ainda é bastante peculiar na contemporaneidade.

O legado deixado pela escravidão acompanha a história da família de Ponciá, onde a avó, tomado pelo desespero e o sofrimento de uma vida sem perspectivas, decide pôr fim à situação de forma trágica, matando a avó de Ponciá e tentando pôr fim à própria vida. Sobrevive, porém, causando um grande sofrimento que acompanha a família e acentua o tom trágico do romance. Em contraponto ao comportamento desesperado e trágico do avô, ao sofrido e acobardado jeito do pai e do irmão de Ponciá, a autora nos aponta um outro caminho, que é o da criação. O dom de criar é atribuído às mulheres, Ponciá tem um talento nato para criar e recriar seres a partir do barro, tarefa aprendida com a mãe, mulher decidida e firme no comando da casa e da vida familiar:

A Mãe nunca reclamava da ausência do homem. Vivia entretida cantando com as suas vasilhinhas de barro. Quando ele chegava, era ela quem determinava o que o homem faria em casa naqueles dias. O que deveria fazer quando regressasse lá para as terras dos brancos. O que deveria dizer para eles. O que deveria trazer da próxima vez que voltasse para casa. Enrolava as vasilhas de barro em folhas de bananeira e palhas secas, apontava as que eram para vender e estipulava o preço. Das que eram para dar de presente, nomeava quem seria o dono. O pai às vezes discordava de tudo (27)

O contraste demonstrado no romance entre o modo de vida dos homens e das mulheres da família Vicêncio denota um desvio na divisão sociofamiliar do trabalho numa sociedade patriarcal, onde o homem provém o sustento da família e a mulher gere a casa e cuida dos filhos. Através do romance a autora mostra um caminho onde a cultura ancestral da população local encontra meios de se manifestar preenchendo a sua existência. Notamos a evocação de resíduos histórico-culturais africanos na linguagem como a referência a “Angorô”, nome da Divindade do Candomblé

Oxumarê, originária do Benin, antigo Reino do Daomé, onde também é conhecido como Dan ou Cobra-Dan.⁵⁰ Encontramos também vestígios tradicionais da cultura e religiosidade africana na presença da chefe espiritual da comunidade Nêngua Kainda, que com suas “garrafadas” ajuda a curar males físicos e espirituais. Um registro da medicina natural e das práticas religiosas que se misturam a cânticos, danças, artesanato, uma forma de vida que tem paralelo em áreas rurais brasileiras, como afirma Stuart Hall em *Da Diáspora*:

Possuir uma identidade cultural nesse sentido é estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta. Esse cordão umbilical é o que chamamos de “tradição”, cujo teste é o de sua fidelidade às origens, sua presença consciente de si mesma, sua autenticidade” (Hall, 2003, 29)

Ao mergulhar no mundo interior dos personagens, Conceição Evaristo evoca e pontua a questão da memória e da tradição oral muito presente em localidades onde o estilo de vida mantém-se quase inalterado por força do capital e do poder econômico das elites locais. A questão educacional e a pouca ou nenhuma escolarização dos personagens nos dá uma pista de como uma sociedade pode manter um sistema de desigualdade por décadas, passando de geração à geração, devido à falta de condições e estruturas educacionais para inserir-se na vida pública. A vida precária, a pouca escolaridade, que no romance é mostrado também como um resquício de um pertencimento étnico, uma herança escravocrata, é um entrave para os afrodescendentes reconstruírem suas vidas em condições de igualdade na nova sociedade que estabeleceu-se após a Proclamação da República.

O embate e a ambiguidade das relações sociais e raciais pendulando entre solidariedade, preconceito e desconfianças mútuas, se reflete na figura do soldado Nestor, soldado negro que acolheu de pronto Luandi Vicêncio, em contraponto com a postura do delegado, que ao tentar prestar solidariedade a Luandi Vicêncio, o jovem irmão de Ponciá, que passa por um grande dissabor amoroso na sua tenra vida, sem perceber a incongruência de suas palavras, a título de prestar solidariedade destila uma visão arraigada socialmente sobre pessoas negras e sua constante desumanização. É um flagrante do caos que se estabeleceu numa sociedade baseada na mão de obra escrava e que após a abolição hesita entre buscar meios de lidar com a

⁵⁰ VERGER, Pierre Fatumbi. *Notas sobre o culto aos orixás e voduns na Bahia de Todos os Santos, no Brasil, e na antiga costa dos escravos, na África*. São Paulo: EdUSP, 1999.

existência da população negra e segregá-los. Nota-se, de um lado, uma esperança, e de outro, a dificuldade e os obstáculos enfrentados pelos afro- descendentes no trajeto de ressignificação de sua história com a ida de Ponciá e Luandi para a capital, e a dura realidade que enfrentam ao lá chegar:

“E que Luandi não levasse a mal o que ele ia dizer, mas quase todo negro era vagabundo, baderneiro, ladrão e com propensão ao crime. Poucos, muito poucos eram como soldado Nestor e ele. Soldado Nestor olhou desconcertado para Luandi, que continuava calmo, parado, longe, como se o delegado não estivesse ouvindo” (delegado, 118)

Migração da Personagem

A posterior desagregação familiar que ocorre após a morte do pai de Ponciá, e a sua chegada à maioridade, leva a personagem a migrar em busca de melhoria social, seguindo para a capital para tentar a sorte e mudar de vida, seguida pelo irmão, deixando sozinha a matriarca da família e levando a um conflito existencial dos personagens, é um momento que pode ser visto como uma metáfora da partida dos povos africanos, onde cada grupo toma um caminho diferente criando uma diáspora. Enquanto alegoria de um macrocosmo, o romance reforça a ideia de família como uma célula social, onde os acontecimentos em um momento podem ser uma força propulsora que separa, expelle seus membros do seio familiar e em outros tem a orientação contrária, a de unir, trazer esses membros para perto, reatando os seus laços e fortalecendo-os. Podemos também observar que a existência de Ponciá se torna algo que quebra totalmente a ideia de continuidade ou conformidade em todos os sentidos.

Ponciá em suas elucubrações infantis temia transformar-se em homem ao passar embaixo de um Arco Íris, lenda que remete tanto aos mitos dos povos africanos trazidos para o Brasil, quanto a de ciganos que viviam na Europa. Essa crença pode ser um caso típico de hibridismo cultural, onde uma crença encontra correspondência em outra e acabam por amalgamar-se⁵¹. Há registros de culto ao arco íris em diversas culturas, na Romênia existe uma crença homônima de que se uma mulher passar embaixo de um arco íris pode mudar de sexo⁵². Lenda ou não, a referência ao arco íris está presente na bíblia e em vários outros livros e registros sobre o tema, cada um com um ponto de vista diferente. O fato é que adulta Ponciá dá à luz sete

⁵¹ Levantamento

⁵² Levantamento

filhos natimortos. Um fato que a tira de uma existência considerada normal do ponto de vista social de sua época, que seria o papel feminino de procriar e a tradição de deixar descendentes, dando continuidade a uma linhagem familiar. Ponciá ainda criança ouvia todos afirmarem que ela herdara algo do avô. Herança essa que só ao final do romance fica claro para o leitor do que se trata verdadeiramente.

Podemos constatar que o romance de Conceição Evaristo é sobre pessoas comuns, com uma vida de dificuldades por pertencerem à classe subalterna, mas se olharmos atentamente é um romance que valoriza as pequenas coisas da vida, que parecem pequenas, mas que na verdade podem ser entendidas como a verdadeira riqueza do existir. Frisando a questão dos laços familiares e a presença materna como símbolo de força, ela demonstra também que a verdadeira glória almejada por Luandi Vicêncio, irmão de Ponciá, que queria tornar-se um soldado para “bater”, “prender”, mandar”, acaba por revelar-se de outra natureza, quando ele entende que a verdadeira glória não seria tornar-se mais um opressor, ostentar uma farda de soldado que remete ao poder constituído, mas servir aos seus, ajudar a sua comunidade e todos aqueles que se encontram em uma situação desprivilegiada. A ilusão do poder se transforma quando o personagem perde a mulher amada de forma violenta. Também no que tange à Ponciá, a tão aguardada herança apregoada por todos desde a sua infância, após a morte do avô, é um momento de reflexão sobre o verdadeiro valor da vida e quais são os tesouros mais valiosos que o ser humano pode almejar herdar.

Desterritorialização e Reterritorialização: A Busca de Si

Ponciá Vicêncio traz a questão básica da existência humana, quando um ser em determinado momento volta para si as seguintes perguntas: quem sou eu, qual o meu papel no mundo? Em busca de tais respostas torna-se imperioso que todos partam do seu lugar de origem para reencontrar-se consigo. O romance de Conceição Evaristo alude à questão do deslocamento, uma migração para dentro de um território nacional que, contudo, marca distâncias abissais entre os cidadãos. O processo de “desterritorialização” e “re-territorialização” mostra-se presente na vida dos personagens. A necessidade de mudança os faz levantar voo do seu *habitat* e buscar outros caminhos. Se por um lado, os caminhos almejados não levarem ao pote de ouro no final do arco íris, é possível descobrir ao menos como e onde acessar os verdadeiros tesouros da existência humana.

A necessidade de migrar do seu lugar de origem em busca de melhores condições de vida é uma das questões que Eurídice Figueiredo pontua no seu estudo ‘Representações de etnicidade : perspectivas interamericanas de literatura e cultura’ (2010) , e apesar do seu estudo tratar da migração transnacional, podemos tomar de empréstimo os seus pressupostos teóricos na medida em que a viagem dos personagens do romance de Conceição Evaristo buscam no futuro algo que lhes foi negado no passado, e que torna-se urgente lançar mão no presente, o seu reconhecimento pleno enquanto seres humanos capazes de gerir o próprio destino. A ruptura de Ponciá com o núcleo familiar, após à chegada à maioridade, e o seu desejo de buscar um caminho próprio, guardando as devidas proporções, remetem ao desejo dos migrantes que deixam sua terra natal em busca de novos horizontes em outros países. Desta forma a busca por novos caminhos por Ponciá, seguida pelo irmão Luandi, revela uma necessidade de libertar-se de um passado, que se deseja transformar no presente para construir um futuro de possibilidades, uma necessidade de reconstruir uma vida a partir dos próprios desejos. É a descoberta de si de que fala Hegel:

Em seu próprio Ser, esse Eu é devir intencional, evolução desejada, progresso consciente e voluntário. É o ato de transcender o dado que lhe é dado e que ele próprio é. Esse Eu é um indivíduo (humano), livre (em relação ao real dado) e histórico (em relação a si próprio). Esse Eu, e apenas esse Eu, se revela a ele e aos outros como consciência de si” (...) A história humana é a história dos desejos desejados. (...) Falar da origem da consciência-de-si é, pois, necessariamente falar de uma luta de morte em vista de reconhecimento. (Kojève, 2014, 12, 13, 14)

E é nessa busca por novos horizontes, esse querer “ver o mundo” que os personagens descobrem a importância de seu pertencimento a um território, tanto memorial quanto material. Vemos representados no romance elementos como o rio, em cujas margens Ponciá colhia o barro, matéria prima da arte feita por ela e sua mãe, a vizinhança onde se reconhece como membro e onde todos se conhecem e ajudam entre si, um mundo seu, onde a vida é construída com alegria e solidariedade, um mundo diferente do encontrado na cidade grande. Essa migração voluntária de Ponciá e seu irmão em busca de novos horizontes e a separação da mãe revela que o ser humano está em permanente busca de si, e para isso necessita apartar-se do que lhe é familiar. Como conhecer a si mesmo se não em contato com o mundo exterior?

Tradição e Contemporaneidade

O romance também nos mostra o embate entre a sabedoria dos mais velhos, através da líder da comunidade Nêngua Kainda, seus conhecimentos empíricos

adquiridos ao longo de sua existência e a necessidade das novas gerações de se lançarem a explorar o mundo. São visões diferenciadas entre a tradição e a contemporaneidade, onde em determinado momento elas se encontram na certeza da experiência de que, para enfrentar o mundo é necessário ter referências. Para os jovens personagens enfrentar o mundo era uma necessidade, que aos poucos foi se revelando uma tarefa hercúlea e cheia de percalços. Percalços esses que os levam de volta às suas origens. A busca e a certeza de ter um lugar no mundo revela-se ao personagem Luandi quando em uma exposição de peças artesanais ele encontra obras de sua mãe e sua irmã assinadas por ela, ao passo que todas as outras constam como “autor desconhecido”.

Essa descoberta de que as obras artesanais feitas de barro pela mãe e a irmã ganharam corpo-existência antes mesmo da partida de Ponciá de seu lugar de origem, é um momento de grande júbilo para o personagem Luandi, ao perceber o papel de uma obra de arte. É uma personificação da memória e marca a existência de ambas no mundo por estar assinada, ter uma autoria. Esse momento de encontro com a memória é significativo para uma família com o histórico de Luandi, cuja cultura é baseada em uma tradição ainda não escrita. É o começo de uma revelação que aos poucos vai se firmando, a cada passo dado pelo personagem, que segue a irmã na sua busca por existência e reconhecimento social. “A pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades – os legados do Império em toda parte – podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento – a dispersão. Mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor” (Stuart Hall, 2003, 28)

O comportamento de Maria Vicêncio, mãe de Ponciá e Luandi, também demonstra diferentes visões de mundo e atitude. Enquanto os filhos partem no seu périplo por novos horizontes, a mãe de Ponciá continua no mesmo lugar à espera dos filhos. A necessidade de partir encontra resistência em si mesma por temer a volta dos filhos na sua ausência. Esse comportamento remete ao papel das mulheres ao longo dos tempos. A imagem da mãe que cuida, que espera pelos seus. Contudo, a autora quebra essa narrativa da eterna espera e do papel passivo das mulheres, ao fazer a mãe partir em busca dos seus filhos. Isso reafirma a força da maternidade e do papel de cuidar que sempre foi atribuído às mulheres, porém não sem pontuar o conflito que se estabelece entre tentar dissuadi-los de partir, ir ao encontro ou ficar.

Conceição Evaristo explora a dor da mãe que vê seus filhos levantarem voo, o dia a dia solitário, a esperança de reencontrá-los um dia e refazer os laços

familiares, retomando o curso da vida como afluentes de um rio-mãe. E a mãe de Ponciá consciente de seu papel aguarda pacientemente até o momento em que a espera se torna insuportável. O rio segue o seu fluxo delimitado pelo mesmo espaço, a casa mantém-se no mesmo lugar, mas as pessoas precisam deslocar-se, ir em busca de seus sonhos, desvendar os mistérios da vida, encontrar respostas às suas perguntas, trabalhar pela futura sobrevivência. A ida da mãe de Ponciá ao encontro dos filhos é a alegoria da mãe-leoa que parte em busca dos seus, é o instinto maternal que grita por suas crias, mas também a quebra de um paradigma familiar onde os homens se curvaram a situação vigente, quer seja por falta de condições para romper com a mão dura e violenta dos senhores escravocratas (Vô Vicêncio), quer por falta de força interior advinda do profundo trauma e sofrimento familiar (o pai de Ponciá). Logo, ao contrário do pai e do avô, a mãe de Ponciá mesmo em idade madura não teme deixar seu povoado e ir ao encontro dos filhos na cidade:

O pai de Ponciá sabia ler todas as letras do alfabeto. Sabia de cor e salteado. Em qualquer lugar que visse as reconhecia. Não conseguia, porém, formar as sílabas e muito menos as palavras. Aprendera ler as letras com o sinhô moço. Filho de escravos, crescera na fazenda levando a mesma vida dos pais (...) naquela noite teve mais ódio ainda do pai. Se eram livres, por que continuavam ali? Por que, então, tantos e tantas negras na senzala? Por que todos não se arribavam à procura de outros lugares e trabalhos? (17)

Outro fator determinante para demarcar uma mudança de postura diante da vida advém da construção dos personagens. Evaristo pontua um fator muito significativo no processo de escravização no Brasil e sua conseqüente herança que é a perda do nome de origem. Como podemos ver no começo do livro, o nome aparece como um dos primeiros conflitos da vida da personagem principal, Ponciá Vicêncio não se reconhece em seu nome. Há um desejo íntimo de renomear-se a si mesma, um sentimento de lacuna, de vazio existencial. Ponciá ao contrário do restante da família, pai, mãe e irmão, aprendeu a ler, e a leitura tornou-se a chave que lhe deu o ímpeto de desvendar o mundo e romper com a sua história familiar. Uma utopia como tantas outras que tivera na infância. A ideia de que algo os prendia àquele lugar onde não havia perspectiva de futuro e a falta de coragem do pai em abandonar aquela vida, de romper com um passado sombrio era uma inquietação que uma jovem não poderia suportar por mais tempo. Uma vida que entre outras coisas o nome de suas famílias e de tantas outras fora subtraído:

Quando mais nova, sonhara até um nome para si. Não gostava daquele que lhe deram. Menina, tinha o hábito de ir à beira do rio e lá, se mirando nas águas, gritava o

próprio nome: Ponciá Vicêncio! Ponciá Vicêncio! Sentia-se como se estivesse chamando outra pessoa. Não ouvia seu próprio nome responder dentro de si. Inventava outros. Pandá, malenga, quieti, nenhum lhe pertencia (p. 19)

O direito ao nome, à liberdade, à existência, à memória. Era uma questão de sobrevivência reconstruir do zero. O avô e o pai não possuem nomes, muito menos prenomes, no romance de Evaristo. São todos chamados pelo nome do senhor de engenho. Esse recurso da falta de nome e prenome dos personagens masculinos reforça a ideia de seres sem vida própria, ao contrário da mãe de Ponciá que apesar do contexto social opressivo e patriarcal se mantém viva através das tradições culturais, manufaturando objetos feitos de argila, cantando, dançando, cuidando da família. Uma tradição muito comum no nordeste brasileiro, principalmente nas comunidades afro e indígenas. O fato de a autora nomear Maria, Ponciá e Luandi Vicêncio marca a lacuna histórica e existencial entre eles e os ancestrais da família. Ainda que o nome seja um nome postiço herdado do senhor de engenho:

Ponciá Vicêncio sabia que o sobrenome dela tinha vindo desde antes do avô de seu avô, o homem que ela havia copiado de sua memória para o barro e que a mãe não gostava de encarar. O pai, a mãe, todos continuavam Vicêncio. O tempo passou deixando a marca daqueles que se fizeram donos das terras e dos homens. E Ponciá? De onde teria surgido Ponciá? Por quê? Em que memória do tempo estaria escrito o significado do nome dela? Ponciá Vicêncio era para ela um nome que não tinha dono (29)

Chegada da Personagem à Capital: Choque Cultural e Desencontro

A chegada da personagem principal à capital ganha paralelo com uma história que se repete há décadas no Brasil, a do subemprego, más condições de moradia, de existências opacas. Ponciá Vicêncio segue o destino reservado àqueles que tem pouca ou nenhuma escolaridade - o trabalho doméstico. Emprega-se em uma casa de família e junta dinheiro para comprar a sua própria habitação e assim trazer a mãe e o irmão para juntos retomarem a convivência familiar. Embora parecesse um sonho modesto, era algo bastante significativo para quem viveu por anos em um local que guardava memórias e histórias dramáticas e trágicas. Viver por gerações em um lugar apropriado pelos vencedores, famílias alheias ao sofrimento daquela gente trabalhadora, trazia uma sensação de não pertencimento àquele lugar. O fato é que a população remanescente das antigas fazendas tinha suas raízes fincadas naquele torrão de forma errante.

A sua ida para a cidade, suas pequenas-grandes vitórias, o trabalho como doméstica, as economias que conseguiu fazer após anos de trabalho para comprar o

tão sonhado barraco, a mudança de vida e aparente adaptação à nova realidade, são conquistas postas em cheque quando ela descobre que o irmão e a mãe também partiram do povoado. Ponciá se coloca na posição de provedora da família e diante da notícia da partida da família entra em conflito. O medo da quebra definitiva dos laços familiares, da extinção do seu abrigo familiar, da perda de suas referências, demonstra uma visão sacrificial da personagem. Ponciá tomou para si a missão de buscar melhorias para a família, e nessa empreitada seria suficiente que apenas um membro sofresse com o autoexílio. Desta forma, a notícia de que o irmão e a mãe também haviam partido de sua localidade a fez correr de volta ao seu povoado:

Um dia, porém, em suas andanças pela estação, anos e anos depois, soube do acontecido. Seu irmão também saíra do povoado e tinha vindo também para a mesma cidade. Sua mãe não querendo ficar sozinha, puxara a porta de casa, largara tudo e saíra em busca não se sabe de quê. Dos filhos, do barro (46)

A personagem percebe então o preço a pagar pela sua tomada de decisão. Agora que finalmente conseguira juntar o dinheiro para realizar o grande sonho de comprar uma moradia para a família descobre que a família tal qual conhecia estava cada um por si, perdida no mundo. É o começo da viagem de volta às suas origens. A vida começava a cobrar o preço pelo sonho. A tentativa de retomada da personagem do convívio com a família se mostra impossível, sua chegada ao povoado à procura da mãe e do irmão é marcada pelo desassossego. Não há mais ninguém no antigo lar, só memórias de um passado longínquo. Há a casa, os objetos de barro fabricados por ela e a mãe, as lembranças de uma vida simples, agora, aos olhos do tempo, reconhecidamente como momentos de felicidade. Ponciá procura a todos, a sim mesma, ao seu lugar de pertencimento, o seu porto seguro. Essa busca em vão a leva de volta à cidade, onde retoma o seu caminho e recomeça a vida ao lado de um homem, que acreditava ser aquele com quem construiria uma vida feliz. Casa-se com um pretendente de que se havia enamorado e vai viver num barraco na periferia da cidade. É o começo de uma história que se mostra bem diferente daquela que sonhara. Seus filhos não vingam, seu companheiro, “homem bruto, simplório e de poucas palavras” vai se tornando um estranho. Sua vida torna-se uma vida sem sentido, vazia:

O homem de Ponciá Vicêncio começou a achar que a mulher estava ficando doente. Impossível tanta lerdeza, tanta inanição em quem era tão ativa (...) houve época que ele bateu, esbofeteou, gritou... Às vezes ela se levantava e ia arrumar a comida, outras vezes, não (96)

O tempo corre, Ponciá vai perdendo o vigor e a alegria de viver. Seu irmão tenta reconstruir a sua vida, após também tentar reencontrar a mãe no povoado. Sem sucesso, segue o seu caminho em busca de seu sonho de tornar-se soldado. Com a ajuda do soldado Nestor aprende a ler e escrever e enamora-se por uma prostituta, sem perceber as armadilhas que o destino lhe reserva. Apesar de advertido pelo soldado Nestor acredita poder construir uma vida ao lado da amada. E ao perdê-la tragicamente por obra do cafetão da zona, o negro Climério, começa a relativizar o sentido de viver naquele mundo para onde deslocou-se em busca de novos horizontes. A violência, a falta de amor continuavam presente em sua vida mesmo quando tudo parecia melhorar. Sua desilusão com o poder começa a tomar corpo e a dor da falta da família se torna cada vez mais potente.

O Reencontro: Um Retorno Redentor

O destino, porém, resolve ajudar a família Vicêncio, a mãe de Ponciá que deixara o povoado e fora em busca dos filhos na cidade ao chegar à estação encontra justamente com o soldado Nestor que reconhecendo o nome do filho escrito em um pedaço de papel a leva até Luandi na delegacia. Tempos depois, Ponciá que estava cada vez mais distante e absorta do mundo resolve num rompante sair de casa para desespero do seu marido e perde-se na estação. E mais uma vez, o destino resolve ajudar a família. Luandi, que a essa altura, havia, finalmente, recebido a autorização do delegado para tornar-se um soldado, no seu primeiro dia de trabalho avista uma moça perdida na estação e a reconhece. É sua irmã Ponciá, seguida de perto pelo marido. Luandi reconhece a irmã e o reencontro familiar se dá de forma inesperada. Finalmente eles estarão juntos outra vez. Ponciá queria voltar ao povoado, ao rio, à vida que agora sabia, era a sua razão de existência. Finalmente ela e todos entenderam que a herança de Ponciá vinha de sua mãe, do dom de criar, imprescindível à sua existência. Era através da criação que Ponciá existia e deixava suas impressões no mundo. Sua arte provinha de uma memória que era criada e recriada, com a qual dava forma a tudo que deveria ser modelado e registrado para a posteridade. Escrevia sua história, a história de seus ancestrais, de sua gente, através das peças de barro. O rio era seu amigo de todas as horas. A presença da natureza como esteio da existência humana se faz presente na história. O rio e o barro são elementos que ganham contornos de personagens no romance.

A vida não era fácil e cheia de armadilhas e dissabores, mas também cheia de alegrias e descobertas. Sim, a família e a própria personagem que dá nome ao livro entendeu que a vida é feita de pequenas coisas que juntas tornam-se imensas. O rio, o barro, a casa de taipa, a vizinhança no povoado, a sabedoria dos mais velhos, essa era a grande riqueza que constituía a sua herança. A vida construída no dia a dia como um objeto moldado no barro que ganhava vida própria e corria para lugares distantes. Suas obras de arte tinham autoria e assim ela dizia ao mundo: sim, eu existo, pois tenho o dom de criar para fazer com que a existência se torne mais leve, ganhe cor, animo, significado. A arte como superação de um passado sem rumo, tutelado. Ponciá não se transformou em homem ao passar embaixo do arco íris, mas sua vida sem dúvida guardava um destino diferente daqueles a que as mulheres recebem como atribuição ao nascer. Ponciá trazia o dom da criação, o mistério de transformar matéria prima da natureza em arte. Era preciso que o tempo mostrasse seu verdadeiro dom para que enxergasse o sentido da sua existência.

Água de Barrela – Eliana Alves Cruz

Eliana Alves Cruz, carioca, escritora e jornalista, é colunista do site UOL, pós graduada em comunicação empresarial. Seu romance de estreia, *Água de Barrela*, ganhou o Prêmio Oliveira Silveira de 2015, da Fundação Cultural Palmares/Ministério da Cultura e foi menção honrosa do *Prêmio Thomas Skidmore* 2018, do Arquivo Nacional e da universidade americana *Brown University*. Seu segundo romance, *O crime do cais do Valongo*, foi escolhido como um dos melhores do ano de 2018 pelos críticos do jornal O Globo e foi semifinal do Prêmio Oceanos 2019, mesmo ano em que publicou seu primeiro livro infantil, *A copa frondosa da Árvore*. Seu terceiro romance, *Nada digo de ti, que em ti não veja*, foi lançado em junho de 2020 pela Editora Pallas.

Lá vem o navio negreiro
Cheio de melancolia
Lá vem o navio negreiro
Cheinho de poesia...

Lá vem o navio negreiro
Com carga de resistência
Lá vem o navio negreiro
Cheinho de inteligência

Solano Trindade

O romance *Água de Barrela*, de Eliana Alves Cruz, conquistou o primeiro lugar do *Prêmio Oliveira Silveira 2015*, uma iniciativa da Fundação Cultural Palmares, que premiou cinco obras literárias inéditas, escritas em português do Brasil, do gênero romance e com temáticas voltadas para a cultura afro-brasileira, *Água de Barrela*, *Haussá – 1815 Comarca das Alagoas*, *Sessenta e Seis Elos*, *Sina Traçada – Um homem livre que não se curvou aos grilhões da sociedade* e *Sobre as Vitórias que a História não Conta*.

Como escreveu Erivaldo Oliveira, presidente da instituição à época, na apresentação da obra, “foi o primeiro passo de um longo caminho na valorização de narrativas da população afro-brasileira”. Ele pontuou a importância do prêmio como medida de política pública coadunada à aplicação da lei 10.639/2003 que institui o ensino de História Africana e Cultura Africana e Afro-brasileira em escolas públicas e privadas dentro do território nacional, enfatizando a importância de eventos desse porte por ser “não somente uma ação de fomento à pesquisa em cultura

afro-brasileira”, mas também por nos fornecer “elementos importantes para se pensar a produção literária negra no Brasil”. De fato, o presidente da instituição, Erivaldo Oliveira, resumiu várias questões implícitas nos objetivos do Prêmio, ao afirmar no começo da apresentação que “a Fundação Palmares possui o dever de preencher uma lacuna na literatura brasileira, de romances sobre a história não contada, construída por nossos ancestrais”.

Água de barrela de Eliana Alves Cruz cumpre com louvor, esse árduo, cuidadoso e belo trabalho de “dar ao lume” personagens que jamais poderíamos vislumbrar em narrativas ficcionais hegemônicas ou criadas por autores alheios ao processo histórico engendrado dentro do sistema político-econômico da escravocracia e sua política de desumanização. De forma extremamente competente e inspiradora a começar pelo título, que remete a uma profissão, *lavadeira*, que sempre foi objeto de inspiração para as mais diversas formas de expressões artísticas - pintores, escritores, compositores - a autora se debruça sobre uma história familiar, recriando artisticamente a saga de um clã africano da etnia yoruba, os Sangokunle, que começa ainda na África, precisamente no Reino de Oyo, Nigeria.

É de suma importância a contextualização histórica que a autora faz, quando se refere à guerra entre grupos étnicos diferentes, no caso os yorubas e os fulani, e a complexa questão político-religiosa que havia na região. Essa contextualização tem grande importância, devido ao fato de a religião islâmica ter sido para os africanos escravizados pelo império árabe-mulçumano durante doze séculos - do século VII d. C (652) até o início do século XX, o mais próximo do que o catolicismo significou para os escravizados nas Américas: uma quebra radical dos laços culturais comunitários devido à imposição religiosa.

O caldeirão cultural, político e religioso das regiões às quais o romance faz referência - *Oyo, Iysein, Ilorin* - ganha intensidade se pensarmos na ocupação árabe mulçumana em várias regiões da África, fato histórico que mudou o curso de tradições centenárias, acirrando as diferenças entre os grupos locais. Um motivo fundamental para esse acirramento, era o fato da imposição da condição de escravo aos subjugados através da espada, só poder ser revertida através da conversão religiosa ao Islã. Enquanto os escravizados intragrupos étnicos africanos tinham o status social diminuído, mas conservava a sua cultura e práticas religiosas. No livro

Le génocide voilé (*O genocídio velado*, 2008, 10)⁵³ o antropólogo, economista e escritor franco-senegalês Tidiane N'Diaye aborda a questão do tráfico e escravização islâmica na África subsaariana, que em parte pode ter sido um facilitador do tráfico transatlântico, devido às lutas internas entre africanos convertidos ao Islã e os não convertidos:

O reino de Oió dos yorubas já não era nem de longe tão poderoso quanto fora um dia, e as batalhas internas sem fim tornavam a vida um perigo...Akin não teve tempo de fugir quando os fulani invadiram destruindo tudo pelo caminho...o povo fulani batia no peito para dizer que estava conquistando terras para Maomé, mas Akin sempre ouvia seu pai – Olufemi Sangokunle- dizer que era *dapo ígbàgbo pelu isowo* ou “mistura de fé com comércio”. Ele sabia muito bem o que era isso, afinal estavam em Oió, reino que também caçou escravos por séculos, com seus temidos guerreiros e seu poderoso exército montado. Os fulani praticavam a religião do profeta e ocupavam a terra Bornu, Nupe e Hauça, mais ao norte de Iseyin, onde a crença mulçumana também era professada (Alves Cruz, 2015, 25-26)

No povoado onde vivia a família de Olufemi Sangokunle todos estavam “espremidos entre **Ilorin**, que subitamente se tornou o principal ponto do mercado de escravos e os jêjes do Daomé, que também viviam à caça”. Foi nesse contexto de total imprevisibilidade que a família Sangokunle - Olufemi e seus filhos Akin e Gowon, este recém casado com a bela jovem Ewa Oluwa - viram sua vida mudar para sempre. Um mês após os homens da família fazerem uma caminhada ao monte sagrado Oke-Ado para buscar força espiritual, os fulani efetuaram um ataque ao povoado, dizimando quase todos os seus membros, os que conseguiram escapar foram dominados e vendidos como escravos.

Este seria o sortilégio dos ainda sobreviventes Akin e Gowon Sangokunle e sua esposa Ewa Oluwa, o destino, porém, fez com que Gowon não sobrevivesse a um ferimento na perna, sendo sacrificado pelos traficantes de escravos e deixado ao longo do caminho rumo à embarcação. Assim, Akin Sangokunle e Ewa Oluwa, grávida de Gowon, são trazidos à força em um navio negrício para a América do Sul, precisamente para a cidade de Cachoeira, no recôncavo baiano. Após uma travessia aterrorizante, em terra firme ambos recebem nomes portugueses *Akin*, agora responde pelo nome de Firmino e *Ewa Oluwa* de Helena. Na fazenda para onde são enviados, após alguns meses de trabalho exaustivo para ambos, a jovem Ewa Oluwa dá à luz uma menina morrendo logo em seguida, ficando a criança aos

⁵³ N'DIAYE, Tidiane. *Le génocide voilé*. Éditions Gallimard, 2008

cuidados de outra escravizada da propriedade chamada Umbelina, por ordem da sinhá Iaiá Bandeira, que nomeia a criança de Anolina.

A partir deste momento, a história se desenrola em uma sucessão de fatos históricos e sociais, numa mistura de ficção e realidade, ou “autoficção”, termo cunhado por Serge Doubrowsky em 1977, em que dados biográficos fundem-se à narrativa ficcional, amalgamando autor, narrador e personagem, durante o processo de construção de uma obra literária. Há também o termo “escrevivências” cunhado pela escritora Conceição Evaristo, que parte de uma escrita construída a partir de fragmentos da memória e recriados literariamente. Dessa forma, questões históricas nacionais e internacionais são narradas em paralelo à saga do clã de mulheres que se inicia com Ewa Oluwa e segue até a sua quinta geração de descendentes - Anolina-Martha-Damiana-Celina - e finalmente Eloá, um menino que em seu tempo simboliza o rompimento de um ciclo de servidão, subjugação e sofrimento de toda sorte, retomando o ideal de justiça, igualdade e liberdade do seu antepassado, Akin-Firmino, que também faz parte da história-reminiscências da autora. “A justiça é nossa estrada”.

A história tem vários simbolismos que remetem à cultura e religiosidade dos retratados, principalmente a presença do Orisa Sango na vida dos personagens. *Água de Barrela* tem um quê de epopeia, independentemente da forma narrativa escolhida, a prosa, como escreveu Erivaldo Oliveira na apresentação do livro “não se trata de narrativas sobre super-humanos, mas de heróis e heroínas da vida real que foram forjados em sua trajetória de opressão, como muitos que ainda hoje sofrem com os estigmas do racismo e a herança da escravidão”. Sim, não se trata de literatura fantástica, nem de trabalho biográfico, mas de literatura no sentido mais apropriado da palavra, pois Eliana parte de fatos reais para criar a saga de uma família afrodescendente durante várias gerações, que percorre aproximadamente dois séculos. A mistura de dados históricos, biográficos, aliados ao seu manejo de jornalista, que posicionando a narrativa num “entrelugar” que flui entre ficção e fatos históricos, a autora constrói um pano de fundo sólido para o desenvolvimento da história, que se torna fundamental para conhecermos um pouco mais sobre um período, cujos ecos e desdobramentos estão vivos no momento presente, tangenciando a vida de uma parcela significativa da população, que foram os três séculos e meio de escravização no Brasil e as agruras dos recém “libertos” no pós abolição.

Um dos temas mais presentes na narrativa, no período que compreende a primeira metade do século XIX, é a violência e os métodos de tortura física usados nos engenhos para fazerem os escravizados produzirem o máximo que suas forças permitissem. Outro fator que marca de forma fundamental a narrativa é a exploração sexual e da força de trabalho das mulheres negras. Contrariando a falsa narrativa contada pelos livros didáticos a serviço de uma “história única”⁵⁴, historiadores como João José Reis⁵⁵ nos mostram que a escravidão só logrou sucesso econômico devido ao regime de terror misturado a uma conversão forçada e violenta imposta aos escravizados, que apesar de resistirem a toda sorte de assédio senhorial, eram sacrificados, se preciso fosse, em nome de um projeto de poder econômico e político:

Apesar da rotina quase militar do engenho, vez ou outra as coisas saíam do controle férreo da senhá Joanna. Todos os dias, o sol ainda não havia se levantado, mas os negros sim. Depois de uma rápida merenda de mingau de milho, o grupo de cerca de 50 escravos era perfilado em frente à casa para oração comandada pela senhora e depois para receber as instruções de trabalho do dia pelo feitor. A ladainha era puxada por ela, e todos tinham que repetir seus dizeres, mesmo que nada entendessem (...) certo dia, a mulata chamada Felipa cansou. Todos repetiam a reza da manhã e ela, de pé como o restante, não abria os olhos nem os lábios para dizer palavra. A senhora, percebendo o mutismo da moça, saiu da varanda, desceu lentamente as escadas até o pátio, parou na frente de Felipa e, com um gesto, fez com que todos se calassem.

- Repita comigo, negra: “Senhor tende piedade de nós. Cristo tende piedade de nós. Senhor tende piedade de nós.

Felipa seguia muda (...)

- Abram a boca desta mulher! - ordenou aos homens do feitor.

Estendeu a mão direita e o feitor depositou nela uma faca brilhante, grande e afiada. Num só golpe, ela cortou a língua da escrava. Enquanto o sangue jorrava e os homens se preocupavam em estanca-lo, a senhora continuou recitando, altiva, enquanto caminhava de volta à casa, com a saia respingada de vermelho, sob os olhares de pavor de alguns, choros contidos e ódio mal disfarçado de outros” (54-56)

Na escravocracia, um acordo estabelecido, ainda que não por escrito, entre os patriarcas e suas esposas dava à estas alguns poderes, e em vista disso algumas regras podiam ser quebradas. Enquanto as mulheres brancas faziam vistas grossas às investidas dos senhores seus maridos em direção às escravizadas, elas recebiam o seu quinhão da estrutura colonial, o corpo das escravizadas era transformado em objeto, para uso e abuso de toda sorte, brutalização e exploração de sua força de trabalho, das formas mais inumanas. Maria Aparecida Bento na sua tese de

⁵⁴ ADICHIE, Chimamanda Ngozi, 2019.

⁵⁵ REIS, João José. *Rebelião Escrava no Brasil*. 1ª edição, Editora Brasiliense, São Paulo, 1986.

doutoramento *Pactos Narcísicos do Racismo* escreve “esse foi desde sempre um ‘pacto narcísico da branquitude’... que visa preservar, conservar a manutenção de privilégios e interesses” (Bento, 2002, 105-106). Esse pacto atravessa séculos na história contada por Eliana Alves Cruz, desde o fato de Anolina ao nascer ter sido “adotada” pela matriarca Iaiá Bandeira, conservada entre os pesados afazeres domésticos e a igreja na infância, e ao chegar à adolescência ser utilizada como objeto sexual para iniciação do sinhozinho:

No ano seguinte à morte da mãe, em 1864, quando estourou a guerra do Paraguai, o menino completou 13 anos e Anolina, 14. O barão deu uma festa em que compareceram os filhos e filhas de toda a nobreza local...Na véspera, porém, Umbelina fora chamada ao gabinete do pai do rapaz. Cabeça baixa, sem mirá-lo nos olhos ela ouvia suas determinações com aflição. Deveria preparar Anolina para dormir com Francisco na noite do aniversário. Na verdade, o senhor ia revelando, ela tinha sido mantida até aquele momento por perto e intacta para que fosse a “estreia” de Francisco aos 13 anos. O barão queria que a moça estivesse bonita para o filho e pediu para Umbelina ‘caprichar’ (129)

Ficamos sabendo que a criança foi preservada para servir. Servir aos caprichos da senhora como mucama e mais tarde de “brinquedo humano” para o filho mais novo do casal. Como consequência sabemos no decorrer da história que ao se tornar mãe, devido às constantes investidas do rapaz, agora um homem casado com uma moça de família também “fidalga”, paira uma incerteza sobre a paternidade da criança, que ao nascer recebe o nome de Martha. Anolina, como todo ser reduzido a objeto pelo sistema escravocrata não podia ter uma vida ao lado do seu escolhido, Adonis. É obrigada a satisfazer os caprichos do senhorzinho e em decorrência dos abusos comete vários abortos, porém, desta vez, as “mais velhas” a impedem de interromper a gravidez. “- Anu, ocê num pode tirá essa que tá ai dentro. Xangô que pulou na frente e tá dizendo que não!”

Vemos o aspecto religioso auxiliando na tomada de decisões das personagens que constituem um grupo de resistência no interior daquela comunidade escravocrata e que acabam por se aparentar através da união de Anolina com Adonis, filho de Umbelina, que foi sua a mãe de criação ao ficar órfã. Essa família estendida acaba por criar uma comunidade espiritual em que o sagrado é mantido em segredo, longe da vista dos senhores, remetendo ao elemento chave para a sobrevivência e resistência que permitiu aos escravizados suportarem um sistema brutal e deixar descendentes na comunidade. No livro *Não sou eu uma mulher?*

(*Ain't I a Woman?*)⁵⁶ bell hooks fala sobre como alguns estudiosos do tema escravidão apontavam para um possível processo de “desmasculinização do homem negro” devido ao fato de não poderem “proteger” suas mulheres dentro de um sistema patriarcal, e como resultado, sem poder externa-lo, represavam o seu ódio. Firmino-Akin, tio de Anolina, filha de seu irmão Gowon com Ewa Oluwa, temia pelo destino de sua sobrinha, nada podendo fazer a respeito:

A cada encontro, Firmino reparava que Anolina estava mais alta e que seu corpo começava a mudar. Preocupou-se com a sobrinha. Sabia o que acontecia às negrinhas assim que começavam a “botar corpo”. O filho do barão estava crescendo, ele era pouco mais novo e ela bem poderia ser seu primeiro “brinquedo humano” (Alves Cruz, 2016, 127)

Essa quebra de laços familiares, de urgência pela sobrevivência, deixa sequelas nos homens da família, Firmino, Roberto, Adonis, João, Maneco, são homens impedidos de exercer o seu “poder masculino” dentro das expectativas do patriarcado, e as mulheres cientes de que não podiam contar com a ajuda masculina, desde cedo aprenderam a “ir à luta”. São mulheres prendadas, muito aguerridas e renitentes que se tornam “ganhadeiras”, lavadeiras, doceiras, e acabam por articular essa força em prol do bem estar familiar e da comunidade que se forma a partir de uma história em comum. Nesse aspecto, a história remete às mulheres negras que desde o início do século XIX organizavam-se em irmandades femininas para comercializar os seus quitutes, cujos dividendos se destinavam à compra de alforria de seus pares, formando irmandades religiosas, que foram as primeiras instituições abolicionistas da história do Brasil, a exemplo da Irmandade da Boa Morte em Cachoeira:

As relações escravistas na rua se caracterizavam pelo sistema de ganho. No ganho de rua, principalmente através do pequeno comércio, a mulher negra ocupou lugar destacado no mercado de trabalho urbano. Encontramos tanto mulheres escravas colocadas no ganho por seus proprietários, como mulheres negras livres e libertas que lutavam para garantir o seu sustento e de seus filhos...As escravas ganhadeiras como se chamavam, eram obrigadas a dar a seus senhores uma quantia previamente estabelecida, a depender de um contrato informal acertado entre as partes. O que excedesse o valor combinado era apropriado pela escravizada, que podia acumular para a compra de sua liberdade ou gastar no seu dia a dia (Soares, 2006)⁵⁷

Apesar de todo esforço em grupo e individual para mudar a conjuntura de suas vidas, vemos no romance como a escravidão dá espaço, no pós abolição, a uma

⁵⁶ *Não sou eu uma mulher? Mulheres negras e feminismo* / bell hooks; tradução de Bhuvan Libanio. 1ª edição, Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, p. 17-19, 2019.

⁵⁷ SOARES, Cecília C. Moreira. *Mulher Negra na Bahia no Século XIX*. - Cecília C. Moreira Soares - Salvador: EDUNEB, 2006.

estrutura em que os privilégios dos ex senhores de escravos são constantemente mantidos através de artifícios legais, instituídos via política partidária em contraste com a difícil vida que levam os descendentes de escravizados. O labor comum às mulheres negras, que eram a base do trabalho nas residências senhoriais, se perpetua nos pós abolição, o trabalho de arrumadeira, cozinheira e principalmente de lavadeira torna-se a fonte de sustento das mulheres alforriadas ou nascidas libertas. Sem instrução, numa sociedade totalmente racializada, portanto racista, as mulheres da família de Martha continuam a desempenhar as mesmas funções agora por baixos salários e jornadas de trabalhos extenuantes. Ao passo que os descendentes da família Bandeira Tosta continuam, nos pós abolição, a manter seus privilégios e sofisticando os artifícios para continuar explorando a mão de obra negra.

Água de Barrela também passeia por alguns fatos históricos muito importantes para compreendermos o Brasil atual, os mecanismos que fizeram a escravidão no Brasil ser tão longeva, como a Lei do Ventre Livre, Lei dos Sexagenários, embustes completos pela sua capacidade de manter a situação quase inalterada. Após um encontro com um grupo de brancos abolicionistas Adonis Tosta entra para o movimento onde aprende a ler, e a partir de então passa a acompanhar as notícias sobre o fim da escravidão nos jornais, que lê escondido, já que era proibido aos escravizados aprenderem a ler:

Ajudava os companheiros na eterna tarefa de economizar dinheiro, com o objetivo de comprar a liberdade, embora tivesse nascido no exato ano da “Lei dos Ingênuos”, 1871. O ventre de sua mãe estava livre, mas ele seguia ali preso e trabalhando como escravo. Um de seus companheiros, aos 40 anos, finalmente conseguiu a alforria, pois a Sociedade Libertadora ajudava a negociar com o senhor para quem já tivesse certa quantia. Ficou por um bom tempo apenas olhando aquele pedaço de papel do amigo, como que petrificado.

- Então é isso. A vida inteira num papel.

Era estranho esse negócio de “ventre livre”, pensava, pois afinal, do que adiantava uma criança livre sem ninguém para olhar por ela? E além do mais, essa lei era completamente ignorada pela maioria dos senhores. Leu o texto da lei datada de setembro de 1871 e, no seu entender, ela era o cumulo do cinismo, pois os nascidos do ventre livre tinham que permanecer sob o poder dos senhores até os oito anos de idade. Quando chegavam a essa idade, o senhor podia optar entre entregar a criança ao estado, e em troca receber 600 mil-réis, ou continuar a desfrutar dos serviços do ingênuo até completar 21 anos de idade. Este último era o caso dele.

- Filhos de uma égua! Grande liberdade! – refletia Adônis. (p. 185-186)

Vemos também momentos de negociações, como a implantação do sistema de usucapião para que os escravizados tivessem a sua terra para cultivar, nos anos que se aproximavam da Abolição, devido aos crescentes movimentos em favor da libertação, assim como os levantes e insurreições como a Sabinada e Revolta dos

Malês. Era preciso negociar em um momento de incerteza política, com o intuito de manter uma mão de obra barata, caso a assinatura da Lei Aurea se consumasse. Há também referências à guerra do Paraguai mostrando como os negros foram levados a acreditar em uma grande falácia. A epidemia de cólera em 1856 que ceifou a vida de vários residentes do Engenho Natividade, incluindo a matriarca do clã escravocrata Iaiá Bandeira, e a gripe espanhola em 1920, pandemia que matou mais de cinquenta milhões de pessoas no mundo.

São momentos da vida política, social e econômica brasileira que mostram a sofisticação do sistema escravocrata e como seus métodos foram se metamorfoseando em um sistema capitalista ao longo do século XX, fazendo com que o Brasil chegasse ao século XXI com problemas do século XIX, como assistimos atualmente durante a pandemia de Covid-19. Há uma relação de continuidade política e formas de ação que são cíclicas na sociedade brasileira. Assim como os representantes do passado histórico, no presente, o processo eleitoral continua a refletir a força e o poder econômico do patriarcado.

A saga do clã afrodescendente que atravessa os séculos XIX, XX chegando ao século XXI, é um recorte muito profundo e emocionante de como as famílias negras almejavam fazer parte da sociedade, agora como pessoas livres, e os artifícios políticos, econômicos, sociais e raciais que eram criados para manter um contingente imenso de pessoas como mão de obra de baixo custo para os detentores do capital. No começo do século XX quando a precariedade e a insalubridade dos locais de trabalho era motivo de rebeliões pelo mundo, uma das filhas da personagem Martha, Maria da Gloria, Dodó, era submetida a uma rotina análoga à escravidão. A família Tosta trocou a matrícula da irmã mais velha Damiana pela mão de obra da mais nova Dodó, que aos 13 anos passou a viver com a família e morreu aos cinquenta e poucos anos devido a uma vida atribulada e sem descanso:

Tia Nunu fala animada e sem parar...Maria da gloria, que chamavam Dodó e era a irmã mais nova de Damiana, trabalhava noite e dia.

- A gente foi até lá várias vezes pra tirar Dodó daquela casa, mas a branca chorava, se lamentava, dizia: “eu não sei fazer o que Dodó faz. Ela é muito bem tratada aqui. Não, ela não vai embora! Nós não a tratamos bem? Uma consumição que só vendo...Uma banana! Ela dizia isso na nossa frente e por traz, ó! (fez um gesto de castigo). Mas Dodó era muito querida por todas as filhas dela.

- Mas tia, você não me disse eu Dodó morreu de tanto trabalho que lhe davam? Que morreu sem cuidados e explorada? Como pode ser “querida”?

- Ah, filha, essas são coisas que vem do tempo do cativo!

(243-244)

Nesta passagem, Tia Nunu, que nasceu nos pós abolição, mas acompanhou muitas situações desumanas enfrentadas por pessoas da sua família, narra a dinâmica de uma relação onde o ciclo vicioso de exploração e abusos permaneceu, criando uma interdependência difícil de ser rompida por ambas as partes. Voltamos ao passado, ao acessar um paralelo entre as histórias de Mirtes, mãe da criança Miguel, e Madalena Gordiano em pleno século XXI e os contos *O caso da vara* e *Negrinha*, assim como a personagem Bertoleza de *O Cortiço* e Domingas de *O Mulato*, entre tantas outras personagens negras da ficção e do mundo real. A relação da família Bandeira Tosta com os ex-escravizados por seus antepassados é descrita no romance como uma espécie de “visgo”, uma síndrome de Estocolmo, em uma sociedade que teimava em manter os subalternizados atados por laços, cujo intrincado nó era difícil de desatar. Assim, podemos constatar que a lei da sobrevivência atuava de modo desumano sobre os sujeitos desprivilegiados.

Era preciso sobreviver e seguir em frente. Martha queria que Damiana estudasse e se tornasse professora, mas para isso era preciso “entregar” Dodó para a neta de Iaiá Bandeira, Maria Auxiliadora, seu marido Adolpho da Silva e suas quatro filhas explora-la até a morte. Damiana, que por ser afeita aos estudos seguiu para uma escola de freiras, também adquiriu sequelas, tornou-se católica fervorosa e ao não permitir que a filha Nunu fizesse os preceitos religiosos, pode ter contribuído para a situação de sua saúde mental. O preço pela matrícula da primogênita foi pago com a jornada de serviço sacrificial da irmã Dodó. Damiana, porém, não conseguiu através dos estudos quebrar o círculo de exploração e continuou exercendo a mesma função de sua mãe e sua avó: empregada doméstica. Nesse encontro entre Dodó e seu pai, vemos como a assunção da realidade se impõe de forma incontestável:

- Vosmicê sabe que nada disso aqui é seu. Nenhuma dessas pessoas é realmente sua...Não sabe, filha?

Ela abaixou a cabeça. Ele franziu a testa. No fundo, tinha muita pena da filha por não conseguir se libertar. Suspirou pesaroso, pois subitamente percebeu que ele, Martha e Damiana, embora estivessem livres, também estavam presos...Por alguns momentos, achou que foi em vão tanta luta. Era como se tivessem escapado de uma gaiola para cair em outra mais cruel que estava dentro de cada um deles. Grilhões pesados. Por alguns momentos, sentiu inveja da alienação da neta Nunu. Achou que ela era a única que estava realmente fora daquele “visgo”. A loucura dela aparentava para ele ser mais sã que aquela que atravessava intacta os tempos: a do eterno cativo. (360)

A historiadora e rapper paulista Preta Rara, em seu livro *Eu empregada doméstica*⁵⁸ reúne testemunhos de várias mulheres que desempenham ou desempenharam o ofício de empregada doméstica em algum momento de suas vidas, onde ela explicita como, a começar por si, sua família já estava na terceira geração de mulheres exercendo a mesma função, quando decidiu romper com a “sina” de subalternidade. Na apresentação do livro ela narra como foi amadurecendo ideias a respeito desse ciclo de pobreza e desigualdades, experimentado pelas famílias negras, onde as mulheres afrodescendentes, principalmente as de pele mais escuras, são sacrificadas em longas jornadas de trabalhos mal remunerados, muitas vezes com ausência total de direitos trabalhistas, e expostas a toda sorte de abusos e violências.

A única mulher da família Tosta que tinha uma visão de mundo mais justa, era a sufragista e feminista Lili, porém dentro da sua situação de privilégios. Lili era uma militante feminista pelo sufrágio que almejava participar da vida da nação, doando a sua força de trabalho, ao passo que as mulheres trabalhadoras e as descendentes de escravizadas estavam lutando em trincheiras completamente diferentes. “No outro lado da cidade, Damiana vivia a prática das teorias da jovem Lili. Ali não havia tempo para tanta conversa e convencimento. Era preciso sobreviver” O Caso de Nunu pode ser matéria de reflexão sobre a saúde mental de pessoas negras. Há uma questão de ancestralidade negligenciada por Damiana que foi criada em cerimônias religiosas católicas, distanciando-se da religiosidade africana. Esse conflito religioso causa uma descontinuidade nos preceitos religiosos:

A perseguição e a intolerância tão marcadamente focadas nas religiões negras não se dão ao acaso. As instituições hegemônicas sabem o perigo que representam quilombos-famílias que dão instrumentos de luta, resiliência, saúde mental e espiritual ao oprimido. A demonização e o epistemicídio são formas de controle social do oprimido, que, reintegrado aos seus, à sua ancestralidade e ao seu Eu divino-natureza-ancestral, podem representar perigo iminente para a manutenção do *status quo* hegemônico (Nogueira, 2020, 122).

Se a proibição de sua prática religiosa aos africanos recém chegados causava um problema existencial de proporções incalculáveis, a imposição de uma religião substituta transformava-se em uma problemática de longo prazo. Após algumas gerações era possível observar a conformidade à religião dominante, caso de Damiana e sua recusa em ter contato com as práticas religiosas de sua mãe e avó.

⁵⁸ Selo Letramento, 2019.

Assim, o distanciamento e estranhamento ao culto dos Orixás pelas filhas de Martha bem como Joao e Maneco, que pouco a pouco as afastam dos preceitos religiosos fundamentais para o fortalecimento espiritual e material da família, são resultantes de um processo de assimilação e aculturação “A poderosa Senhora Bandeira não apreciava em nada as “feitiçarias”, como se referia à religião dos africanos, e arrastava Anolina para missas e ladainhas” (177)

Apesar dos percalços vividos pelas quatro gerações de mulheres, a família adentra o século XX trazendo as mãos calejadas e a dura e complexa experiência de luta pela sobrevivência em uma sociedade nada amistosa aos afrodescendentes. Seguem com as experiências e vivências passadas-contadas de mãe para filha tão vivas quanto “ferro em brasa na memória”. Os relatos sobre a vida em Salvador no começo do século XX, e toda a conjuntura política e social daquele período, acrescenta alguns condimentos a mais em tudo que já foi narrado sobre o tema. O livro, aliás, evoca sabores e aromas, impossível não ser tomado pelo universo descrito, onde a culinária afro-baiana é um contraponto delicioso, com as descrições de guloseimas e pratos de origem africana que se tornaram parte da memória histórica baiana e nacional.

O registro de um momento de grande significado para as comunidades de terreiro, nos relatos sobre as pioneiras yalorixás Mãe Aninha e Mãe Menininha do Gantois e a mudança da capital do Brasil para o Rio de Janeiro, que levou a uma migração em massa de nordestinos para o Rio de Janeiro, fato que desemboca na história de Tia Ciata, no surgimento do samba, tendo como pano de fundo a comunidade de baianos que vieram em massa em busca de novas oportunidades de trabalho e qualidade de vida, se acomodando na Praça Onze e na zona portuária conhecida como “Pequena África”. A migração de parte da família de Martha para o Rio de Janeiro marca uma guinada no destino dos descendentes da africana Ewa Oluwa, e o começo de uma nova Era onde os ponteiros da justiça começam a se equilibrar. A justiça, o fogo e a pedra (meteorito), que são princípio e elementos do Orixá da Justiça Xangô, estão presentes na narrativa como um personagem que paira acima e em volta de toda a saga narrada. A presença do Orixá da Justiça como personagem estrutura a história em torno de uma visão civilizatória ancorada na tradição yoruba Nós somos pequeninas formigas diante do mistério da natureza. Ela tem suas razões. Agora podemos não entender nada, mas o futuro sempre traz as respostas. Os Orixás, filha, e a natureza são uma coisa só. Eles são a vida, são as coisas da nossa vida neste mundo. **A justiça é nossa estrada.** Você acha que estamos fora dela? Nada disso. Confia (257, grifo meu):

E o caminho da justiça se mostrou constante e firme, como uma imensa rocha, com a chegada de Eloá, primogênito de Celina e Maneco, que seguindo um caminho traçado ainda em Oyo, na montanha Oke-Ado, tornou-se parte desse desígnio

xangoístico. A justiça estava no caminho dos descendentes daquela primeira mulher africana que aportou em Cachoeira para dar à luz uma criança, que seria a mantenedora de uma linhagem familiar, que tem no Orixá Xangô o seu patrono. “Xangô é Rei dos Reis”, Xangô é a própria Justiça amalgamada em sua constituição. Tia Dona, uma mulher negra sábia entre as “mais velhas” havia vaticinado “A maré está enchendo e a correnteza é muito forte”. Sim, a maré encheu e levou tudo o que não era fundamental, os títulos de nobreza dos fidalgos escravocratas, as riquezas conseguidas com a exploração da força de trabalho alheia, a soberba, e principalmente muitos privilégios injustos.

A família Sangokunle resistiu e sobreviveu às mudanças das marés, agarrada às suas práticas ancestrais como que abraçadas a uma gigantesca pedreira. Eloá, que se mudou para o Rio de Janeiro com a família no ano de 1955, tempos depois entra para a Faculdade Nacional de Direito, dando início a uma nova etapa da história da família em solo brasileiro e atestando o que a personagem Tia Dona havia vaticinando “A justiça é nossa estrada. Você acha que estamos fora dela? Nada disso. Confia”. Kao kabiecile! Era o início da colheita de uma semente iniciada há muito tempo pelo avô Adonis, que participara do movimento abolicionista, e pelas mulheres da família que lutaram bravamente para manter os laços familiares e comunitários.

CIDINHA DA SILVA - *UM EXU EM NOVA YORK*

Cidinha da Silva (MG) é escritora e editora na Kuanza Produções⁵⁹. Publicou 19 livros que contam com 222,4 mil exemplares em circulação. *Um Exu em Nova York* (Prêmio Biblioteca Nacional, 2019) *Os nove pentes d'África* (PNLD Literário 2020), são dois destaques. Tem publicações em alemão, catalão, espanhol, francês, inglês e italiano. É curadora de Almanaque Exuzilhar (Youtube) e conselheira da Casa Sueli Carneiro.

Podem me catalogar como
quiserem. Apenas não esperem que eu
vista as roupas que me dão. Ou entre
em caixinhas por vontade própria

Cidinha da Silva, *Manifesto*

O livro de contos, *Um Exu em Nova York*, lançado em 2020 pela editora Pallas, é um exemplo da estética literária criada por mulheres negras neste início de século XXI. A ficção afro-brasileira que conquista cada vez mais leitores, fora dos círculos de onde provém os autores e autoras afrodescendentes, está muito bem representada nesta obra da autora. *Um Exu em Nova York* narra, em 19 contos, situações que remetem à vida dos seres afro diaspóricos, de forma inovadora e com um lirismo que não apenas “prende”, mas “nocauteia” o leitor à primeira lida. O título que remete ao filme blockbuster *Um príncipe em Nova York*, pode levar o leitor a intuir que se trata de uma obra com forte apelo pop. Mas, sim, pop de popular, sem o distanciamento semântico que o termo adquiriu, devido à sua conexão com mega produções, que o transformou em algo que nem sempre significa estar em comunhão com o povo. Cidinha da Silva cria a partir do Brasil, periferia do mundo ocidental, e essa conexão com a cultura negra norte-americana contemporânea instiga o leitor atento, mas os conteúdos dos contos trazem uma mensagem clara, ou melhor escura, de que os problemas dos seres “paridos pelo ventre de um navio” são transnacionais, de forma que se posicionam para além das fronteiras geográficas. Pode se conectar com experiências afro diaspóricas em qualquer parte do mundo, especialmente, nos EUA, como nos mostra o conto

⁵⁹ www.kuanzaproducoes.com.br

Farrina, um exemplo de como as idéias do panafricanismo se materializam transpondo a barreira da língua:

Era, de longe, a mulher mais alta de quem jamais havia me aproximado. Estava sentada na recepção do museu de um jeito bem infantil, as pernas muito abertas e o tronco inclinado e projetado para frente, como um menino aficionado por videogame.

Só mudava a postura para manusear o celular. Ali denunciava a idade, a geração, era pré-histórica. Catava milho para digitar qualquer coisa. Apertava as teclas com o indicador. Mordia o lábio de felicidade quando concluía uma frase ou acertava uma letra maiúscula, e tocava a tela com aquele jeito de quem ainda se encanta com o milagre das imagens no *touch screen*.

Assim que me viu, sorriu, meneou o corpo como quem dissesse: se você está procurando lugar para se sentar, sente-se aqui. Assenti. A ver o que aquela mulher de longos dreads avermelhados teria a me dizer. (45)

Por outro lado, há algumas características neste livro de contos que pode ser considerado um divisor de águas nas narrativas ficcionais femininas negras brasileiras contemporâneas - a presença do amor homoafetivo lésbico e a vivência das mulheres de Axé nos terreiros de culto aos Orixás, como podemos ver no conto

Mameto:

Diziam que ali as paredes gemiam. Maldade da língua do povo, modo de falar mal do terreiro que tinha muita *roçona*. A começar pela Mameto, que roçava à vera e não escondia de ninguém, mas não colocava letreiro na testa.

Era aquele jeito de mulher mais antiga que não dá nome aos relacionamentos. Os filhos chamam a companheira de tia ou até mesmo de mãe. Elas dormem juntas em cama de casal e com a porta do quarto bem fechada. E ninguém fala no assunto

Há alguns anos Mameto estava sozinha e naquela solidão de autoridade que ela cultivava ninguém se metia (...) até que uma filha da casa lhe apresentou a nova namorada. Uma moça atenciosa, sorridente, que aqueceu o coração de Mameto com muito zelo e delicadezas, entretanto, desde o primeiro momento, deitou sobre ela aqueles olhos de caçadora que desconcertava a velha senhora e a transformava em presa (51-52, grifo meu)

O uso de linguagem comum na Bahia para designar a mulher que tem uma “sexualidade fluída”, onde a figura da *roçona* ocupa um espaço complexo no imaginário popular, traz para a cena uma estética onde o amor lésbico é evidenciado. Narrativas curtas são como ventos fortes que deixam rastros de possibilidades pelo caminho, e o conto *Sinhá Rita* é outro exemplo:

Sá Rita está sentada na cama de frente para o altar de Nossa Senhora do Rosário. Balbucia coisas que ninguém mais entende. Parece estar em permanente estado de oração. As perninhas balançam como a criança que ela está voltando a ser. Os dedos lentos passam uma a uma as lágrimas-de-nossa-senhora.

Termina as orações ou a conversa com aqueles que ninguém vê, só ela, e se deita com as mãos pequenas em concha debaixo de um dos lados do rosto. Ela parece

mesmo um anjo barroco, aquele corpo minúsculo e rechonchudo. Quem imaginaria os nove filhos paridos? (71)

Cidinha traz sopros vigorosos de renovação para o gênero literário em *Um Exu em Nova York* como podemos ver nos vários caminhos narrativos trilhados por ela. No conto inframencionado, intitulado *Kotinha*, ela narra a ação violenta de evangélicos fundamentalistas contra um terreiro, pela perspectiva de uma jovem iniciada no Candomblé de nação Angola-Congo:

Quebra! Quebra! Quebra em nome de Jesus!

Mulheres e crianças se abrigavam no fundo do barracão, rogando para que a agressão acabasse logo. Para que nenhum homem do terreiro chegasse esse visse obrigado a enfrentar os crentes.

Os trovões arrebatavam o céu, enquanto os homens de cérebro lobotomizado, tomados pelo demônio, devastavam o roncó.

Uma garotinha, pequena makota, emburrada, de braços cruzados, enxergou Bamburucema atrás de um dos homens, colada às suas costas, tentando chama-lo à razão. Arquitetou: eu vou virar ele, vou virar ele (pp 21, 22)

Na literatura brasileira a abordagem do universo LGBTQI+ tem sido muito pouco explícita. O chamado “decoro” era estendido às letras de músicas, onde hipoteticamente poderia haver mais liberdade criativa, exemplo de *Ilusão à toa*, canção de Johnny Alf (Alfredo José da Silva), lançada no disco *Rapaz de bem* de 1961, onde o autor narra-canta um amor homoafetivo platônico por um “muso”. O mesmo se repetindo nas canções *Um certo alguém* de Lulu Santos de 1982, e *Amor mais que discreto* de Caetano Veloso de 2007. As três canções têm intervalos de aproximadamente duas décadas entre si, e podemos observar que ainda assim não há nada na letra que aponte para um flerte com um *crush* homoafetivo.

Tanto em *Ilusão à toa* como nas demais canções, há um “enigma”, “um certo alguém”, um “amor discreto”, sentido por “uma só pessoa”, uma descrição que contrasta com os altos brados dos poetas, quando se trata de um enredo amoroso heteronormativo. O campo literário é um espaço em que esse tema vem sendo trabalhado por autoras negras LGBTQI+. Há até um poema de Maria Firmina dos Reis que sugere um amor platônico lésbico e interracial intitulado *A Uma Amiga*. A escritora Mirian Alves escreveu os contos lésbicos *New York* em 2001 e os *olhos verdes de Esmeralda em 2011*. Temáticas LGBTQI+ tem sido exploradas com mais liberdade pelas novas gerações, e é um dos pilares da literatura negra contemporânea.

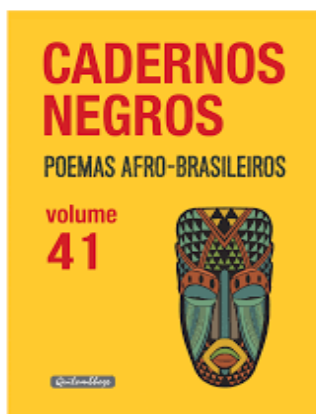
3.7

Devir poético feminino afro-brasileiro - Análise de poemas

Apesar de consentirmos em toda a irrecusável tecnologia, apesar de concebermos as manobras das políticas a concertar, o horror de vencer fomes e ignorâncias, torturas e massacres, e a totalidade do saber a conquistar, o peso de cada maquinaria que acabaremos por controlar, e a fulguração desgastante da passagem de uma a outra era, da floresta à cidade, do conto ao computador – há, à proa, agora comungado, esse ainda rumor, nuvem ou chuva, ou fumo tranquilo. Conhecemo-nos enquanto multidão, no desconhecido que não aterroriza. Gritamos o grito da poesia

Edouard Glissant, *A barca aberta*

A poesia está presente no cotidiano do mundo. Assistimos neste início de século, a retomada desse modo de expressão literária, que ressurgiu com força total, com um diferencial muito significativo: a popularização radical do poema como forma de expressão artística e política. De artigo de consumo de uma elite letrada e não raramente abastada economicamente, a poesia, como toda construção artística em movimento, rebelou-se. Escapou para fora dos salões hermeticamente fechados e tomou as ruas, praças, saraus, bancos escolares, universitários e até prisões, sim, a poesia liberta o espírito.



14 - Capa Cadernos Negros Poesia 41 / Selo Quilombhoje

A poesia afro-brasileira, que nos séculos XIX - XX teve representantes como Maria Firmina dos Reis e Auta de Souza, ganhou novos contornos com poetas que surgiram ao longo do século XX - XXI como Geni Guimarães, Conceição Evaristo, Mirian Alves, Elisa Lucinda, Livia Natália, Elizandra Souza, Jarid Arraes entre outras. Essa renovação deve-se ao fato de os autores afrodescendentes terem seguido a trilha de Paula Brito (Francisco de Paula Brito, Rio de Janeiro 1809-

1861), precursor do movimento editorial brasileiro, considerado o primeiro editor e empresário afro-brasileiro, juntamente a uma “tradição” poética que teve início com Luiz Gama, que trouxe para a cena uma estética autorreferenciada, afro-centrada, onde a afirmação da negritude faz parte do discurso poético-literário (Fonseca, 2006):

Para além do abismo, apostamos no desconhecido. Tomamos partido por esse jogo do mundo, pelas Índias renovadas em direção às quais gritamos, por essa Relação de tempestades e de calmarias profundas onde possamos honrar as nossas barcas...Conhecemo-nos enquanto multidão, no desconhecido que não aterroriza. Gritamos o grito da poesia. As nossas barcas estão abertas, nelas navegamos para todos (Glissant, 2011, 3, 4)

A poesia é a metáfora perfeita para essa “aposta no desconhecido” para a qual nos impele Glissant. Estamos vivendo uma espécie de despertar poético-literário, uma **Primavera Literária Afro-brasileira**. A poesia brasileira canônica tem os seus limites “borrados” com o surgimento de uma nova estética poética, ancorada tanto na linguagem oral quanto escrita, sem hierarquizar-las, em que essa nova forma de expressão, que bebe em fontes da tradição nordestina do repente, do *toasting*⁶⁰ jamaicano, que deu origem ao rap norte americano e desembocou no *slam*, devidamente apropriado por poetas da nova geração como Mel Duarte, Lourence Alves, Luciene Nascimento entre outras. Essas adições tem contribuído fundamentalmente para que a poesia se renove e encontre novos públicos, principalmente aqueles pertencentes às novas gerações.

Ouvi recentemente que sou
da geração *Tombamento*:
preta, pobre, consciente
que carrega esteticamente
a cura para o próprio tormento.
Meu tormento não nasceu comigo,
Me lembro de senti-lo bem no colégio,
de os meninos que me revelaram
que amor-próprio era privilegio.
Meu amor-próprio foi construído,
demorei, mas aprendi,
e aos dezoito concluído:
meu padrão não é daqui.
E quis lançar aos quatro ventos
pendurar uma faixa amarela,
quando eu via uma pretinha triste,

⁶⁰ Técnica vocal de reggae que mistura fala e canto, popularizada por cantores de *dub*, cujo maior expoente foi o músico jamaicano *U Roy (Ewart Beckford)*, e que deu origem à música rap (*rhythm and poetry*) norte-americana.

escrevia e dizia pra ela,
que tudo nela é de se amar. Tudo.⁶¹

Os eventos culturais ao redor do planeta nunca mais foram os mesmos desde que a *poetry slam* tomou a cena poética de assalto, fazendo com que mentes subjugadas libertassem-se e levantassem voos, espalhando a palavra libertadora. *Slam* é uma onomatopeia que significa batida, é usada em inglês para designar o sentido de atos como um bater de palmas, mas também tem o sentido de golpe, pancada, algo certo, como são as rimas dos poetas nas “batalhas” criadas pelo norte americano Marc Kelly Smith e que chegou ao Brasil em 2008 via a poeta-*slammer* Roberta Estrela D’Alva, que criou em São Paulo o *ZAP! Slam – Zona Autônoma da Palavra*, dando início a um movimento que se desdobrou na criação de vários outros na periferia de São Paulo, o Slam da Guilhermina, Slam Capão, Slam da Norte, Slam Paz em Guerra, Slam Resistencia, Slam Caruaru, se espalhando pelo Brasil e dando origem a vários outros como o Slam das Minas (nacional), Slam Negritude (RJ), Slam Lage (RJ), Slam Pretas Poetas (BA), entre outros vários. Há campeonatos municipais, estaduais, nacionais e internacionais, a Copa do Mundo de Slam, pois o criador do movimento, Marc Kelly Smith, o idealizou como um simulacro de “competição”, onde a “adrenalina” motiva os poetas a criarem e se aperfeiçoarem. Há um documentário sobre o tema chamado *Slam: Voz de Levante*, produzido pela Globo Filmes e dirigido por Tatiana Lohmann e Roberta Estrela D’Alva. O movimento da *Slam Poetry* tornou-se sinônimo de contra hegemonia, devir-literário, histórico, social, revolução comportamental:

O *slam* é uma competição de poesia falada criada nos Estados Unidos por Marc Smith, mais especificamente em Chicago nos anos 1980 e trazido ao Brasil em 2008 por Roberta Estrela D’Alva. Originário do inglês, o termo *slam* quer dizer batida. Algo semelhante a uma pancada. No entanto, resumir essa palavra a apenas um significado é uma tarefa difícil porque qualquer descrição que se faça nunca dará conta da amplitude que essa vertente da cultura urbana alcançou nem do impacto que ela tem na vida de inúmeras pessoas. As batalhas de poesia falada seguem algumas regras: poesias autorais de até três minutos sem a utilização de objetos cênicos e sem acompanhamento musical. Corpo e voz são elementos fundamentais! As notas são dadas por um júri popular que é escolhido no momento da competição. Esta normalmente ocorre em três fases: geral, semifinal e a final, que revela o poeta vencedor daquela edição. Num *slam* são recitadas poesias de temas livres, mas verifica-se, ao longo do tempo, que grupos historicamente excluídos vêm se utilizando dessa expressão artística como forma de reivindicar seus lugares de

⁶¹ Nascimento, Luciene, poema *Tudo nela é de se amar* do livro homônimo lançado no dia 15 de abril de 2021 pelo Selo Estação Brasil / Editora Sextante. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=V20Z554-xik>

direito, de dar visibilidade às suas lutas e se colocar como protagonistas de suas próprias histórias⁶² (de Paula, Revista Educação Pública, Cecierj, 2019).

Um momento de grande significado para os *slammers* ao redor do planeta foi a participação de uma de suas representantes, a *slammer* Amanda Gorman, que declamou na posse do Presidente dos EUA, Joe Biden, o poema *The Hill We Climb* (A Colina que Escalamos) inspirado nos fatos geradores de crise e polarização ocorridos nos EUA nos últimos tempos, como a eleição de Donald Trump e os desmandos da polícia contra afro-americanos e a morte de George Floyd em frente às câmeras, vistas ao redor do planeta, que levou aos protestos encabeçados pelo movimento *Black Lives Matters*:

Quando chega o dia, nos perguntamos:
onde podemos encontrar luz nesta sombra sem fim?
A perda que carregamos,
um mar que devemos navegar
Enfrentamos o ventre da besta
Aprendemos que silêncio nem sempre é paz

E as normas e noções do que é justo
Nem sempre é justiça
E, ainda assim, o amanhã é nosso antes de sabermos disso
De alguma forma nós fazemos isso,
De alguma forma nós resistimos e testemunhamos
Uma nação que não está quebrada
mas simplesmente inacabada⁶³
(Gorman, posse do presidente dos EUA, Joe Biden, 2021)

Amanda Gorman é uma expoente da nova poesia que vem do Norte e podemos acompanhar a sua trajetória ascendente como artista da palavra graças à tecnologia. Ao lado de Linton Kwesi Jonhson, o poeta do *dub*, ela inaugura uma “tradição” dentro da tradição anglo saxã. Linton Kwesi Jonhson, poeta jamaicano-britânico, teve a coleção de seus poemas, a *MI Revalueshanary Fren* publicados pela seletiva Penguin Modern Classics Series. Ele é o único poeta afrodescendente de um panteão que inclui Walt Whitman, William Wordsworth, William Shakespeare, William Blake, Sylvia Plath, e o único vivo. A poesia de Linton Kwesi Jonhson deveria ser ensinada nas universidades brasileiras, pela identificação de parte da população brasileira com a música e a cultura jamaicana e a poesia inglesa.

⁶² *Slam: literatura e resistência - o que é slam?* Revista Educação Pública, Cecierj, 2019.

Josi de Paula é *slammer*, *slammaster*, criadora do Slam Negritude (RJ), graduada em Administração de Empresas pela FGV/Ebape.

⁶³ GORMAN, Amanda, *The Hill We Climb*, 2021.

Seguindo a rima como em um vaticínio iluminador glissaniano, a poesia contemporânea irrompe os salões, mansões, favelas e todo espaço onde possa se propagar, alimentando-se da linguagem oral, ressignificando as manifestações artístico-culturais africanas, a linguagem popular, o *pretuguês*. Mulheres, negros, lgbs, indígenas, asiáticos, encontram-se nessa encruzilhada libertadora e em conjunto ressignificam suas jornadas. A geração de poetas surgidas nestas primeiras décadas do século XXI, porta-vozes de uma nova estética poética cuja característica é a forte ligação com a oralidade, em que os poemas adquirem vida para além do formato livro, ao contrário da leitura silenciosa, os poetas performam a poesia com seus corpos dissidentes. Essa poesia há algum tempo seria conceituada como “marginal”. Contudo, o “lugar de escuta” está sendo proposto por essa nova geração de poetas afrodescendentes, mulheres e lgbtqi+, para aqueles que historicamente exercitavam a mirada exógena, alheios aos fundamentos da narrativa apresentada. No livro *Olhares Negros*, bell hooks⁶⁴ conclama os afrodescendentes a usarem seus “olhares opostos” para questionar uma estrutura hierárquica, que lhes impõem o silenciamento, argumentando que, nessa escala valorada e controlada pelos que estão encimados e acomodados em seus diversos privilégios, sobram as posições mais desprestigiadas para esse grupo, e esse lugar, ela sugere que deve ser declinado com toda a veemência:

Existem espaços de agência para pessoas negras, onde podemos ao mesmo tempo interrogar o olhar do Outro e também olhar de volta, um para o outro, dando nome ao que vemos. O “olhar” tem sido e permanece, globalmente, um lugar de resistência para o povo negro colonizado. Subordinados nas relações de poder aprendem pela experiência que existe um olhar crítico, aquele que “olha” para registrar, aquele que é opositor. Na luta pela resistência, o poder do dominado de afirmar uma agência ao reivindicar e cultivar “consciência” politiza as relações de “olhar” - a pessoa aprende a olhar de certo modo como forma de resistência (...) Quando a maioria das pessoas negras nos Estados Unidos teve a primeira oportunidade de assistir a filmes e à televisão, fez isso totalmente consciente de que a mídia de massa era um sistema de conhecimento e poder que reproduzia e mantinha a supremacia branca. (hooks, 2019, 217)

As poetas infra selecionadas “são dessas”, seus “olhares opostos” se voltam contra o machismo, racismo, lgbtfofia, tentativa de encerrar os corpos de mulheres negras em categorias minoritárias, sem direito à voz, sem vida própria. O vigor e força de suas poesias está em verbalizar situações de opressões que estavam sedimentadas pelo uso na sociedade brasileira. O que as poetas veteranas e da nova

⁶⁴ hooks, bell. *Olhares negros: raça e representação*, 2019.

geração fazem é usar palavras-espadas e flexas-poéticas, para dinamitar distorções. Em um país fundado sobre profundas desigualdades, não adquirir um “olhar opositor” não é uma opção, jamais será, enquanto os corpos de mulheres negras, vide a trajetória de Marielle Franco, que Mel Duarte homenageia com um poema homônimo, forem os alvos preferenciais de violências. Não se trata de minimizar ou hierarquizar o efeito da violência de gênero no conjunto da sociedade - é fato que o Brasil é um dos países entre aqueles com as maiores taxas de feminicídio e lgbtcídio do mundo - mas de constatar e rechaçar uma prática em que o sexismo se intersecciona à raça e à condição socioeconômica das sujeitas.

Mel Duarte, Elizandra Souza, Lívia Natália, Jarid Arraes, Lourence Alves e as veteranas Maria Firmina dos Reis, Geni Guimarães de Mirian Alves estão presentes através de seus poemas de ferrão afiado na doçura do mel, onde batizam sua inspiração poética. Sim, porque nem só de problema social e catástrofe é feita a vida das veteranas e novas sujeitas poéticas. A religiosidade afro-brasileira, as propostas e construções solidárias estão presentes em suas líricas, temas que se articulam através de, com e para uma rede de mulheres negras, que desde o Brasil se conectam com as idéias de várias pensadoras pretas, de Lélia Gonzalez a Sueli Carneiro, de Ângela Davis a bell hooks passando por Audre Lorde, para quem “a poesia não é um luxo” e é preciso engendrar uma “transformação do silêncio em linguagem e ação” porque “fomos socializadas para respeitar mais o medo do que nossas necessidades de linguagem e significação, e enquanto esperarmos em silêncio pelo luxo supremo do destemor, o peso desse silêncio nos sufocará” (Lorde, 2019, 52, 55).

Portanto, o silêncio não serve como estratégia de luta pela vida, pela arte, por existir. A poesia de todas essas poetisas tem treta, sim, muita crítica social, mas também delicadeza, alegria, celebração. O *corpus* poético a ser apresentado traz excertos das obras de poetisas advindas do nordeste e sudeste, *Geni Guimarães, Mirian Alves, Lívia Natália, Jarid Arraes, Elizandra Souza, Mel Duarte e Lourence Alves*.

Geni Guimarães

Geni Guimarães, poeta, ficcionista e professora, iniciou a carreira literária publicando poemas em jornais da cidade onde morava, Barra Bonita, interior paulista. Na década de 1980, após entrar em contato com movimentos pelos direitos dos negros brasileiros, passou a refletir questões identificadas com a vivência dos afrodescendentes, período em que teve contos publicados pelos Cadernos Negros. Recebeu o prêmio Jabuti em 1990, pelo livro *A cor da ternura*. Autora das obras poéticas *Terceiro filho*, 1979; *Da flor o afeto, da pedra o protesto*, 1981; *Balé das Emoções*, 1993; de contos *A cor da ternura*, 1989, *A dona das folhas*, 1995; dos livros infanto-juvenis *O rádio de Gabriel*, 1995; *Aquilo que a mãe não quer*, 1998; *O pênalti*, 2019. *Poemas do regresso* faz parte de um projeto da Editora Malê de publicações de livros - inéditos e reedições - da escritora, iniciado com a publicação do juvenil *O pênalti*, em 2019, *Poemas do regresso*, em 2020, e que seguirá com a publicação dos livros de poesia *O terceiro filho* e *Balé das Emoções*, em 2021. Geni foi a homenageada do ano na Balada Literária, em 2020, evento dedicado a música, literatura e artes, pelo conjunto de sua obra e seu pioneirismo e longevidade criativa. O livro *Poemas do regresso* é uma mostra da sua dedicação ao ofício de escrever sobre sonhos e utopias, e se a passagem do tempo pode trazer solidão e por vezes lamentos, esta pode, por outro lado, ser celebrada em versos. Os poemas selecionados para este trabalho são *Regresso*, *Ato cívico*, *Sexismo*, *Sem mera coincidência* e *Oração da rebeldia*.⁶⁵

Regresso

Como quem se vê pela janela
me resgato
Regresso desatando laços,
espantada com meu próprio espanto.
Não serei curta, nem breve.
Insaciável,
de novo sorverei o gole que me cabe,
prisioneira apenas das minhas próprias rédeas.
(Guimarães, Ruth. *Regresso*, in *Poemas do regresso*. RJ: Malê, 2020, 11)

Ato cívico

Contudo, amo esta pátria,

⁶⁵ Fonte: Editora Malê e Portal Literafro

Respingada de lírico sentimento,
Na busca utópica de bom dia e pão.

Irracionalmente,
Amo este chão de mal-amados, mal dormidos,
risos frágeis, disfarçados,
ante a presença do gozo desgozado.

Sofro com ela e nela,
pudor velado, e revolta e asco,
nas vezes em que me pego
dizendo “muito obrigado”

carrego-me no colo,
camuflo sonhos que, então sonhados,
guardaram a virgindade
no cofre dos sentimentos ultrajados.

(Guimarães, Geni. *Ato cívico*, in *Poemas do regresso*. RJ: Malê, 2020, 37)

Sexismo

Invadiu-me e, sanguessuga,
brincou de sondar o meu orgulho,
babou em gosma meu jeito,
possuiu-me em sedosos pensamentos

Da minha carência secular,
fez seu adereço de bronze,
expeliu mentiras adocicadas
e desfez meu escudo de mulher.

Mas, quando o corpo suado,
me tocou e, no contato,
todo em prazer se desfez.
Sem querer, servi o bicho,
mas sentindo cheiro de algemas,
em revanche vomitei.

(Guimarães, Geni. *Sexismo*, in *Poemas do regresso*. RJ: Malê, 2020, 15)

Sem mera coincidência

Estou no tempo
de ouvir todos os dias lembretes:
Cuidado com os degraus!
Olha a altura da guia!
Tira os tapetes da sala.

Não vá dormir tarde,
Não atravesse a avenida.
“senhora, pode passar na minha frente”

Tá precisando de ajuda?
mãe, espera que eu te levo.
E os remédios, já tomou?

E assim, mesmo que eu quisesse
deixar de contar o tempo, de modo algum poderia
me esquecer de que estou velha.
A sociedade me envelhece todos os dias.
(Guimarães, Ruth. *Sem mera coincidência*, in Poemas do regresso.
RJ: Malê, 2020, 83)

Oração da rebeldia

Lei áurea,
que estais nos livros,
santificando diversos nomes,
deixai a nós,
o nosso reino
pois não faremos a tua vontade,
aqui na terra nem lá no céu.

O pão nosso
De cada dia fazemos hoje.
Para convosco não temos dívidas,
nem para com ninguém,
que nos tenha ofendido.
Livrar-nos-emos do vosso mal.
Amém.

(Guimarães, Ruth. *Oração da rebeldia*, in Poemas do regresso. RJ:Malê,
2020, 39)

Mirian Alves

Miriam Aparecida Alves natural de São Paulo, é poeta, prosadora e pensadora. Começou a escrever aos onze anos, nos anos 1980 integrou o coletivo QuilombHoje sendo responsável pela produção dos *Cadernos Negros*, onde também tem trabalhos publicados desde 1982. Pensadora da literatura brasileira, lançou o livro *BrasilAfro Autorrevelado*. Ativista pelos direitos dos afrodescendentes e mulheres, sua literatura esteticamente marcante e disruptiva politicamente, vem fazendo a diferença, é uma das raras autoras a escrever contos lésbicos desde os anos 1980. Sob o pseudônimo Zula Gibi⁶⁶, após ter sido ameaçada por um leitor lesbofóbico, que havia lido um conto anterior com o mesmo tema, Mirian escreveu os contos *New York* e *Os olhos verdes de Esmeralda*, em que fala sobre misoginia e lesbofobia. Na sua bibliografia constam vários títulos, de gêneros diversificados *Momentos de busca*, *Estrelas no dedo* (poesia), *Mulher mat (r) iz* (contos), *Bará na trilha do vento* (romance), *Terramara* (teatro), *BrasilAfro Autorrevelado* (ensaio), e organizou as antologias *Finally us - Enfim nós: contemporary Black Brazilian woman writers e Women righting: afro-Brazilian women's short fiction - Mulheres escrevendo*, esta última em parceria com Maria Helena Lima. Os poemas de sua profícua produção infracitados são *Enigma*, *Fumaça*, *Guardiãs e Mahin manhã*

Enigma

Tento decifrar-me
mergulho-me
calo
acalento calores
dilacerados

Mergulho em você
avolumo prazeres solitários
broto emoções explícitas
em lugares bem guardados

- Miriam Alves, no livro "Estrelas no dedo". São Paulo: Quilombhoje, 1985.

Fumaça

Estou a toque de máquina
corro, louca, voo, suo
a fumaça sou eu

Estou a toque de nada

⁶⁶ Ver o artigo de Camila Dias sobre o tema. Disponível em: https://abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491264573.pdf

vivo, ando
 como a comida envenenada
 e o comido sou eu

estou a toque de selva
 os ferros torcidos, sacudidos
 dentro de uma marmita
 e a marmita sou eu

Nego, mas vivo dizendo
 Sim
 a tudo que me dói na cabeça
 e o doido sou eu

Paro, mas estou sempre correndo
 doem as pernas, os pés
 e este corpo é o meu

Amanhã me encontra acordada
 como a noite deixou
 e o insone sou eu

Indago, mas não estou escutando
 a pergunta anda solta
 e ninguém explicou
 que a resposta sou eu

- Miriam Alves, in *Cadernos Negros* n. 5, São Paulo: Quilombhoje, 1982.

Guardiãs

Esconderei meu sofrimento
 nas entranhas do vento
 guardarei as lágrimas
 no pote das nuvens
 reavaliarei as intenções
 da natureza
 Farei das montanhas
 guardiãs de meus segredos

Escreverei com um corisco
 o fogo das emoções
 as verdades de hoje
 para não serem
 segredos de amanhã.

- Miriam Alves, no livro "Estrelas no dedo". São Paulo: Quilombhoje, 1985.

Mahin manhã

Ouve-se nos cantos a conspiração
 vozes baixas sussurram frases precisas
 escorre nos becos a lâmina das adagas
 Multidão tropeça nas pedras

Revolta

há revoada de pássaros

sussurro, sussurro:

“é amanhã, é amanhã.

Mahin falou, é amanhã”

A cidade toda se prepara

Malês

Bantus

geges

nagôs

vestes coloridas resguardam esperanças

aguardam a luta

Arma-se a grande derrubada branca

a luta é tramada na língua dos Orixás

é aminhã, aminhã”

sussurram

Malês

Bantus

geges

nagôs

“é aminhã, Luiza Mahin falô”

- Miriam Alves, em "Cadernos Negros: os melhores poemas". São Paulo: Quilombohoje; Fundo Nacional da Cultura| Ministério da Cultura, 1998, p. 104.

Lívia Natália

A escritora baiana Lívia Natália, é Doutora em Literatura e Professora Adjunta de Teoria da Literatura na Universidade Federal da Bahia, já publicou os livros *Água Negra* (Prêmio Banco Capital de Poesia 2010); *Correntezas e Outros Estudos Marinhos*, 2015, pela editora Ogum's Toques Negros; *Água Negra e Outras Águas*, 2016, pela editora Caramurê. Participou, em 2017, da antologia *É agora como nunca*, (Editora Cotovia – Portugal 2017 e Companhia das Letras, 2017); organizada por Adriana Calcanhotto, e lançou, também em 2017, o livro de poemas *Dia bonito pra chover*, que ganhou o prêmio de Melhor Livro de Poesia daquele ano da APCA - Associação Paulista de Críticos de Artes. Os poemas infracitados são do livro *Correntezas e Outros Estudos Marinhos*, em 2015.⁶⁷

Sina

Todo mês eu sangro.
Diversa de mim,
atravesso Águas brutas,
oceanos que me povoam bravios.
Expulso o que em mim excede
e, do que sobra,
algo se move lívido
pulsando nas sendas de meu ventre.

Quando sangro,
o animal onde moro troca de pele
por dentro,
expurgando entranhas.

Todo mês eu sangro.
Todo mês eu singro este mar,
em que me banho.
(Natália, Lívia. *Sina* in *Correntezas e outros estudos marinhos*, p. 8, Edição do Kindle)

Lívia Natália é uma das poetisas que vem desenvolvendo um trabalho na contemporaneidade, com reconhecimento de crítica e público, sua poesia é carregada de um lirismo arrebatador, neste livro *Correntezas e Outros Estudos Marinhos*, ela explora a relação entre o mar/maternidade/criação literária, o ato de criar como forma de preencher os vazios da existência, é um livro em que o feminino é explorado de forma profunda e bela

⁶⁷ Fonte: Site da Editora Malê <https://www.editoramale.com.br/single-post/2017/08/02/1%C3%ADvia-nat%C3%A1lia-lan%C3%A7a-livro-de-poemas-no-rio-de-janeiro>

Buscâncias

Precisa-se de estrelas que brilhem
nos vãos do corpo,
que poluam com seu tom luminoso
a dobra opaca de que toda sou.
Paga-se bem:
em fartas moedas de silêncio,
com dores sem cura,
com sangue duro e vivo de estranhas.

Preciso de alguma luz estranha e calma.
D´algum clarão vivo e verdadeiro.
Algo que negue este estreito
onde moro em solidão. (61)

Os poemas do livro seguem a “anatomia” do corpo-cabeça-coração feminino, transformando em poesia, as dores, amores, questionamentos, tudo que, no mundo das mulheres, seguem o seu fluxo, “sangrando”. O sumo é poético e estético, do poema de Livia jorra sangue, seiva, pílulas de feminilidades.

Anatomia

Meu corpo se dobra na curva dos dias,
as ondas passam prenhes de pássaros, peixes e maresias
o mar bebe o mundo com sua língua de onda
e meu útero permanece vazio.

Desconsolada,
engoli naufrágios inteiros
com pescadores e navios
e meus sonhos ganharam pele de peixe.

(Ando com esta barriga murcha, recolhida no labirinto das entranhas.)

Meu útero bebeu a tinta das letras,
comeu papéis e teclas,
guardou-se debaixo do travesseiro, para o quando,
guardou-se no bolso, numa caderneta fina, para se...

Tudo vão:

Meu útero apenas ganhou guelras
e respira submerso.

(Natália, Livia. *Anatomia* in *Correntezas e outros estudos marinhos*, p. 32. Edição do Kindle)

Jarid Arraes

Nascida em Juazeiro do Norte, CE, Jarid Arraes é uma celebrada poeta que escreve em formato de cordel. Autora dos livros *Redemoinho em dia quente*, (editora Alfacarra, 2019), ganhador do prêmio da APCA na categoria contos/crônicas, *Um buraco com meu nome* (Ferina, 2018) e *As lendas de Dandara* (Editora de Cultura, 2016). Publicou mais de setenta títulos de literatura de cordel incluído o escolhido para esse estudo *Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis*. Criou o Clube de Escrita para Mulheres em São Paulo, cidade onde vive atualmente. Sua obra tem sido adotada em escolas, bibliotecas públicas, sendo adotada inclusive pela Biblioteca do Congresso norte-americano. Nos cordéis inframencionados, *Maria Firmina dos Reis*, *Maria Felipa* e *Tia Ciata*, ela reconstrói as trajetórias de três mulheres afrodescendentes que foram fundamentais para a História do Brasil.

Maria Firmina dos Reis

Maria Firmina dos Reis
De mulata foi chamada
Mas renego esse termo
Pra gente miscigenada
Reconheço-a como negra
Sendo assim nomeada (...)

Apesar de seu registro
De bastarda carimbada
Sofreu muito preconceito
Por não ser endinheirada
E foi na dificuldade
Que se fez iluminada (...)

Porque de dificuldades
Sua vida foi inteira
Até mesmo pseudônimo
Foi sua opção primeira
Como “Uma maranhense”
Assinou sua trincheira

(Cordel *Maria Firmina dos Reis*, 107, 109)

Maria Felipa

Cito Maria Felipa
Exemplar essa guerreira
Natural de Itaparica
Foi na ilha marisqueira

E lutou bravamente
Liderando na trincheira (...)

Na ilha de Itaparica
No estado da Bahia
Ela assumiu o comando
Da batalha que zunia
Pela então independência
Da Bahia onde vivia (...)

Como fica muito claro
Nosso povo tem história
E por isso nós devemos
O respeito e a memória
Para Maria Felipa
Que viveu imensa glória

(97, 98, 101)

Tia Ciata

Conhecida e bem famosa
Tia Ciata ainda é
Sobretudo pra quem gosta
De um bom samba no pé
Mas sua vida foi de luta
E também de muita fé

Mil oitocentos e cinquenta quatro
Foi o ano em que nasceu
Em Santo Amaro na Bahia
Mas ali não permaneceu
Pois saiu de lá fugida
Pelo mal que lhe ocorreu

Por ser yalorixá
Em Salvador foi perseguida
E com outras mães de santo
Fugiu pra tentar a vida
Bem no Rio de Janeiro
Por coragem impelida (...)

Chamada Pequena África
Era essa região
Que no Rio de Janeiro
Tinha uma concentração
De pessoas negras livres
Fortes contra a escravidão

A polícia ainda tentava
Manter a perseguição
Mas Tia Ciata era famosa
Por fazer reparação
Na saúde dos doentes

Dava a cura e compaixão

Na casa de Tia Ciata
Muita festa acontecia
Sempre no samba de roda
Um banquete ela servia
Ela era partideira
E cantava com alegria (...)

Sempre com saia rodada
Na cabeça o seu turbante
Ela usava seus colares
Suas contas importantes
Como filha de Oxum
Fez-se muito exuberante.

(47, 148, 149, 150)

Elizandra Souza

Elizandra Souza é escritora, poeta, jornalista, integrante do Sarau das Pretas (SP), ativista cultural há 19 anos. Nascida na periferia de São Paulo, cresceu em Nova Soure, Bahia, terra natal de seus pais, retornando à capital paulista em 1996, quando entrou em contato com a efervescente cultura hip-hop. Criou em 2001 o fanzine de poesia Mjiba, que mais tarde viria a tornar-se um selo pelo qual ela tem lançado os seus trabalhos literários assim como de outras autoras com o mesmo perfil, mulheres afrodescendentes, periféricas, lgbs. Começou a participar dos Saraus da Cooperifa em 2004, onde lançou, antes de publicar, um de seus poemas mais conhecidos, *Em legítima defesa*. Participou do jornal experimental *Becos e Vuelas* com o objetivo de dar voz e visibilidade à cultura periférica. Ingressou no curso de jornalismo, em 2006. Trabalhou como editora e jornalista responsável pela Agenda Cultural da Periferia na Ação Educativa de 2007 a 2017. Autora dos livros *Filha do fogo - 12 contos de amor e cura*, 2020, *Águas da Cabaça*, 2012 (poesias), *Punga* pela Edições Toró, em 2007 tem diversas participações em antologias literárias. Atuou como editora das publicações do Coletivo Mjiba, lançando o livro *Terra Fértil*, de Jenyffer Nascimento em 2014, e *Pretextos de Mulheres Negras* em 2013, e como coorganizadora da *Antologia Narrativas Pretas – Sarau das Pretas*. Os poemas inframencionados são do livro *Água de Cabaça*, 2012.

Espelhos de lara

Todas as nascentes
 Confluentes do meu ser
 São doces águas
 Enchendo minha cabaça
 Sou toda cachoeira
 Gingando nas pedras
 Respingando no infinito...
 Sou rara no universo
 Liquidez dessa humana
 Existência...
 As águas do meu corpo
 Suores, salivas, sabores...
 Sou jarra de gotas cristalinas
 Águas doces que brotam
 Dos meus olhos d'água

Sou espelho de Iara...
(Águas da Cabaça, 16).⁶⁸

Abelha Mandaçaia

Tão solitária e negra como eu
Abelha Mandaçaia...
... sem produção de mel?
Desabitada a procura de flor
Para bebericar do seu encanto...

Lápis de olhos...
... a esconder águas salgadas
Como não consolidar
Este isolamento, que me consome?
Esta falta de mãos grudadas
... pele que não afaga
Estou rifando essa soledade!
Trançar, eu quero, mãos pretas...
É querência de mar, e não de oásis
Perenidade entrelaçadas...
Em estações lunares e solares...
Meu viver tornou-se deserto
Os dias quentes e as noites congelantes
Um corpo sem afeto...
Repleto de roedoras,
Serpentes
E lagartas...
Peles bem alvas...
Alvejando-me por serem preferidas...
Será mesmo que eles resolvem
Esses traumas de pretos meninos?
Em outras facetas, sou eu, serpente
Cascavel do deserto, como queira...
Movimentando-me em silêncio
Para que as inimigas não me vejam...
Sentimentos fósseis...
...expostos pelas erosões
A vida inteira sem beber águas...
Longos jejuns sem morrer...
Força bruta que me dilacera
Estes secos dias, sem chuvas...
Só poeiras machucando minhas retinas
(Águas da Cabaça, 27).

Violação

Toca viola, toca vitrola...
Arranca esse pedregulho

⁶⁸Ver artigo de Sílvia Regina Lorenso Castro *Elizandra Souza: escrita periférica em diálogo transatlântico* em <https://www.scielo.br/pdf/elbc/n49/2316-4018-elbc-49-00051.pdf>

Esse mal estar social
Essa democracia racial
Preso na minha garganta
(...)
Toca viola, toca vitrola
Troque este disco riscado
Cale este cantor engasgado
 Estrangule o opressor
 Encerre este espetáculo.
Toca viola, toca vitrola...
 Despida dessa máscara branca
 Dessa falsa dança
 Do estupro nos crespos
 Deste modelo de mucama
 Que não deito e nem te sirvo na cama
Toca viola, toca vitrola...
 Porque já não me serve
 Este arranhado disco!
(Águas da cabaça, p. 68, 69.)⁶⁹

⁶⁹ Fonte: Portal LiterAfro e Editora Mjiba

Mel Duarte

Mel Duarte é uma comunicadora, que acredita nas palavras como ferramenta de transformação social. A escritora, poeta, slammer e produtora cultural nasceu na primavera de 1988 em São Paulo, e trabalha com literatura desde 2006. Publicou os livros *Fragments Dispersos* (2013), *Negra Nua Crua* (2016, editora Ijumaa traduzido para o espanhol como “*Negra Desnuda Cruda*” (2018, ediciones ambulantes, Madrid, ES), *As bonecas da vó Maria* (2018, Itaú leia para uma criança), *Querem nos calar: Poemas para serem lidos em voz alta* (2019, Editora Planeta), *A descoberta de Adriel* (2020, Itaú leia para uma criança) e o mais recente *Colmeia: Poemas reunidos* (2021. Ed Philos). Revolucionária do cotidiano, foi destaque, em 2016 do sarau de abertura da FLIP (Festa Literária Internacional de Paraty) e foi a primeira mulher a vencer o Rio Poetry Slam (campeonato internacional de poesia falada). Em 2017 foi convidada a representar a literatura brasileira no Festilab Taag, em Luanda, Angola e em 2019 foi a primeira slammer negra brasileira a lançar um disco de poesia falada intitulado *Mormaço- Entre outras formas de calor* disponível em todas as plataformas musicais. Também integrou durante quatro anos a coletiva Slam das Minas SP, batalha de poesias autorais voltada ao gênero feminino e durante seis anos o coletivo *Poetas Ambulantes*⁷⁰

É treta preta

É treta, preta, muita treta!
O Estado, eu sei, te testa, diz que é laico, mas só dá brecha
e, quando precisa de suporte para lidar com suas feridas,
usam da religião pra tentar impor uma decisão na sua vida

É treta, preta,
sair na rua numa noite de sexta,
esperar o ônibus de volta e ele nunca chega,
daí um malandro safado, no carro quase parado, te fala besteira
e não satisfeito com a humilhação, ainda faz questão de mostrar que está
batendo punheta.

(...)

É preciso retomar ensinamentos dos antigos,
Aplicar o matriarcado e praticar o respeito mútuo!
Para que a pequena parte que impera,
Orgulhosa por nascer com o pau entre as pernas,
Lembre-se que também saiu de um útero.

⁷⁰ Ver *Fragments Dispersos* em https://issuu.com/melduarte poesia/docs/fragmentos_dispersos

(*É treta preta*, p. 47-48)

O livro *Colmeia*, lançado em 2021, reúne poemas escritos de 2012 a 2020, alguns lançados apenas em redes sociais e coletâneas, e outros dos seus livros anteriores *Fragments Dispersos* de 2013 e *Negra. Nua. Crua* de 2016. Dividido em sessões temáticas retomando algumas idéias dos livros mencionados, que desembocam em um campo semântico onde a palavra-chave *coletividade* se evidencia: *Colmeia*. As sessões *Pólen*, *Negra*, *Nua*, *Crua*, *Favo*, *Néctar*, foram, portanto, agrupadas em eixos temáticos e os excertos do poema infracitado *Verdade seja dita* faz parte da sessão *Crua* e trata de machismo, violência sexual, alienação da população pobre pela religião, violência contra a juventude negra entre outros temas

Verdade seja dita

Verdade seja dita:
 Você que não mova sua pica para impor respeito a mim.
 Seu discurso machista machuca
 e, a cada palavra falha,
 corta minhas iguais como navalha.
 NINGUEM MERECE SER ESTUPRADA!
 Violada, violentada
 seja pelo abuso da farda
 ou por trás de uma muralha.
 Minha vagina não é lixo
 pra dispensar as tuas tralhas

Canalha!
 (...)
 Até quando teremos que suportar
 mãos querendo nos apalpar?
 Olha bem pra mim! Eu pareço uma fruta?
 Onde na minha cara tá estampado: Me chupa?!
 Se seu músculo enrijece quando digo NÃO pra você,
 que vá procurar outro lugar onde o possa meter!
 (*Verdade seja dita in Colméia*, 2021, 77-78)

A sessão *Favo* traz o poema-homenagem à divindade da religião Yorubá Oyá, a Iansã, ou “a mãe do céu rosado”, “a mãe do entardecer”, título que recebeu de Xangô. Os elementos da divindade Oya são o fogo e o vento. Oya detém o poder de controlar os raios, ventos e tempestades, é exemplo de força, autoconfiança e autodeterminação feminina

Oya

Mãe da Ventania,
magia ancestral,
intensidade e calma
num mesmo vendaval.

(...)

Ela é força milenar
que em meu peito trova,
com ela aprendi:
quem nasce pra tempestade,
não suporta garoa.
(p. 109-110)

Lourence Alves

O livro *Favela em Mim*, lançado em 2019 pela editora Oriki, é uma parceria do ilustrador e chargista Cau Luís, natural de Duque de Caxias, no Rio de Janeiro, com poetas da cena carioca. O artista que “dedica-se à arte de desenhar desde a infância, aprendeu observando os artistas de rua da Baixada Fluminense”. ⁷¹*Favela em Mim* é o seu primeiro livro e ele contou com a participação de vários escribas para poetizar as suas ilustrações, todos eles/elas advindos/as e/ou moradores/as de favelas cariocas. O resultado do trabalho é um livro onde há uma reflexão sobre a favela a partir da cosmo percepção de seus habitantes. As ilustrações são parte dessa reflexão, ao utilizar linguagem verbal e não-verbal para se autorreferenciarem os artistas rompem com uma “tradição” em que a favela e seus habitantes são objetos de toda sorte de interpretação e assertividade, nesse jogo eles invertem essa dinâmica, ao apropriarem-se da palavra-poema-imagem

Este livro é a expressão da potência crítica e criativa de artistas que estão pensando, produzindo e ressignificando suas próprias realidades. Cau Luís ousou criar seus desenhos a partir do cotidiano da favela, abordando o racismo institucional, a fetichização, criminalização e formas de resistência individuais e coletivas. Nas palavras do autor: “foram a memória e a indignação que empunharam a caneta, uma imersão na infância de um cidadão favelado”. Suas 31 ilustrações foram poetizadas por artistas independentes, favelados, resistentes e contemporâneos. O resultado é um livro com ilustrações únicas e poemas em diálogo direto com a realidade, numa combinação original e inspiradora⁷² (Texto do prefácio, não consta autoria, *Favela em Mim*, Oriki, 2019)

Um dos poemas do livro é *I Love Favela*, da poeta Lourence Alves, que foi selecionado para esse estudo por trazer boa parte das reflexões que surgem no contexto geral das ilustrações e textos, que é a de questionar os lugares comuns associados à favela, mostrando-a como espaço autônomo, capaz de pensar os seus problemas e transformar-se em lugar de arte, cultura, conhecimento, sem esquecer de mandar umas indiretas diretas nos/nas praticantes da “afro-conveniência”. É a favela tomando posse da palavra, analisando criticamente os desmandos e tentativas de tutelamento e ataques sofridos pela indústria cultural, que a explora como mote sem nenhuma contrapartida, dessa forma podemos trazer para o debate o estudo desenvolvido pelo Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP Rodney William no

⁷¹ LUÍS, Cau. *Favela em mim*. Cau Luís, Anderson Quack, Andréa Bak, Andrio Candido, Brenda Lima, Cátia Regina, Dani Ribeiro, Débora do Nascimento, Daniel Brazil, Daniel Lz, Jorge Capo, Karla Raymundo, Lourence Alves, Máira dos Santos Oliveira, Marcella Gobatti, Poeta Rennan Leta, Renan Wangler, Tais Espírito Santo, W-Black; Rio de Janeiro: Oriki, 2019.

⁷² Texto do prefácio, não consta autoria, *Favela em Mim*, Oriki, 2019

livro “Apropriação Cultural”⁷³ no qual ele traz o conceito formulado pelo Doutor em Linguística pela USP Sidnei Barreto Nogueira que afirma “*Oja oja ni awon mejeji* “ (“a banca do mercado tem dois lados”), ou seja, de acordo com as leis exuísticas se não há trocas justas nas relações culturais e sociais, a relação se dá de forma assimétrica, onde umas das partes é lesada de seu direito à contrapartida. (William, 2019, 20). Nesse panorama, como produto da favela, o funk tem sido objeto de toda sorte de abordagem, desde a perseguição policial, à sua recente exploração pelo *mainstream*, tornando-se um exemplo de como a cultura dos subalternizados é criminalizada, apropriada, mas felizmente segue sendo celebrada nos ambientes onde o estilo musical nasceu, não restando dúvida de que a Favela está sempre reinventando a cidade.⁷⁴

I love favela

I love favela
 Desde que eu não more nela
 Desde que eu não viva debaixo de
 [que]
 tiro
 [foi esse?!]
 Sorria
 Mas um like no insta!
 Aceitação virtual seletiva
 Veladamente.
 Ser preta tá na moda
 Desde que não seja mesmo preta
 Nada contra...tenho até amigos que...

Alisa, estica, clareia, pinta
 Mas a eles não restam dúvidas:
 A pas-as-bi-li-da-de é seletiva
 e controlada
 Rigorosamente.

#somostodos e acredita

Parda, morena, escurinha
 Eufemismos
 das vergonhas
 [do disfarce]
 de reconhecer
 [de negar]

⁷³ WILLIAM, Rodney. *Apropriação Cultural*. Selo Sueli Carneiro/ Ed. Jandaíra, 2019

⁷⁴ Referência ao livro *A Favela reinventa a cidade*, Mórula, 2020.

sua negritude

Resignadamente. (...)

Je suis quando eles deixam
 Branquitude é quase título
 Brancos não cometem erros
 E enquanto você desce
 eles sobem

Sistematicamente.

Crespo, tranças, blackface
 Preta só quando é conveniente
 Vale tudo!
 Black Money, bebê
 Vai malandra, ê, tá loka, tu quicando
 Tipo Anitta, tutudum...

I love favela

No discurso do conveniente

Malandramente.

(*I Love Favela* in *Favela em mim*, 2019, 74-77)

O poema além da crítica social, visualmente nos dá a sensação de percorrer um ambiente onde sempre há desvios, mudanças bruscas de direção, como uma fuga, remetendo às rotas espaciais das favelas - íngremes, assimétricas e imprevisíveis, principalmente para quem não as conhecem.

3.8

Multiplicidades de vozes, múltiplas escutas: autoras, editoras, divulgadoras, diversidade temática e desafios

Se quer ir rápido, vá sozinho/sozinha. Se quer ir longe, vá em grupo.

Provérbio Africano

A princípio, este trabalho vislumbrava um certo caminho a ser trilhado, partindo de uma primeira indagação que era a percepção das autoras negras sobre o que significou para si e para a coletividade escrever em nome próprio e na primeira pessoa. Contudo, no decorrer do desenvolvimento desta escrita alguns episódios mostraram que apesar do momento de descoberta e potencial transformação pela qual passa a literatura afro-brasileira, não podemos desconsiderar o fato de que pessoas negras, em especial, de que mulheres negras ainda são a base da pirâmide no país, e que isso tem implicações diretas no desenvolvimento socioeconômico, educacional e profissional desse grupo. Portanto, essas investigações preliminares mostraram que ainda é preciso aprofundar os estudos sobre o fenômeno da escrita a partir de um lugar não hegemônico.

Nessa perspectiva algumas perguntas sobre o mercado do livro, tais como a relevância das grandes editoras para as produções das autoras negras, o impacto da tecnologia para os leitores afrodescendentes, assim como a implementação das leis 10.639/08 e 11.645/03 obtiveram respostas diversas e complexas, mas ainda assim, considero prematuro traçar um retrato conclusivo. Contudo, foi sem dúvida da máxima importância escutar autoras, editoras, editores, professores, professoras e divulgadoras, entre outras e outros partícipes do meio literário independente, vocalizarem suas vivências e impressões a respeito desse momento de descoberta e de tomada de consciência de si, por uma comunidade historicamente apartada das letras e do letramento. Sem dúvida, um dos mais importantes acontecimentos políticos que ocorreram no Brasil nas últimas décadas foi a implementação das ações afirmativas que culminaram com a entrada de número recorde de pessoas negras nas universidades brasileiras e constituiu-se um dos fatores fundamentais para que demandas políticas de décadas ganhassem corpos e vozes. A arte da escrita

requer um exercício contínuo, para que um escritor crie obras de qualidade é preciso dedicar-se ao ofício, que como qualquer outro, demanda tempo. A primazia do “ócio criativo” que virou “negócio lucrativo”, foi apropriada por um grupo específico. Como afirmado anteriormente neste estudo estamos em um momento de despertar para a literatura enquanto sujeitos produtores e não apenas consumidores. Logo, para que haja uma “tradição” de leitura e escrita entre os grupos que sempre foram deixados de fora do contexto letrado, é preciso pavimentar o caminho.

A literatura afro-brasileira está se expandindo, e em um futuro que seja não tão distante é possível que tenhamos outras produções somando às que estão abrindo caminho nesse momento com todo o vigor de um despertar para o “nós por nós” e o “faça você mesmo”. Por fim, a questão da voz e do “lugar de fala” não significa que apenas os afrodescendentes podem contar a sua história, mas é fato que o olhar dos seres afro diaspóricos sobre temas limites sempre será diferente daqueles que o veem em terceira pessoa. Mesmo assuntos dramáticos e trágicos quando tratados pelos indivíduos que o experimentam terá um outro olhar, e isso faz toda a diferença, pois trata-se de honrar o “lugar da memória” e não da busca de autopiedade ou espetacularização da dor. Não se trata de tolher a possibilidade de que outros grupos o façam, mas que haja diversidade, pois quando um grupo é interdito de falar de si em primeira pessoa, é sinal de que algo está fora da ordem em uma sociedade.

Certamente, como ocorre com qualquer outro grupo social humano, o universo afrodescendente não pode ser visto como um bloco monolítico, mas sim em sua diversidade de situações, assim, na amostragem busquei trazer autoras que tentam ressignificar a existência dos seres afro diaspóricos de forma inovadora, gerando impactos diversos e múltiplos para a coletividade. O crivo crítico e curatorial dessa reflexão, que é cunhada também no desejo de dar visibilidade e de traçar o desenho de um dado território de produção literária afro diaspórica hoje, foi o da diversidade, dessa poética que se insere buscando não o homogêneo, onde quiseram sempre nos alojar, mas o singular através do múltiplo.

Há muitas outras obras e autoras significativas para o objeto estudado, além das que foram listadas, a pesquisa mostrou que vivemos uma primavera das mulheres, apesar do crítico momento político pelo qual passamos. Nessa nova ordem que se desenha no horizonte, as mulheres em geral, e as mulheres negras em

particular, compõem um imenso grupo que trabalha incansavelmente para a realização de uma mudança efetiva de paradigmas. Então, que venham outras pesquisas, pois o trabalho está apenas começando. Foi uma imensa honra e grande aprendizado poder conversar com tantos profissionais qualificados e conhecedores dos processos editoriais assim como da literatura brasileira. Uma aula magna para todos que quiserem saber mais sobre literatura e o mercado do livro.

Buscando, nesse recorte inicial de diálogo com as escritoras, seguir o fio narrativo que encontramos na escuta/leitura daquelas que nos antecederam, qual seja: a busca por sua voz, o desfazer-se das amarras do racismo e das distorções que a branquidade tentou nos inculcar, do silêncio compulsório e logo desse momento germen da enunciação, onde percebemos, não por acaso, que a motivação das escritoras para começar a escrever e publicar tem em comum um início pelo sistema de auto publicação ou coletâneas. Entrelaçando a voz individual da escrita ao chão comum que liga os corpos no presente vislumbramos uma releitura do passado que impele à imaginação de novos futuros:

Geni Guimarães, autora

Na infância e adolescência já fazia versinhos. Não sabia, ainda, ser escritora. Publiquei meu primeiro livro em 1979 (poemas) *Terceiro filho*. Paguei a publicação com o dinheiro da venda de um fusca que tinha. Hoje, embora nós negros tenhamos mais dificuldades no processo de publicação de nossas literaturas, temos editoras negras que nos publicam. Eu, em consequência de ter o Prêmio Jabuti, tinha um pouco mais de chance de publicação. Porém, ainda não alcançamos a mesma porcentagem dada aos autores não negros.

Mirian Alves, autora

Eu sempre sonhei em ser escritora, sempre, aos 12 anos eu me imaginava, quando assistia filmes hollywoodianos que retratavam escritores, geralmente homens, fumando cachimbo, a frente de uma máquina de escrever. Eu sonhava, me imaginava, sendo escritora, construía histórias na mente, de como eu seria. Quando comecei a trabalhar aos 18 anos, com o meu primeiro salário comprei uma máquina de escrever, para mim foi a glória, e um maço de cigarros. Antes disso eu escrevia diários e poemas em cadernos, que os tenho guardados até hoje. Outro fato que contribuiu é eu ser descendente de uma família de leitores, papai e mamãe, além de ler incentivava os estudos e eram grandes contadores de causo e história do cotidiano. Eu estrei, por assim dizer, em 1982 com poemas na antologia *Axé - antologia da poesia negra contemporânea*, organizado por Paulo Colina, e publicado pela editora Global. E nesse mesmo ano participei da coletânea *Cadernos Negros número 5*. No ano seguinte, 1983, auto custeei o meu primeiro livro autoral *Momentos de Busca*, que reunia poemas escritos na década de setenta. O meu primeiro romance publicado foi *Bará na trilha do vento*, 2015.

Eliana Alves Cruz, autora

Tenho uma trajetória muito atípica. Eu me descobri escritora aos 11 anos. Inclusive registrei isso em um diário de infância, mas não dei prosseguimento por uma série

de motivos familiares. Apenas mais de 30 anos depois, com a publicação do meu primeiro romance, *Água de barreira*, realmente me vi escritora. Esta obra demandou quase seis anos de pesquisas intensas e a escrita foi acontecendo paralelamente

Lorena Ribeiro, autora

Eu gosto de escrever desde muito nova. Comecei escrevendo em diários, me aventurei nas escritas poéticas, mas sempre guardava meus escritos para mim. Eu só vim me validar como escritora mesmo, por volta de 2018, quando passei a trocar mais experiências com outras pessoas que escrevem. Publiquei o meu primeiro livro solo em 2020 de maneira independente. A ideia do livro surgiu a partir de um desafio do projeto de escrita criativa *Entre Escritas* que toco junto com a artista Tainah Cerqueira, no canal *Passos entre Linhas*. No processo de publicação independente, aprendi bastante coisa envolvendo o mercado literário nacional. Foi uma caminhada cansativa, mas muito agregadora.

Taís Espírito Santo, autora

Eu sempre gostei de escrever, escrevia em diários, e no ensino médio, lembro muito da professora pedindo para dar continuidade em algumas histórias. Também no ensino médio escrevi uma paródia para apresentar como trabalho de artes, e mudei da Branca de Neve inserindo personagens pretos como protagonistas, eu fui a Rainha Má, minha amiga a Princesa e o nosso amigo o Príncipe, três personagens negros, e tínhamos mais 3 pessoas não negras, que foram as anãs. Mas nunca havia me visto como escritora, o nome escritora não estava no meu vocabulário, ao entrar na faculdade, eu fiz um blog, *Menina mulher da pele preta*, e comecei a escrever coisas cotidianas e depois de um tempo, teve uma chamada para escrever no blog Preta e Gordas, minha mãe me incentivou para escrever, e consegui ser uma das colaboradoras deste blog, em 2013. Eu sempre mostrava para alguns amigos os escritos, e comecei a me dar conta de que o escrito que tinha feito e mostrava (timidamente) fazia a pessoa refletir, entrar na história, dialogar com meu texto.

Quando buscamos ouvir os desafios do campo editorial, que representa a estratégia da auto publicação e da criação e veiculação de instâncias que profissionalizem essas escritoras no sistema literário, percebemos que a maioria dos editores/as citou a necessidade de publicar autores comumente ignorados pelas mídias e grandes editoras, seja por questão de temática seja por questão de perfil econômico, racial e gênero. Logo, sua própria afirmação no interior do sistema literário se dá através da valorização das temáticas que inclui a cultura afro-brasileira, e em muitos casos feminina, periférica, LGBTQI+, indígena:

Selo Negro (Grupo Summus Editorial), Soraia Bini Cury, editora,

A Selo Negro Edições foi criada em 1999 porque não havia no mercado editorial brasileiro uma editora focada na cultura afro-brasileira e no combate ao preconceito racial. Nosso objetivo era produzir livros que valorizassem e destacassem os pesquisadores dedicados ao tema e, ao mesmo tempo, gerassem uma identificação no público negro. Entre as áreas em que atuamos estão história, sociologia, educação, política e literatura. Vale destacar que a criação do selo se deu bem antes da Lei 10.639, promulgada em 2003. A maior dificuldade encontrada foi explicar aos livreiros e a uma parcela dos leitores que não se tratava de racismo reverso. Muitos faziam essa acusação quando o selo foi lançado. Demorou certo tempo para que eles

compreendessem que nosso intuito era dar visibilidade a uma grande parcela da população que permanecia às margens do mercado editorial. Gostaria de lembrar que o Grupo Editorial Summus também foi pioneiro ao criar, em 1998, o primeiro selo dedicado às pessoas LGBTQI+: as Edições GLS.

Editora Pallas (RJ) - Cristina Warth

A Pallas Editora foi fundada em 1975 e nesse momento o foco não era exclusivo na temática afro-brasileira e afrodescendente. Trata-se de uma empresa familiar e já na sua terceira geração e o crescimento e segmento do foco foi se consolidando ao longo do tempo. No início editávamos livros sobre as festas, cantigas, oferendas, orações popularizadas nas casas de matriz africana. Esses livros eram vendidos em livrarias, mas também em casas de artigos religiosos frequentadas pelo Povo de Santo. Com o passar do tempo foram entrando para o catálogo a produção acadêmica produzida pelas universidades, e também a produção de autoridades religiosas – que podemos chamar de intelectuais orgânicos -, com o registro de histórias, de cantigas em línguas africanas, discussão sobre processos iniciáticos etc. Por fim vieram os livros de ciências humanas e sociais – história, filosofia, literatura, geografia, antropologia..., e os livros de literatura para adultos, jovens e crianças. Os livros de literatura começaram a ser feitos como um processo natural de amadurecimento do próprio catálogo. Tanto que hoje acho que somos uma editora de interesse geral de temática afro-brasileira e afrodescendente.

Editora Malê, Vagner Amaro, editor

A motivação foi a possibilidade de aumentar a representatividade negra na literatura brasileira. Enfrentei todas as dificuldades que pequenas editoras enfrentam no mercado editorial: custo de produção dos livros, de divulgação, de estabelecer canais de distribuição. O público da Malê apresenta bastante diversidade, formado por jovens leitores, por professores, por pessoas do movimento negro, por escritores.

Editora Oralituras, Maitê Freitas, editora

A *Oralituras* surge de uma resposta muito clara e concreta ao tratamento que recebi, enquanto eu estava em um processo de organização da minha primeira publicação, que é o *Sambas Escritos*, uma coleção literária composta de 4 volumes, 84 textos sobre as culturas dos sambas. Além de passar por uma série de hostilidades, ao procurar editoras e editoras negras, quando eu de fato encontrei a editora, para comercializar a publicação, eu passei por alguns processos de desrespeito, um racismo, e também há uma forma como as pessoas marginalizam o samba, em uma produção intelectual, que vem da cultura popular.

Editora Figura de Linguagem, Fernanda Bastos, editora

A *Figura de Linguagem* é um projeto profundamente ligado à minha condição material. Sou uma mulher negra, cuja formação intelectual teve um alto custo dada a precariedade do nosso ambiente editorial, sempre disposto a publicar mais do mesmo. Era difícil encontrar em português os livros que sentia que deveria ler (...) as dificuldades que a editora enfrenta são resultado direto do imaginário cultural brasileiro, no qual autores e autoras se veem como meros instrumentos robóticos na engrenagem da indústria cultural (...) evidentemente, como editora, luto contra isso. É por isso que a Figura não é uma agência de talentos. A gente não quer servir de laboratório de testes para autores que sonham com as grandes editoras. Quem publica conosco deve entender que faz parte de um projeto de enfrentamento

Os coletivos de divulgação, *podcasts*, livrarias, eventos literários também foram pelo mesmo caminho das editoras, resolveram criar mecanismos de

vocalização das produções afrodescendentes por entender que o mercado não demonstrava interesse em investir nas obras desse segmento da população:

@Letras Pretas, coletivo de divulgação e fomento literário da UERJ, Amanda Loureço mestre em Letras pela mesma instituição

Por sermos do curso de Letras, percebíamos que quase não havia espaço para a análise e para a leitura de literatura de autoria negra - especialmente de mulheres - nas ementas da graduação. Diante disso, sentimos a necessidade de, para além de discutir obras de autoras negras, difundi-las dentro da academia, rompendo com a ideia de que a literatura está restrita ao seu cânone - que é branco e masculino. Para isso, nosso trabalho consiste em publicar, no nosso site, resenhas sobre obras de autoras negras e ensaios sobre as nossas vivências. Além disso, também temos um programa na Rádio UERJ, no qual divulgamos as diversas manifestações artísticas de mulheres negras. Apesar do reconhecimento que alguns escritores negros possuem, ainda há um longo caminho a percorrer para que os nossos autores alcancem o destaque merecido. Nesse sentido, o trabalho de divulgação das produções de autoria negra continua sendo fundamental. A popularização de perfis literários variados no Instagram permite que todas as vozes potentes da nossa literatura alcancem cada vez mais leitores e conquistem cada vez mais reconhecimento pela qualidade dos seus trabalhos.

Livraria e Selo Katuka Africanidades, Ana Rita Santiago, professora universitária

Os perfis individuais e coletivos em redes sociais, voltados para a divulgação de autores e autoras negras, põem em cena e divulgam seus nomes e obras literárias, muitas vezes, ausentes dos circuitos comerciais e artísticos e literários hegemônicos. Além disso, facilita a aproximação com leitores (as) mais jovens.

@Clã das Pretas (SP), Coletivo de fomento e divulgação literária

Somos um coletivo literário formado por mulheres negras que acreditam no potencial transformador dos livros, nos juntamos como criadoras de conteúdo para divulgar literatura negra, principalmente livros de ficção escritos por mulheres. A ideia era fomentar debates afrocentrados sobre literatura produzida por mulheres negras, quisemos dar atenção especial aos livros de ficção de gênero por sentir uma falta de espaço para esse tipo de literatura. O *Clã das Pretas* foi criado em 2018, desde lá organizamos leituras coletivas e discussões virtuais sobre os livros escolhidos por nós para serem lidos e divulgados nas redes sociais do *Clã*, que acabam aparecendo nas redes individuais das integrantes também. O surgimento de perfis individuais e coletivos que falam sobre livros e divulgam autores e autoras negras é um movimento muito importante para o mercado editorial como um todo porque ajuda a tornar mais conhecidos os livros divulgados e também ajuda a democratizar o acesso a esses livros. Para os autores contemporâneos esse movimento também é importante porque faz com que esses autores fiquem mais conhecidos e conseqüentemente sejam mais lidos.

@Pretas Letradas, Camilla Apresentação, fomentado e divulgação literária

Eu passei de uma longa fase de introspecção e depois por uma depressão e não estava encontrando nada que me sentisse bem. Depois de muito tempo imersa no meio acadêmico, fiquei anos sem ler e, numa greve da universidade unida à pandemia, encontrei a oportunidade para retomar esse contato. Coincidentemente, a leitura serviu como terapia e ajuda para superar a minha doença. Foi nesse mesmo momento que encontrei coletivos pretos, afrocentricidade, fui numa jornada de autoconhecimento muito grande. Sempre fui disseminadora de saberes, desde a escola gostava de mostrar aos meus colegas curiosidades ou explicar o assunto da prova. E encontrei no

Pretas Letradas a possibilidade de fazer isso para o meu povo preto. Por meio de linguagem acessível e explicação simples, tento fazer com que o saber seja difundido, usando o Instagram das fotos rápidas para um outro objetivo.

Livraria Africanidades ((SP), Ketty Valencio

Um dos motivos para a criação da livraria foi através da minha trajetória pessoal. Entre silêncios e anseios, na infância e na adolescência, encontrei a afetividade e me senti participante da sociedade quando tive o encontro com a literatura negra. Foi um momento mágico. Um tempo depois ingresso na academia, com o desejo de ser empreendedora, sou graduada em Biblioteconomia, esta iniciativa me proporcionou a acender juntamente comigo, milhares de luzes, que é o mercado editorial negro, principalmente a autoria negra, majoritadamente feminina. As dificuldades encontradas normalmente são de teor financeiro, pois sabemos que empregar no setor literário é caro, o custo do livro no Brasil é alto. Isso dificulta, sobretudo quando desejamos atuar em territórios com alta vulnerabilidade social. O público da Livraria é extremamente parecido comigo, geralmente são mulheres negras, que dialogam com a academia, são moradoras de bairros de baixa renda e possui a média de idade entre 20 a 45 anos.

A respeito da implementação da Lei 10. 639/03 que institui o ensino de História, Cultura Africana e Afro-brasileira nos currículos escolares do ensino fundamental e médio, que foi modificada em 2008 para Lei 11.645/08 visando a inclusão do ensino de História e Cultura dos Povos Originários (Indígenas), perguntados se houve desdobramentos para autores e editoras, se gerou impactos no recebimento de aporte financeiro de órgãos públicos ou privados, quase todas as respostas afirmaram a importância da lei, entretanto, lembraram que sua implementação depende de vontade política e do empenho da sociedade, alguns entrevistados pontuaram que parte do que foi implementado até o momento partiu da iniciativa de docentes comprometidos com uma educação plural. Ficou evidente que as editoras que conseguem aporte financeiro e/ou ganham os grandes editais do governo geralmente são aquelas que tem robusto capital de giro. Portanto, esse debate está apenas começando, pois editar livro sobre demanda para escolas públicas sem ter nos seus quadros pessoas que representem a diversidade do país, aciona o velho questionamento se o interesse se volta apenas à *commodização*⁷⁵ da cultura/literatura negra:

Eliana Alves Cruz, autora

A importância é que estas leis são fundamentais na formação de um leitor com informação e análise crítica, com visão ampliada da cultura brasileira. A adoção destes títulos pelas escolas também fomenta o mercado e forçam o investimento em diversidade nas editoras

⁷⁵ Hooks, bell. 2019, 66-68.

Cidinha da Silva, autora

São leis muito importantes para a sociedade brasileira, para a valorização das populações negras e indígenas e suas respectivas sabedorias, modos de gerir o mundo, respeito aos legados e aprendizado com eles. A importância para o meio literário é convocá-lo para a prática e valorização da bibliodiversidade. Para autoras e autores negros e indígenas, é uma pequena e frágil sombrinha diante de um temporal. Enquanto isso, nas grandes editoras, ou mesmo em editoras médias, existem autores e autoras-coringa que escrevem sobre quaisquer temas, de acordo com as flutuações do mercado e necessidades da indústria cultural do livro, principalmente no filão didático. Esses e essas coringas não costumam ser negros

Mel Duarte, autora

É de extrema importância que toda a população, não só escritores, tenham o direito de aprender a real história a respeito do povo negro e dos povos originários, independente da profissão que decidam escolher, estamos falando de uma nação que não sabe sua própria história e que nega suas origens pela omissão de informação, logo, a inclusão dessas leis e comprovação de que estão sendo aplicadas de forma correta, se faz urgente

Lorena Ribeiro, autora

As Leis 10. 639/03 e 11.645/08 são muitíssimo importantes, e acredito que muitas educadoras e discentes tiveram acessos a obras de autoras indígenas e negras nas escolas por conta delas, embora infelizmente, eu veja que ainda temos muito caminho a percorrer para que essas sejam efetivamente e amplamente aplicadas

Simone Ricco, autora

O lançamento da 10.639 e a atenção do Estado à implementação estimulou escritores a adotarem temas e personagens africanos e afro-brasileiros. Escritores negros e não negros tiveram respaldo para enveredar pelas culturas e histórias africanas e afro-brasileiras. Notamos o surgimento de projetos literários e obras criados por negras e negros que ainda não haviam experimentado a autoria, a Lei disparou discussões sobre a legitimidade das pessoas negras assumirem a posição de autores das narrativas, sendo sujeitos e criando modos de contar que fugissem às distorções presentes na literatura brasileira. Com a lei de 2008, houve o estímulo à criação e publicação de obras com temáticas e personagens representativas dos povos originários

Christian Dutilleux, professor de Teoria Literária e Lit. Comparada da UFRRJ

Na Rural (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro) estamos há dez anos esperando a realização de um concurso na área de literaturas africanas, a única vaga que não foi preenchida no nosso curso. É uma mostra que a conscientização relativa à essa temática é ainda precária.

Ana Fátima, professora e doutoranda em Crítica Cultural (Letras-UNEB)

Uma promoção e incentivo às políticas de incentivo ao livro, difusão de temas de interesse desses escritores/escritoras e oportunidades de concorrência no mercado editorial para uma produção mais em conta à população.

Júlio Ludemir, fundador e gestor da Flupp – Festa Literária das Periferias - RJ

As duas leis são maravilhosas, como muitas outras leis brasileiras são melhores no papel do que na prática, terminam não sendo aplicadas, o grande problema da leitura no Brasil, e o trabalho que a gente fez no ano passado, com a Carolina Maria de Jesus, nos deixou muito claro, é que nós temos uma produção literária, que não é compatível, que não dialoga com mais de cinquenta por cento da população, no caso negra, e os

outros não sei quantos por cento de indígenas. Existe um desses mitos perversos, da brasilidade, que diz que ler é ir para outro mundo, que a gente lê para conhecer o outro, isso de fato é uma verdade, mas ela é uma verdade até a página três, porque na verdade, a principal descoberta que a gente faz com a leitura, é a própria descoberta, as melhores leituras são aquelas que nos remetem a nós mesmos. Que nos remetem à nossa geração, ao nosso país, ao nosso povo, à nossa cor, não à toa a gente usa expressões como “me identifiquei com aquilo”, “me representa”, e o grosso da literatura brasileira tem a minha cara, é produzida por homens, heterossexuais, de uma certa idade, que falam de problemas de homens heterossexuais de uma certa idade (...) Definitivamente, a gente precisa que essa lei, de fato, permita que a criança preta da favela se veja nos livros, da mesma forma que ela se vê numa boneca preta. Ter essa temática na literatura brasileira, e disponibilizar para essa parte da população, melhor dizendo, disponibilizar para mais de 50% da população, é tão importante do ponto de vista da representação quanto dar uma boneca preta. Qualquer mulher negra, qualquer criança negra sabe o que significa uma boneca negra na mão de uma criança negra. Esse significado é o mesmo se ela pudesse ler um livro infantil, sobre uma menina negra, que ela pudesse ler ou ver uma peça, ou assistir a um filme em que há temática que a transportasse para si mesma, e ao transportar para si mesma aumentasse a sua autoestima. Isso também faz parte da missão da literatura.

Selo Negro Edições (Grupo Editorial Summus, SP), Soraia Bini Cury

Tanto para autores quanto para editores a promulgação dessas leis foi uma forma de ampliar o número e a qualidade de obras sobre esses temas. No quesito financeiro, pouco mudou (a não ser em eventuais compras maiores acontecidas no passado), mas na questão da visibilidade foi um grande avanço. Não recebemos apoio de nenhum órgão público nem privado. Publicamos porque sempre acreditamos que a causa é justa.

Editora Pallas (RJ) Cristina Warth

As leis são resultado da luta do movimento negro e dos povos indígenas pelo direito a uma outra história que não a do invasor e pelo resgate e registro de suas contribuições para a formação social brasileira. A lei é um passo importante, mas ainda em processo de consolidação, pois os cursos universitários que formam docentes precisam incluir essa temática em suas grades. Estamos construindo isso. Já caminhamos, mas há muito a fazer. E muitos livros bons e outros nem tanto já foram feitos sobre o tema

Mazza Edições (MG) - Maria Mazzarelo Rodrigues

A Lei 10.639, sancionada pelo Presidente Lula em 2003, caiu como uma luva para minha editora, que desde sua fundação em 1981 até 2002 só entrava nas escolas públicas (porque nas escolas particulares nem pensar) pela porta dos fundos. A partir daí tudo mudou e a editora pôde dar um salto de qualidade em suas publicações, com livros mais bem cuidados, bem ilustrados, especialmente os infantis e infantojuvenis. Não recebemos apoio específico de nenhum órgão público ou privado, mas sempre participamos de editais, tanto federais, estaduais ou municipais, sendo quase sempre com algum título escolhido.

Cogito Editora (BA), Ivan Almeida

Apoio nenhum. Em termos práticos não houve nenhuma política pública de incentivo a publicação de autores negros ou de livros que buscassem a inclusão do ensino de cultura africana e afro-brasileira nas escolas

Editora Malê (RJ), Vagner Amaro

Ainda não inscrevemos nenhum título nos planos do governo, não recebemos nenhum apoio público, nem privado e não tivemos nem temos investidores.

Edições Kisimbi (DF) – Iara Kisimbi

Atualmente a editora não recebe apoio de nenhum órgão público ou privado, mas busca ampliar e fortalecer parcerias com projetos que desenvolvem atividades comuns ao seu perfil editorial. As leis implementadas significaram para a editora a construção de um perfil editorial que compreende a importância da inclusão e valorização dos grupos historicamente silenciados e invisibilizados, em especial, negros e periféricos.

Selo Mjiba (SP), Elizandra Souza

Tivemos uma venda do *Pretextos de Mulheres Negras* e do *Terra Fértil* na gestão do Haddad na Prefeitura de São Paulo para as salas de leitura do Ensino Fundamental. Apesar da lei estar aí, achamos ela muito importante e válida, mas ela não é cumprida como deveria. Pois o racismo ele continua barrando e temos ainda falta de formações para que todos os professores possam partir do mesmo ponto. O que temos são professores negros e não-negros muito engajados que não permitem que essa lei caia no esquecimento.

Editora Segundo Selo (BA) - Jorge Augusto

Não recebemos apoio de órgãos nem públicos nem privados. A lei 10.639, significou para autores e editoras comprometidas com o antirracismo a institucionalização de uma demanda, né? Surgiram programas de pós-graduação, grupos de pesquisa dedicados as temáticas negras, e houve um aumento considerável de demanda de material didático e não didático, mas essa demanda em sua imensa maioria é disputada pelas grandes editoras que com toda sua estrutura e entrada nos sistemas políticos acabam centralizando os ganhos em si. As editoras pequenas foram muito mais favorecidas pelo discreto aumento de circulação econômica durante os governos de esquerda, e o aumento de um público consumidor negro, estimulado pela lei de cotas. Mas a recessão econômica que atravessamos já começa a regredir essa expansão, é notório do encolhimento das editoras do norte-nordeste em contraste com a expansão de algumas editoras do Sudeste, onde se concentram as gráficas e grande parte do material usado na produção do livro, fazendo com que a produção do livro, fora do eixo sul, fique ainda mais cara.

Josi de Paula, criadora do *Slam Negritude*, graduada em Administração (FGV/Ebape)

O cenário da escrita é muito amplo e isto é muito positivo, pois expressa a pluralidade de vertentes e estilos de escrita. Em relação à poesia falada e aos slams, analiso que é um campo onde a juventude se sente incluída e incentivada a desenvolver suas potencialidades artísticas contando suas próprias histórias (lugar de fala e protagonismo) e a compartilhar suas vivências (redes de apoio). Isto permite que a cultura exerça o importante papel de ampliar visões de mundo e desenvolver pessoas. A promulgação da lei 10.639/03 é um marco legal, mas que no nosso país não representou uma institucionalização de fato. Isto faz com que sua aplicação ainda esbarre em muitas limitações e dificuldades. A sua implementação tem ocorrido graças ao esforço e empenho de muitos educadores compromissados com a questão racial.

@Letras Pretas, coletivo de divulgação e fomento literário da UERJ, Amanda Loureço mestre em Letras pela mesma instituição

Temos a sensação de que, graças às autoras e aos autores que vieram antes de nós, a escrita está mais próxima da gente. Digo isso, porque temos mais acesso à literatura negra e quando falamos de acesso, é sobre termos referenciais para buscar. Se quero refletir sobre a condição negra no século XIX, posso ler Maria Firmina dos Reis e Auta de Souza, por exemplo. Antes essas autoras eram praticamente desconhecidas.

Além disso, ao falarmos sobre a sensação de proximidade com a escrita, é importante dizer que isso também está relacionado ao fato de que estamos produzindo cada vez mais textos - sejam acadêmicos, sejam literários. Isso é fundamental para a construção e para a solidificação do nosso referencial teórico. Obviamente, leis como 10.639/03 contribuíram fortemente para isso. Em relação às leis citadas na pergunta, é inegável que a promulgação delas contribui para uma educação mais plural e antirracista. Além disso, é muito significativo ter a nossa história reconhecida e incluída nos currículos educacionais. Embora a promulgação delas tenha sido um grande passo, ainda é preciso lutar para que elas sejam cumpridas, pois sabemos que ainda há resistência em alguns espaços educacionais para que as nossas narrativas sejam trabalhadas durante os processos de ensino.

Livraria Africanidades (SP), Ketty Valencio

Significou um mundo de possibilidades, como o aumento de vendas, de produções literárias que tinham o foco da representatividade negra e indígena e assim propiciando rupturas de um ensino baseado na colonização. Essas promulgações foi uma grande ferramenta para o avanço da emancipação da história e para os povos originários, no entanto sabemos que essas leis ainda não são efetivadas nas unidades escolares. A *Livraria Africanidades* é uma entidade independente, de pequeno porte e seus fins donativos vem em torno das vendas de seus produtos e de outra ocupação empregatícia individual. Sem apoio de órgão público ou privado

@Pretas Letradas, Camilla Apresentação, criadora do perfil de divulgação literária

Acredito que ainda temos um longo caminho a ser percorrido. Vejo que a lei é uma grande conquista no sentido de reconhecer a importância do ensino da cultura africana e afro-brasileira, falando dentro do meu nicho. O fato de ainda precisarmos evoluir é porque alguns saberes ainda são negligenciados. Como aponta bem Wanderson Flor do Nascimento, ainda há um certo descaso do poder público e da academia referente ao ensino da filosofia africana, por exemplo. O professor de filosofia e bioética da Universidade de Brasília afirma que há um drástico silêncio da academia brasileira acerca do que se produz filosoficamente no continente africano e nas projeções dessa produção em solo nacional. Acredito que a lei é um forte fator de transformação, mas, somente ela, sem nenhuma concretização e mudanças efetivas no plano de aula e na LDB, não é suficiente.

@Clã das Pretas (SP), coletivo de divulgação e fomento literário

Ao nosso ver, o cenário literário brasileiro atualmente está bastante diversificado. Com o incentivo de leitores em relação a escritores nacionais (comprando e lendo tais obras), podemos ter acesso cada dia mais a diferentes temáticas, gêneros e formatos de livros. Esse movimento é enriquecedor não só para quem produz, mas (talvez, principalmente) para quem consome essas literaturas. As Leis 10.639/03 e 11.645/08 são muito importantes, por garantirem que tenhamos obrigatoriamente nas escolas a livros que agreguem aos alunos as culturas de povos marginalizados. Por conta delas, discentes de cursos de licenciatura e educadores estão tendo maior contato com as literaturas negras e indígenas, e isso é algo muito positivo. Muita coisa mudou positivamente de maneira interna nas escolas, mas a realidade é que ainda é difícil implementar as literaturas negras e indígenas no ensino básico. O racismo e preconceitos muitas vezes engessam as dinâmicas envolvendo tais culturas e temos ainda muita caminhada para alcançar o espaço merecido para nossas narrativas no ensino tradicional

Katuka Edições e Livraria Katuka Africanidades (BA), Ana Rita Santiago

Certamente, as literaturas têm contribuído, de modo imensurável, com o cumprimento das leis citadas na questão, em alguns espaços educacionais. Talvez sejam com elas, juntamente com a história e outras artes, que mais os (as) educadores (as) tenham se apoiado para “fazer valer” tais marcos regulatórios, mesmo sem as condições institucionais mínimas para tanto. Com a realização de projetos didáticos e pedagógicos afins a essas leis, em instituições educacionais, ainda com o risco de instrumentalização, pedagogização ou escolarização da arte literária, não se pode negar que a implementação e consolidação dessas leis favorecem o acesso, o conhecimento, a leitura e a divulgação das Culturas, Literaturas e Histórias Africanas, Negra-Brasileiras e Indígenas e, por conseguinte, de escritores (as) negros (as), indígenas e africanos (as).

Ed. Oralituras, Maitê Freitas (via entrevista de áudio)

Não, a gente nunca recebeu, ainda, nenhum apoio direto em relação a esses programas de leitura do Ministério da Educação, nem da secretaria de Educação daqui de São Paulo tanto municipal quanto a estadual. Nunca fomos indicados, a *Oralituras* ainda não teve obra indicada, para compor esses catálogos que vão para as escolas. Eu acho que a leis 10. 639/03 e 11. 645/08 não são apenas leis, são conquistas dos movimentos negros, dos movimentos indígenas para preencherem e subverterem a lógica do esquecimento, a lógica do embranquecimento e a violência que é o nosso desconhecimento sobre quem somos, sobre aquilo que nos constitui plurais, dessa pluralidade identitária. Somos um país plural, não vou dizer mestiço porque eu não gosto dessa palavra, somos um país plural, multiétnico, e acreditar numa hegemonia do conhecimento eurocêntrica, e tudo mais, tem sido muito danoso pros nossos imaginários, pros nossos entendimentos de quem somos e do que nos faz sociedade, então acho que quando a gente tem a lei 10. 639/03, a lei 11. 645/08, a gente começa a quebrar com algumas estruturas que estão tão cristalizadas na nossa forma de gerar conhecimento, de gerar narrativas, de nos entendermos enquanto indivíduos e enquanto sociedade, e a gente começa a abrir um espaço para que outras referências nos preencham.

Outra questão posta aos entrevistados versa sobre o cenário da escrita hoje, os fatores apontados para o aumento do interesse pela literatura, principalmente da poesia, e a relação com o surgimento das inúmeras feiras literárias, saraus, *slams*, coletivos de divulgação, resenhistas, contadores de histórias pretas, clubes de leitura, podcasts, canais de vídeos, eventos diversos que tem surgido em vários estados e municípios brasileiros, que divulgam e debatem obras de escritores afrodescendentes. Vários entrevistados disseram acreditar que estes fatores têm ajudado a aumentar o interesse do público pela literatura. As respostas surgiram mais uma vez de acordo com a experiência de cada entrevistado, dentro da sua área de atuação. O momento alude à explosão que houve nos anos 1980, com a proliferação de blocos afros e afoxés pelo Brasil, inspirados na criação do Ile Aiyé, em 1974, época em que a maior expressão da cultura afro-brasileira se

dava através da culinária, moda, estética de cabelos afros, artesanato, escultura, música, dança:

Quel Silveira, ilustradora

Sim, eu acredito que o trabalho incansável desses profissionais e a existência e crescimento desses espaços de resistência, comprometidos com o fomento e a circulação de nossas expressões artísticas e literárias têm sido um suporte fundamental para o fortalecimento de novos autores, leitores, poetas e artistas de nossa geração, de modo geral. Por exemplo, temos visto surgir coletivos poéticos compostos por pessoas bastante jovens, de periferia, que se preocupam em ter voz, em compreender a complexidade de suas existências e que busca experimentar, produzir e consumir arte e literatura que dialogue e traduza suas buscas. Autoras e autores independentes conseguindo publicar seus livros com o suporte de editoras pretas que tem surgido, lançando em espaços e eventos construídos por pessoas negras, tendo suas narrativas ilustradas por outras pessoas negras, enfim... acredito muito no poder desses espaços porque o interesse deles não reside apenas na esfera pessoal, mas sim em fazer ser possível circular a nossa voz entre nós e para o mundo.

Taís Espírito Santo

Acredito que tudo faz parte do acesso, e das oportunidades que são criadas. Se formos pesquisar sobre nossos escritores pretos, vamos ver que não foi de agora, na verdade, a história que embranqueceu todos os pretos que colaboraram e criaram obras magníficas neste país. Temos como por exemplo Machado de Assis que foi retratado por muito tempo como um homem branco, e Castro Alves, que em muitas fontes de pesquisa era tido como um homem branco, não miscigenado. Dois grandes e importantes escritores, poetas que o Brasil teve. Então acredito mais em acesso, em mostrar que a escrita, o contar histórias é muito nosso. E agora estamos nos vendo representados ali. Lembro as diferenças antes de uma pessoa lendo poesia e para agora, lendo, escrevendo, às vezes era preciso escrever com palavras altamente rebuscadas, que às vezes nem sei se o poeta entendia (rs), para se mostrar “poeta”. E tudo que colocávamos de uma forma mais cotidiana, “simples”, era visto como não arte, algum escrito sem peso, sem classe. E que bom que agora está diferente.

@Clã das Pretas, coletivo de fomento e divulgação literária

Os vários eventos e encontros que acontecem no decorrer do ano despertam o interesse nas pessoas de irem atrás, ainda mais hoje em dia que os livros com pessoas racializadas estão sendo mais consumidos. Por conta da pandemia, muitos eventos foram suspensos, mas os produtores de conteúdo pretos têm se movimentado e feito muitos projetos voltados à literatura negra. Por exemplo, temos a Pretatona que é uma maratona literária inspirada a Blackathon dos Booktubers gringos, onde criamos temas para as pessoas darem atenção a literatura negra e o alcance foi incrível! leitores de cada canto do país participaram e a troca foi enriquecedora. A internet tem esse poder de aproximar mais as pessoas por conta da facilidade, mas acredito que continuar nessa comunicação e sustentar esses eventos que podem ter apoio de grandes editoras, vai fazer com que mais autores negres tenham visibilidade no mercado. Estamos avançando a passos lentos, mas ainda assim avançando.

Júlio Ludemir, fundador e gestor da Festa Literária das Periferias - Flupp, RJ

É a história do verdadeiro povo brasileiro que nunca teve uma universidade para ele, que nunca teve uma editora para ele, que nunca teve um festival para ele, que nunca teve nada para ele. Mas quando domina os códigos, ele vai fazer uma leitura diferente do que é, e do que tem sido os Cadernos Negros, uma leitura diferente em Carolina de Jesus, uma leitura diferente de Lélia Gonzalez. Foi preciso que mulheres negras

fossem para a universidade pra entender a importância de Lélia Gonzalez, foi preciso que a Angela Davis viesse para o Brasil e dissesse, cara, vocês têm uma figura de absoluta importância chamada Lélia Gonzalez, leiam Lélia Gonzalez.⁷⁶ Essa turma branca não fazia uma coisa que a Yasmin Tainá fez, contou o número de professores negros que haviam na PUC. Isso, a minha geração não perguntava. Esta geração que está na universidade, está perguntando por que é que a doutora lá, por que aquela orientadora não leu Grada Kilomba, por que ler bell hooks não é fundamental, por que se ignora Maria Firmina dos Reis, por que se ignora Esperança Garcia, por que se ignora a presença do preto. Cara, branco gosta de branco. A literatura mundial é uma literatura branca, colonial, colonizadora. E foi preciso que um novo público aparecesse, para descolonizar a universidade, a literatura, está tudo isso, vivendo processos descoloniais. A Flupp tenta ser isso, um festival descolonizado, é difícil. Por exemplo, em 2019 no MAR, a gente foi para o centro, toda a periferia foi para o centro, para ver uma programação periférica. Conceição Evaristo, Ana Maria Gonçalves, discutindo Carolina Maria de Jesus, *a Carolina que habita em nós*, existe uma Carolina de Jesus em cada mulher preta brasileira, aquela mesa podia ser *a Lélia que habita em nós*, existe uma Lélia Gonzalez em cada universitária negra brasileira.

Selo Negro Edições (Grupo Editorial Summus, SP) Soraia Bini Cury (editora)

Como o tema do racismo estrutural finalmente entrou em pauta, tanto na academia quanto nos meios de comunicação, houve uma abertura para que as histórias e a produção de negros e negras se mostrasse. Além disso, o acesso à universidade de mais pessoas pretas (acesso esse decorrente dos anos Lula e Dilma, por meio de programas como o Prouni) contribuiu para trazer uma maior diversidade literária. Acrescento ainda a força dos movimentos periféricos que, aliados ao movimento negro, conquistaram importantes espaços culturais nos últimos anos. No caso específico da poesia, acredito que essa forma de expressão acomode uma subjetividade maior, que reflete as dores e as conquistas, mas também a vida íntima desse público. Todos esses eventos são importantíssimos para a nossa cultura. Além de darem voz a uma parte da população que sempre foi esquecida, elas difundem as obras afins e acabam atraindo e conquistando novos leitores, bem como incentivam que novos escritores e escritoras mostrem o seu trabalho. É fantástico ver essa bibliodiversidade.

Mazza Edições (MG), Maria Mazzele Rodrigues

A poesia foi considerada durante muito tempo como “literatura maldita”, pelo fato de vender pouco, mas devo confessar que se não fosse a presença dos poetas em minha pequena editora e atividade gráfica, pagando pelas suas publicações nos seus primeiros dez anos, não teria conseguido viabilizar meus projetos editoriais. As novas possibilidades de divulgação, como feiras literárias, resenhas, contadores de histórias, *lives* e *podcasts* têm contribuído sobremaneira para formação de novos leitores, despertando também o interesse de um público não necessariamente politizado. Daí a importância de autores negros no cenário atual.

Editora Pallas (RJ), Cristina Warth

Sobre os livros de literatura de autoras e autores negros, vemos que nomes espetaculares ganharam reconhecimento nos últimos anos, o que mostra que sempre existiram e que tiveram poucas oportunidades até o momento. Precisam ser valorizados como os excelentes autores que são, e devem ser lidos por todos, mas é claro que a questão da representatividade e do resgate de histórias e vivências afro-brasileiras é uma questão importante, ao ponto de autores literários inclusive completarem lacunas da história oficial em que o protagonismo negro é apagado. Sobre poesia tenho pouco a falar, pois acompanho pouco a cena.

⁷⁶ Júlio Ludemir e Écio Sales criaram em 2012, a Festa Literária das Periferias- Flupp, RJ.

Christian Dutilleux, professor de Teoria Literária e Lit. Comparada da UFRRJ

Acho que o cenário literário está mudando, como parte do cenário cultural brasileiro onde vejo claramente a influência de uma nova geração de negros que adquiriram uma formação universitária nas últimas duas décadas e estão buscando ocupar o espaço público.

@Letras Pretas, coletivo de divulgação e fomento literário da UERJ, Amanda Loureço, mestre em Letras pela mesma instituição

Acreditamos que sim. Não é incomum encontrar pessoas que se afastam da leitura literária por não estabelecerem uma relação de identificação com as obras que foram oferecidas na escola, por exemplo. Dificilmente uma pessoa negra se sentirá representada pela forma estereotipada com que os personagens negros são apresentados nas obras de autores considerados canônicos. Isso sem contar que, por muito tempo, lançamentos de livros e outros eventos literários eram espaços poucos acessados por nós – por muitos motivos, mas possivelmente pelo que foi mencionado acima. Todos os movimentos de difusão da nossa literatura são extremamente necessários para alcançar esse público que era desinteressado – não porque não queria ler, mas porque não via sentido em consumir algo que não estava conectado consigo. Representamos um percentual consideravelmente grande. As grandes editoras e os grandes eventos literários tinham dificuldades de compreender isso – alguns possuem até hoje. Por isso, quando nós nos movimentamos para amplificar as vozes de autoria negra, marcamos presença ou criamos os nossos eventos literários, conseguimos trazer cada vez mais pessoas para o universo da leitura.

Selo Katuka Edições/Livraria Katuka Africanidades (BA), Ana Rita Santiago

Certamente. Mas vale ressaltar que esses eventos ainda não são, muitas vezes, democratizados e de fácil acesso. Ainda, por vezes, tem despertado o interesse de um público especializado, tais como a comunidade universitária, coletivos e organizações sociais negras, de arte negra, de mulheres, de LGBTQI+ etc. Já é um bom começo, mas ainda não é suficiente e satisfatório.

Editora Oralituras (SP), Maitê Freitas, editora

Eu acho que o humano sempre fez poesia, (eu até quis dizer que a gente sempre fez samba) então, eu acho que a poesia talvez seja uma das primeiras expressões nossa com a linguagem, assim como a música. Eu tenho uma filha de dois anos e observo que antes dela falar uma palavra, ela canta. Então eu acho que a poesia é uma expressão muito genuína e muito orgânica. E também muito do coletivo, embora a escrita seja individualizada, ela é, sim, pensada de certo modo para o coletivo e nesse sentido os saraus e os *slams*, atualmente, têm muita importância nessa circulação da produção literária preta, periférica, essa produção literária não hegemônica, digamos assim, acho que é o melhor jeito de falar. Então, acho que os saraus tem essa função e a gente percebe o impacto que essa pandemia gerou ao não ter sarau, ao não ter slam, ao não ter roda de samba, a gente não consegue circular com as obras, as obras não conseguem serem vendidas, serem apresentadas nesses espaços coletivos, então é muito diferente, é um outro parâmetro de relacionamento com a escrita. Eu acho que o interesse pela literatura sempre se deu pela expressão, e no caso da poesia traz o outro traço que é o da oralidade, você dizer as palavras, você as coloca em outras plataformas de comunicação que não só a leitura, eu acho que são importantíssimos esses eventos que você cita aqui na pergunta.

@Pretas Letradas, Camilla Apresentação

Eu atuo tanto como resenhista quanto colunista e vejo relatos também de pessoas que desenvolveram o interesse pela leitura a partir das minhas falas. Sempre costumo

explicar para qual tipo de pessoa um livro se encaixa e isso ajuda na hora de se identificar com a obra e daí aumentar a vontade de ler outros, comprar mais livros. Uma alternativa também é o clube de leitura e as leituras coletivas, que, por meio de um estímulo conjunto para alcançar as metas semanais, há um interesse em discutir sobre o que foi lido no final na semana. Esses são trabalhos que tanto eu quanto outros resenhistas costumam inserir no ambiente do Instagram e que tem um bom feedback da comunidade literária e daquela que quer se tornar.

Nessas duas primeiras décadas do século XXI, a literatura tem se tornado uma catalisadora das produções culturais afro-brasileiras. Um fator que fica muito evidente entre as entrevistadas é a necessidade de independência vocal e a busca pelo respeito às produções femininas. Autoras mulheres sempre tiveram dificuldades para publicar, como mostram as outras pesquisas citadas neste trabalho. Para as mulheres negras a possibilidade de publicar por uma editora de médio ou grande porte era algo considerado utópico. Portanto, todas essas iniciativas alternativas que surgem pelo país são fenômenos reveladores de um momento de transformação social, que caminha em paralelo ao desalinhado e delicado momento político pelo qual passa o Brasil e o mundo.

Ressalta-se também a utilização da tecnologia para divulgar as obras, com lançamentos em formato de *ebooks* e audiolivros, que foi vista por parte significativa dos entrevistados como um aliado na divulgação e comercialização, entretanto, alguns lembraram a questão da pirataria que significa perda de receita para as pequenas editoras e seus autores. Quanto aos áudios-livros, alguns entrevistados celebram o formato porque possibilita a acessibilidade de pessoas com deficiência visual às obras. O fato é que o brasileiro está cada vez mais conectado, em alguns locais de forma precária, mas ainda assim o uso de tecnologia digital foi facilitado pelos *smartphones* e telefones celulares. Segundo a *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - Tecnologia da Informação e Comunicação (Pnad Contínua - TIC)* de 2018, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE),⁷⁷ quatro de cada cinco lares brasileiros tem acesso à internet, mas o percentual de excluídos digitais ainda soma 25%, equivalente a 45.960 milhões de pessoas no país:

⁷⁷ Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/estado-conteudo/2020/04/29/internet-chega-a-4-em-cada-5-lares-diz-ibge-excluidos-digitais-somam-45960-mi.htm>

Geni Guimarães

Hoje, a tecnologia na cadeia editorial proporciona mais chance de visibilização do nosso trabalho. Porém, ainda está longe do que precisamos e merecemos.

Mirian Alves

Com o tamanho do território brasileiro, a tecnologia através da internet e redes sociais, possibilitou a divulgação e expandiu o alcance dos textos, também facilitou as vendas de livros de autores independentes. E a modernidade dos *ebooks* e audiolivros são outras possibilidades, eu particularmente ainda prefiro o livro de papel. Quanto aos audiolivros, possibilita aos que têm dificuldade visual terem acesso ao texto. Eu tenho um trabalho publicado em audiolivro, destinados a pessoas cegas, considere a edição bem eficiente.

Eliana Alves Cruz

Este é um caminho sem volta. Este é um novo canal por onde se consome literatura e, na verdade, é muito interessante, pois amplia enormemente o alcance da obra. No entanto, é importante observar a proteção, a segurança deste conteúdo, no tocante aos direitos autorais.

Cidinha da Silva

Penso que existem públicos a explorar em todos os suportes. Aprendi ontem com uma empresa de audiolivros que o público mais significativo deste segmento (no caso dessa empresa) é de homens brancos acima de 27 anos. E sabe o que eles mais consomem? Títulos de religião e de autoajuda. Isso está na contramão de tudo o que sabemos sobre as mulheres serem mais leitoras do que os homens, logo, o mercado de audiolivros tem um campo enorme a conquistar junto às mulheres que são leitoras de livros impressos e de *ebooks*. Estes, por sua vez, não substituíram os impressos como se temia no final da década de 2000, como a imprensa especulava, diga-se, porque os grandes *players* já sabiam que essa substituição não ocorreria. Aconteceria uma acomodação, convivência pacífica e até complementar entre os suportes. Em síntese, tem fatias de mercado para todo mundo, resta trabalhá-las e conquistá-las.

Mel Duarte

Assim como tudo nessa vida é preciso aprender a dosar as coisas, sem a tecnologia o meu trabalho não teria a visibilidade que tem hoje, então sou grata por ela, mas ao mesmo tempo, as redes sociais sugam uma energia insana da gente, o que provoca muita ansiedade e depressão, então encontrar esse equilíbrio é essencial. Eu acredito que os *ebooks* e audiolivros são super necessários pois é importante que o público nos leia da maneira que se sinta mais confortável, sem contar que nesses casos também existe a questão da acessibilidade, eu tenho o meu livro “negra nua crua” em *audiobook* e isso me fez chegar em muitas comunidades de pessoas cegas, logo, o que importa é que a população tenha o acesso, até porque nessas plataformas os livros costumam ser mais em conta, mas eu Mel, leitora, não troco o livro, o papel, por nada, rs.

Lorena Ribeiro

Eu acredito que a tecnologia está auxiliando bastante a divulgação de livros e incentivos às leituras, através de projetos literários e de perfis das próprias autoras, que interagem com seus públicos. Os *e-books* e audiolivros são muito acessíveis a bastante gente, o que torna ainda mais dinâmicas essas leituras. Mas, não posso deixar de chamar atenção ao fato de que muitas outras pessoas ainda não têm acesso à internet ou aparelhos de livros digitais. Portanto, as bibliotecas públicas e livros físicos são também de suma importância para esses movimentos de acesso às leituras.

Simone Ricco

Ainda não sei mensurar... Os *e-books* têm sido uma possibilidade concreta de viabilizar publicações independentes, isso tem um impacto positivo e pode ser um caminho para diminuir custos e facilitar vendas de um produto mais barato. No entanto, a publicação digital ainda não tem o mesmo status da impressa e não agrada a todos os leitores, por esses e outros motivos, autores continuam preferindo o livro físico e fazem da venda uma alternativa. Grande parte do público parece ter a mesma preferência pelo impresso, no entanto, as versões digitais pirateadas estão em ampla circulação, são muito aceitas e anulam possibilidades de retorno para editoras e autores. O cenário é complexo.

Taís Espirito Santo

Primeiro impacto é a divulgação dos escritos. Ano retrasado, em setembro de 2019, visitei uma escola no sertão da Bahia, em Irecê, o Colégio Odete Nunes. Na verdade, eles me marcaram em uma publicação avisando que estavam lendo meu texto para adolescentes e eu, assim que vi a marcação, entrei em contato pela rede social e comecei a conversar com a professora que havia me chamado. Já que eu estava sempre em Salvador, e eles iriam fazer a primeira feira literária, decidi ir lá. Foi um encanto e foi lindo. Depois os alunos fizeram um livro a partir do meu conto “Quando parei de mandar beijos”. Ainda não sei os impactos gerados pelo ebook, mas existem muitas pessoas utilizando e achando muito bom. Eu ainda prefiro os livros impressos, folhear, e sinto como um lugar de calma, já que estamos o tempo todo on line, com os rostos virados para o celular, notebook, aparelhos eletrônicos...

Quel Silveira, ilustradora

Eu vejo a tecnologia como aliada em alguns momentos. É uma forma mais barata para quem escreve e para quem consome. Hoje em dia o que está na internet é mais acessível para muita gente. As livrarias passam por momentos complicados atualmente, mas não acredito que o problema central seja apenas esse.

Selo Negro Edições (Grupo Editorial Summus, SP) Soraia Bini Cury (editora)

Quando os *e-books* chegaram, muitas pessoas ficaram assustadas, achando que o livro impresso ia acabar. Nós, do Grupo Editorial Summus, sempre vimos uma oportunidade de divulgar os livros em outro formato, assim como com os *audiobooks*. Alguns leitores preferem o impresso; outros, se adaptaram perfeitamente e só compram livros digitais; e há aqueles que adquirem os dois formatos. Hoje, podemos dizer que a venda de *e-books* representa cerca de 10% das nossas vendas. É um formato que democratiza as obras, pois, além de custar menos, pode ser adquirido em praticamente qualquer lugar do mundo com um clique. Existe também um outro aspecto: o *e-book* muitas vezes permite que a editora ou o autor “teste” a aceitação do livro. Caso a procura seja significativa, investe-se numa edição impressa.

Editora Pallas (RJ) - Cristina Warth

São mais um canal de vendas de livros. Muda a embalagem, mas o conteúdo está lá. A experiência é diferente da leitura em papel ou quando se escuta. Mas essas formas conviverão. Vimos isso durante a pandemia. Uma forma não canibalizou a outra.

Mazza Edições (MG) - Maria Mazzarelo Rodrigues

Nos tempos atuais, as novas tecnologias na cadeia editorial, sejam pelas redes sociais, *e-books*, áudio-livros e auto-publicações, têm contribuído para que novos autores e, conseqüentemente, novas publicações cheguem às mãos dos leitores.

Cogito Editora (BA) – Ivan Almeida

Acredito ser um caminho sem volta essa questão da tecnologia, tanto é que a Cogito também tem buscado se inserir neste contexto, contudo o que eu tenho visto que, em relação ao ebook, ainda falta algo para que seja tudo aquilo que se pensa. Vejo que ainda vai demorar muito tempo para os livros digitais substituírem o impresso e não é coisa para essa, nem para a próxima geração. Percebo que o e-book hoje vem como uma espécie de complemento do impresso, uma espécie de “plus a mais”. As pessoas ainda querem ter seus livros nas suas estantes, receber o autógrafo do autor da obra, tirar uma foto ao lado do banner da capa, fazer seu lançamento. Isso não tem preço. É como uma formatura ou casamento ou coisa semelhante, são símbolos enraizados pela força da tradição, da cultura de um povo. Precisamos ir com calma em pensar que o ser humano vai ser tornar virtual a tal ponto que irá abrir mão das relações sociais. Hoje com o isolamento social por conta do COVID19 estamos percebendo a importância do abraço, do convívio com os nossos pares.

Kisimbi (DF) - Iara Kisimbi

O mercado editorial, principalmente com a pandemia, precisou aderir mais às novas tecnologias, além da crescente oferta de ebooks uma outra tendência que já está acontecendo são as compras de livros em lojas online, clubes de leituras, *lives* de autores e editores e os financiamentos coletivos. Penso que os livros não serão substituídos por *ebooks*, pois ainda existe um público que demonstra interesse no livro físico.

Editora Malê (RJ) – Vagner Amaro

Amplia a divulgação dos livros, contribui para captar outros tipos de leitores e serve como opção para os leitores tradicionais, quantos mais formatos, melhor.

Selo Mjiba (SP) – Elizandra Souza

A tecnologia é necessária, não podemos ignorar que a pandemia fez com que nossos olhares se voltassem para essas possibilidades, mas a grande maioria dos autores negros não acessam ainda ebooks e audiolivros pensando na produção independente e de periferia.

Editora Segundo Selo (BA) - Jorge Augusto

Não nos dedicamos de forma direta a produção de ebook, nem áudio livros, mas obviamente percebemos que hoje se constitui como um meio importante de produção do livro, inclusive para pequenas editoras e auto publicação, no sentido em que possibilita romper com uma dificuldade estruturante da produção do livro, sobretudo para autores inéditos, que é a circulação. A distribuição fácil e ilimitada dos livros virtuais tem sido e pode ser mais ainda, um meio de divulgação desses autores. Porém as pequenas editoras e autores novos, vivem o dilema ético e econômico, de que esses livros assim que disponibilizados em qualquer versão virtual, aparecem logo em seguida disponibilizados em pdf, inviabilizando amplamente o retorno do investimento feito pelo autor e pela editora. Essa é uma questão que praticamente inviabiliza a adoção ampla dos livros virtuais pelas editoras pequenas, já no momento de lançamento do livro, pelo menos.

Ed. Oralituras, Maitê Freitas (via entrevista de áudio)

Eu acho que o papel da tecnologia é difundir, disseminar e possibilitar que o maior número de pessoas consiga acessar aquela informação. No caso dos *ebooks*, eu acho que é possibilitar até que a pessoa produza o seu próprio livro. Tem programas pra isso e depois você vai lá e comercializa em forma de ebook. Eu acho saudável, porque de fato o mercado editorial como ele tá pensado e como ela tá posto, ele não é um mercado democrático, saudável, inclusório então eu acho que quanto mais a

gente conseguir ocupar as tecnologias, utilizá-las a nosso favor, nesse sentido de contra hegemonia, melhor, acho que esse é um caminho natural. O imaginário e o campo intelectual são dois espaços de disputa e de tensionamento. Eu acho que as tecnologias elas vêm também para atravessar esse campo da disputa entre o imaginário e essa estrutura toda.

@Letras Pretas, coletivo de divulgação e fomento literário da UERJ, Amanda Loureço mestre em Letras pela mesma instituição

Acreditamos que a tecnologia é uma aliada fundamental para o cenário literário; não só para o compartilhamento de resenhas e ensaios sobre obras literárias, mas também para a própria leitura delas. Vale destacar que muitas autoras têm utilizado o espaço online – mesmo antes da pandemia – para mostrar as suas produções. Isso é muito interessante, pois sabemos que o mercado editorial ainda possui restrições em relação à presença de autoras negras. É nesse sentido que dizemos que a tecnologia tem um papel importante no cenário atual: ela permite que as autoras alcancem um público consumidor mais amplo. Pensando em recursos tecnológicos, os *ebooks*, por exemplo, são interessantes, porque ajudam na difusão dessas obras, justamente por serem adquiridos imediatamente - e às vezes com preços menores do que a versão física do livro.

Christian Dutilleux, professor de Teoria Lit. e Lit. Comparada da UFRRJ

É preocupante a desigualdade de acesso à internet. Ebooks e audiolivros ainda são produtos para uma minoria com mais recursos. A maioria ainda não tem um acesso rápido e estável à internet.

Ana Fátima, escritora, professora e doutoranda em Crítica Cultural (Letras-UNEB)

Ainda é algo lento para a comunidade negra em massa. Não temos acesso gratuito ou em menor preço a estes produtos específicos. Contudo, buscamos acelerar este passo. A exemplo da escritora e editora Andressa dos Prazeres com a *Editora Cartoneira das Iaiá*, criando audiobooks e podcasts.

Selo Katuka Edições e Livraria Katuka Africanidades (BA), Ana Rita Santiago

Os arranjos e artefatos tecnológicos contemporâneos, indubitavelmente, colaboram na criação, produção e circulação de obras artísticas, principalmente, as literárias. Os diversos formatos, suportes e as tecnologias assistivas, tais como e-books, áudio livros, kindle, etc. facilitam a acessibilidade às produções artísticas, a inclusão social, bem como criam mais condições de aproximação entre autores (as), autores (as) e leitores (as), leitores (as) e leitores (as).

Júlio Ludemir, fundador e gestor da Flupp – Festa Literária das Periferias, RJ

Você pode olhar para essa tecnologia como algo que afasta quem é da periferia, mas também pode olhar para essa tecnologia como sendo ela altamente inclusiva. Eu fico me perguntando o que seria um áudio livro da turma do slam, da turma do sarau, por que que a gente ainda não dominou isso, por que que a gente não procurou isso, ainda. Por que que quando a gente fala em áudio livros, a gente fala de romances, de contos, mesmo de auto ajuda, um dos grandes mercados dos audiolivros são os livros de autoajuda. Eu me pergunto onde poderíamos chegar se usássemos esse potencial, com a poesia, a poesia falada, com a oralidade brasileira (...) O *poetry slam* é uma poesia de preto, o *poetry slam* no começo era uma poesia meio Mano Brown, meio MV Bill, era o correspondente disso na poesia, dizendo ali em pé, com toda aquela segurança e virilidade do macho negro da periferia, em algum momento ele foi essa plataforma, os primeiros anos da Flupp era um bando de homem negro, periférico, falando ‘a polícia quer me matar’. Mas o *slam*, ele vai migrando, aparece a mulher preta dizendo ‘os homens estão cometendo violência contra mim, violência sexual,

os homens são machistas’, depois aparece a mulher homossexual, depois aparece a pessoa trans. Essa narrativa periférica, ela atrai as periferias. Mas antes disso, antes da gente descobrir o slam e abrir, ousar, destinar metade da nossa programação pra fazer batalha de poesia, a gente foi na pauta como se quisesse fazer uma Flipp na favela.

@Pretas Letradas, Camilla Apresentação

A tecnologia funciona, quando utilizada de forma coerente, como um facilitador social. Dentro da literatura, por exemplo, é um mecanismo de inclusão. Os e-books, por exemplo, representam uma alternativa pelo custo inferior a um livro físico. E, os áudios livros como uma alternativa de integração para cegos e deficientes visuais. Sou uma verdadeira amante dos podcasts porque, assim como a produção de conteúdo no Instagram, eles representam uma forma alternativa de adquirir conhecimento. Para quem tem dificuldade, não gosta da leitura ou não tem tempo para ler um livro é também um facilitador, uma opção, já que permite que você ouça enquanto estiver envolvido(a) em outras tarefas. Assim como foi para mim, esses espaços criam uma rede de apoio entre pessoas que, mesmo na pandemia, ainda vivenciam situações que permeiam a trajetória negra. Por exemplo, recentemente iniciei um debate a partir de um sentimento meu, de angústia, diante do espaço acadêmico e como já era difícil antes. Com a pandemia, o desinteresse aumenta, o ensino EAD tem sido difícil e, para pessoas pretas que já não se sentiam integradas nesse ambiente, é tentador trancar o curso e desistir da faculdade.

Por fim, a última questão levantada foi sobre a importância da existência de autoras negras, a fim de ter a sua representatividade *escurecida*-cristalizada tanto nas produções quanto na autoria. Questão que encontra unanimidade no que tange à importância da afirmação de um *locus* de onde partem essas falas, mas que, dialeticamente, cria uma importante ressalva acerca do risco de se estereotipar esse mesmo território e seus autores, mantendo-os, mais uma vez distantes dos sistemas de legitimação do poder. A autonomia criativa foi defendida por todas e todos. Compõe uma maioria os que responderam que um autor/autora deve ter total liberdade criativa e que a questão étnica não deve pautar o trabalho de escritores e escritoras, seja negro, branco ou pertencente a qualquer outra etnia, porque isso não deveria ser premissa para o livre exercício da criação. Porém, a importância de ter autoras negras/negros escrevendo sobre si e sobre os seus também foi considerada fundamental.

Quase todos os entrevistados reiteraram a necessidade de ter autores negros e não negros escrevendo sobre o que estiver no seu radar inspirativo. Essa é uma premissa que pode parecer óbvia, porém sabemos que na prática a teoria não se configura de tal forma, mais uma vez lembro a frase da autora e editora Cidinha da Silva “nas grandes editoras há os escritores-coringa” aqueles se acham no direito de escrever sobre tudo. No seu livro *Olhares negros* bell hooks afirma que pessoas

negras com mentes colonizadas podem reproduzir estereótipos, principalmente aquelas que trabalham em meios de comunicação de massa como cinema e televisão. Contudo, isso pode ser resultante de uma demanda pela distorção da negritude para fins econômicos. A *commodização* do negro, ela afirma, não tem sido pensada e gerida por pessoas negras, mas por uma estrutura que lhes sobrepõe (hooks, 2019, 31-42):

Geni Guimarães, autora

É muitíssimo importante a presença de autores negros para a criação de personagens negros não estereotipados, porque nós não só fazemos ou criamos os personagens. Nós somos eles. Nossos filhos e netos são eles. Isto retrato nos meus trabalhos infantis e juvenis. É fácil e lógico falarmos de nós, do que somos e podemos.

Mirian Alves, autora

Sem dúvida, atualmente são vários os autores-autoras negras, escrevendo e publicando na internet, em editoras pequenas, médias, introduzindo novos elementos que contribui para criar um novo imaginário nacional, principalmente no que se refere à população negra.

Eliana Alves Cruz, autora

Sim. Creio que por longos séculos fomos sempre o motivo da observação e escrita dos que não são negros. Isto propiciou uma série de distorções e forjou um imaginário negativo acerca dos personagens negros. Com a chegada de escritores e roteiristas negros e negras, um olhar diferenciado foi lançado sobre as obras e construção de determinados personagens. O protagonismo também passou a ser questionado e diversificado.

Cidinha da Silva, autora

Sim, nossa agência enquanto pessoas que sobreviveram à discriminação e ao racismo nos potencializa para escrever histórias nas quais a humanidade negra possa se manifestar e vencer, ser feliz, sorrir, amar.

Taís Espirito Santo, autora

É extremamente importante para nossa comunidade, eu acabo de lançar o livro infantil: *Ashanti: nossa pretinha*, que a sua ideia central é o amor preto e todo o afeto para a criança ali, desejada e esperada. Ali tem todo o seio familiar, pai, mãe, avô, avó, realidades que não vemos em muitos lugares, como em novelas, filmes, e até livros. Então, tendo escritores e escritoras negros e negras, estamos diante de uma realidade e história contada a partir de outro olhar, de outra perspectiva, do olhar nosso. Tem alguns trechos e histórias de pessoas não negras, que algumas frases de um personagem negro não encaixam, ou até algumas atitudes dele, que é possível perceber que o autor não conhece, não tem a vivência. Do meu livro *Ashanti*, muitas mães de crianças e algumas crianças, vêm conversar comigo e a primeira frase que ela fala é: “a cor é igual a minha”, ou o “vovô também cantava assim pra mim”. Fui descobrir, depois do livro lançado, que meu avô cantou para todos os filhos dele logo após o nascimento. Essa história eu não sabia, minha tia ficou emocionada. Eu consegui acessar em algum lugar da minha ancestralidade, além de conhecer algumas histórias do povo preto que tudo gira em torno da música, da palavra cantada.

Mel Duarte, autora

Sim é de extrema importância. Precisamos normalizar a presença de personagens negres em diversas situações, deixando para trás os estereótipos que a sociedade está acostumada, pois só dessa forma, iremos ampliar o debate e descolonizar o pensamento assim como a escrita e a fala da população.

Lorena Ribeiro, autora

Acredito que seja importante, sim, que escritoras negras criem personagens negras não estereotipadas, porque acredito que a representatividade importa muito e fortalece a autoestima de outras pessoas negras. Então, além de se enxergar nos personagens, a pessoa negra poderá se ver em quem escreveu tais histórias, o que impulsiona a validação dessas, principalmente as jovens. Mas também defendo que autoras(es) negras(es) têm total liberdade para escreverem sobre o que quiserem: sobre o tempo, sobre o amor, alegrias, viagens... não restringindo suas obras a tratar sempre/apenas de nossas dores e lutas antirracista.

Simone Ricco, autora

Sim. Autoras e autores negros conscientes das engrenagens ativadas pelo racismo ao longo da história da humanidade são figuras importantes na produção de narrativas que desfaçam estereótipos e romantizações existentes em muitas obras da literatura brasileira. Penso que a contemporaneidade inclui a revisão da estrutura racista e a visibilidade da diversidade de identidades negras e temos autores lidando muito bem com isso. O último romance da Eliana Alves Cruz é um ótimo exemplo desta abordagem contemporânea que dialoga com o passado para questionar o presente e propor um futuro diferente daquele que as evidências apontam.

Ana Fátima, escritora, professora, doutoranda em Crítica Cultural (Letras-UNEB)

Nós, escritoras negras, escrevemos também sobre nós, nossas vivências, nossos mais velhos. Sobre símbolos de nossa ancestralidade negra africana e isso é para além de identificação, é a continuidade de um legado. Os não negros fazem isso quando replicam receitas, histórias, feitos de seus ancestrais e os colocam enquanto heróis e heroínas. Nós, negros da diáspora, estamos reaprendendo a saudar os nossos. O processo de escravização molestou nossas memórias e para aqueles e aquelas revolucionárias que lutaram por manter os ensinamentos de África por diferentes setores (culinária, educação, artes, arquitetura, etc) provaram que hoje, nós com mais recursos, podemos preservar e reconstruir nosso passado de forma mais qualitativa.

@Clã das Pretas, coletivo de divulgação literária

Com certeza! É importantíssimo que a gente tenha cada vez mais autoras negras ocupando esses espaços e criando histórias e personagens que mostrem suas próprias vivências. A literatura de autores negros tem um papel fundamental na humanização e acaba sendo essencial para a criação de uma mudança no imaginário coletivo de quem são as pessoas negras de fato. A gente precisa de uma literatura que seja cada vez mais diversa e abarque essas narrativas. Consideramos importante que pessoas negras estejam ocupando diversos lugares na sociedade. É importante estar produzindo conteúdo na internet, assim como estar produzindo conhecimento na academia. Isso faz com que cada vez mais a presença dessas pessoas seja normalizada. Também consideramos muito importante as produções de pessoas negras, pois promovem narrativas de existências múltiplas.

Josi de Paula, criadora do *Slam Negritude*, graduada em Administração (FGV/Ebape)

Sim. A criação de personagens não estereotipados perpassa pela nossa ótica, ou seja, nós negros contando nossas próprias histórias. Somos compostos de multipluralidade e isto estar refletido em nossas escritas, é um movimento de extrema importância. Sinto que ainda há muito a fazer. Ainda há muitos personagens e heróis da nossa História apagados e o movimento que vem ocorrendo embora seja positivo ainda é insuficiente para dar conta de tantos anos de apagamento. Nós ainda não nos apropriamos de toda a nossa História. Diante deste cenário, o *Slam Negritude* ocupa espaços urbanos, conta histórias daqueles locais e personagens como a exemplo da edição realizada em junho de 2019, na Estátua de Mercedes Baptista, e também ouve as vivências e histórias dos poetas que recitam no *Slam* promovendo uma intensa troca. Sinto-me fazendo uma pequena parte de um todo que deve continuar a ser feito e conscientizar e influenciar cada vez mais pessoas a mudarem suas atitudes.

@PretasLetradas, Camilla Apresentação (fomento e divulgação literária)

Com certeza, frequentemente venho espalhando essa ideia. Não só na construção de personagens negros em situações reais de suas vivências, mas autores negros escrevendo sobre o que quer que seja. Às vezes, inclusive, acabam falando mal de um livro porque não aborda temática racial, como se, pelo fato de o autor ser preto, teria essa obrigação. Estamos desconstruindo ideias como essas.

Júlio Ludemir, fundador e gestor da Flupp - Festa Literária das Periferias, RJ

Essa pergunta sobre autor e o personagem negros, numa relação não estereotipada entre autor e personagem, nos coloca inevitavelmente em contato com o que a Djamila colocou no livro como “lugar de fala”, mas também leva para aquilo que eu falei da boneca preta, que a leitura é também um jogo de espelhos, um livro clássico na literatura de todos os países e épocas do mundo, é o chamado romance de formação. Eu, um jovem pernambucano, vou escrever sobre a minha juventude em Pernambuco fumando maconha, dando beijo na boca, querendo derrubar a ditadura, com todas as minhas incertezas e todas as minhas inseguranças, isso é uma literatura na primeira pessoa do singular, isso tem muito no Brasil, nessa literatura de classe média sobre a qual eu já falei antes, mas isso tem também em James Joyce, *o Retrato do artista quando jovem*, o clássico romance de formação (...) porque quando eu sou o narrador, ainda que eu não esteja limitado a escrever apenas sobre mim mesmo, quando escrevo sobre mim ou sobre o que me cerca, eu vou ter muito mais intimidade do que um húngaro, criado naquele inverno e que não sabe o que é o sol e o que é o vento fresco, a brisa do Recife. Eu posso escrever sobre pessoas negras, da mesma forma como eu posso escrever sobre cristãos novos no sertão, durante a perseguição religiosa quando os portugueses chegaram aqui. Possivelmente, eu terei muito mais dificuldade (...) da mesma forma como demanda muito esforço o cara lá fazer o *Guerra dos Tronos*, ele não está escrevendo sobre si próprio, para ele fazer aquilo foi toda uma arquitetura, toda uma montagem, toda uma pesquisa para fundamentar, para tornar aquela narrativa, número um, crível, número dois, não caricata, não estereotipada.

Christian Dutilleux, professor de Teoria Literária e Lit. Comparada da UFRRJ

É importante aumentar a participação de escritores e escritoras negras na literatura para corrigir o desequilíbrio atual. Não acho que haja necessariamente uma relação fixa entre a cor da pele do escritor e a qualidade da construção da personagem. Escritores negros podem criar personagens brancos e vice-versa. Achar que um escritor, por ser negro, vai necessariamente entender e descrever com talento a vivência de todos os negros é uma ilusão. Só tem que ter mais escritores negros que

possam escrever sobre o que eles querem e serem tratados como escritores e não como escritores negros.

@LetrasPretas, coletivo de divulgação e fomento literário da UERJ, Amanda Loureço mestre em Letras pela mesma instituição

Sem dúvidas. Como comentamos acima, a literatura passa por esse espaço de identificação. Ler obras que efetivamente se conectam com as nossas vivências é fundamental, especialmente para o leitor contemporâneo que faz questão de que esse processo ocorra. Eles reivindicam isso, porque sabem que o cânone literário não representa mais o que é a literatura brasileira e que é impossível pensar nela sem considerar a diversidade de pessoas – e consequentemente – e de narrativas existentes.

Editora Oralituras, Maitê Freitas

Sim, eu acho super importante autoras negras escreverem personagens negros não estereotipados, acho mais importante do que escrever personagens negros, é escrever personagens não estereotipados, porque senão a gente corre o risco de achar que pessoas negras só escrevem sobre pessoas negras, todos os personagens de um autor negro, de uma autora negra serão negros, e não necessariamente, são personagens. Eu vejo muito os escritores africanos falando disso, Mia Couto fala disso, então, eu acho que é importante sim, que a gente escreva sobre o que gente quiser, e que sim, a gente venha para esses lugares de uma disputa, que se for para escrever personagens protagonistas negros, que eu conte a história como eu quiser, a partir do meu ponto de vista, a partir dos elementos que me constituem, que constituem o meu imaginário. Eu acho isso super saudável, necessário e urgente que isso aconteça. E eu acho que não é só para um novo tipo de leitor, eu acho que essas histórias, elas precisam existir e serem escritas para todos os leitores, inclusive para aqueles leitores que defendem Monteiro Lobato. Acho importante que se escreva. Tem muitas histórias para serem contadas.

Editora Figura de Linguagem (RS) - Fernanda Bastos

Sim. Por isso criamos a *Figura de Linguagem*. Protagonismo negro tem um preço e representatividade consciente faz parte dele. Não basta apenas os autores e autoras serem afrodescendentes, é preciso que a obra deles saiba o que fazer com isso, e, sobretudo, que toda a cadeia do livro possa ser enegrecida.

Selo Negro Edições (Grupo Editorial Summus, SP) Soraia Bini Cury

Com certeza! A questão identificatória é imprescindível para valorizar a cultura afro-brasileira, aumentar a autoestima dessa parcela da população e refletir as ideias, as trajetórias, as conquistas e as lutas do povo negro. É fundamental, ainda, para escancarar questões de racismo estrutural que permeiam a nossa sociedade e, muitas vezes, ficam escondidas.

Editora Pallas (RJ) - Cristina Warth

Sim. Mas não necessariamente a autoria branca dará vida a um personagem estereotipado. Mas é claro que é importantíssimo que mais e mais autores que não os homens brancos e burgueses dominem o campo das letras.

Mazza Edições (MG) - Maria Mazzarelo Rodrigues

Considero fundamental a presença de mulheres negras, que têm contribuído e se destacado no mercado editorial brasileiro, seja na literatura adulta e/ou infantil, na prosa ou poesia, escrita, falada, teatral ou musical, na televisão ou no cinema. A turma jovem, seja feminina, LGBTQIA+, indígena etc., está dando seu recado! Conceição Evaristo, Djamilá Ribeiro, Itamar Vieira, com o seu “Torto Arado”, ou documentário do Emicida, Amarelo – É tudo pra ontem, são contribuições valiosíssimas para a chegada do leitor contemporâneo, especialmente para os afrodescendentes.

Cogito Editora (BA) - Ivan Almeida

Acredito no poder da literatura para transformar a sociedade. O movimento negro quando ele bebe da arte, seja da música, da poesia ou qualquer outra linguagem que trabalha com o lúdico, tem um poder de alcance muito maior. O empoderamento da mulher negra por meio da literatura não só cria uma frente imbatível no combate ao racismo como também ao machismo.

Editora Kisimbi (DF) – Iara Kisimbi

É fundamental para a construção da identidade negra, ter autoras negras construindo narrativas com um olhar positivo das representações dos negros na literatura contemporânea.

Editora Malê (RJ) – Vagner Amaro

A possibilidade de ser mais coerente com a realidade das pessoas negras ao representá-las será maior se tivermos mais escritores e escritoras negros. Mas, é bom também refletir que autores negros também podem criar personagens negros estereotipados.

Selo Mjiba (SP) – Elizandra Souza

É essencial, pois o estereótipo é construído a partir de um pré-conceito sobre como é a vida do outro. Acredito que para complexar as narrativas e os personagens negros aparecerem de uma forma digna é preciso que autores negros possam fazer parte dessa construção. Mas pensando também em autores negros que queiram trazer essas questões nos personagens. Com a criação da lei 10.639 o que tivemos foram editoras contratando muitos autores e ilustradores brancos correndo para fazer seus livros sobre narrativas negras para vender para as secretarias de educação. Tem muitas histórias bacanas, tem, mas a maioria entra no estereótipo.

Editora Segundo Selo (BA) - Jorge Augusto

Sem dúvidas, por isso dedicamos algumas coleções da editora a publicação de autoras e autores negros. Embora a questão da representação tenha limites que temos nos acostumados cada vez mais a ver, na grande mídia, inclusive, seu uso responsável, é muito importante se compreendida como uma etapa da emancipação política da população negra.

Ante o argumento de que é legítimo um escritor poder escrever sobre qualquer tema, não obstante obvio, se torna utópico quando sabemos que “o sistema diz não”⁷⁸. A questão em pauta neste contexto de investigação não é o talento, tampouco a capacitação do escritor/escritora em geral, mas o funcionamento e gestão de uma questão que vem sendo negligenciada há séculos na nossa sociedade, que é o monopólio da fala e a recusa a ceder ouvidos, a colocar-se no lugar de escuta. O mantra de uma certa parcela minoritária da sociedade brasileira, as elites econômicas e intelectuais, tem sido: não ouço, não vejo, não reconheço, se não for “Eu” no espelho. Narciso carece de um *papo reto*, somente assim poderemos recuperar o equilíbrio sociocultural. O fenômeno da “identificação” e “desidentificação” de que

⁷⁸ Referência à canção *Nos barracos da cidade*, do cantor e compositor Gilberto Gil

nos fala Maria Aparecida Bento (2002) não é exclusivo do Brasil, em outras culturas determinados grupos de indivíduos também oscilam entre essas posições com mais ou menos desenvoltura, à medida que tem algum poder, seja político, econômico ou ambos.

A área literária é o campo onde essas questões de identificação/desidentificação entram em jogo sempre que se debate as narrativas de afrodescendentes. Destarte, ainda é necessário frisar que, quando autoras/autores negros eram, raramente, editados em média ou grande escala, isso ocorria para preencher lugares pré-estabelecidos, como foi o caso de Carolina Maria de Jesus que teve seu romance *Pedaços de Fome* boicotado por retratar personagens brancas e em contextos diferentes daqueles que costumam ser retratadas⁷⁹. Ao passo que o seu livro *Quarto de despejo* foi usado como forma de desqualificação. Felizmente, o público leitor fez a sua parte tirando-o do lugar de não literatura e dando-lhe o status de literatura que sempre mereceu. Além da questão de gênero, as autoras enfrentam restrições aos temas abordados em suas obras, isto soa como uma pressão para entrar em um padrão literário hegemônico e eurocêntrico para ser aceita, por outro lado as chances de lograr êxito nessa empreitada é quase nula, já que as editoras têm dado preferência a autores homens e brancos para a prática do “tudismo”. Autores-tudistas detêm o privilégio de ter ideias-opiniões-formadas-sobre-tudo, podendo escrever sobre tudo. Há também quem argumente que as produções negras partem sempre de um lugar de dor e sofrimento e que isso impossibilita sua absorção pelo “mercado”.

Quanto a isso é preciso lembrar que a história da humanidade é marcada por conflitos, tragédias, além de grandes momentos de descobertas científicas e mudanças sociais. É preciso lembrar também que as grandes obras do cânone dito universal são aquelas que trazem histórias densas quando não dramas e tragédias. A prova de que a tragédia tem seu lugar na literatura são as obras *Édipo Rei*, *Édipo em Colono* e *Antígona*, a trilogia tebana escrita por Sófocles entre em 427 a.C. a 400 a. C. Também os grandes romances considerados pelo público e crítica como “clássicos” são aqueles que tratam de questões profundas como é o caso da obra de Toni Morrison e no caso brasileiro a obra de Ana Maria Gonçalves *Um defeito de cor* que abriu um caminho promissor na literatura brasileira contemporânea, igualando-se aos grandes da *América Latina*.

⁷⁹ MIRANDA, Fernanda, 2019, idem, ibidem.

Oralidades e Oralituras

As divulgadoras e eventos literários como *Letras Pretas* (RJ), *Clã das Pretas* (SP), *Preta Letradas* (RJ), *Slam Negritude* (RJ), *Sarau Giramundo* (RJ), *Slam Pretas Poetas* (BA) fazem parte de um grupo que mantém viva a chama criativa e o interesse do público por essas produções. São artistas, professores/as, pesquisadores/as, leitores qualificados que fazem um trabalho de ativismo/divulgação literária que tem sido responsável pela circulação das obras na internet e em eventos literários. Há ainda as mídias jornalísticas que tem ampliado o seu público ao trazer notícias afro centradas, sites jornalísticos como Agência *Alma Preta*, Portal *Mundo Negro*, Portal *Notícia Preta*, Revista *Periferias* e Portal *SoteroPretas*. Durante a pandemia essas iniciativas tem ganhado cada vez mais espaço no meio virtual com a impossibilidade de organização de eventos presenciais. A 2ª *Mostra Literária de Salvador* realizada em novembro de 2020 foi uma explosão de diversidade, teve autor indígena, branco, negro, e número significativo de mulheres, numa celebração literária que mostra um Brasil possível.

O programa de rádio on line *De Hoje a Oito*, expressão baiana para se referir à *semana que vem* foi outro evento que mostrou que é possível organizar-se em torno de objetivos coletivos. O podcast *De Hoje a Oito*, criado por cinco estudantes da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, foi vencedor do 3º Prêmio seLecT de Arte e Educação na categoria Formador, promovido pela revista seLecT desde 2017 com o objetivo de valorizar escolas, instituições de arte, espaços de ensino, projetos artísticos colaborativos e iniciativas inovadoras que favoreçam os diálogos e os vínculos entre arte e educação. Segundo Eduarda Gama Canto, uma das criadoras e integrante do programa de rádio *on line*:

O projeto, que começou apenas na rádio-poste, logo passou a ser disponibilizado em formato podcast – todos estão no Spotify –, mas sua produção acabou consumindo também muito da equipe. Sem recursos, os integrantes precisavam se desdobrar entre a paixão pelo *De Hoje a Oito* e outros empregos e atividades, o que fez com que o programa fosse interrompido no segundo semestre de 2019. “Fazíamos por amor porque ninguém tirava um centavo. Era cada um da sua casa, todo mundo com computadores ruins. Teve épocas que a gente conseguiu parceria com estúdios, mas era apenas quando eles tinham tempo para a gente (Portal de Notícias da IFRB, 2020)

Editoras de grande e médio portes e o cenário atual

Somente a arte pode transfigurar a desordem do mundo em beleza e fazer aceitável tudo aquilo que há de problemático e terrível na vida

Nietzsche

Apesar do momento econômico por que passa o Brasil e o resultado da *Pesquisa Retratos da Leitura 2019*, que mostra uma queda no índice de leitura do brasileiro com quedas mais acentuadas entre as classes A e B (12% e 10%) e menos acentuada entre as classes C, D e E (5%), a diretora da Editora Boitempo, Ivana Jinkings, em meio às críticas endereçadas às grandes editoras, cujos catálogos são *so white*, explicou em uma entrevista para o jornal o Globo em 2019⁸⁰, que percebeu a predominância de autores brancos nos seus catálogos e a partir de então começou a trabalhar para que houvesse mais diversidade. Em tempo: a Boitempo lançou os livros de Ângela Davis e Patrícia Hill Collins no Brasil após mais de três décadas de existência como é o caso de *Uma Autobiografia e Mulheres, Raça e classe* de Davis, e *Pensamento Feminista Negro e Interseccionalidade* de Collins, entre outros. A editora Companhia das Letras seguiu pelo mesmo caminho e afirmou que estava atenta às questões de desigualdades de oportunidades. Concretamente, a editora tem no seu catálogo os livros *O sol na cabeça* de Giovani Martins (2018), *Quem tem medo do feminismo negro?* (2018) e *Pequeno Manual Antirracista* (2019) ambos de Djamila Ribeiro, *O avesso da pele* de Jefferson Tenório (2020) e *Heroínas negras brasileiras* de Jarid Arraes, lançado em 2020 pelo Selo Seguinte, o selo jovem da editora.

São gestos singelos que representam um começo, mas ainda estão longe de mudar as estatísticas e a estrutura, porque as grandes editoras continuam com seus catálogos majoritariamente compostos por homens brancos. Contudo, é fato que o debate tende a se abrir cada vez mais e algumas editoras começam a acordar para o movimento em torno das produções de autoras e autores negros, a exemplo de Djamila Ribeiro, Jefferson Tenório, incluindo também nomes simbólicos como Carolina Maria de Jesus, que terá os seus manuscritos lançados pela Companhia das Letras, que para isso contratou uma equipe de curadoras afrodescendentes com supervisão de Vera de Jesus, filha da escritora. A obra *Quarto de despejo* de

⁸⁰ O Globo, 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/celina/autoras-negras-brasileiras-ainda-sao-pouco-publicadas-por-grandes-editoras-seja-na-literatura-ou-na-nao-ficcao-23911632>

Carolina Maria de Jesus já se encontra à disposição em áudio livro, o que foi apontado por algumas entrevistadas da pesquisa qualitativa feita para esta dissertação, como um facilitador para quem tem deficiência visual ou baixa capacidade de visão. Sem dúvida um gesto simbólico da maior importância e uma homenagem a uma das grandes pensadoras brasileiras, que em vida não teve o devido reconhecimento.

O livro *Pequeno Manual Antirracista* de Djamila Ribeiro figurou na lista dos mais vendidos em 2020, recebendo o Prêmio Jabuti na categoria Ciências Sociais. E a publicação *Cadernos Negros* que completou 43 anos de existência em 2020 fez parte da lista de finalistas do mesmo Prêmio Jabuti na categoria contos. Há também um crescente interesse pela obra de autoras como Lélia Gonzalez, que teve seu trabalho publicado por uma grande editora pela primeira vez, a Editora Zahar lançou em 2020 uma compilação dos textos de Lélia com organização de Márcia Lima e Flávia Rios, intitulada *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano*, com 22 textos da pensadora mineira, entre ensaios, artigos jornalísticos e entrevistas. De acordo com a reportagem da Folha *on line*⁸¹, a professora da UFF Flávia Rios, que trabalhou na catalogação e recuperação da obra da autora, falou do esforço para reunir os textos de Lélia que estavam dispersos por bibliotecas ao redor do mundo, alguns em línguas estrangeiras jamais haviam sido publicados em português.

Na contramão das grandes editoras a União dos Coletivos Pan Africanos organizou e lançou em 2018 pela Editora Filhos da África, o livro *Primavera para as Rosas Negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa...* coletânea com 45 artigos da autora com apresentação de Akins Kintê e introdução de Raquel Barreto, doutoranda em História pela UFF e estudiosa do pensamento feminista negro nas obras de Lélia Gonzalez e Angela Davis. Outra iniciativa em homenagem a Lélia Gonzalez foi a criação em outubro de 2020, pela Associação Brasileira de Ciência Política - ABCP, em parceria com o Nexu Políticas Públicas e o Instituto Ibirapitanga, com apoio da Fundação Tide Setúbal e da Open Society Foundation, o *Prêmio Lélia Gonzalez de Manuscritos Científicos sobre Raça e Política*, segundo a ABCP:

A premiação tem o objetivo de incentivar a conclusão de trabalhos de pesquisadoras(es) pretas(os) e pardas(os) sobre nossas desigualdades, identidades e discriminações raciais e suas expressões políticas. Trata-se de um prêmio dirigido a mestrandas(os), doutorandas(os) e recém-doutoras(es) dedicadas(os) à pesquisa sobre a área

⁸¹ GONZALEZ, Lélia. Folha UOL, 24-07-2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/walterporto/2020/07/zahar-resgata-obras-de-lelia-gonzalez-intelectual-negra-de-renome-internacional.shtml>

de raça e política, entendida em perspectiva ampla, abrangendo reflexões sobre políticas públicas, eleições, partidos políticos, representação política, militância política, protestos, pensamento político, relações internacionais, política externa, comunicação política, teoria política etc. Os estudos sobre a questão racial brasileira não apenas são centrais na nossa reflexão acadêmica, como, também, revelam-se fundamentais na denúncia do racismo e na consequente articulação de políticas públicas contra ele.⁸²(Site da ABCP, 2020)

A Ubu editora foi outra empresa que em 2020 também teve dois títulos lançados com ótimos resultados nas vendas, caso dos livros *Alienação e liberdade* de Franz Fanon lançado em maio de 2020 e que em seis meses havia vendido quase 6.000 exemplares. Outro livro do intelectual antilhano também relançado pela editora Ubu, considerado um dos clássicos de sua obra foi *Pele negra, mascaras brancas*, que alcançou em um mês a marca de 6.000 exemplares. A diretora editorial da Ubu, Florência Ferrari afirmou na acima citada reportagem do jornal O Globo em 2020, que aquele foi o ano do “letramento antirracista” no Brasil e que as vendas, sem dúvidas, refletem essa busca por conhecer mais sobre o trabalho intelectual dos afrodescendentes. Desde que Angela Davis “alertou” os brasileiros para a importância do pensamento e obra da grande intelectual Lélia Gonzalez, o trabalho teórico de outras pensadoras negras a exemplo de Beatriz Nascimento, Neuza Santos Souza, Luíza Bairos e Sueli Carneiro, vem recebendo cada vez mais atenção, e sendo descoberto pelas gerações mais novas, bem como revisitado por pessoas mais maduras.

Gonzalez revisitada vem na esteira de outras intelectuais negras que levaram décadas para terem suas obras editadas no Brasil, as já citadas *Angela Davis*, *Patricia Hill Collins*, além de *Audre Lord* e *bell hooks*. Nesta lista de êxitos figuram também as obras de Jefferson Tenório *O avesso da pele* (Companhia das Letras) e Itamar Vieira Junior *Torto Arado*, este último lançado em Portugal após ganhar o prêmio *LeYa*, teve os direitos da obra adquiridos pela editora *Todavia*, lançado no Brasil foi vencedor dos prêmios *Jabuti* e *Oceanos* 2020. Esse panorama já vinha se delineando no horizonte desde 2019 quando a Flip teve entre os autores mais vendidos quatro afrodescendentes e um indígena⁸³. O episódio mostrou o interesse dos brasileiros pelas obras de autores negros e indígenas, ainda que os quatro que encabeçassem a lista fossem estrangeiros. A posterior performance de *Pequeno*

⁸² GONZALEZ, Lélia. ABCP, 29-10-2020. Disponível em: <https://cienciapolitica.org.br/noticias/2020/10/conheca-premio-lelia-gonzalez-manuscritos-cientificos-sobre>

⁸³ Folha UOL, ilustrada, 14-07-2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/07/dos-5-autores-mais-vendidos-na-flip-4-sao-negros-e-1-e-indigena.shtml>

Manual Antirracista e *Torto Arado* mostram que há uma mudança de atitude das editoras brasileiras em relação à autoria negra, a partir do momento que estas passaram a serem visibilizadas, isso fica bastante evidente nos resultados das pesquisas efetuadas por esse estudo, que mostra que na contramão das quedas de vendas das grandes editoras, o mercado independente se mostra promissor.



15 – Capas publicações Selo Mjiba

4. Conclusão

A arte literária como fundamento resistencial

Os povos que experimentaram o abismo não se vangloriam de terem sido eleitos. Não julgam ter dado origem ao poder da modernidade. Vivem a Relação, que desbravam à medida que adquirem o esquecimento do abismo e que a sua memória se consolida. Porque, se essa experiência fez de ti, vítima original flutuando sobre os abismos do mar, uma exceção, ela tornou-se comum para fazer de nós, os descendentes, um povo entre outros. Os povos não vivem da exceção. A Relação não é feita de estranheza, mas de conhecimento partilhado. Podemos dizer agora que essa experiência do abismo é a coisa mais bem partilhada. É isso que nos faz insistir na poesia.

Edouard Glissant

Adentramos o século XXI com a pós-modernidade e seu arsenal tecnológico tinindo de novidades. Essa novíssima Era onde as relações sociais ganham um novo colorido com a emergência de pautas que outrora eram postas à margem, explodem e se revelam. O mundo acordou do seu sono profundamente injusto e desigual. O rei está nu, e estritamente cômico de sua condição (des) privilegiada, em um contexto onde a ordem capitalista neoliberal faz-se mecenas do esfacelamento dos sujeitos e do agravamento das desigualdades. Questões de gênero, étnico-raciais e de classe se atritam e, dessa fricção, surge uma consciência coletiva sobre as novas realidades do mundo, que reposicionam forças retrógradas e progressistas, cujo confronto não se dá mais sob a forma convencional, onde o poder bélico garantiria, à priori, um temor por aqueles que detém o maior arsenal.

Neste começo de século XXI, as grandes questões coletivas e as grandes questões políticas globais são tratadas, debatidas, no campo virtual. Dessarte, o campo da linguagem tornou-se central na vida cotidiana dos sujeitos pós modernos. Logo, em um mundo que enfrenta, nesse exato momento em que escrevo essas necessárias linhas, uma pandemia de proporções ainda não conclusivas, onde governos de tendências totalitaristas negligenciam a saúde da população por razões políticas, em que a, até então, considerada a mais consolidada democracia do planeta, os EUA, acabam de passar por uma profunda crise ética em sua política de Estado, ameaçando a instabilidade democrática internacional, há espaço para uma “poética da

Relação”⁸⁴ como nos conclama a pensar Édouard Glissant? Há espaço para a poesia em meio a uma crise de saúde pública global?

Partindo dos pressupostos poéticos-filosóficos de Édouard Glissant cujo pensamento é objeto de encantamento e estranhamento em um mundo fincado sobre bases capitalistas, onde boa parte da produção humana, material e imaterial tende a ser transformada em *commodity*⁸⁵, o autor nos apresenta um caminho, que ele conceitua como uma “poética da Relação”, esse pressuposto, que a princípio, pode soar ingênuo e utópico, com grande potencial de rejeição, mas também de adesão, visto que o desenvolvimento do seu pensamento está cristalizado no pensamento de intelectuais de dentro e de fora do cânone ocidental como Giles Deleuze, Jacques Derrida, Audre Lord, bell hooks e Ailton Krenak, que propõe em seus livros *Ideias para adiar o fim do mundo* e *A vida não é útil*, uma reconexão do ser humano com o todo, o planeta, a natureza, todos os outros seres, inclusive os próprios seres humanos. Uma relação de afetos, no sentido de sermos afetados e também afetarmos o outro com nossas existências. Essas idéias, portanto, ainda que possam ser vistas por alguns como utopia, fabulação, invenção imaginativa, são, de fato, pensamentos dissidentes daqueles hegemônicos, em que os saberes, as construções e trocas de conhecimentos no mundo se tornam hierarquizadas, universalistas e totalitárias:

Adiar o fim do mundo é necessário porque, como sabemos, um outro fim de mundo é possível...O fim, por exemplo, daquele *outro mundo* suscitado pela negação deste mundo – o mundo melhor que imaginamos estar construindo sobre as ruínas deste mundo (Krenak, 2020, 80)

As idéias do filósofo, antropólogo e poeta Édouard Glissant soam como lampejos de consciência em um mundo onde a “Poética da existência” teve o seu sentido diluído à exaustão, onde a objetividade e o materialismo têm sufocado qualquer ideia ou forma diversa de existência. Existir, na contemporaneidade, tornou-se sinônimo de consumir. Logo se atrelarmos a existência coletiva e seu ideal de felicidade às questões econômicas e à propriedade privada, saberemos que uma grande parcela da humanidade estará excluída. Portanto, para pensar em mudanças estruturais dentro desse mundo capitalista globalizando é preciso falar em redistribuição de terras, novas relações de divisão do trabalho, levando em conta as

⁸⁴ GLISSANT, Edouard, 2011, 17-30

⁸⁵ hooks, bell, 2019, 41.

especificidades de cada povo e grupo humano. Esse é um processo que passa obrigatoriamente pela macro política, mas podemos pensar as ideias de Glissant como uma possibilidade de respiro que se materializa através da micropolítica, cujas bases ressoam nos estudos culturais e mais recentemente nos estudos de proposições decoloniais.

É salutar considerar como horizonte reflexivo o que Glissant chama de “visões proféticas do passado” no seu livro *Introdução a uma Poética da Diversidade*⁸⁶, pois é no nosso passado brutal, cindido, esquartejado e apagado, que podemos encontrar as respostas para as questões que desafiam os diversos povos, nas mais diversas regiões do planeta, na atualidade. Questões como migrações, direitos reprodutivos, direito à moradia, ao trabalho digno, direito à voz e ao voto, direito ao sexo e à sexualidade plena, sem ser submetido a categorizações binárias compulsórias, direito de ser, criar, de estar no mundo, direito de continuar vivendo e transformando o mundo em um lugar habitável. São questões cujas respostas dependem do entendimento de que há séculos, em vários grupos humanos, seres do sexo feminino não tinham autonomia, direito a possuir bens em seu nome, nem mesmo aqueles básicos para a sua subsistência, mas principalmente os bens mais valiosos que era o direito de ir e vir, ao próprio corpo, ter as rédeas de sua própria vida.

É preciso atentar para o fato de que há cinco séculos um continente foi invadido por “povos civilizados”, e até hoje as marcas profundas das feridas deixadas pela instituição colonial continuam visíveis e não cicatrizadas. Estamos em plena Era onde colhemos os frutos nefastos das incursões desordenadas de companhias marítimas pelas vastidões de terras batizadas a ferro e fogo com a alcunha de “América”. Nesse contexto distópico que vivemos na contemporaneidade, momento fértil para a proliferação da *necrópolítica*⁸⁷, o pensamento do filósofo-poeta Édouard Glissant é balsâmico, por nos restituir a capacidade de sonhar novos caminhos e construções para além da dor, da tristeza e da destruição do prazer de viver:

Pé na porta das desigualdades
A vida pulsa
O mundo surta
A floresta arde

⁸⁶ Glissant, Edouard. *Idem*

⁸⁷ MBEMBE, Achille, 2018.

É uma questão de seleção, seletividade
Passar o mundo em branco, sem diversidade
Reflexo da negação
De toda e qualquer alteridade

Uma mãe não tem sossego
Para viver e criar os seus rebentos
Garantir o seu sustento
A favela é recanto e lamento

Um incomodo para o “mercado”
Que transforma tudo em *commodity*
Pobre não é gente, não tem posses, é indigente!
Diz o capitalista prepotente.
(*Pé na porta das desigualdades*, Duque, 2020, 87-88)

Primavera Literária Afro-brasileira, uma bela e inspiradora caminhada

Você pode trocar mulheres negras como objeto de estudo, por mulheres negras contando a sua própria história

Giovana Xavier

A percepção de que há uma sub-representação quando falamos de autores e autoras negras em espaços privilegiados, como feiras literárias de grande porte, onde há emprego de verba pública e patrocínio de empresas privadas, o que possibilita maior visibilidade midiática e alcance de público, tem suscitado debates nas mais diversas esferas do meio literário brasileiro nos últimos anos, chegando ao clímax na edição da Flip de 2016, quando o Grupo de Estudos e Pesquisas Intelectuais Negras Visíveis, da UFRJ, lançou uma carta aberta intitulada *Arraiá da Brancidade*, onde apontava a ausência de autores negros entre autores convidados, homenageados e também o público do evento. O debate ganhou o caráter de urgência e agenda necessários para promover a diversidade em eventos de grandes portes e também em grandes editoras nacionais.

O debate foi proveitoso, e na edição seguinte, em 2017, a nova curadora Josélia Aguiar anunciou uma escalação de autores composta por 30% de escritores negros e o nome de Lima Barreto como autor homenageado, *escurecendo* a configuração representativa em um espaço onde autores brancos e estrangeiros eram majoritários. Essas reivindicações por mudanças estruturais não cessaram após a edição de 2017, por certo, apesar da iniciativa, ainda estamos no nascedouro de um processo de mudança, em um país onde segundo pesquisa do IBGE 56% da população se autodeclara negra, dos quais pardos são 89,7 milhões, pretos 19, 2 milhões⁸⁸. Mulheres somam 52% da população e mesmo com esse percentual o grupo continua minoritário em cargos de chefia⁸⁹.

⁸⁸ Pesquisa referente ao ano de 2019. Fonte: site Educa IBGE.

⁸⁹ De acordo com a Pesquisa Retratos da Leitura 2018.

A curadora da Flip 2020, Fernanda Diamant, que deixou o cargo no dia 12 de agosto do mesmo ano, em nota à imprensa afirmou "a Flip precisa de uma curadora negra para reinventá-la nesse mundo pós pandemia. Uma mulher negra, na minha opinião, é a renovação que o evento mais importante da literatura do país precisa. Ao longo de 18 anos, a curadoria da Flip jamais foi ocupada por uma pessoa negra. Passou da hora disso mudar". Fernanda informou também o seu planejamento para que pelo menos metade dos convidados da Flip daquele ano fossem autoras e autores negros e lembrou que dos cinco autores mais vendidos em Paraty em 2019, quatro foram autores negros e um indígena — Grada Kilomba, Ayobami Adebayo, Kalaf Epalanga, Gael Faye e Ailton Krenak. Complemento, lembrando que o livro de Djamilia Ribeiro *Lugar de fala* ficou em 9º lugar e *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis* de Jarid Arraes em 11º - ambos lançados pela atual Editora Jandaíra, ex Polén - tornando-se juntamente com *Ideias para adiar o fim do mundo*, 3º lugar, de Ailton Krenak⁹⁰, os três livros brasileiros na lista dos 15 mais vendidos daquela edição.

A vinda de autores estrangeiros ao evento, independentemente da etnia é, sem dúvida, importantíssima para o intercâmbio de ideias, contudo é preciso olhar para as produções brasileiras, que pensam o modo de estar no mundo dos seres afrodiaspóricos a partir do Brasil. É salutar que haja cuidado ao se buscar soluções para a falta de representatividade negra, sem perpetuar o apagamento de autores negros brasileiros. Não se trata de apelar para ideias xenófobas ou separatistas, mas atentar para o fato de que uma escalação não deve substituir ou excluir a outra.

Paralelamente a essa tentativa de inclusão e resgate de autores afrodescendentes pelo *mainstream*, há, como vimos aqui buscando pensar, coletar, ouvir e disseminar, uma revolução em curso no que tange à forma de produzir e vivenciar literatura que esteve muito bem representada na edição na Festa Literária das Periferias em 2020 - FLUPP. A Flupp foi criada por Júlio Ludemir juntamente com Écio Sales em 2012 e desde então vem trilhando um caminho cheio de percalços, mas também de aprendizado e crescimento que desembocou na *Flupp Pensa* e nas *Batalhas de Slam*. A chegada do movimento *slam* - que surgiu nos EUA nos anos 1980 e chegou ao Brasil em 2008, pelas mãos da poeta Roberta Estrela D'Alva - tem ajudado na inclusão de uma população jovem periférica composta por negros, mulheres e lgbs em eventos literários. Fincado nas raízes da cultura oral, o *slam*

⁹⁰ Ler mais em: <https://www.radioterena.com.br/2019/07/16/4-autores-negros-e-1-indigena-lideram-top-5-de-livros-vendidos-na-flip-2019/>

tem sido responsável pelo despertar da juventude para a força política da palavra enquanto instrumento artístico-cultural e responsável pelo aumento do interesse das periferias e favelas pela *oralitura*.

Batalhas de poesia em que todos saem vencedores, essa forma de arte é a marca de um novo tempo que se anuncia, e neste momento pandêmico, em que as incertezas quanto ao bem estar coletivo aprofundam-se exponencialmente, necessitamos mais que nunca da cura através da arte. A última edição presencial realizada pela Flupp, no Museu de Arte do Rio, em 2019, bateu recorde de público ao trazer autoras como Ana Maria Gonçalves, Grada Kilomba, Patricia Hill Collins, entre outras. No ano de 2020, em plena pandemia de covid-19, a *Flupp Pensa* foi responsável por momentos de grande celebração e aprendizado ao realizar duas edições *on line*, uma dedicada à obra de Carolina Maria de Jesus e outra dedicada à obra de Lélia Gonzalez, com mesas de debates compostas por especialistas sobre as obras dessas autoras. O ano pretérito foi de grande reverberação para o evento, a Flupp ganhou o Prêmio Jabuti de Fomento à Leitura 2020.

A literatura afro-brasileira veio em um crescendo dos anos 1970 até a atualidade, os lançamentos coletivos em publicações como os *Cadernos Negros-Selo Quilombhoje*, e individuais pela *Pallas*, *Selo Negro Edições*, *Nandyala*, entre outros selos e editoras, ajudaram os autores a manterem vivas suas produções. O lançamento de *Um defeito de cor* de Ana Maria Gonçalves, a saga de Conceição Evaristo, que esperou vinte anos para ter sua obra lançada por uma editora no Brasil, e quando tudo parecia caminhar para a realização do seu projeto, foi surpreendida por uma ação no ministério público contra a editora *Pallas*⁹¹, por um grupo de autores brancos que alegaram prejuízo para si, o fato de um projeto de lançamento de obras de autores afrodescendentes ser apoiado com verba pública. Conceição Evaristo até então publicava em coletâneas dos *Cadernos Negros* ou pelo sistema de auto publicação.

Suas obras posteriormente foram traduzidas para o inglês e lançadas nos EUA em 2007 pela editora *Host*, e na França em 2019, em edição bilingue, pela Editora *Des Femmes*, além de ter participado de diversas antologias organizadas por autores de países africanos e tem sido gradativamente descoberta pelos leitores brasileiros,

⁹¹ Levantamento. A diretora da Pallas Cristina Warth contou o episódio em evento na Maison de France, em 2019, na ocasião que fez parte de uma mesa durante o lançamento dos livros da escritora Conceição Evaristo pela editora francesa *Des Femmes*.

tornando-se objeto de estudo de dissertações e teses acadêmicas. É preciso lembrar que o recente interesse das grandes editoras por obras de autoria negra tem sido fomentado ao longo das últimas décadas por pequenos selos e editoras independentes que vem fazendo um trabalho com repercussão qualitativa no mercado, a exemplo dos selos citados mais acima e outros como o *Selo Sueli Carneiro* e *Selo Letramento*.

Nos últimos dois anos, o *Selo Sueli Carneiro* em parceria com a editora Jandaíra, ex Polén, foram responsáveis pela chegada ao mercado literário das obras *Mulheres Quilombolas: Territórios de Existências Negras Femininas* coletânea escrita por dezoito mulheres quilombolas de todo o país e da *Coleção Feminismos Plurais*, com coordenação de Djamila Ribeiro, que além de *Lugar de fala* trouxe à luz até o momento os títulos *Racismo Estrutural* (Sílvio de Almeida), *Apropriação Cultural* (Rodney William), *Racismo Recreativo* (Adilson Moreira), *Intolerância Religiosa* (Sidnei Barreto Nogueira), *Empoderamento* (Joice Berth), *Encarceramento em massa* (Juliana Borges) *Interseccionalidade* (Carla Akotirene) e *Colorismo* (Alessandra Devulsky) que estão tendo boa performance de vendas em meio a uma crise no mercado editorial com grandes editoras e livrarias fechando as portas.

Muitos fatores são decisivos para a circulação e comercialização dessas obras, as livrarias voltadas para essas produções, a internet, os clubes de leituras e os diversos tipos de divulgadores e eventos literários surgidos nos últimos anos. *Lugar de fala* foi um livro importantíssimo para o momento atual, lançado inicialmente em 2017 pelo selo *Letramento*, levou setores do Brasil a discutir nos últimos dois anos os conceitos de “lugar de fala” e “lugar de escuta”, movimentando e potencializando o debate e o entendimento sobre o silenciamento de grupos historicamente impedidos de falar e serem ouvidos. Esse trabalho decidiu pensar e reunir esses momentos e vozes sob o signo do acontecimento. O acontecimento é algo que escapa à linha temporal opressora, afirmando-se em todos os meandros possíveis.

Logo, apesar da equidade editorial ser um projeto em gestação, compreendemos que há uma franca transformação em curso, um desabrochar da descoberta do conhecimento produzido pelos afrodescendentes, que encontra um público interessado, dentro e fora da comunidade negra. Foi com esse olhar que essa dissertação percorreu um caminho marcado pelo silenciamento e apagamento,

a fim de semear novas formas de enunciação que seja vigorosa e múltipla, tendo como bússola a ideia de colheita, que pressupõe uma ação coletiva: lavrar, cultivar, fazer brotar, ouvir, recolher, reunir, catalogar, dar visibilidade, contar junto, reescrever, escrever, ouvir, lavrar e assim sucessivamente. Entendemos que esse movimento-acontecimento sugere, após um longo processo de apagamento e silenciamento, uma **Primavera Literária Afro-brasileira**, na qual, a depender da veterana e nova geração “o grito de pretura que há em nós” tende a florescer cada vez mais e dar bons frutos.

Pé na porta das desigualdades
A vida pulsa
O mundo surta
A floresta arde

Capitalismo oprime
O oprimido inebriado pela subjugação
Nem reconhece sua condição
Há quantos séculos deixamos de existir?
Viramos coisas?

Tempo de voltar para nós mesmos
Unir o que a ganancia separou
Tomar posse de nossas vidas
Abjurar o deus-mercado
Implodir o patriarcado

Nos aquilombarmos em nossas redes
De afetividades
Nos malocarmos em nossas ocas
De sabedorias
Nos embrenharmos em nossos espíritos-florestas
De amor divinizado, lambar nossas crias!

(Pé na porta das desigualdades, Duque, 2020, 87-89)

Livros infanto juvenis - alguns lançamentos

Beata a menina das águas - Elaine Marcelina, ilustr. Ani Ganzala, Malê, 2021

Mandisa e a Vovó Alegria - Vagner Amaro, ilustr. Daniel Santana, Malê, 2021

Ashanti, a nossa pretinha - Tais Espírito Santo, ilustr. Cau Luís, Malê, 2021

O divertido glossário da Jana - Lorena Ribeiro, ilustrações: Quézia Silveira, Salvador: Editora do Autor, 2020

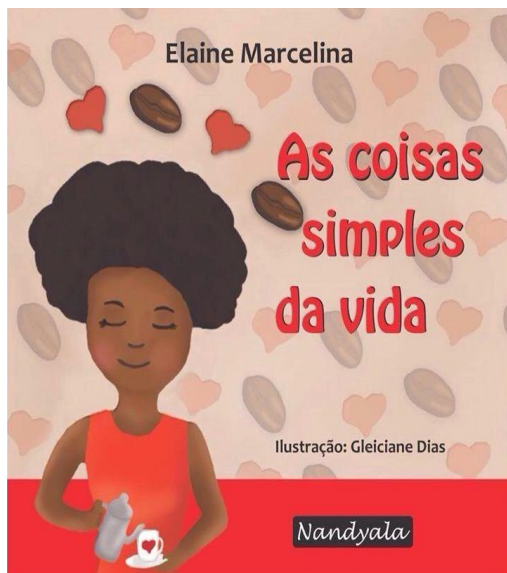
Enquanto o almoço não fica pronto - Sônia Rosa; Ilustrações: Bruna Assis Brasil. - Rio de Janeiro: Grupo Editorial ZIT, 2020

Sinto o que sinto - Lázaro Ramos, ilustr. Ana Maria Sena, Carochinha, 2019

O pênalti – Geni Guimarães, ilustr. Robson Araújo, Editora Malê, 2019

Amoras – Emicida, ilustr. Aldo Fabrini, Companhia das Letrinhas, 2018

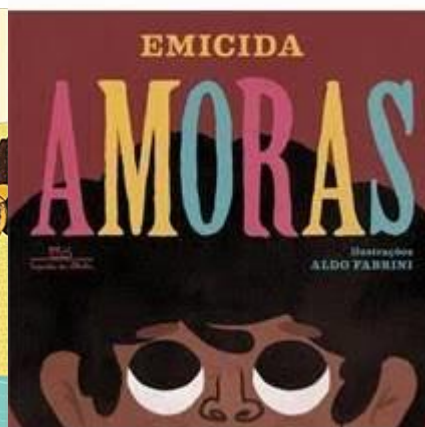
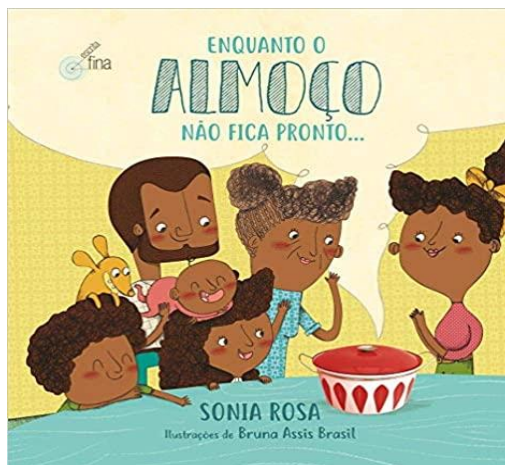
As coisas simples da vida – Elaine Marcelina, ilustr. Gleiciane Dias, Nandyala, 2016



92

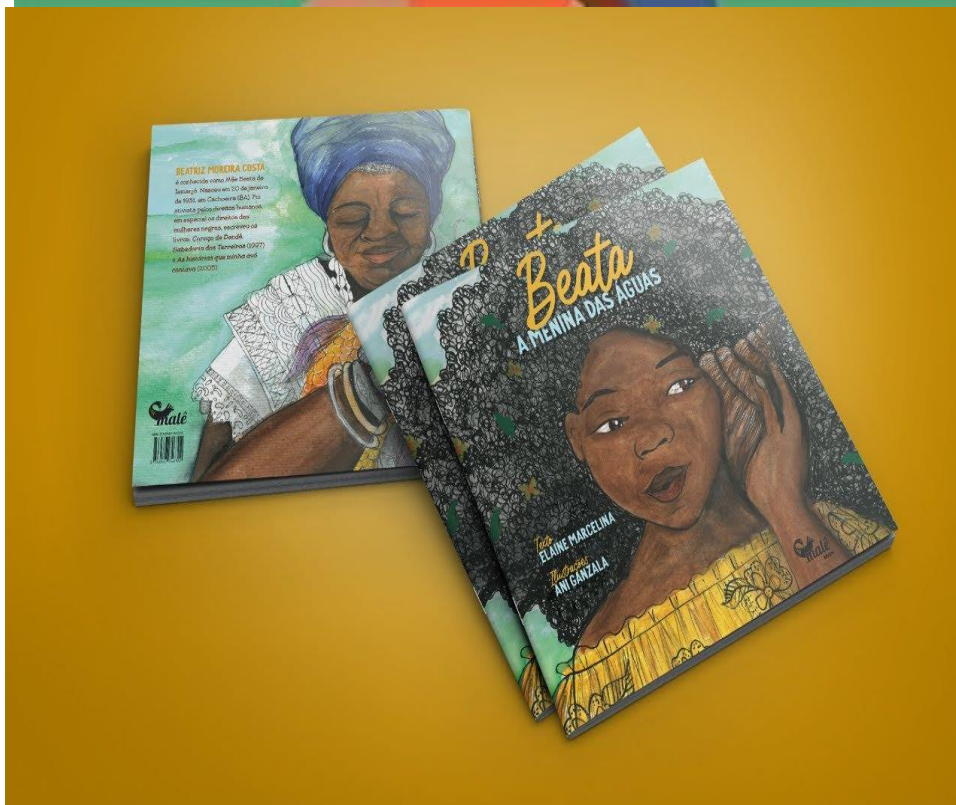
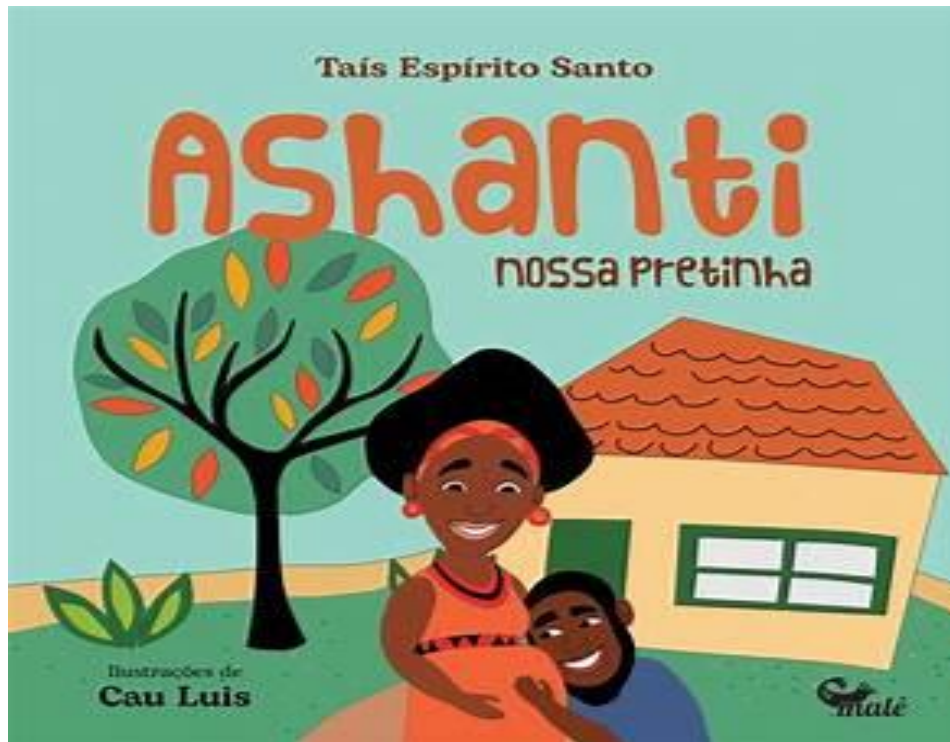
⁹² 16- As coisas simples da vida

17 - O divertido glossário da Jana



93

⁹³ 18 Sinto o que sinto
 19 - O Pênalti
 20- Enquanto o almoço não fica pronto
 21- Amoras



94

⁹⁴ 22- Ashanti nossa pretinha
23 - Beata a menina as águas

5. Referências bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única* / Chimamanda Ngozi Adichie; Tradução: Júlia Romeu. - 1ª ed. - Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2019

AGENCIA BRASIL. *Economia*. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2021-02/pf-deflagra-operacao-contra-fraudes-no-auxilio-emergencial> Acesso em: 25-01-2021

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade* / Carla Akotirene. - São Paulo: Sueli Carneiro; Editira Jandaíra, 2020.

ALVES, Mirian. *BrasilAfro Autorrevelado: Literatura Brasileira contemporânea* / Miriam Alves. - Belo Horizonte: Nandyala, 2010. (Coleção Repensando África, Volume 7).

ALVES, Mirina. *Miriam Alves - poeta e prosadora*. Templo Cultural Delfos, 06-2016. Disponível em : <http://www.elfikurten.com.br/2016/06/miriam-alves.html> Acesso em 21-01-2021.

ALVES, Valéria. *Admirável Paula Brito: um homem à frente de sua época*. Revista O Menelick 2º Ato, 06-2011. Disponível em: <http://www.omene-lick2ato.com/historia-e-memoria/admiravel-paula-brito> Acesso: 27-11-2020

AMADO, Guilherme. *MP processa professora da ufrj por escravizar idosa por 41 anos*. Revista ÉPOCA, 13-02-2021 Disponível em: <https://epoca.globo.com/guilherme-amado/mp-processa-professora-da-ufrj-por-escravizar-idosa-por-41-anos-24881978> Acesso em: 15-02-2021

AMARO, Vagner. *Mandisa e a Vovó Alegria* / Vagner Amaro; ilustrações: Daniel Santana. - Rio de Janeiro: Malê, 2021

AMORIM, Daniela. *Internet chega a 4 em cada 5 lares, diz IBGE; excluídos digitais somam 45,960 milhões*. Estadão Notícias, Economia, 29/04/2020. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2020/04/29/internet-chega-a-4-em-cada-5-lares-diz-ibge-excluidos-digitais-somam-45960-mi.htm> Acesso em 30-09-2020.

ANTUNES, Leda. *Autoras negras brasileiras ainda são pouco publicadas por grandes editoras, seja na literatura ou na não-ficção*. O Globo, Caderno Celina, 30/08/2019.

AQUILOMBÔ - Fórum Permanente de Artes Negras. Disponível em: <https://santaterezatem.com.br/2018/05/17/aquilombo-forum-permanente-de-artes-negras/> Acesso em: 10-02-2021

ARRES, Jarid. *Heroínas negras brasileiras: em 15 cordéis* / Jarid Arraes; ilustrações Gabriela Pires. – 1ª ed. – São Paulo: Seguinte, 2020.

ASSIS, Joaquim Maria de Machado de. *Páginas recolhidas por Machado de Assis*. 2ª ed. – Niterói: Imprensa oficial do Estado do Rio de Janeiro, 2017.

ASSIS, Mariana Santos de. *Liras marginais: a literatura no processo desumanização de sujeitos marginalizados* in *Desumanização na literatura* – Massi, Fernanda; Nakagome, Patrícia Trindade (Org.). São Paulo: Me Parió Revolução, 2015. 208 p. Disponível em: Acesso em: 05-02-2021.

AUGÉ, Marc. *Não-Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade* / Marc Augé. Cap. 3, p. 71-105; tradução e Maria Lúcia Pereira. - Campinas, SP: Papirus, 1994. – (Coleção Travessia do Século)

AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço* / Aluísio Azevedo. - 1ª ed. – São Paulo: Panda Books, 2010.

AZEVEDO, Aluísio. *O Mulato* / Aluísio Azevedo. - 21ª ed.; Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1980. Coleção Obras Completas de Aluísio Azevedo, vol. 2

BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo* / Simone de Beauvoir; Trad. Sergio Milliet. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BELÉM, Euler de França. *Imprensa omite nome da professora da UFRJ que escravizou mulher negra por 41 anos*. Jornal Opção, 28-02-2021. Disponível em <https://www.jornalopcao.com.br/colunas-e-blogs/imprensa/imprensa-omite-nome-da-professora-da-ufrj-que-escravizou-mulher-negra-por-41-anos-314410/> Acesso em: 28-02-2021

BENJAMIN, Walter. *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221

BENTO, Maria Aparecida Silva. *Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público*. Tese de doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

BLOG QUAL DELAS? *A Canção Contada, Ilusão à toa, Johny Alf.* Não datado, sem autoria. Disponível em: <http://qualdelas.com.br/ilusao-a-toa-2/> Acesso em: 20-01-2021

BOTELHO, Joaquim Maria. *Ruth Guimarães: centenário de uma pioneira.* Revista Cult on line, 12-06-2020. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/ruth-guimaraes-centenario/> Acesso em: 02-07-2020

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução.* 3.ed. - Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

CAETANO, Anajá. *Negra Efigênia, paixão do senhor branco / Anajá Caetano.* - São Paulo: Edicel, 1966.

CAMARA PERIFÉRICA DO LIVRO. *Editoras das periferias de São Paulo: perfil 2020 /* [coordenação Fernando Ruivo Lopes; curadoria Ação Educativa]. – São Paulo: Ação Educativa, 2020.

CAMPOS, Mateus; BIANCHI, Paula. *Conceição Evaristo. Ela seria a primeira escritora negra da Academia Brasileira de Letras. Mesmo com a maior campanha popular da história, perdeu.* The Intercept Brasil, artigo, 30-08-2018. Disponível em: <https://theintercept.com/2018/08/30/conceicao-evaristo-escritora-negra-eleicao-abl/> Acesso em 25-11-2020

CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil / Sueli Carneiro.* - São Paulo: Selo Negro, 2011. – (Consciência em Debate / Coordenadora Vera Lúcia Benedito)

CARNEIRO, Sueli. *Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero.* Disponível em <https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/> Acesso em: 25-11-2020

CASTRO, Sílvia Regina Lorenso. *Elizandra Souza: escrita periférica em diálogo transatlântico.* Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 49, p. 51-77, set./dez. 2016. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/elbc/n49/2316-4018-elbc-49-00051.pdf> . Acesso em: 03-02-2021.

CLUBELÊ. *Clube dos leitores da editora Malê.* Disponível em: <https://www.clubele.com.br/> Acesso em:12-01-2021.

CORTÁZAR, Júlio. *Alguns aspectos do conto* in Valise de Cronópio, p. 147-163. São Paulo: Perspectiva, 2006.

COSTA, Anna Gabriela. *Bisneta de Monteiro Lobato exclui passagens racistas em adaptação de clássico.* CNN Brasil, 02-12-2020. Disponível

em:<https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/2020/12/03/bisneta-de-monteiro-lobato-exclui-passagens-racistas-em-adaptacao-de-classico>
Acesso em: 04-12-2020

COLLINS, Patrícia Hill. *Pensamento Feminista Negro* / Patricia Hill Collins; Tradução Jamille Pinheiro Dias. São Paulo, Editora Boitempo, 2019.

CORREIO BRASILIENSE. *Gênero da Autoficção vira tendência na literatura contemporânea*. Redação. Disponível em: <http://www.fndc.org.br/clipping/genero-da-autoficcao-vira-tendencia-na-literatura-contemporanea-934494/> Acesso em 07-10-2020

CRENSHAW, Kimberlé Williams. "*Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics*" University of Chicago Legal Forum: Vol. 1989: Iss. 1, Article 8. Available at: <http://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8>

CUTI, Luís Silva. *Literatura negro brasileira* / Cuti. – São Paulo: Selo Negro, 2010, (coleção consciência em debate / coordenada por Vera Lúcia Benedito)

DALCASTAGNÈ, R. *A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004*. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 26 (2005), pp 13-71, 14 jan. 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/issue/view/855> Acesso em: 09-12-2020

DAVIS, Angela. *Mulheres, Raça e Classe* / Angela Davis; Tradução Heci Regina Candiani. - São Paulo, Editora Boitempo, 1ª ed. – São Paulo: Boitempo, 2016.

DERRIDA, Jacques. *Mal de Arquivo: uma impressão freudiana* / Jacques Derrida; Tradução Cláudia de Moraes Rego. - Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DEVULSKY, Alessandra. *Colorismo* /Alessandra Devulsky. São Paulo:Jandaira, 2021. 224p. - (Feminismos Plurais / coordenação Djamila Ribeiro).

DIAS, Camila. *Por uma literatura das ausências e das emergências: as afro-lésbicas na escrita de Miriam Alves e Zula gibi*. XV Encontro ABRALIC: Experiências Literárias, textualidades contemporâneas, 19 a 23 setembro de 2016, UERJ, RJ. Disponível em https://abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491264573.pdf Acesso em: 21-10-2020.

D'OLNE CAMPOS, Marcio; *A Arte de Sulear-se* in Interação Museu-Comunidade pela Educação Ambiental, Manual de apoio a Curso de

Extensão Universitária, Teresa Cristina Scheiner (coord.), pp 59-61, 79-84, TACNET Cultural UNI-RIO, Rio de Janeiro, 1991. Disponível em: <https://sulear.com.br/beta3/wp-content/uploads/2017/03/CAMPOS-M-D-A-Arte-de-Sulear-1-1991A.pdf> Acesso em: 21-01-2020.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Machado de Assis Afro-descendente – escritos de caramujo*[antologia]. Organização, ensaios e notas: Eduardo de Assis Duarte, Rio de Janeiro/ Belo Horizonte: Pallas /Crisálidas, 2007.

DUQUE, Noêmia. *ProsaPoesia*. Salvador: Cogito Editora, 2017.

DUQUE, Noêmia. *Pé na porta das desigualdades* in CONTEIRO, Carla C. - Vozes femininas negras (coletânea de textos), São Paulo: Perse, 2020.

EGA, Françoise. *Cartas a uma negra*. Disponível em: <https://todavialivros.com.br/livros/cartas-a-uma-negra> Acesso em 15 de fevereiro de 2021.

EMICIDA. *Amoras / Emicida*; ilustrações: Aldo Fabrini. - Rio de Janeiro: Companhia das Letrinhas, 2018

ESPÍRITO SANTO, Taís. *Ashanti: a nossa pretinha* / Taís Espírito Santo; Ilustrações de Cau Luís. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2021.

ESTRELA D'ALVA, Roberta; LOHMANN, Tatiana. *Slam – Voz de Levante*. Filme documentário, 1h35min, Globo Filmes, 2018. Disponível em: <https://globofilmes.globo.com/filme/slam-voz-de-levante/> / <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-258674/trailer-19560788/> / <http://www.marckellysmith.net/> Acesso em: 10-01-2021.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio* / Conceição Evaristo. - Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da Recordação e outros movimentos* / Conceição Evaristo. - Rio de Janeiro: Malê, 2017.124p.; b19cm

FANON, Franz. *Pele negra, máscaras brancas* / Franz Fanon; tradução de Renato da Silveira. – Salvador: EDUFBA, 2008.

FENSKE, Elfi Kürten (pesquisa, seleção e organização). *Auta de Souza - seus versos e traços de sua vida breve*. Templo Cultural Delfos, 05/2013. Disponível em <http://www.elfikurten.com.br/2013/05/auta-de-souza.html> Acesso em 27-11-2020.

FIGUEIREDO, Eurídice. *Representações de etnicidade: perspectivas inter-americanas de literatura e cultura* / Eurídice Figueiredo. - Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

FIRMINA DOS REIS, Maria. *A uma amiga* in Cantos à beira mar. Revista Firminas - pensamento, estética e escrita, seção Firminas Queer. - São

Paulo, v. 1, n. 1, jan/jul. 2021 Disponível em: <https://mariafirmina.org.br/categoria/revista-firminas/secoes/firminas-queer/> Acesso em 02-12-2020.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da Sociedade: curso no College de France (1975-1976)* / Michel Foucault; tradução Ermantina Galvão. - São Paulo: Martins Fontes, 1999. – (coleção tópicos).

FRASE ENGRAÇADA. *Frases para você rolar de rir*. Disponível em: <https://www.fraseengracada.com.br/cabelo-ruim-e-igual-bandido-ou-ta-presou-ou-ta-armado/> Acesso em: 25-01-2021

GARCIA, Esperança. *A Carta*. Disponível em: <https://esperancagarcia.org/a-carta/> Acesso em: 25-11-2020.

GILROY|, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência* / Paul Gilroy; tradução de Cid Knipel Moreira. - São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GLISSANT, Edouard. *A barca aberta e A errância, o exílio*. In *Poética da Relação*, p 17-30; tradução de Manuel Mendonça. Rio de Janeiro: Sextante Editora, 2011.

GLISSANT, Edouard. *Introdução a uma Poética da Diversidade* /Edouard Glissant; tradução de Enilce do Carmo albergaria Rocha. - Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005. 176 p. (Coleção Cultura, v. 1)

GOBBI, Nelson. *Não quero que meu livro seja visto como ofensivo', diz autora de 'Peppa', obra infantil recolhida*. O GLOBO, 23-11-2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/nao-queiro-que-meu-livro-seja-visto-como-ofensivo-diz-autora-de-peppa-obra-infantil-recolhida-22105436> Acesso em 08-10-2020

GONZALEZ, Lélia. *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira*. In: *Revista de Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, p. 223-244, 1984.

GONZALEZ, Lélia. *Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa...* / Lélia Gonzalez. *Diáspora Africana*: Editora Filhos da África, 2018. 486 páginas. 1ª edição.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afrolatino-americano*. *Círculo Palmarino* Nº 1, Batalha de Idéias, Brasil: 2011.

GONZALEZ, Lélia. *Lélia Gonzalez: primavera para as rosas negras*. São Paulo: UCPA Editora, 2018.

GOERAN, Hugo Ollson. *Concerning Violence* / Hugo Ollson Goeran, documentário, 85 min.; Suécia, Finlândia, Dinamarca, EUA: 2014. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2014/02/14/interna_diversao_arte,412851/concerning-violence-e-o-unico-filme-ligado-a-africa-no-festival-de-berlim.shtml Acesso em 14-12-2020.

GORMAN, Amanda. *The Hill We Climb*. Poema escrito para a posse do Presidente dos EUA Joe Biden, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zzPI4TXMK0g> ; <https://www.youtube.com/watch?v=Jp9pyMqnBzk> ; <https://www.dw.com/pt-br/quem-%C3%A9-amanda-gorman-a-poeta-que-declamou-na-posse-de-biden/a-56304402> Acesso 05-02-2021.

GORTAZAR, Naiara Galarraga. *Caso de Madalena, escrava desde os oito anos, expõe legado vivo da escravidão no Brasil*. EL PAÍS, 14-01-2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-01-14/madalena-escrava-desde-os-oito-anos-expoe-caso-extremo-de-racismo-no-brasil-do-seculo-xxi.html> Acesso em 15-01-2021

GUIMARÃES, GENI. *Poemas do regresso* / Geni Guimarães. - Rio de Janeiro: Malê, 2020.

GUIMARÃES, Geni. *O Pênalti* / Geni Guimarães; Ilustrações: Robson Guimarães. - Rio de Janeiro: Editora Malê, 2019.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória coletiva*. Trad. de Laurent Léon Schaffer. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de: *La mémoire collective*.

HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais* / Stuart Hall; Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende ... [et al]. – Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HOOKS, bell. *Olhares Negros: Raça e Representação* / bell hooks; cap. 1; p. 66-68; tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, bell. *Não sou eu uma mulher? Mulheres negras e feminismo* / bell hooks; tradução de Bhuvi Libanio. 1ª edição, Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

HUBERMAN, Didi. *A Sobrevivência dos Vagalumes* / Didi Huberman. - Belo Horizonte: Editora UFMG, Coleção Babel, 2011.

JESUS, Carolina Maria. *Meu sonho é escrever...contos inéditos e outros escritos* / Carolina Maria de Jesus; Organização: Raffaella Fernandez. 1.a edição – São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018. 1

KWESI JONHSON, Linton. *Por uma vida extraordinária*. Mario Benedetti, blog Exquema, 26-05-2009. Disponível em: <https://exquema.wordpress.com/2009/05/26/linton-kwesi-johnson/> Acesso em: 06-01-2021.

KIFFER, Ana. *Ódios políticos e política do ódio: lutas, gestos e escritas do presente* / Ana Kiffer, Gabriel Giorgi. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. 136 p. (Coleção Por que política?; v. 5)

KILOMBA, Grada, 1968 - *Memórias da Plantação - Episódios de racismo cotidiano* / Grada Kilomba; tradução Jess Oliveira. - Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KRENAK, Ailton. *Idéias para adiar o fim do mundo* / Ailton Krenak. - 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 202

KRENAK, Ailton. *A Vida não é útil* / Ailton Krenak; pesquisa e organização Rita Carelli. 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KOJÈVE, Alexandre. *Introdução à Leitura de Hegel* / Alexandre Kojève; tradução Estela dos Santos Abreu. - Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

LIMA, Mariane Mello. *Caçadas de Pedrinho: representação racial do negro na obra de Monteiro Lobato*. Copene Sudeste; *Vidas negras importam: afirmação de direitos das populações negras e indígenas e fortalecimento da luta antirracista*; Campus de Goiabeiras - Almor de Queiroz Araújo, Vitória-ES: 24 a 26 de setembro de 2019.

LIMA, Juliana Domingos de. *Conceição Evaristo: 'minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra*. NEXO Jornal, 26-05-2017. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99> Acesso: 12-06-2020

LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.* /Clarice Lispector. Edição comemorativa. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2020.

LISPECTOR, Clarice. *A via crúcis do corpo*. / Clarice Lispector. - Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LOBATO, Monteiro. *Negrinha*. In: MORICONI, Ítalo. *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

LORDE, Audre. *Irmã outsider* / Audre Lorde; tradução Stephanie Borges. -1. ed. -- Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

LUÍS, Cau. *Favela em mim*. Cau Luís, Anderson Quack, Andréa Bak, Andrio Candido, Brenda Lima, Cátia Regina, Dani Ribeiro, Débora do Nascimento, Daniel Brazil, Daniel Lz, Jorge Capo, Karla Raymundo, Lourence Alves, Maíra

dos Santos Oliveira, Marcella Gobatti, Poeta Rennan Leta, Renan Wangler, Taís Espírito Santo, W-Black. - Rio de Janeiro: Oriki, 2019.

MARCELINA, Elaine. *Beata, a menina das águas*. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2021.

MARCELINA, Elaine. *Mulheres Incríveis*. 3ª edição. / Elaine Marcelina. - Belo Horizonte: Nandyala, 2016.

MARCELINA, Elaine. *As coisas simples da vida* / Elaine Marcelina; ilustração de Gleiciane Dias. - Belo Horizonte: Nandyala, 2016.

MASSUELA, Amanda. *Rapper e arte-educadora, Preta Rara faz do desconforto seu motor criativo*. Entrevista à Revista Cult, 11-07-2017. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/preta-rara-faz-do-desconforto-seu-motor-criativo/> : 30-06-2020

MBEMBE, Achile. *Necropolítica / Achile Mbembe*; tradução Renata Santini. - São Paulo: N1 Edições, 2018.

MIRANDA, Fernanda R. *Silêncios PreEscritos: estudos de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006)* / Fernanda R. Miranda. - Rio de Janeiro: Malê, 2019. 364 p.; 21 cm.

MONTEIRO, Lobato. *Caçadas de Pedrinho* / Monteiro Lobato; ilustração Guazzelli. - 6 ed. - São Paulo: Globinho, 2016.

MOSÉ, Viviane. *Stela do Patrocínio: uma trajetória poética em uma instituição psiquiátrica*. In: PATROCÍNIO, Stela. Reino dos bichos e dos animais é o meu nome. Rio de Janeiro: Azougue, 20

MOSTRA LITERÁRIA DE SALVADOR 2020. Disponível em: <https://doity.com.br/mostraliterariassa> Acesso em 25-01-2021.

NATÁLIA, Livia. *Correntezas e outros estudos marinhos*. 2. Edição revisada / Livia Natália. Salvador: Edição da Autora, 2020.

NASCIMENTO, Luciene. *Tudo nela é de se amar*. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021.

N'DIAYE, Tidiane. *Le génocide voilé: enquête historique*. – Tidiane N'Diaye. Éditions Gallimard, collection Continents Noirs, Paris, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. *A vontade de poder*. Tradução de Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes. Apresentação de Gilvan Fogel. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008

NOGUEIRA, Sidnei. *Intolerância Religiosa* / Sidnei Nogueira. - São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra 2020.

NOTÍCIA UOL. *Professora da UFRJ é acusada de manter idosa em regime de trabalho escravo. Matéria não assinada. 14-02-2021.* Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2021/02/14/mpt-professora-ufri-trabalho-escravo-idosa.htm> Acesso em: 15-02-2021

NUNES, Claudio Omar Iahnke. *Leitura na idade média: a ruptura com a oralidade*, Biblios, Rio Grande, 2007. Disponível em: <http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/290/324.pdf?sequence=1>. Acesso em 10-10-2020.

O GLOBO. *'Racha' entre intelectuais sobre obra de Carolina de Jesus: clima cada vez mais tenso.* Coluna Gente Boa, Segundo Caderno, 22/04/2017. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/gente-boa/post/racha-entre-intelectuais-sobre-obra-de-carolina-de-jesus-clima-cada-vez-mais-tenso.html> Acesso em: 31-03-2021

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. *The invention of women: making an African sense of western gender discourses.* Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997, p. 1-30. Tradução para uso didático de Wanderson Flor do Nascimento.

PAIVA, Vitor. *A primeira advogada do Brasil foi uma mulher negra: a história de Esperança Garcia.* HYPNESS, 06-2020. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2020/06/a-primeira-advogada-do-brasil-foi-uma-mulher-negra-a-historia-de-esperanca-garcia/#:~:text=%C3%89%20o%20caso%20de%20Esperan%C3%A7a,o%20direito%20%C3%A0%20pr%C3%B3pria%20vida>. Acesso em 10-2020

PAULA, Josi de. *Slam: literatura e resistência! Educação Pública*, v. 19, nº 30, 19 de novembro de 2019. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/30/slam-literatura-e-resistencia> Acesso em: 21-01-2021

PASIN, José Luiz. *Ruth Guimarães Bio-Bibliografia.* Disponível em: <https://apoioerevisao.blogspot.com/2012/04/ruth-guimaraes-bio-bibliografia.html>, 22-04-2012. Acesso: 07-07-2020
<http://www.omenelick2ato.com/historia-e-memoria/admiravel-paula-brito>
Acesso em: novembro de 2020

PATROCINIO, Stela. *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome.* - Transcrição: Viviane Mosé. Rio de Janeiro: Azougue, 2009.

PETTER, Margarida Maria Taddoni. *Línguas africanas no Brasil* /Margarida Maria Taddoni Petter. Niterói: Revista Gragoatá, 04-07-2005.

PIEDADE, Vilma. *Dororidade.* - Vilma Piedade. – 1 ed. - São Paulo: Editora Nós, 2017.

PODCAST DE HOJE A OITO. *Série “Tramas Atlânticas: verbo negro em travessia”* Disponível em: <http://www.fundacaocultural.ba.gov.br/modulos/noticias/article.php?storyid=15019> / <https://ufrb.edu.br/portal/noticias/5979-programa-de-radio-produzido-por-estudantes-da-ufrb-ganha-premio-de-arte-e-educacao> Acesso 25-02-2021

POMPERMAIER, Paulo Henrique. *Vozes subterrâneas*. Estela Patrocínio; Artigo da Revista Cult, 09-05-2017. Disponível em: <https://revista-cult.uol.com.br/home/stela-do-patrocinio-vozes-subterraneas/> Acesso em: 10-12-2020

PORTAL GELEDÉS. *Escritor Benjamin Moser é acusado de racismo por trecho em biografia de Clarice Lispector*. 01/02/2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/escritor-e-acusado-de-racismo-por-trecho-em-biografia-de-clarice-lispector/> Acesso em: 31-03-2021

PORTAL GELEDÉS. *O que foi o movimento de eugenia no Brasil: tão absurdo que é difícil acreditar*. Tiago Ferreira, 05-12-2020. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-que-foi-o-movimento-de-eugenia-no-brasil-tao-absurdo-que-e-dificil-acreditar/> Acesso em: 09-12-2020.

PORTAL GELEDÉS. *Escritoras brasileiras falam sobre as dificuldades de publicar no país*. 20-04-2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/escritoras-brasileiras-falam-sobre-dificuldades-de-publicar-no-pais/> Acesso em: 22-01-2021.

PROENÇA, FILHO, Domício. *A Trajetória do Negro na Literatura Brasileira, Estudos Avançados*. USP, Nº 50, São Paulo, 2004. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9980> Acesso em: 09 de setembro de 2020.

QUEIROZ, Raquel de. *O Quinze: romance por Raquel de Queiroz; ilustrações de Poty*. 33 ed. Rio de Janeiro. José Olympio, 1984.

QUINTÃO, Maria Aparecida. *Década Internacional de Afrodescendentes*. IHGSP, 02-2018. Disponível em: <http://ihgsp.org.br/wp-content/uploads/2018/02/D%C3%A9cada-de-Afrodescendentes.pdf> Acesso em: 06-10-2020

RÁDIO TERENA. *4 autores negros e 1 indígena lideram Top 5 de livros vendidos na ‘Flip 2019*. 16-07-2019. Disponível em: <https://www.radioterena.com.br/2019/07/16/4-autores-negros-e-1-indigena-lideram-top-5-de-livros-vendidos-na-flip-2019/> Acesso em :30-06-2020.

RAMOS, Lázaro. *Sinto o que sinto / Lázaro Ramos; ilustrações: Ana Maria Sena*. – São Paulo: Carochinha Editora, 2019

RANCIÉRE, Jacques. O efeito de realidade e a política de ficção. Tradução Carolina Santos. Disponível em [:http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002010000100004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002010000100004) Acesso em: 27-11-2020.

RARA, Preta. *Eu, empregada doméstica: a senzala moderna é o quartinho da empregada* / Preta-Rara. – Belo Horizonte: Letramento, 2019.

REGINALDO, Lucilene. *Obra infantil de Monteiro Lobato é tão racista quanto o autor, afirma historiadora*. FOLHA UOL 2, 10-02-2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2019/02/obra-infantil-de-monteiro-lobato-e-tao-racista-quanto-o-autor-afirma-autora.shtml> Acesso em: 04-12-2020

REIS, João José. *Rebelião Escrava no Brasil*. 1ª edição, Editora Brasiliense, São Paulo, 1986.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala* / Djamila Ribeiro. – São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2020 (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro)

RIBEIRO, Lorena. *O divertido glossário da Jana* / Lorena Ribeiro; ilustrações de Quêzia Silveira. - Salvador: Editora do Autor, 2020.

REVISTA PERIFERIAS. *Eduniperiferias*. Disponível em <https://revistaperiferias.org/> Acesso em: 05-03-2021

ROSA, Sonia. *Enquanto o almoço não fica pronto* / Sonia Rosa; Ilustrações: Bruna Assis Brasil. - Rio de Janeiro: Grupo Editorial ZIT, 2020.

SANCHEZ, Leonardo. *Bisneta de Monteiro Lobato quer apagar o racismo de sua obra com novas edições*. FOLHA UOL 1, 01-12-2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/12/bisneta-de-monteiro-lobato-quer-apagar-o-racismo-de-sua-obra-com-novas-edicoes.shtml> Acesso em: 04-12-2020.

SANTIAGO, Silviano. *Ora (direis) puxar conversa: ensaios literários*. - Belo Horizonte, MG: Ed. UFMG; 2006.

SANTIAGO, Silviano. *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural* / Silviano Santiago. - Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

SANTOS, Irinéia M. Franco dos. *Iá Mi Oxorongá: As Mães Ancestrais e o Poder Feminino na Religião Africana*. Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana Nr. 2 dez./2008.

SARAIVA, Maria Laura. *Livro Dona Benta faz 80 anos com receitas do Sítio do Picapau Amarelo*. Disponível em: <https://saborclub.uol.com.br/noticias/livro-de-dona-benta-faz-80-anos-com-receitas-do-sitio-do-picapau-amarelo-1297.html> Acesso em: 02-12-2020.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. *Reabilitando Virgínia Leone Bicudo-SCIELO. Sociedade e Estado versão impressa* ISSN 0102-6992. Soc. estado. vol.26 no.2 Brasília maio/ago. 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922011000200020&lng=pt&tlng=pt Acesso em: 15-1-2020.

SILVA, Cidinha da. *Um exu em Nova York / Cidinha da Silva*. - 1. Ed. - Rio de Janeiro: Pallas, 2008. 80 p.; 21 cm.

SILVA, Maria Aparecida. *O Cotidiano das Mulheres Negras a partir de Suas Narrativas: as experiências e formação de Araraquarenses*. In: Revista Fórum Identidades, p. 69-79, São Paulo, 2009.

SITE DA ABL. Disponível em: <https://www.academia.org.br/os-acad%C3%AAmicos/socios-correspondentes>. Acesso em 23-11-2020

SITE DO INEP. *Pisa 2018 revela baixo desempenho escolar em leitura, matemática e ciências no Brasil*. 03-12-2019. Disponível em : http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/pisa-2018-revela-baixo-desempenho-escolar-em-leitura-matematica-e-ciencias-no-brasil/21206 Acesso em 10 de setembro de 2020.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.

SOARES, Cecília C. Moreira. *Mulher Negra na Bahia no Século XIX*. - Cecília C. Moreira Soares - Salvador: EDUNEB, 2006. 134p.: il. retrato color.

SOARES, Wellington. *A polêmica do livro Peppa e as discussões sobre racismo na escola*. NOVA ESCOL, 17-11-2017. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/7132/a-polemica-do-livro-peppa-e-as-discussoes-sobre-racismo-na-escola> Acesso em: 10-12-2020.

SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros / Susan Sontag*; tradução Rubens Figueiredo. – São Paulo : Companhia das Letras, 2003.

SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazareth (org.). *Literatura Afro-brasileira*. – Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: fundação Cultural Palmares, 2006.

TRINDADE, Solano. *Navio negreiro*. Coletânea Violão de Rua, Centro Popular de Cultura, UNE, 1962, RJ.

TV BRASIL EBC. *Outras histórias da bossa nova*. Caminhos da reportagem, 23-07-2019. Disponível em: <https://tvbrasil.ebc.com.br/caminhos-da-reportagem/2019/07/outras-historias-da-bossa-nova> Acesso em: 25-11-2020.

WILLIAM, Rodney. *Apropriação cultural*. / Rodney William. São Paulo : Editora Jandaíra, 2020. 208 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro)

VAIANO, Bruno. *Eugenia não é coisa do passado*. Revista Super Interessante, 26-02-2019. Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/a-longa-historia-da-eugenia/> Acesso em: 05-10-2020.

VEIGA, Edson. *Ruth Guimarães: o centenário da escritora pioneira que colocou a identidade negra no centro de sua obra*. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/ruth-guimaraes-o-centenario-da-escritora-pioneira-que-colocou-a-identidade-negra-no-centro-de-sua-obra,67a0e34fdf47afacdedc864e975228f7xwwnto3y.html> Acesso em: 24-11-2020. Portal Terra, 20-11-2020.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Notas sobre o culto aos orixás e voduns na Bahia de Todos os Santos, no Brasil, e na antiga costa dos escravos, na África*. São Paulo: EdUSP, 1999.

XAVIER, GIOVANA. *Você pode trocar mulheres negras como objeto de estudo, por mulheres negras contando a sua própria história*. - Giovana Xavier. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2019.

ZILBERMAN, Regina. *O romance brasileiro contemporâneo conforme os prêmios literários (2010-2014)*. Scielo, 2016. Disponível em: [2316-4018-elbc-50-00424.pdf](https://scielo.br/pdf/elbc/50/00424.pdf) (scielo.br) Acesso em: 09-12-2020.

6 Anexos

Pesquisa Retratos da Leitura Itaú Cultural - Instituto Pró Livro⁹⁵

Segundo a Pesquisa Retratos da Leitura Itaú Cultural, o Brasil perdeu nos últimos quatro anos mais de 4,5 milhões de leitores, em 2015 o percentual dos que poderiam ser considerados leitores, pessoas que tinham o hábito da leitura e liam pelo menos um livro a cada três meses, era de 56%, e em 2019 essa média caiu para 52% da população, equivalente a 100,1 milhões. É o que aponta a pesquisa nacional realizada pelo Itaú Cultural em parceria com o Instituto Pró-Livro (IPL), com aplicação do Ibope. Foram realizadas 8.076 entrevistas, em 208 municípios, sendo 5.874 nas capitais de 26 estados, que investigaram hábitos e interesse do leitor por publicações de obras literárias em formatos tanto físicos quanto virtuais.

Quanto à questão de cor/raça os resultados mostram que os brancos leem um pouco mais do que os pretos e pardos (negros), brancos leitores são 55%, pardos 52% e pretos 48%. Ainda sobre a perda de leitores o estudo mostra que houve maior queda nas classes A e B que além de possuir situação socioeconômica mais alta também tem o maior nível educacional entre os leitores, o número de leitores diminuiu 12% na classe A, e 10% na classe B. Enquanto a queda nas classes C, D e E foi de 5%. Aumento de leitores por faixa etária ocorreu apenas entre crianças de 5 a 10 anos. Todas as demais passaram a ler menos em relação à pesquisa anterior. Porém, adolescentes entre 11 e 13 anos continuam sendo a maior parcela de leitores do país 81%.

Foi apurado que 45% gosta de ler um pouco, 31% diz gostar de ler muito e 22% assume que não gosta de ler. Sobre o suporte digital 37% diz conhecer ou já ter lido no formato, sendo o celular o principal meio, seguido do computador, tablet ou iPad e plataformas como Kindle, Lev e Kobo. Entretanto, a maioria ainda prefere ler em suporte de papel (67%), enquanto 17% opta pelo digital e 16% aponta ambas as formas, sendo os *ebooks* utilizados por 20% da população. A questão do consumo das obras e o pagamento de direitos autorais também entraram na pesquisa e mostra que 37% da população brasileira já leu livros digitais, a maioria usando smartphone

⁹⁵Disponível em: <http://plataforma.prolivro.org.br/retratos.php>

(73%) e apenas 18% afirmou pagar pelas obras baixadas. A maioria dos leitores de livros digitais pertencem às classes B e C, e possuem Ensino Médio ou Superior.

Entre os livros mais citados a *Bíblia* vem em primeiro lugar seguido de *A Cabana*, *O Pequeno Príncipe*, *Turma da Mônica* e *A Culpa é das Estrelas*. Entre os autores Machado de Assis ocupa o primeiro lugar seguido por Monteiro Lobato, Paulo Coelho, Jorge Amado e Augusto Cury. Os livros de literatura, segundo a pesquisa, são escolhidos por influência da escola. O percentual de analfabetos funcionais vai ao encontro do resultado do Inaf 2018, cuja pesquisa mostrou que 3 em cada 10 brasileiros apontam dificuldades em entender o que estão lendo, o que equivale a 31% de analfabetos funcionais. Também foi constatado que o brasileiro mantém uma média de leitura de cinco livros anuais, que duas em cada três pessoas deixam um livro por terminar e 28% dos leitores leem mais de uma obra ao mesmo tempo. O Sudeste em 2015 tinha a maior população leitora, perdeu 10 pontos está com 51%, e agora o Norte apresenta o maior percentual 63%, o Sul ficou com 58%, o Nordeste 48%, e o Centro Oeste 46%.

Pesquisa Câmara Periférica do Livro⁹⁶

A Câmara Periférica do Livro que trabalha com mapeamento e catalogação de editoras e selos editoriais das periferias de São Paulo mapeou cerca de 17 selos e editoras. De acordo com a pesquisa feita em parceria com a Ação Educativa, Governo do Estado de São Paulo e Programa de Ação Cultural de São Paulo-PROAC, o resultado mostra que das 17 editoras mapeadas, nenhuma delas teve um título adotado em concurso ou vestibular, mesmo tendo entre os entrevistados selos e editoras como *Ciclo Contínuo Editorial*, *Me Parió Revolução* e *Selo Mjiba*. As áreas que as editoras responderam ser o maior desafio para as independentes foram divulgação/comunicação (32%) comercialização (28%), ferramentas tecnológicas (15%), produção (13%) e gestão (6,5%). A pesquisa da CPL mostra também que 88% dos selos e editoras entrevistadas afirmaram que gostariam de ter seus títulos disponíveis em livrarias físicas, e 66% vendem seus títulos em livrarias virtuais,

A média de preço dos livros fica em torno de R\$30 (44%), R\$40 (38%) e R\$50 (11%). O preço de custo fica em torno de R\$20 (61%), até R\$10 (27%). No quesito cor/raça 49% dos autores publicados pelas editoras entrevistadas se

⁹⁶ Disponível em: <https://acaoeducativa.org.br/publicacoes/catalogo-2020-camara-periferica-do-livro/>

autodeclararam brancos, seguidos de 37,8% dos que se declaram negros (pretos e pardos), indígenas 2,2%, amarelos 1,1%. Sendo que os pretos e pardos (negros) somados formam a grande parcela de compradores 58,7%. Homens publicados são 63%, mulheres 36,4%, LGBTQI+ 4%, pessoas com deficiência 1,1%. As editoras vendem seus títulos principalmente para universitários (28%), pessoas sem vínculos educacionais (26,2%), estudantes da educação básica (26,2%), trabalhadores formais (41%), trabalhadores informais (38%). Moradores de periferia representam 51,8% dos compradores e moradores das regiões centrais 37,9%. Também 77% participa de eventos literários e os saraus vem em primeiro lugar 29%, e em torno de 55,6% já vendeu títulos para instituições privadas. Os que declararam não seguir tendências na hora de decidir o que e quem publicar somam 83,3%. Segundo texto do site da CPL, o catálogo que traz esses levantamentos:

É uma das muitas ações promovidas pelo projeto Câmara Periférica do Livro (CPL) – Editoras e Selos Editoriais das Periferias de SP, e reúne informações sobre cada um dos mais de 300 livros publicados pelas seguintes 17 editoras e selos editoriais situados e/ou atuantes nas periferias de São Paulo e articuladas dentro do projeto: Editora Areia Dourada, Baderna Literária, Editora Benfazeja Borboleta Azul, Selo Capsianos, Ciclo Contínuo Editorial, Editora Dandara, Elo da Corrente Edições, Filoczar, Editora Gráfica Heliópolis, Kitembo - Edições Literárias do Futuro, Literarua, Edições Me Parió Revolução, Editora Mjiba, Selo Sarau do Binho, Selin Trovoar Edições do Tietê.¹

Os resultados da pesquisa do projeto Câmara Periférica do Livro (CPL) - Editoras e Selos Editoriais das Periferias de SP, da Ação Educativa foi tomada como exemplo devido ao fato de São Paulo aparecer com a maior quantidade de editoras e selos independentes, e também devido ao trabalho que a Ação Educativa vem desenvolvendo, cujo momento chave se deu em 2003 com a Semana de Cultura Hip Hop, onde a partir de um debate intitulado *Escrito por nós*, com participação de Sérgio Vaz do Sarau da Cooperifa, a ideia de uma literatura periférica ganhou espaço abandonando definitivamente a antiga definição de “marginal” e abrindo caminho para o *I Encontro de Literatura Periférica* em 2005, que a partir de então viu nascer um novo público leitor, forjado a partir dos saraus organizados nas periferias de São Paulo. De acordo com o texto de apresentação da CPL, o crescente movimento desembocou no surgimento das várias editoras e selos independentes, mostrando a viabilidade e sustentabilidade das produções culturais das populações periféricas.